
SEMPRE
VOCÊ
BASTARDOS DA MÁFIA | LIVRO 1
Um romance dark escrito por
ISADORA LACERDA

SEMPRE VOCÊ

BASTARDOS DA MÁFIA | **LIVRO 1**

Um romance dark escrito por

ISADORA LACERDA

COPYRIGHT © 2023 ISADORA LACERDA
Todos os direitos estão reservados
1ª Edição

Está proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios eletrônicos, mecânicos, fotocópias, gravações sem o devido consentimento. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal. Esta obra literária é uma ficção. Qualquer nome, lugar, personagens e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Lilly Design
Diagramação: Isadora Lacerda
Revisão: Amanda Mont'Alverne, Tan Wenjun e Evelyn Fernandes
Leitura Sensível: Letícia Pellizzaro
Leitura Crítica: Ana Ferreira
Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



AVISO DE GATILHOS

Esse livro é um dark romance!

Sendo assim, é uma história destinada para **maiores de dezoito anos**. Além disso, o enredo a seguir se passa em um ambiente criminoso, sendo os personagens participantes ativos desse ambiente e, por isso, algumas temáticas sensíveis estão presentes entre as páginas, como:

Morte e luto, automutilação, violência física e tortura explícita, abuso psicológico gráfico, relacionamento familiar tóxico, maus-tratos infantis, palavras de baixo calão, perseguição, conteúdo sexual explícito, uso abusivo de drogas, overdose, fetichismo, xenofobia, transtorno de ansiedade generalizado, crises de ansiedade e pânico descritivas, ideação suicida e transtorno de estresse pós-traumático com alguns episódios dissociativos.

Esse livro passou pela leitura de uma psicóloga que auxiliou no desenvolvimento dos personagens e do enredo. Ainda assim, caso em algum momento a leitura cause qualquer desconforto, recomendo que pare e preserve *sempre* a sua saúde mental. Ela é mais importante do que qualquer coisa.

Cuide-se!



O primeiro estágio do luto é a negação.

Para uma garota de treze anos, diria que é sinônimo de ser engolida pelo mundo.

E eu fui essa garota por muito tempo. Engolida pelos meus próprios sentimentos e *achometros* de quem estava à minha volta. Recheada de olhares de pena e tratamentos de como se eu fosse um cristal prestes a quebrar.

Chorar se tornava facilmente errado.

Sentir demais era um pecado.

No meio da apatia foi um livro que me salvou. A capa brilhante no meio de uma livraria salvou a minha vida. Me refugiei entre as suas páginas até eu ter coragem de começar a escrever as minhas. Precisei de longos cinco anos para essa coragem surgir.

Eu não nasci uma escritora.

Eu me tornei uma por necessidade.

Ainda me lembro da madrugada recheada de lágrimas que deu vida a uma história que eu gostava de imaginar antes de dormir. *Esta história.*

Por mais louco que pareça, eu tinha medo de escrever. É desesperador você contar algo que mexe com o seu pior lado. Um que precisou esconder para não se quebrar em milhões de pedaços.

Mas a Clara é cabeça-dura. Caralho, ela consegue ser mais teimosa do que eu e isso é muita coisa. Quanto mais eu tentava ignorar e não escrever, mais pequenas coisas do meu dia a dia se tornavam uma referência a essa teimosa da porra. No primeiro rascunho, comecei contando algo que não era sobre ela e ela me fez odiar cada segundo por ter publicado aquilo. Sua história tinha outro nome. Seu vilão também.

Porque ela não quis um mocinho em um cavalo branco. Clara era ruim e queria alguém tão ruim quanto ela.

E ela encontrou. Não eu.

O nome dele foi sussurrado no meu ouvido com um sobrenome que eu nunca tinha ouvido falar. Na madrugada seguinte, prestes a dormir, eu ouvi a voz de Nicolas Berrychoth pela primeira vez e ele me pediu para contar a sua versão do mundo.

Doeu.

Na verdade, quebrou partes da minha alma.

E quando eles se juntaram, puta que pariu, jurei que poderia chorar.

Eu vi um espelho dos meus sentimentos há anos presos dentro do peito que eles empunhavam como armas. Eu vi coragem, intensidade e uma relação cheia de más condutas.

Sempre Você ainda é um romance sobre uma mulher forte que conhece um homem imbatível e, juntos, eles são capazes de destruir o mundo. Mas também é a maior prova de que todos os vilões são vítimas de suas próprias histórias.

Então, se prepare, eles não são convencionais, mas foi uma história que eu precisei contar para eles me ensinarem que vale a pena sentir.

Eu não sou eles, mas eles são uma parte de mim.

Espero que gostem de conhecer esta parte.
Sejam bem-vindos ao meu lado do mundo.

Isadora Lacerda.

ESTE LIVRO É A PARTE UM
DA HISTÓRIA



Ei, leitor!
No seu celular, clique aqui e tenha acesso à *playlist* para uma experiência mais imersiva na história.

Para você, pai.
Por ter me ensinado que o *para sempre* não tem um fim.
Nem mesmo diante da morte.



09 de maio de 2007

Existem três tipos de homens: os que têm algo pelo que viver; os que têm algo pelo que morrer; os que têm algo pelo que matar...

Eu sou os três.

Theodore Berrychoth fez questão de se assegurar disso. Dia após dia, descontando seus negócios falidos com a fivela do cinto, rasgando minha carne a cada vez que o metal frio a atingia.

Seu maldito cheiro familiar já se misturou tantas vezes ao ferroso do meu sangue a ponto de parecerem uma coisa só.

Um sendo a consequência do outro.

Se eu pudesse aspirar o seu perfume cítrico, saberia que em breve meu sangue respingaria pelo chão da sala... *ou do quarto... ou da garagem... ou da cozinha...*

Quando criança, comecei a respirar fundo sempre que o som da porta da frente de casa soava. O baque surdo, o arranhar das suas botas pesadas no chão de madeira polido ou seus berros chamando minha mãe eram gatilhos para eu segurar o ar por entre as paredes altas e brancas do meu quarto, me agarrando a uma lógica infantil como um pagão proclama sua crença, esperando perdão: Se eu não sentisse o seu cheiro, seu cinto não cortaria a minha carne.

Mas, independente de prender o ar até milhares de pontos pretos começarem a aparecer para onde eu olhasse, meus lençóis ainda eram trocados todos os dias, escondendo as rajadas avermelhadas dispostas no tecido.

Em um *looping* sem fim.

Tão comum quanto o som da mamãe tocando piano.

Tão comum quanto o cheiro de bolo de chocolate em todo café da manhã.

Tão comum quanto as cicatrizes nas minhas costas.

Elas mal se tornavam brancas para receber outro golpe e, mais uma vez, ganhar tons entre o vermelho e o roxo.

Isso é para eu nunca esquecer o peso do seu fracasso.

Ou seus sussurros manipuladores a cada gota de sangue escorrida, destacando minha inferioridade perante a todo o poder e mão de ferro usada entre seus homens.

Aos seus olhos azuis-acinzentados, eu era fraco.

Theo só não bostejava sobre eu ser um bastardo de sangue impuro, pois meu rosto era uma cópia fiel e ingrata do seu. O mais parecido dentre todos os meus irmãos.

E o único acostumado com o seu olhar enrugado e o rangido incomodante de seu queixo após cada surra, desde os primeiros passos. Sempre senti o peso da sua mão antes dos meus irmãos. Theo gastava toda a sua força e vitalidade em mim, chegando ao limiar da fadiga para sequer terminar em qualquer um deles.

Eu preferia assim.

Ninguém deveria saber o real peso da mão de Theodore Berrychoth.

A não ser eu.

O mais velho dos irmãos.

A função de protegê-los do limbo de crescer sobre as mãos manipuladoras do nosso pai era minha. Nathaniel e Matteo nunca deveriam pensar que tinham culpa ou que eram péssimos filhos.

Porque meus irmãos não eram iguais a mim.

Eles não sabiam ser castigados em silêncio.

Seus lamentos baixos ou chiados de dor só faziam a força de Theo aumentar contra seus corpos novos.

Eu estava ajoelhado aos pés do meu pai, mais uma vez, por eles.

Para livrá-los disso.

— Sua necessidade de proteger seus irmãos irá torná-los fracos — rosnou ao pé do meu ouvido. — E você será o culpado por suas mortes, Nicolas. É isso o que quer?

Meus punhos se fecharam, forçando o pulso nas correntes de metal, como se fossem pulseiras de ouro. O único sinal de rebeldia demonstrado diante dos seus passos ao meu redor.

Por mais que o ódio borbulhasse nas veias, pedindo para descontar em seu corpo fraco e magricelo perante a mim, cada um de seus socos sinalizava uma hierarquia, a qual permitia Theodore fazer o que quisesse comigo.

Afinal, ele tinha seus direitos de pai e um pai sabia muito bem como educar sua prole. E repetiu isso em todos os poucos questionamentos maternos recebidos durante a minha infância. Quando se irritou, na terceira tentativa de Aria, minha mãe, de intervir, deu-lhe um tapa tão forte em seu rosto fino que nem mesmo as mais caras tinturas conseguiam cobrir a mancha arroxeada no alto da bochecha dela.

No dia seguinte, Aria ganhou um colar de esmeralda com pedras tão grandes que pareciam uvas. E ele nunca mais foi questionado sobre os seus métodos.

— Está querendo bancar o super-herói, imbecil?

— Não. — Mordi a parte interna da boca. — Só ser mais decente do que você!

Minhas palavras escaparam com naturalidade, assim como foi natural eu cuspir o sangue e a saliva perto dos seus pés depois de seu punho encontrar seu caminho certeiro até a minha mandíbula mais uma vez.

— O que ganha com isso, Nicolas? — pausou, sem concluir. — Quer ser mais decente do que eu, mas o que você tem para tal? Carinho dos seus irmãos, pena da sua mãe, o que mais? É isso o que vale a sua decência? Atenção?!

— Respeito.

Um silêncio sepulcral tomou a arena, fazendo meus olhos irem até o seu rosto e presenciar o exato momento em que Theodore não riu. Ele gargalhou.

Movimentando seus ombros pela força de sua risada.

— Moleque, eu que tenho respeito. — Neguei com a cabeça.

Meu pai não tinha o respeito de ninguém, o medo só estava a seu favor.

E só comprovou isso quando o movimento negativo da minha cabeça foi freado com brusquidão por seus dedos pinçando meu queixo. Ele puxou, não só o meu rosto para a frente, como o meu corpo todo, deixando meu peso se pendurar totalmente nas correntes em volta dos pulsos.

— Olhe para a frente — ordenou. O barulho da areia chutada por suas botas penetrava meus ouvidos na mesma intensidade que os berros de seus homens sentados na arquibancada para assistir o show de um pai exterminando a vida de seu filho. — Eles temem o meu nome,

Nicolas. Eu mando e eles obedecem. Eles não me questionam.

— Isso não é lealdade, isso é medo.

Seus lábios voltaram a se repuxar, com um único entreolhar e meneio de cabeça, um de seus homens andou para fora da arena.

Pela primeira vez na noite, eu o temi.

Eu sabia o que isso significava.

O que aquele soldado iria buscar.

Quem.

— Não, *querido filho*… — Theodore forçou um falso carinho na voz. — Isso é obediência! Algo que, se continuar agindo como um fraco de merda, nunca irá conseguir ter de nenhum deles.

Bufei falsamente, segurando o instinto de revirar os olhos.

Me mostrei mais uma vez o garoto rebelde para aplacar a ansiedade percorrendo cada centímetro meu. Esperava seu foco nas minhas atitudes supérfluas para mascarar todos os segundos olhando para onde o seu soldado saiu e só voltaria quando estivesse com o meu irmão mais novo a rebote.

— E algo que, pelo visto, eu falhei muito em te ensinar também.

Ah, esse é só o primeiro item da lista.

Theodore se afastou até alcançar as grades de metal que nos cercavam e atirei meu peso de volta aos joelhos de pele desgastada, irritado com os círculos vermelhos e flamejantes contornando a carne dos meus pulsos. As lacerações demorariam algumas semanas para se tornarem linhas brancas.

Por outro lado, a dor já era tamanha que as pequenas queimaduras de atrito com o metal nem causavam tanto efeito, perto do espetáculo montado por meu pai. Já durava horas. *Ao menos, meu corpo sentia como se horas infernais tivessem passado por ele*.

Eu estava deplorável.

Talvez só não pior do que a mediocridade da arena. Ela se assemelhava a um coliseu romano com grades do teto ao chão, prendendo quem fosse lutar em um fosso sem saída. Era grande e, mesmo assim, calorenta. O chão de uma areia um dia branca, mas, hoje, tão escura quanto o moletom rasgado protegendo a parte inferior do meu corpo.

A parte superior estava suspensa por uma corrente que vinha do teto, os braços presos para o alto e eu ajoelhado no meio do coliseu particular de Theodore.

Os gritos aumentaram à nossa volta, eram ensurdecedores. Esperava assistir meu pai vindo em minha direção, querendo testar mais um de seus brinquedinhos cortantes, mas ele andou para o lado oposto.

Bom, eu deveria agradecer ou qualquer coisa semelhante a isso, se não tivesse visto o meu irmão de quatro anos entre as passadas de suas pernas, ajoelhado e preso como eu.

A insegurança contraiu as minhas entranhas, logo tornando-se violenta.

— Você está aqui, Matteo, por culpa do seu irmão, que é incapaz de calar a boca e aceitar que eu eduque vocês. Então, quando chorar — Theodore puxou os cabelos castanhos-escuros do meu irmão para trás —, lembre-se de quem é a culpa... *dele*.

Apontou para mim com o dedo em riste e em seguida começou a desatar a fita de couro presa em seu quadril com calma. Observei quando os músculos de Matteo vibraram sob a camisa desgastada. Lágrimas grossas banharam o rosto jovem à espera da dor.

Ela veio seguida do estalo de couro no ar.

Nosso pai levantou a mão uma segunda vez, mas não bateu. *Ainda.*

— Sabe… bater em você, Nicolas, nunca solucionaria, não quando você não sente mais o peso correto da minha mão pelo costume. Mas nesse pequeno pirralho, ou no outro? Isso me daria muito mais resultado. Assim, você irá aprender.

Mesmo de longe, arreganhei os dentes e impulsionei meu corpo para a frente, remexendo os braços na tentativa inútil de me soltar.

— Prometo que, na próxima, o couro estará encerado para os estalos serem mais altos, *querido filho*! — E desceu o cinto. — Ainda irá insistir em me desobedecer, Nicolas?

Avancei mais uma vez, sentindo minha mão travar nas algemas metálicas.

— Creio que isso seja um sim!

Minha respiração estava ofegante ao som do terceiro estalo.

Toda atitude possui uma consequência, Theodore sempre disse.

Matteo estava pagando por mim, porque eu não queria vê-lo sofrendo.

Todo o meu esforço não tinha adiantado de nada.

— Tire a blusa, Matteo. Agora.

Theo não gritava. Nunca.

Eu também não. Mas, agora, ansiava por isso.

Queria mandá-lo parar e me colocar no lugar de Matteo.

Eu queria matá-lo.

Meu irmão levou seus pequenos dedos aos botões da camisa, tremendo.

E eu fechei os olhos, respirando fundo.

Eu iria matá-lo.

Matteo era somente uma criança.

A adrenalina correu solta pelo meu corpo.

A dor estava em algum lugar dentro de mim, esquecida e de mãos dadas à sanidade.

Que se foda! Mais uma dose dela não seria o suficiente para me derrubar. Já havia quebrado ossos o bastante para ter uma noção de todos os xingamentos que eu ecoaria.

Eu iria fazer Theodore parar.

Quando a blusa de Matteo foi escancarada, três marcas vermelhas estavam em seu peito, do mesmo tom do seu nariz fungando e do lábio preso entre seus dentes de leite para evitar outro grito.

Theodore levantou a mão pela quarta vez.

Eu iria fazê-lo parar.

Espremi meus dedos uns nos outros, sem me importar de quebrá-los para me tirar de uma das algemas. Os estalos dos meus ossos frágeis se rompendo eram mínimos perto dos gritos altos vindos da arquibancada. Puxei o ar mais uma vez, cerrando os olhos e embolei os dedos dos pés na tentativa de conter todas as rajadas dolorosas até a minha mão esquerda cair flácida ao lado do corpo.

Doía para um caralho.

Entretanto, meu foco não estava em como o meu polegar e mindinho pareciam apenas cascas moles e, sim, nas duas pessoas do outro lado.

No choro baixo do meu irmão reverberando no meu imaginário tão alto que mal pude ouvir os suspiros chocados ao me verem solto.

Theodore, focado em depositar a sua fúria, não deu atenção alguma ao que os seus soldados fiéis berravam. Seu foco em machucar meu irmão caçula me deu a oportunidade perfeita para trabalhar na minha outra mão presa a fim de me libertar de uma vez e agarrar todos os dedos funcionantes na garganta dele.

Eu iria fazê-lo parar.

Meu frenesi só foi quebrado ao sentir os dedos direitos agarrarem o linho caro e exclusivo do terno de Theodore. Curvando-me para trás, não levei mais do que um instante para as polpas dos meus dedos acertarem seu rosto envelhecido.

O cheiro cítrico inconfundível dele tomou o oxigênio por completo, assemelhando-se a um alucinógeno. Eu não sentia dor. Na verdade, mal sentia as incontáveis vezes que soquei o rosto dele como um bicho furioso.

Theodore tentou se defender.

Mas eu era a personificação da raiva.

Pura.

Maligna.

Incontrolável.

Mas foi o som de um dos seus joelhos contra o chão que silenciou tudo.

Todos os seus homens.

Olhei-o por cima, invertendo nossos papéis. O contato visual não se alongou muito. Theodore abaixou a cabeça e cuspiu sangue nos meus pés.

Era, sem dúvidas, uma visão satisfatória para os meus olhos.

Isso precisava parar.

Eu o faria parar.

Tentando conter o temperamento explosivo, um exalar alto e contido saiu pelos meus pulmões. Controle nunca foi uma palavra presente dentro de casa. A calma e a contenção fingidas não eram reais. Theodore sempre foi sádico.

Um sádico de merda.

Talvez eu também seja um, já que nada me faria parar.

Ninguém me convenceria a repensar.

Nem mesmo as palavras furiosas saltando de minha garganta:

— Um péssimo filho é apenas reflexo de um péssimo pai, Theodore.

O homem me encarou com todo o desprezo mútuo que eu retribuía por ele.

— Um péssimo filho é apenas o sinal do erro de um pai, Nicolas.

Puxei os lábios, sentindo os pontos de um corte recente.

— Me certificarei de cometer o último erro que poderá presenciar, então.

Deixei minhas palavras se assentarem em sua alma, sussurradas no tom mais letal empunhado por mim em toda a vida. E esperei Theodore Berrychoth finalmente entender que o limiar da sua existência estava nas minhas mãos…

Nas mãos do inútil…

Do fraco…

Do imbecil…

Do filho ingrato…

— E serei o seu pupilo digno de nota, sabe por quê? — questionei da mesma forma que Theodore sempre fazia.

— Esperou todo esse tempo para fazer algo decente?

— A primeira vez precisa ser algo memorável.

Me abaixei minimamente para buscar o cinto de couro no chão. Seu peso me assombrará por dias. Porém, nada me satisfaria mais do que usar a parte fina da fivela do cinto protagonista de cada surra que recebi como a lâmina de uma justiça pagã e cortar sua garganta, misturando meu cheiro mentolado ao metálico do seu sangue.

Em um novo padrão.

— Memorável igual a todas as surras que levei ou a todas as madrugadas que passei agonizando sozinho, não acha?! — Enrolei o cinto na mão. — Fazer você, *querido pai*, pagar na mesma moeda ao menos uma vez.

— Vingança não é um sentimento que deveria cultivar, Nicolas. Não quando quer ser mais *decente* do que eu.

Ri, sem achar graça.

— Eu me mantive calado por anos, abaixei a cabeça e aceitei todas as merdas que fez comigo. — Com uma das mãos apoiada no quadril, senti os dedos quebrados latejarem ao se restringirem em punho. — Uma hora ou outra teria que descontar o peso do que você me fez passar em alguma coisa. E pelas minhas contas, esse é um belíssimo momento.

Sarcasmo pingou igual veneno da minha voz ao passo que a minha descrença raivosa chiava dentro dos membros.

— Ou você discorda, *pai*?

— Gostaria que eu discordasse para lhe dar o prazer em fazer o exato oposto? — Seus olhos azuis-cinzentos deslizaram por toda a minha estatura, o queixo pontudo rangendo. — Até mesmo agora você evita acabar com tudo de uma vez. Pare de fazer perguntas e tentar justificar o fato de que mataria seu próprio sangue como um traiçoeiro filho da puta.

Cedeu-me um sorriso e eu retribuí o gesto a contragosto.

— E se isso te deixa mais tranquilo, primogênito, eu, no seu lugar, não hesitaria um único instante em matar você. Acabaria com a minha fonte de desgosto de uma vez, porque, assim como você, eu já fui o bastardo a desejar matar o próprio pai — o timbre grave se elevou alguns decibéis, impaciente. — Seu avô morreu na mira da minha arma e foi enterrado igual a um indigente.

Dei um passo à frente.

Os rosnados da plateia aumentaram. Eles não poderiam fazer nada. Impunes pela hierarquia a que tanto exaltavam. Apenas pela minha herança genética, cada soldado enraivecido não levantaria uma arma sequer contra mim ou colocariam suas vidas e a de todos os seus parentes em uma guilhotina pública por atentado ao sangue regente.

Seriam considerados traidores e pagariam como um.

Nenhum deles poderia me parar.

— Minha morte te torna tão sem decência quanto eu, Nicolas. — Armou-se de uma expressão penosa e manipuladora buscando um poder de ludibriação há muito tempo perdida.

— Theodore, nossa relação de pai e filho está além da manipulação ou do perdão que poderia fazer o resultado disso aqui ser outra coisa, que não você morto.

Brinquei com a fivela, estirando a parte de encaixe do cinto para fora, da mesma forma que faria para tirar a parte da lâmina de um canivete de sua proteção.

— E se te matar é o preço que preciso pagar — apertei seu queixo —, eu já o aceitei há anos.

A adrenalina e o ódio pulsaram em um conjunto doentio nas minhas veias, substituindo o sangue tão rapidamente que eu não senti meus movimentos até ter atravessado o metal fino de fora a fora na garganta do homem denominado meu pai.

A enxurrada de ódio logo se tornou nada.

E esse estranho vazio refletiu o meu alívio puro e genuíno perpetuado no peito ao olhar para Matteo e perceber que nenhuma marca permanente seria deixada em sua pele.

Nem hoje. Nem nunca mais.

Ao menos, um dos meus irmãos, eu tinha protegido *dele.*

Matteo não desviou o seu olhar do meu por nenhum instante, fixos no meu rosto com um leve sorrisinho infantil rasgando as bochechas sujas de areia, mostrando de forma quase literal uma *janela* no incisivo esquerdo. Um sorriso ao qual eu faria de tudo para preservar. E poder ver na sua vida algo que eu nunca tive: uma infância minimamente feliz.

Theodore tentou respirar, puxando o ar uma, duas, três vezes… Suas mãos subiram para a garganta, num reflexo para preservar a sua medíocre vida, apertando e tentando estancar o corte.

Talvez todos os anos que passou dizendo que éramos muito diferentes e, por isso, eu era um erro, surtiram o efeito reverso.

Não éramos tão diferentes assim, porque eu queria que meu pai agonizasse, sentindo a dor se alastrar como uma doença contagiosa, assim como me deixou no chão desacordado e sangrando todas as vezes.

Então, eu retirei cada um de seus dedos envoltos em sua traqueia e deixei cada mínima gota de sangue escorrer até nos banhar em vermelho-escarlate.

Minha outra mão ainda apertava o queixo rígido de Theo no instante em que subi o olhar para cada um dos homens sentados naquela arquibancada esperando o show que seria a minha punição. Procurei entre todos eles, um rosto velho, enrugado, coberto por uma barba de fios brancos.

Não demorei muito para achá-lo.

Focalizei meus olhos no padre que abençoava todos os regimes dos chefes que assumiram a organização para entoar alto e claro, mesmo diante de sua face de desgosto:

— Nascido em discórdia, herdeiro por sangue, jurado pela Ordem. Esse é o meu destino. Meu legado. Minha salvação.

O início do juramento ecoou junto a abismados xingamentos. Eu matei o chefe deles, *meu pai*, na frente de todos. E, com o sangue dele esfriando nos meus dedos, tomei o seu lugar.

— Aqui, em frente de toda a Ordem, eu, Nicolas Howard Berrychoth, estou honrando o meu legado e assumindo a minha posição. Pela minha alma. Pela minha honra. Pelo meu sangue. Eu pego o que é meu por *direito*.

Eu o fiz parar.

De uma vez por todas.

Theodore Berrychoth só poderia me incomodar nos meus pesadelos agora.

— Sem desertores… — continuei, olhando firme para o padre.

Ele pediu perdão aos céus por todas as almas. E se ajoelhou perante a mim como seu Deus, trocando muito rapidamente a quem cederia a sua *obediência*.

Um por um. Cada homem presente se ajoelhou aos meus pés.

— Sem traições…

Sejam soldados, generais, membros da Ordem. Todos eles colocaram ambos os joelhos no chão.

— Sem segredos…

E observaram quando fechei minha mão em punho, apertando a fivela até um novo corte surgir e mais sangue banhar o altar para selar a *celebração* de forma definitiva.

— Pela minha vida. Pela minha morte. Eu juro pela minha alma e a alma ceifada essa noite que o juramento se perpetuou.

Eles repetiram a frase em um grande coral e abaixaram suas cabeças em sinal de respeito ao mais novo chefe da máfia inglesa.

Eu.



18 de outubro de 2014

O fogo ameaçou queimar meus dedos, aquecendo os pulmões por dentro quando traguei o restante do cigarro.

Um maço quase vazio estava no bolso traseiro do meu jeans.

Deveria ser o meu quinto ou sexto cigarro na penúltima hora.

Inalei mais uma vez. Foda-se.

Essa era a única coisa que apaziguava a minha ansiedade.

Preferia os dedos envoltos no papel branco recheado com a droga que tingiria meus pulmões de preto do que os tremores ansiosos, vindos de uma crise, se espalhando como veneno pelos membros.

Gostava do poder de *me envenenar*… De ter uma escolha que a ansiedade não me permitia.

Minha vizinha de assento no anfiteatro, no entanto, não apreciava o cheiro da nicotina grudando em suas roupas caras da mesma forma. Os lábios tingidos em um rosa pálido fora de moda não pouparam reclamações, abanando a mão em frente ao rosto enquanto a outra levava a echarpe de marca e de mau gosto para cobrir o nariz.

O cetim encobriu as suas formas magras, transformando-se no par perfeito para o vestido de gala verde que envolvia o restante da pele. Ela, por um todo, exalava um tipo de elegância advinda da década passada e que rebatia de forma direta com o excesso de despojo dos meus atos até o meu conjunto de jeans e camiseta simples demais para a ocasião.

Que se foda os bons modos de qualquer forma.

Inclinei a cabeça e liberei a fumaça em sua direção. A feição de desgosto em seu rosto fez um pequeno sorriso brilhar na minha boca. Mas, hoje, não era um dia no qual eu deveria sorrir.

Não se fica feliz na data em que você observou sua mãe se afogar no próprio sangue ou quando foram os seus dedos que asfixiaram seu pai até a morte, um ano antes.

Mas, ainda assim, a diversão escorreu pela minha boca.

— Deixe a minha mulher em paz, Clara — disse Enrico Moretti.

Rolei os olhos, jogando o corpo contra a cadeira estofada igual a uma criança mimada.

Não que eu estivesse muito longe de ser uma. Principalmente nesta data.

Era um escudo eficiente. Um sorriso e um comportamento infantil para mascarar o peso de ter jogado terra suja nos corpos dos meus pais.

Os calos de segurar o peso da pá ainda estavam presentes e pareciam tocar no cigarro em um memorial amargo. Minha diversão logo se transformou em uma risada ácida e nem mesmo o próximo trago aliviou a onda de ironia e tristeza que eu carregava desde o momento em que coloquei os pés para fora da cama.

Eu fiz questão de enterrá-los, cavando cada metro das suas novas moradas numa punição por uma falha, mais uma vez, tão infantil.

O comportamento combinava comigo, afinal.

— Quando o trabalho irá começar? — Fui direto ao único ponto de meu interesse.

— Você irá saber. Agora, aprecie a peça. É Shakespeare. — Moretti puxou seus lábios de modo cínico.

Ajustando os fios loiros para trás, o chefe da máfia italiana desviou os olhos azuis do meu rosto para a luz amarelada no centro do palco. Quem olhasse de fora, nunca reconheceria o tanto de poder em suas mãos rachadas.

Ele era um velho rico da classe alta com uma esposa troféu. Eu, a filha de um primo distante que passaria algum tempo sob as suas asas.

Mentiras e mais mentiras.

A não ser que, dentro de uma estrutura familiar tradicional, ensinar uma jovem próxima dos seus dezesseis a se tornar mais mortal do que os melhores assassinos de uma organização criminosa estivesse dentro do socialmente aceitável.

O teatro era mais uma das duras lições de Enrico Moretti nesse meu treinamento.

— Não sei qual é o apelo em assistir a mesma peça pela quinta vez. — Joguei a bituca do cigarro no chão, abafando a pouca chama vigente com os saltos da minha bota de couro. — Já não está em um ponto que começou a decorar as falas?

— Sim — concordou ele —, assim como decorei exatamente quais são os momentos em que ocorrem os intervalos ou quando as portas de entrada do teatro são travadas. — Sorveu um gole da bebida escura no copo de cristal em sua mão. — Também sei a quantidade medíocre de vezes que a polícia presenteia o seu batalhão com um ingresso para vir assistir essas mesmas cenas.

Uma música baixa ressoou por todo o ambiente, sinalizando o início do primeiro ato e silenciando o homem ao meu lado por alguns instantes.

Sentada em um dos principais assentos do camarote, a onda de um toque leve sobre as teclas de um piano me atingiu de imediato, mais uma vez.

Todas as cinco vezes que Enrico Moretti foi ao teatro, eu o acompanhei, decorando o lugar, igual a ele. E em todas as cinco vezes, apesar das minhas reclamações externas, internamente o som exibido por aquele piano me relembrava os bons dias que meu pai me tirava para dançar no meio da sala da nossa casa, em um ensaio brincalhão para a valsa do meu aniversário...

A valsa que deveríamos dançar seis dias após o dia da sua morte.

Cocei a garganta, empertigando o corpo, incomodada.

Meu barulho não foi para chamar a atenção de Enrico para que continuasse o seu papo motivacional. Entretanto, quando ele o fez, eu agradeci mentalmente por desviar minha atenção para algo mais... *prático*.

O assunto ainda seria morte, mas sem um envolvimento emocional da minha parte, ela não fazia nem cosquinhas no meu humor.

— A partir do momento que estamos à caça de um alvo, nós devemos saber tudo sobre ele, das variáveis à todas as saídas. — Moretti meneia a cabeça para as três saídas de emergência do andar superior e depois se virou para mim. — Não somos animais irracionais à procura de comida, que precisamos abater a primeira coisa que vemos à frente. Somos assassinos e a primeira coisa que devemos fazer é pensar sobre como matar, para depois matar sem deixar rastros.

— Deveria ter me avisado para eu trazer o meu caderninho e anotar palavras tão bonitinhas.

Moretti não se incomodou com o meu tom irônico. Nada além de pequenas linhas se

formaram próximo à boca, à iminência de um repuxar de lábios. Para um homem acima dos quarenta, ele não estava tão mal assim.

— Assassinos de elite são discretos — prosseguiu —, criminosos meia-boca são quem deixam rastros. Esse tipo de pessoa burra não sobrevive no crime, elas são as primeiras a serem pegas. De caçadores, se tornam a caça, a cabeça premiada para o policial do ano. E eu tenho certeza que você gosta do lugar onde a sua cabeça está.

Minha mão subiu de maneira instintiva, alargando a gola alta da blusa de malha, sentindo como se o tecido me sufocasse.

O pequeno gesto causou um sorriso maligno na boca de Moretti enquanto ele passava o braço pela cadeira de sua esposa para mexer nas mechas loiras dela.

Lina Moretti não era a minha maior fã. Na verdade, eu diria que a rainha da máfia italiana poderia gostar mais de um cachorro que come o próprio cocô do que de mim.

— Vejo que já entendeu o recado.

Apenas assenti para ele e calei a boca.

Por infinitos minutos, assisti a mesma peça. Tédio tornava-se o meu sobrenome quando Romeu morreu e Julieta se envenenou mais uma vez.

Com a cabeça escorada no punho coberto por uma camiseta de mangas longas, meus olhos ficaram um pouco mais pesados ao som da trilha sonora do teatro. As músicas lentas condenaram meu corpo à exaustão, embalando-me como um bebê nos braços de uma mãe carinhosa.

E mesmo em meu estado de quase sonolência, eu vi todos os instantes que o olhar de Lina Moretti pairou sobre mim.

Nunca julguei seu asco. Na teoria, meus pais seriam rivais óbvios dela e do marido. O sobrenome russo escondido no meio de um italiano forjado e os anos da minha infância que passei no Brasil não apagavam a quem meus pais juraram servir até deserdarem da máfia.

A desconfiança era certa, até mesmo justificável.

Porque quando Enrico apareceu na minha casa no dia do massacre, meu olhar foi uma réplica ao de Lina. Não tinha um motivo plausível para os italianos ajudarem a filha adotiva de ex-soldados russos.

E, ainda assim, ele me tirou de lá e cuidou de cada um dos cortes sangrentos em meus pulsos.

Talvez, por isso, apesar de toda insolência que nunca fiz questão de esconder, eu tentava ser uma boa aluna em cada uma de suas lições. Para tentar fazer valer a pena Enrico Moretti ter salvado a minha vida naquela noite.

Talvez, por isso, quando sua voz soou avisando que o momento havia chegado, eu tenha puxado uma das facas escondidas na minha bota para guardá-la no cós de minha calça, na rapidez de um piscar de olhos, pronta para atacar.

— Mais um pouco e eu dormiria naquela cadeira. — O segui para fora do camarote.

Moretti rolou os olhos, deixando um beijo casto na testa de Lina. Encaminhando-a para uma das saídas de emergência enquanto nós dois iríamos atrás de um policial delator.

— Seja menos dramática, fará bem ao seu humor — foi a única resposta que me deu, ao passo que engatilhou sua arma, acoplando um silenciador na ponta.

Chefes como ele não deveriam sair por aí matando pessoas, ainda assim, isso não o impediu de colocar a mão na massa durante o último ano. Pois, em suas palavras, não existia um trabalho mais bem-feito do que o realizado pelas nossas próprias mãos.

Descemos as escadas para o primeiro andar em passos furtivos. O peso das adagas nas

minhas palmas as faziam suar.

— Relaxe! — Moretti instruiu como um exímio professor. — Nós fizemos isso muitas vezes nas últimas semanas no centro de treinamento.

— Com bonecos e alvos — retruquei.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Humanos se movimentam e podem atirar de volta.

— E você também pode. — Estreitou seus olhos em aviso. — E se atirarem em você, não morra. O resto resolvemos após o banho de sangue.

Seus lábios se repuxaram.

Odiava esse senso de humor de merda, do mesmo jeito que nunca gostei de armas de fogo.

Não gostava do som do disparo e como o pequeno estouro parecia sempre uma lembrança dos gritos da minha mãe.

— Foco em onde está e no que está fazendo — relembrou o velho. — Prestar atenção também é uma arma.

Inspirei e fechei os olhos por alguns instantes. Moretti achava que eu estava hesitando, então prosseguiu:

— Ou você os mata, ou eles te matam. — Engoli em seco. — Igual fizeram com os seus pais.

Enrico se encostou na parede, sussurrando ordens enquanto eu apenas via como, de súbito, algo sombrio tomava conta dos seus olhos. A morte cobria o seu corpo, porque ele não era nada mais do que aquilo, um ceifador.

E eu me transformaria em uma também.

Meus punhos se fecharam, sentindo o cabo de madrepérola da adaga deixar marcas na pele. Minhas narinas dilataram e somente na segunda respiração que puxei, decidi não rasgar as lâminas prateadas na garganta do homem a centímetros de mim.

Jogo sujo ou não, quando abri os olhos novamente, um tipo de determinação misturado a uma fúria fria foi tudo o que senti.

E eu não hesitei.

Mais uma vez, ele sorriu.

— Farei o meu melhor — sussurrei.

— Espero que o seu melhor seja ágil.

Mal deu tempo para a minha testa se franzir, Moretti inclinou o corpo, apoiando a arma e os braços no portal da escada que nos trouxe do segundo andar. Encostado com o restante do corpo na parede, ele pressionou o dedo no gatilho.

O grito dos atores no palco soou primeiro, junto ao som dos seus pés batendo no chão. O arquejo do grupo de policiais veio em seguida, apoiado em xingamentos baixos.

O teatro estava vazio para o seu habitual, fechado para um evento exclusivo da polícia italiana, com exceção do único camarote que os Moretti haviam comprado para essa noite. Discreto, mas com uma vista privilegiada o suficiente para observar e decorar o *modus operandi* de cada militar sentado a alguns metros abaixo de nós.

Vista boa o bastante para não ser difícil acertar em cheio o militar que soltou informações sobre a filha de Enrico e causou um acidente que quase a matou. E sair dessa sem deixar rastros...

Nunca conheci a garota, mas o ódio que o pai dela sentiu foi palpável em cada um dos meus treinamentos nos últimos meses. Palpável como agora, vendo, em segundos, o policial cair

sobre seus joelhos, com as mãos na garganta, gorgolejando sangue.

O único problema é que, de onde Moretti estava, nenhum dos cinco homens que compunham o grupo fardado poderia lhe ver. Eu, no entanto, foi a primeira coisa em que seus olhares furiosos caíram.

Filhos da puta!

— Mate os cinco — ordenou para mim.

E, simples assim, o velho virou-se de costas e saiu a passos silenciosos e suaves do teatro, subindo mais uma vez as escadas. E me deixando lá sozinha.

O choque se materializou em todo o ar que puxei da minha boca aberta, evoluindo para a raiva e dentes rangendo, logo depois.

Eu deveria ter cortado a garganta desse velho maldito!

— Parada! — um dos policiais gritou e apontou a arma na minha direção. — Mãos na cabeça ou onde eu possa ver.

— Não ouviu, porra?! — o mais baixo deles xingou.

Suspirei, prendendo um pouco de ar no peito.

Mate-os ou eles te matarão. Mate-os ou eles matarão outros como fizeram com seus pais.

— Levante as mãos. Agora!

Neguei com a cabeça.

— Tá ficando maluca, porra?

Me tornei totalmente louca ao ser culpada pelo último suspiro do homem que cuidou de mim. Ao sentir a mão de meu pai empurrar a minha até o meu polegar e o indicador pressionarem suas narinas e prender o ar em seu peito.

— Mãos. Para. Cima — ordenaram uma última vez.

Eu queria tanto ter levantado as mãos quando meu pai as pressionou, tapando sua boca e nariz. Mesmo com a pouca força que tinha, seu corpo lutou com o meu, sentindo a asfixia começar. Mais uma vez, naquela noite, joguei toda a força que possuía em seu rosto, fazendo o que seus olhos imploravam. Não salvar sua vida, mas acabar com ela de uma vez...

Sentindo o *último* suspiro do homem que fez tudo por mim bater contra os meus dedos.

Doentio. O sentimento de raiva se tornava cada vez mais doentio.

— Vou falar uma última vez, senão meus companheiros irão atirar, garota! Mãos onde eu possa...

Seu discurso foi interrompido quando a adaga em meu punho direito girou, deixando a lâmina à mostra para ser arremessada e, em uma mira perfeita, acertar a região ocular do homem fardado.

Menos um.

— Infelizmente, não poderá ver mais nada.

Meu comentário engraçadinho tem como resposta uma saraivada de tiros a qual forçou meu corpo a se esconder na mesma parede que Moretti usou.

Cada um dos quatro policiais restantes veio na direção do portal, com as armas em punho, prontas para acabar comigo. Policiais corruptos eram porcos viciados em dinheiro, mas cultivavam uma merda de lealdade invejável. Quase os mosqueteiros da vida moderna...

Um por todos e todos mortos por mim.

A outra faca, guardada do lado esquerdo, desceu para os meus dedos e me agachei, esgueirando apenas o suficiente da minha cabeça para ver o pé de um deles e mirar a lâmina exatamente nele.

Menos dois.

Eu tinha quatro facas no total, duas já estavam alojadas nos corpos de dois deles, o que me restavam eram as outras duas que puxei da bota.

O mais baixo que me xingou não deu atenção ao amigo caído, um pé à frente do outro, ele andou até mim. Seu erro foi pensar que eu havia subido as escadas, porque com o foco dele nos degraus, empurrei meu ombro em direção à arma, tentando arrancá-la de suas mãos.

A faca que estava comigo cravou-se em sua coxa e meus pés bateram em suas canelas antes de derrubá-lo no chão, com um segundo corte na linha do pulso.

Menos trê...

Antes que eu pudesse correr até os últimos dois, as mãos ensanguentadas do homem se agarraram no meu tornozelo em um puxão forte o suficiente para me derrubar.

— Putinha de merda, volte aqui.

Tentei chutá-lo, mas ele agarrou mais forte, puxando-me para baixo com o braço bom. Cravei uma das adagas no chão de madeira, tentando fazer dela um alicerce de força a fim de segurar o corpo no lugar.

Um rastro de sangue começou a manchar o polido chão de madeira a cada novo movimento de sua mão para me empurrar em sua direção. Manchado da mesma forma que o piso da minha casa estava, há um ano.

Tentei chutá-lo uma, duas, três vezes. Em nenhuma delas, eu obtive êxito. O sangue do pulso do policial continuava a fluir, como o meu um dia fluiu...

Porque estava sentada entre os corpos sem um mísero movimento cardíaco dos meus pais... Foi naquela noite que cortei os pulsos pela primeira vez e meu sangue também fluiu no chão.

Não tinha a quem envergonhar caso decidisse acabar com a minha vida miserável.

Ninguém iria chorar.

Ninguém iria sentir falta de uma menininha irritante de quase quinze anos.

Se *eles* sangraram até a morte, eu *deveria* ter o mesmo caminho.

Eu deveria morrer ao lado deles.

— Quem pagou para nos matar, garota? — Me segurou com mais força. — Pare de ser malcriada, menina. Caralho, já viu o seu tamanho? Quem pensou que você daria conta de homens com o dobro do seu tamanho?

Ele riu e mais sangue escorreu.

Um cheiro férrico e enjoativo chegou ao meu nariz. Meu estômago revirou em todas as vezes que puxei o ar após isso.

Forcei as unhas na madeira, esfolando os dedos. Os outros dois homens não me deram muita atenção, na cabeça deles, eu já estava condenada pelo que me puxava. O foco estava no que era mais importante: o amigo com a faca penetrada entre os espaços de seus ossos.

Eu não era alguém a quem cederia atenção.

Era só mais uma que morreria por suas mãos.

Ou você os mata, ou eles te matam.

Engoli em seco, aproximando o pé livre do peso para me dar estabilidade. Eu não chutei mais. Não me movi. E a surpresa em seus olhos pela minha falta de pânico me deu tempo o suficiente para sentar sobre as suas pernas e empurrar a lâmina afiada na palma de sua mão.

Seu grito não reverberou. Não comigo pressionando o seu dorso cortado em sua boca, fazendo-o beber o próprio sangue.

O último gosto que teria na sua vida de merda.

— Parece que pelo menos de você, eu dei conta, não?! — O sarcasmo escorreu,

venenoso.

Com os outros, foi mais rápido. Não me importei com todos os resquícios de passado que pesaram sobre os meus ombros quando peguei a arma do policial e a engatilhei, acertando três tiros letais nos que ainda respiravam.

Eles caíram mortos no chão.

Recuperei a faca que estava presa no pé de um deles, não ligando para todo o líquido escarlate pigmentando as roupas caras que eu vestia.

Da mesma forma que não me importei em abandonar aquele teatro com os braços banhados em vermelho, em um estranho paradoxo da maneira como saí da minha própria casa.

Agora, todo o líquido de vida escorrendo por mim não me pertencia. E as lâminas que quase me mataram, hoje, foram a minha arma de salvação.

Eu poderia ter morrido naquela noite. E eles deveriam ter se assegurado de me matar. Porque assim que coloquei meu pé direito na rua, avistando Moretti do outro lado da pista com um gigantesco sorriso em seu rosto, o sangue pulsou mais rápido nas minhas veias, coberto por raiva e adrenalina... E prometi a mim mesma nunca mais hesitar.

Porcos imundos não hesitaram.

Policiais corruptos não hesitaram.

Nenhum dos culpados pela morte dos meus pais hesitou.

Então, recitei outra promessa silenciosa, jogando-a no ar para que somente a lua e as estrelas pudessem ouvir, antes de atravessar: eu faria cada um dos culpados pela noite de 18 de outubro pagar.

Clara Rossi seriam as duas últimas palavras sussurradas por suas bocas podres.

Clara Rossi.

A assassina.

E, nossa, gritos nunca foram tão bonitos de serem ouvidos.

LONDON NEWS, 10 de janeiro de 2020

Assassinato brutal acontece em uma das maiores metrópoles do mundo.

“Hoje Londres acordou com um dos casos mais violentos já noticiados pelas emissoras da cidade. A polícia local ainda não deu um comunicado oficial sobre o assunto, mas um vídeo de um grupo de amigos que encontrou o corpo na *4th street* percorre por toda a internet, chocando diferentes lugares do mundo. A imagem de um homem com um “S” cravado no peito se tornou uma das mais virais no Twitter e, nos comentários, muitos especulam sobre ser o primeiro de uma sequência de mortes que aguarda o território da rainha. A letra escrita na pele da vítima está sendo vista como a assinatura do autor do crime no que pode ser considerada a sua “obra de arte”.”

LONDON NEWS, 13 de abril de 2020

Assassinatos em série?

“Após três meses relativamente calmos, a polícia britânica chegou a arquivar o caso de assassinato que ocorreu em 10 de janeiro por falta de pistas. Entretanto, nessa manhã de sábado, em frente a um quartel de bombeiros na parte nobre da cidade, o corpo de um homem de mais ou menos 40 anos foi encontrado com a mesma marca de “S” cravado em seu peito e uma faca entre os seus dedos. A polícia investiga para saber se é uma possível vítima do mesmo agressor do primeiro caso ou se é apenas um imitador.”

LONDON NEWS, 14 de abril de 2020

Informações confidenciais são vazadas.

“O relatório da autópsia da vítima do caso de assassinato que tem tomado as mídias mostra que o homem morto em janeiro era um magnata russo, responsável pelos maiores acordos comerciais entre a Inglaterra e a Rússia.”

LONDON NEWS, 15 de abril de 2020

Terrorismo à vista: a nova onda de assassinatos de autoridades do governo britânico sem explicação.

“De acordo com uma fonte interna da polícia, outro corpo foi encontrado ontem nas proximidades do quartel de bombeiros. Supostamente, não é possível fazer nenhuma ligação com o outro caso ocorrido na mesma área. Quem quer que seja o culpado, deixou bem claro não ser um imitador, mas sim um novo terror a rondar as terras da rainha, pois somente uma rosa branca foi deixada sobre o cadáver do ex-prefeito de Londres. Muitos consideraram a rosa como uma assinatura. Ela é um aviso? Um sinal? Um desafio? Ainda não se tem uma resposta concreta. A polícia negou todas as informações.”

DIÁRIO DO GLOBO, 06 de maio de 2020

Autoridades divulgam relatório inédito sobre assassinatos em série na Inglaterra.

“Após meses negando novas informações, a polícia nacional do Reino Unido fez uma comitiva de imprensa essa manhã. *“Estamos diante de um caso complexo”*, pontuou o delegado responsável pelo caso. *“As duas primeiras vítimas são de um mesmo autor, entretanto, o terceiro caso, intitulado por nós como “a Rosa Branca” possui um autor diferente. Acreditamos que seja uma resposta direta aos casos “Adaga”.”*

DIÁRIO DO GLOBO, 10 de maio de 2020

Disputa entre assassinos em série?

"Uma sequência de assassinatos tem assolado todo o Reino Unido sem um padrão nas vítimas, apenas assinaturas de quem cometeu o crime em uma sequência: um "S", uma rosa branca; um "S", uma rosa branca. Mais quantas vezes essa sequência será repetida até que os culpados sejam apontados?

DIÁRIO DO GLOBO, 02 de setembro de 2020

A Adaga e a Rosa Branca: os assassinos do Reino Unido e suas novidades.

“Na última semana de agosto, foram oito vítimas espalhadas por todo o território britânico, sendo quatro mortes da Adaga e quatro da Rosa Branca. A polícia não possui uma resposta, mas alerta para que todos tomem cuidado e denunciem atividades suspeitas. Apesar dos avisos e pedidos dos policiais, a indignação popular cresce cada dia mais e comentários viralizam nas diferentes redes socais sobre o bilhete encontrado junto à adaga em uma das cenas de crime: “Com ódio, S”. Muitos especulam que os assassinos estão se comunicando pelos corpos de suas vítimas.

LONDON NEWS, 09 de setembro de 2020

Olho por olho, dente por dente.

“A polícia teve um dos seus complexos invadidos nessa madrugada de segunda-feira, deixando dois policiais mortos e outros três feridos, que já se encontram estáveis num hospital da região. Em um primeiro momento, a polícia negou depoimento sobre o que teria motivado o ataque, mas na tarde de hoje, liberou um comunicado oficial de que as provas do caso “Adaga” foram furtadas e as doze lâminas capturadas nas cenas dos crimes foram levadas.

LONDON NEWS, 06 de novembro de 2020

Assassino solitário?

“Após uma sequência de assassinatos da “Rosa Branca” nos últimos meses, nenhuma resposta da “Adaga” foi vista.”

01

Demônios jogam os dados, anjos reviram os olhos.
O que não me mata, me faz te querer mais.
Cruel Summer, Taylor Swift

CLARA ROSSI

— Caralho, gostosa!

Curvei os lábios.

Meus dedos ágeis abriram os botões da camisa azul-clara, deslizando as unhas pelo peitoral definido. Seus murmúrios numa voz disfônica puniam meu ouvido direito a cada arranhão avermelhado deixado nos seus músculos.

A noite estava alta. A rua completamente escura. Sem qualquer um à nossa volta para incomodar. Sozinhos no mais puro significado da palavra. E, só por isso, me permiti prolongar o momento, arrastando a língua por sua garganta e soltando xingamentos sujos contra a sua pele.

Foram poucas as palavras sussurradas num medíocre castelhano para embalar Dante em minha magia. Uma rebolada de quadril a mais na caminhada entre as extremidades do bar de beira de estrada; uma mecha escura dos meus cabelos colocada atrás da orelha enquanto meus dentes afundavam no lábio inferior e é óbvio que logo depois ele já me ofereceu uma bebida.

Quando olhou para mim sob a borda do copo e o fogo dominou os seus olhos, me considerou o alvo perfeito da noite. Suas piscadas para absorver cada centímetro do meu corpo, a respiração rasa, a boca entreaberta e um volume crescente na costura do jeans deixaram isso muito claro.

Não precisei de muito para convencê-lo a sair do meio da pequena multidão de bêbados e me acompanhar em direção a uma rua esquecida.

— Eu não sabia que espanholas eram filhas da puta tão gostosas, *senhorita Espósito* — rosnou, mirando suas pupilas dilatadas nos meus seios.

Eu não sou espanhola.

Meu sobrenome não é Espósito.

Mas meus lábios rasparam nos dele e isso foi o suficiente para que aceitasse minhas respostas vagas e falsas. Suas mãos se moveram para a minha cintura, ávidas, como as de um amante apaixonado durante um episódio de loucura e ele gemeu mais uma vez.

— Diga-me, já esteve com alguém como eu? — provoquei.

— Não... — Seu pomo-de-adão se moveu e ele apoiou a cabeça contra a parede. — Nunca estive com alguém como você.

Ah, se você soubesse.

Minhas sobrancelhas se ergueram em deleite e seus olhos subiram para os meus lábios.

— *Humm.*

Inclinei a cabeça em um sinal simples para a sua boca descer em direção ao meu pescoço.

E, como um garotinho educado, Dante revezou entre lambidas, beijos e pequenos rosnados. Minhas mãos brincaram com o cinto de couro a adornar seu quadril.

Estimulando o meu corpo, ele tentou fornecer o mesmo tipo de prazer que percorria as suas veias para as minhas. Um amante *quase* delicado. Adorável.

— Espósito... — arfou. — Merda, eu... *Ah!*

O barulho da fivela permeou o ar e os músculos dele, próximos do meu toque, retesaram-se em antecipação. Eu o empurrei devagar contra o muro, esperando todo o seu corpo quente ficar em contato com o concreto frio.

Levei uma mão para dentro do tecido que encobria o seu membro rígido e o masturbei.

— Merda, garota! Sua mão é o céu.

Suas íris retratam a luxúria de forma pura e pungente. Eu sorri mais uma vez ao vê-lo inclinar a cabeça contra o muro, deleitando-se no abismo do prazer e perdendo seus sentidos. Mantive um ritmo constante, mas firme, somente com uma das mãos em seu membro e aproveitei da sua falta de escrutínio para levar a outra mão às costas.

Dante gemeu alto.

Meus lábios voltaram a roçar com os dele. Leves. Inocentes. Pedindo passagem.

Suas mãos grandes se afundaram no meu quadril e me movi devagar, afundando a língua em sua boca ao mesmo tempo que puxei a adaga presa nas minhas costas e perfurei seu estômago.

Abafei o seu grito de dor com a língua, engolindo-o e deixando uma mordida em seus lábios. O arrastar dos meus dentes na pele frágil e sensível seguiu o mesmo ritmo da lâmina sendo puxada aos poucos de seu tronco. Intensifiquei os movimentos da minha outra mão em seu membro, deixando-os mais rápidos e fortes e o senti pulsar antes de gozar.

Um pequeno corte puniu a boca de Dante, deixado pelos meus dentes. O vermelho doce e metálico do seu sangue tomou minha garganta e manchou meu queixo ao escorrer dos meus lábios.

Arrastei o dedão, limpando o líquido na roupa dele e dei um passo para trás.

Só o suficiente para observar a evolução de sentimentos no rosto rígido e marcado dele, caminhando entre o choque e o prazer à dor.

Dante saiu daquele bar observando a minha bunda e cantando vitória sobre mais uma de suas conquistas. Quando, na realidade, ele foi a *minha*.

Oh, sim.

Minha conquista.

Esperei seus joelhos baterem no chão para a lâmina preta com um cabo de madrepérola ganhar um novo caminho por suas entranhas.

Outro baque surdo penetrou o ar quando foi a vez das suas costas irem de encontro ao asfalto. Ele gritou mais uma vez pela dor, trincando os dentes.

Qualquer que fosse o motivo pelas ruas estarem tão vazias hoje, eu agradeci.

Talvez os céus estivessem de bom humor comigo e ninguém escutaria esse homem rugir, chamando atenção. Seria muito mais fácil me misturar na rua dessa forma. E Dante não passaria de um soldado morto em um beco esquecido da grande Londres.

Agachei-me ao lado do seu corpo, vendo o líquido vermelho voltar por seus lábios.

— Nunca acredite em nada do que falam a você. — Abri um sorriso carinhoso de desaprovação. — Meu sotaque era falso demais, *chico*, e se você estivesse preocupado com qualquer outra coisa além de esfregar o seu pau no meio da minha bunda, teria notado.

Com todas as curvas espalhadas pelo meu corpo, uma roupa que marcava cada centímetro

delas, colocando meus seios quase para fora, eu não era uma imagem que se passava despercebida.

A pele pintada, a boca tingida de vermelho e as roupas de tecido brilhante transformaram-me em um sonho vivo dos homens viciados em pornô. E eles ficavam focados demais nas fantasias sexuais deturpadas de suas mentes para pensar na mera possibilidade de tudo isso ser uma farsa.

Um personagem montado para atraí-los.

Dante queria se aproveitar da minha aparência, inflando o peito e me exibindo como uma puta conquistada, que lhe daria o melhor boquete da sua vida. Eu me aproveitava da ganância por um sexo fácil para tirar a sua vida.

— Sua filha da p... — Ele tenta se mexer, falhando de forma miserável. Seu corpo estava fraco e tornava-se pálido muito rápido.

— Shiiii — minha voz é fingidamente melódica junto ao semblante preocupado adornando o meu rosto. — Em breve, *meu amor*, prometo que não irá doer mais.

— Eu q-quero m-matar voc-cê, sua vadia!

Seus olhos piscaram tão lentos e quase não se abriram outra vez. Balançando a cabeça, desci meus dedos por sua bochecha, acariciando o rosto e deixei dois tapinhas fracos.

— Não leve para o lado pessoal. Eu precisava avisar ao seu chefe que estava de volta à cidade.

Ele não falou nada. Não conseguiu.

Talvez o choque por mencionar indiretamente o pesadelo vivo daquela cidade o tenha calado.

Apesar disso, não foi muito difícil descobrir que o homem sangrando à minha frente pertencia à máfia ou quem era o seu chefe. A tatuagem da rosa branca gloriosamente exposta em seu peito me contava tudo o que eu precisava saber. Um juramento tolo em nome de um chefe que ninguém conhecia o rosto. Duvidava que Dante em algum momento chegou a *vê-lo* cara a cara.

— Vo-você não p-pode ir at-atrás *dele* — chiou baixo.

A expressão dolorida tornou-se destemida. Dante acreditava em sua causa, seguia o sistema e pela sua reação, soube que a lealdade cega o punia.

Antes dele, houve centenas com o mesmo senso de lealdade.

Eu conseguia capturá-los, mas nenhum tinha coragem o suficiente para entoar em voz alta o nome do segundo assassino que estampou as capas dos jornais por meses. Nenhum deles delatou o próprio chefe. E, por mais que odiasse cobrar favores antigos, eu precisei fazê-lo, percorrendo cada canto dessa cidade até eu conseguir ter o real nome da “Rosa Branca”.

E eu consegui um nome, mas nada além disso.

Agora, eu queria mais... *precisava de mais*...

Dante seria o meu meio para isso.

Então, usei do foco das suas íris odiosas no meu rosto para puxar a faca do seu estômago e ouvir outra sequência de xingamentos furiosos percorrerem sua língua.

Rolei os olhos.

Muito escandaloso, querido!

A adrenalina deixava meus movimentos mais rápidos e certeiros, deveria ganhar um agradecimento, não palavrinhas tão chulas.

Soltei uma respiração exasperada e observei uma pequena camada de névoa que se formou em frente ao meu nariz. Dei aqueles segundos para que o ponto de dor latejante no

estômago dele diminuísse o suficiente e ergui o tronco, colocando todo o peso do meu corpo ajoelhado sobre os meus saltos.

Não foi muito difícil retirar a lâmina de suas entranhas ou mesmo limpá-la depois em seu jeans.

Seus resmungos se tornavam, aos poucos, mais baixos. As mãos inquietas tentando estancar o sangue ficavam mais fracas. E o brilho da vida em seus olhos transformava-se em um reflexo da morte.

O metal da faca pesou nos dedos antes de colocar a ponta dela na pele marrom clara seminua e pressionar até novas gotas vermelhas aparecerem. Em uma linha simples, desde a sua clavícula até o osso próximo ao quadril, tracejei um “S”.

Forte o suficiente para o sangue manchar a rua em um novo marco, mas não profundo o bastante para o seu corpo se abrir.

Os anos de prática deixaram que a minha grafia se aperfeiçoasse e tomasse precisão. A letra assumia contornos tão perfeitos que deixaria uma professora de caligrafia muito orgulhosa. Poderia me considerar a primeira da classe.

Não esperei pelos últimos sussurros de dor de Dante para deixar a adaga ao lado de seu corpo com um pequeno bilhete incrustado no cabo de madrepérola. Toda aquela cena era para que o maldito dono do submundo britânico recebesse a minha mensagem.

Nós ainda tínhamos negócios para acabar.

E já passou da hora de nos conhecermos pessoalmente.

Saltei de pé, usando as mãos para limpar uma sujeira inexistente na roupa e abri um largo sorriso a cada passada para fora daquela rua.

Meus dedos trabalharam rapidamente no cabelo, amarrando os fios em um coque e puxei o capuz discreto da minha blusa, cobrindo os fios castanhos e o pequeno pedaço de tecido extra em uma de suas laterais cobriu o meu rosto até que somente restasse os meus olhos ocre à mostra.

O sol queria despontar no céu, manchando o cinza azulado com leves rajadas de laranja quando me aproximei do quarteirão seguinte, buscando o celular no bolso. Levei o aparelho à orelha logo depois.

O incessante som dos meus saltos estalando na calçada ladrilhada tornou-se uma melodia rítmica, me distanciando da cena do crime no meio da madrugada silenciosa enquanto eu esperava o toque da linha telefônica cessar...

Felizmente, alguém atendeu.

— Boa noite, você está ligando para o serviço de emergência da polícia de Londres, no que posso ajudar?

Respirei fundo, fungando um pouco para trazer mais veracidade à cena. Em alguns segundos, poucas e falsas lágrimas banharam minhas bochechas no teatro perfeito.

— E-eu... eu achei um homem — tremulei, com a voz abafada pelo tecido. — Um homem, ele está mor-morto.

— Qual é o seu nome e onde você está, senhorita?

— 4th street, eu acho, nunca andei por essa região, e-eu não consigo ter certeza. Meu nome é Amélia... Amélia Espósito. — Deixei que ouvisse um pouco do meu choro falso, falhando a voz a cada vez que precisava engolir por causa da garganta entupida.

— Preciso que a senhorita mantenha a calma, já está sendo enviada uma viatur...

A policial não tinha terminado de falar quando desliguei. Passei meus dedos por cima do tecido do capuz, enxugando as falsas lágrimas da bochecha e puxei o chip do celular descartável,

quebrando-o no meio. Joguei o aparelho na lixeira algumas ruas abaixo.

Tentei frear o sorriso parco repuxando os meus lábios, mas foi impossível. O som das viaturas descendo a rua o fez aumentar ainda mais e minhas bochechas latejavam em protesto.

Amanhã, o caso da “Adaga” estará novamente nos jornais.

Meus passos serão vigiados.

Meus feitos, memorizados.

Meu nome, procurado.

E a única pista que terão será apenas um pequeno bilhete como assinatura:

“Com ódio, S.”

Esperando ter a sua rosa branca como resposta.

02

Você pensou que poderia se livrar de mim.
Mas assim é o sistema..
Blood//Water - Grandson

NICOLAS BERRYCHOTH

— Sinta-se sortudo, não era para eu aceitar novas propostas.

Um sorriso engessado surgiu no rosto envelhecido de Ian Odhor conforme avançava a leitura dos papéis que lhe entreguei. O escocês possuía um rosto muito... *esclarecedor* para alguém a ocupar seu cargo.

Cada franzido próximo à sobrancelha esquerda demonstrava descontentamento enquanto as leves repuxadas na parte inferior da boca eram sinais de quais caminhos eu deveria seguir dentro da nossa negociação.

— Eu estou, até quero apostar algumas notas hoje em algum cassino por perto… Hummm, conhece algum lugar onde eu possa ir?

— Não acha muito cedo apostar um dinheiro que ainda não recebeu? — disse a ele.

— Sou um homem de negócios, se não achasse que vamos fechar, nem nessa mesa eu me sentaria.

Ian deu de ombros em sua arrogância assim como me deu todas as dicas; seu rosto, um passo a passo detalhado da melhor forma de conseguir a sua assinatura e um forte aperto de mão para comemorarmos mais um negócio bem-sucedido.

E isso, em conjunto a uma pesquisa escassa sobre ele e seu *modus operandi*, me deixava preparado para quase prever cada um de seus passos.

— Nós temos interesses em comum, *caro mio*, não me olhe assim — a voz dele saiu abafada. Uma das minhas sobrancelhas se arqueou. — Queremos levar a nossa droga para todos os cantos desse continente.

Colocando um copo na beirada da mesa, Ian mexeu no bolso do seu próprio casaco, puxando um saquinho com pó branco dentro e o jogou na mesa.

— Leve um pouco da droga para dentro do seu organismo também e relaxe.

— Não, obrigado. — Não olhei para o pó, por mais que esse fosse o seu desejo.

— Então, preste atenção… — Ele derramou um pouco do conteúdo no dorso da mão e passou a parte da pele com o pó branco pela boca depois. — Fascinante.

Levou algum tempo até que as suas pupilas estivessem novamente abertas, um pouco mais dilatadas do que o normal enquanto terminava de ler o contrato em suas mãos.

Apoiei os cotovelos na mesa em silêncio.

Ian Odhor era um homem previsível, coberto por manias e decisões calculadas. Ele sabia que diria sim no instante em que colocou os olhos na quantia oferecida, antes, no entanto, sua voz rouca interromperia minha análise mental e seus olhos se estreitaram, iniciando uma

demonstração de que não cedeu de primeira aos meus termos.

Era óbvio que o comandante da distribuição de drogas da Escócia seguiria por esse caminho, assim como, após abaixar os papéis, roubaria uma das torradas inglesas que pedi em especial para ele.

Sua esposa era mestre em fazê-las.

E ele segue cada passo religiosamente.

Abaixou os papéis.

Roubou uma torrada.

Coçou a garganta.

Levantei uma sobrancelha, mais uma vez, estudando-o por cima da borda da xícara de café amargo. Uma aparência conservada dominava os seus sessenta anos de idade e a postura altiva de poder permitia a ele se misturar de modo fácil em um bar de magnatas, como o que estávamos.

A cobertura de vozes e a movimentação dentro do salão mascaravam com perfeição toda a ilegalidade das palavras trocadas entre Odhor e eu.

— Preciso ter certeza de que os policiais não irão intervir — resmungou, mais sério, entre as mastigadas. — Não quero e não irei colocar minha cabeça a prêmio.

— Eles não vão. — Sorvi mais um gole de café.

— E a minha garantia?

— Minha palavra não é o suficiente? — Mais um gole.

— Eu preciso de mais certezas e menos dúvidas. — Acenei em concordância. — Então você já deve ter compreendido que eu preciso de mais do que as garantias de alguém do baixo escalão.

Sorri, depositando a xícara vazia na mesa.

Ian Odhor não sabia o meu nome. E havia uma área cinzenta gigantesca sobre os verdadeiros rostos de cada um dos membros da minha família para ele me reconhecer.

Diante do submundo, éramos fantasmas.

E, aos olhos dele, eu não era o chefe da máfia, mas, sim, um ninguém.

— Quem é você para me dar tal garantia? — voltou a questionar pela falta de resposta.

— Apenas um advogado que representa a família Berrychoth... — dissimulei, recostando-me na cadeira. — Mas, como você disse, somos homens de negócios com um objetivo em comum.

Ian passou a mão na boca.

— E, bem, asseguro a palavra do chefe da máfia inglesa para este acordo. Considere isso o suficiente para as suas certezas ou não poderemos dar um passo à frente com *os negócios*, Odhor.

Ele inspirou fundo com um toque de hesitação preenchendo suas feições e o canto inferior da boca dele tremulou. Ambos sabíamos que se a minha palavra não fosse o bastante para fazê-lo aceitar a proposta, quando saísse deste café, o seu cargo estaria nas mãos de outra pessoa. O que seria uma pena...

Afinal, os mortos não comandam o crime.

Ou me fazem perder tempo.

Analisando as suas opções enquanto engolia mais algumas torradas inglesas, meus olhos correram pela sala até eu levantar a mão para uma garçonete que servia atenta uma mesa alguns metros à frente e pedir uma nova dose de cafeína e um copo de água.

Ela assentiu com rapidez, correndo de volta para o balcão de mogno onde entregava as

comandas. E somente quando o meu olhar recaiu novamente em Odhor, o homem atreveu-se a falar:

— O acordo — suspirou —, está ótimo assim, senhor... — Fez uma pausa esperando-me completar com meu sobrenome. E não recebe nada além de silêncio mais uma vez. — Está ótimo assim! — reafirma.

Concordei com um meneio de cabeça ao mesmo tempo que senti o telefone no bolso do meu sobretudo preto vibrar próximo à coxa. Puxei o aparelho junto de uma caneta e entreguei o segundo item para Ian, esperando-o assinar os papéis em seus dedos.

Não foram necessárias instruções para a sua mão enrugada rabiscar rapidamente a assinatura, me devolvendo as folhas logo depois.

Eu desviei os olhos quando ele enfiou mais uma torrada na boca, observando a tela do meu telefone vibrar e acender devido à ligação de um dos meus irmãos...

Tentei evitar que meu nariz se franzisse.

Meus irmãos não me ligavam. Nunca. Nenhum dos dois.

Mas, antes que pudesse atender, Ian coçou a garganta, chamando minha atenção para os seus dentes amarelados cobertos por farelos úmidos formando um sorriso vitorioso. Levantei a sobrancelha, sem retribuir o gesto, apenas estendendo-lhe a mão para acabar com isso de uma vez.

Eu já tinha o que precisava dele.

— A primeira entrega será feita no próximo fim de semana. — Retribuiu o aperto com um sorriso ainda maior.

Ele acabou de ficar alguns milhares de libras mais rico enquanto meu celular continuava a vibrar na minha mão. Sem parar. Sem eu sequer poder atender.

Esbanjando como um bastardo imbecil, Odhor jogou algumas notas de cem libras sobre a mesa, a fim de pagar a conta antes de se levantar e sair. Aguardei o sino da porta soar e meus olhos rodaram nas órbitas.

Pude, enfim, aceitar a chamada.

— *Ela está aqui*.

A voz de Nathaniel soou baixa e fria do outro lado da linha, limitando-se unicamente a essas três palavras, sem um discurso politizado para apoiá-las. Concentrado em todo o teatro se desenrolando à minha frente, outra vez, meu aceno em concordância seguiu como a única resposta, ainda que estivesse longe de seu olhar.

Merda.

Isso explicava o porquê ele ligou.

Eu sabia *a quem* meu irmão estava se referindo antes mesmo de guardar o aparelho telefônico no bolso frontal da calça e um copo de água ser colocado de forma brusca sobre a mesa.

— Parabéns! — disse uma mulher.

Subi o olhar.

— Pelo quê? — questionei, encarando os cabelos castanhos escorrerem pelas bochechas levemente coradas, até alguns poucos fios se grudarem na boca pintada em um batom vermelho-sangue. Não era a mesma a quem fiz o pedido.

— Conseguir manipular toda a situação.

Seus movimentos são calmos, entretanto, muito certeiros ao colocar os outros dois copos preenchidos por líquidos escuros na mesa. Típico de alguém que faz isso muitas vezes ao dia a ponto de ter um reflexo treinado...

— Não compreendo. — Sem hesitar em deixar um tom falsamente confuso tomar a minha voz, testei sua reação. Ela guardou a bandeja embaixo do braço direito e seus lábios carnudos e tingidos arquearam-se para cima.

Feroz e ágil ao mesmo tempo.

— Deixe-me ser mais clara. — Coçou a garganta e apertou os dentes dentro da boca para destacar a mandíbula. — Eu sou só a *garçonete* que ninguém liga se ouviu ou não alguma coisa e você deveria ser mais um dos homens que não daria atenção para o que eu estou falando, mas você não é como eles...

Meneou a cabeça em direção aos outros engravatados dispostos por todo o salão e que imploravam por um copo de café com seus olhos vidrados nas telas de seus celulares.

— Você olha para as pessoas que estão à sua volta, decora e conta as saídas enquanto mexe nas suas pilhas de papel, sabendo que ninguém irá te observar uma segunda vez... Não à procura de algo suspeito, pelo menos — afirma. Em momento algum, a garota abre dúvidas sobre o que diz. Somente afirmações. — Não fala muito e, quando acontece, se limita a frases curtas.

— E você gosta de falar muito. — *E prestar atenção onde não deveria*.

— Só estou explicando como cheguei à conclusão de que, apesar de ser um cliente, ao que tudo indica, fiel, e todas as garçonetes babarem em você por isso, é um manipulador barato. — Cedeu-me uma piscadela, convencida. — Uma mente que possui um raciocínio como o meu precisa ser admirada.

Um pequeno sorriso repuxou o canto dos meus lábios.

Teoricamente, não era mentira. Eu era, de fato, um cliente fiel. No entanto, barato nunca foi uma palavra que me descreveria.

— E se me permite acrescentar... — Não perco a provocação em sua voz. — O homem que estava sentado nessa mesa não tinha chance alguma de ganhar a negociação que estava em andamento, ele era uma presa acuada perto de alguém que mata com um olhar.

— O que te faz pensar isso? — pergunto, curioso por sua análise enquanto meus olhos se fixam em seu rosto, fazendo o mesmo que ela fez comigo: estudando.

Os ombros dela se moveram num descaso fingido e a inexpressão diante à minha curiosidade genuína dificultava a leitura de seu rosto e sua personalidade difusa. Nem mesmo as demonstrações pífias de aprovação escondidas na minha voz para estimulá-la a continuar tinham surtido efeito.

Ela falou porque queria.

Me contou cada parte da análise na intenção de que eu soubesse.

Discorreu sobre mim para mostrar que eu poderia ser observado tanto quanto observava.

Porque enquanto eu analisava Ian Odhor sentado à minha frente...

Ela fazia o mesmo comigo estando atrás do balcão.

— O terno caro — desceu seus olhos escuros, iguais ao diamante negro tatuado em meu anelar, por toda a extensão do meu corpo — *perfeitamente* alinhado, o descaso fingido ao folhear os papéis da sua mesa, a voz calma de quem sabe de que está discursando sobre uma causa ganha. Os sinais do nervosismo dele eram sutis, mas presentes. Ele falava demais, tentando ganhar a sua confiança.

Escorri a língua pelo lábio inferior. Nunca pensei quais seriam os meus padrões dentro de uma conversa, me parecia desnecessário. Até ela me ler e estar sendo muito, muito certeira.

A morena encolheu os ombros mais uma vez, simulando dizer algo sem importância e virou o rosto para uma mesa, que estava chamando-a, querendo fazer um pedido. O mesmo

sorriso que surgiu no seu rosto quando me olhou, voltou mais suave para os integrantes da mesa.

Eu deveria usar disso como a minha deixa para mandá-la embora, entretanto, não o fiz. Focado na forma como seus dedos tamborilaram na bandeja escura e os dentes assumiram o lábio inferior, mordendo-o.

Uma reação típica de pessoas ansiosas.

Além de algo divergente da frieza e quietude que deixou transparecer ao falar comigo ou mesmo da imagem de garota atrevida sustentada pelos seus gestos.

Minha cabeça inclinou-se de leve para o lado e com a curiosidade assumindo cada neurônio existente, a analisei, descendo os olhos de seu nariz reto e sobrancelhas desenhadas ao conjunto em tons de preto e azul-marinho com um decote singelo nos seios, mas marcado com perfeição em cada poderoso centímetro em volta de seu quadril.

Chegou ao ponto de eu fazer algo que, em dias com uma racionalidade aflorada, não faria: continuar a conversa.

— Me pagam para que eu seja capaz de ler as pessoas e conseguir defendê-las diante de um júri, eu preciso soar convincente. — Assumi a profissão constatada dentro dos diversos cartões falsos na minha maleta.

— Você é, não se preocupe.

— Posso levar isso como algo positivo?

— Se você tem o sonho de trocar o seu terninho caro por uma roupa laranja marca-texto do presídio... — Sorri. — O laranja vai combinar com as tatuagens e toda a pose de dono da verdade quando alguém com senso de justiça te denunciar.

Levantei uma das sobrancelhas.

— Esse alguém seria você?

— Tenho cara de policial por acaso?

Os olhos dela se estreitaram em desafio, tornando-se uma linha fina coberta por grandes cílios tingidos pela escuridão.

Sem educação e sem medo.

— Não, *princesa*… — o apelido saiu fácil, buscando entre todos os clichês um o qual chegaria perto de descrevê-la. — *Eu defendo criminosos* e se não fosse pelo avental pendurado em seus braços, eu diria estar diante de uma.

Porque você é rápida e possui ótimos reflexos para uma simples garçonete.

— Traduzindo, é um mentiroso e quer ter acesso à minha ficha criminal — seu timbre soou irônico. — Errei em alguma parte?

— Todos somos mentirosos. — Sorri de queixo também erguido — Eu só arrumei uma maneira de lucrar fazendo isso.

— Um sorriso bonito não mascara a sua arrogância — esganiça.

— Palavras afiadas não descartam a sua beleza.

Os lábios avermelhados crisparam de todas as formas, menos doce. Era reflexo da determinação fria e pulsante das suas íris castanhas.

— Suponho que isso seja um flerte.

— O que veio fazer na minha mesa, se não isso? — Levo o copo de água à boca. — Me analisar não foi somente o seu jeito de demonstrar interesse*?*

— O que fez você me ouvir? — retrucou.

Apenas alguns centímetros nos distanciaram, então a nossa diferença de altura era… *significante*. Ainda assim, com o rosto inclinado para cima, ela não hesitava um segundo sequer para me enfrentar.

Interessante.

— Curiosidade... — Fui sincero. — Você tem um nome?

— Tenho.

— Vai me dizer?

Ela não respondeu, desatando o nó do avental em sua cintura no mesmo instante que uma menina, alguns anos mais nova, saiu de trás do balcão de atendimento, marchando até a minha mesa.

— Minha avó gostava de dizer que a curiosidade matou o gato.

— Tenho sete vidas, não se preocupe.

Por que não quer me dizer o seu nome, gracinha?

Sua boca se abriu para me responder, mas ela foi interrompida pelos xingamentos murmurados pela outra garota vinda do balcão. A menina sussurrou um pedido de desculpas na minha direção antes de pegar o avental e a bandeja com violência da mulher misteriosa que me atendia, até então.

— Você não é uma garçonete — pontuei, sem desviar os olhos dela, depois que a menina vai embora.

— Mas você é um homem de negócios.

Seus dedos pentearam o cabelo preto e liso, colocando todos os fios em ordem com uma graça sobre-humana.

Agitei o corpo, empurrando a cadeira em um rangido incômodo para me levantar assim que a garota se movimentou.

Talvez o que a sua avó disse fosse certo. A curiosidade fomentando-se no meu sistema poderia ser letal, principalmente quando estou muito ocupado decorando o modo como as palavras se formam na sua boca vermelha para pensar em como toda essa situação poderia ter um preço mais alto do que o negociado entre Odhor e eu.

Ela mentiu.

Em cada segundo.

E eu parei bem à sua frente, barrando seus passos.

— Até a próxima…

— Terá uma próxima? — interrompi.

Ela sorriu e eu pude notar mais de perto as poucas sardas nas bochechas rosadas, ainda mais quando a voz dela pareceu vibrar no meu pescoço.

— Talvez.

— Na próxima vez, saberei o seu nome?

Um sorriso maior surgiu.

— Talvez. Faça por merecer.

O canto da minha boca se contraiu em instinto, mas não falo nada, deixando meus olhos caírem em suas costas no momento que contorna o meu corpo para sair.

Não me passou despercebido que ela nem ao menos voltou ao balcão ou em qualquer uma das mesas para buscar algo. Seu quadril se remexeu, direcionando sua bunda perfeitamente empinada até a porta.

— Qual era o nome da mulher que estava me atendendo? — perguntei no instante em que outra garçonete, uma verdadeira, se aproximou da minha mesa para limpá-la.

A loira não levantou a cabeça para falar, limitando-se a terminar de retirar os farelos de torrada espalhados na madeira e recolher os copos de café já frios.

— Não faço a mínima ideia — respondeu após alguns segundos. — Ela não trabalha

aqui. Deu cem libras para uma das novatas pegar o avental e a bandeja para *ela*.

Meio sem jeito, a atendente pegou as notas de Odhor, engolindo em seco e saiu, ouvindo outra mesa a chamar.

Não trabalhava aqui...

Filha da puta.

Meu celular voltou a vibrar quando digitei um curto texto para Nathaniel.

***Nicolas**: Quero as filmagens da cafeteira próxima à Neal's Yard. Entre às oito e meia e dez horas.*

03

Eu sabia que você, que você viria até mim.
Dark Horse - Kate Perry

NICOLAS BERRYCHOTH

Há uma hora, eu diria que meus olhos estavam sobre um homem prestes a morrer se continuasse me irritando, mas agora eu estava olhando para outro corpo morto com um “S” desenhado no peito.

No fim, o caminho não foi algo muito distinto da minha primeira ideia para o horário do almoço. Enquanto alguns poderiam se deliciar com o aroma de uma comida caseira feita recentemente, o cheiro ácido de formol em uma mistura única ao de carne apodrecendo tomava conta do necrotério da polícia e, em consequência, de mim.

— A denúncia foi essa madrugada, estava na entrada da cidade — meu irmão falou.

Podia sentir uma ansiedade desconfortável em seu rosto. Nate nunca gostou da ideia de ficar retrucando cada ataque que acontecia pela cidade. A diversão que eu encontrava em espalhar as pistas e deixar uma casta mensagem a cada corpo era inconsequente aos seus olhos.

Ele, inclusive, desviou as pupilas, igualmente azuis às minhas, da tela do aparelho em sua mão para o corpo estirado na mesa de metal no centro do cômodo.

— É o mesmo padrão, se quiser saber. Mesmo estilo de morte e a mesma assassina.

Nate me entregou o tablet com uma sequência de fotos das outras vítimas encontradas dois anos antes. Algumas das fotografias vinham direto do banco de dados da polícia londrina, um andar acima de nós.

O acordo milionário com alguns corruptos foi o suficiente para conseguir um passe livre a esse andar.

Afinal, dinheiro rege o mundo, do céu ao inferno.

Cada nota deixava-me mais influente e poderoso do que o governo. E o status de cada um dos cifrões me permitiu constituir a alta sociedade e moldá-la ao meu desejo, deixando-os com a mentira de ter o mundo nas mãos enquanto eles estavam nas minhas.

Sob as minhas regras.

— Como você tem certeza? — Passei um par de vezes pelas fotos.

— Ela escreveu para você.

Nathaniel puxou um pequeno pedaço de papel amassado do bolso traseiro da sua calça de caxemira, desdobrando-o antes de colocar na minha mão.

— E deixou um presentinho. — Repuxou os lábios, sem humor, e meneou a cabeça em direção a uma adaga com cabo de madrepérola preto dentro de um saco plástico sobre uma das mesas de metal.

A caligrafia simples no papel amarelado poderia ser reconhecida por mim a quilômetros de distância. Meu coração bateu forte no peito.

Eu deveria ter esperado por isso.

Porra!

Alguém como ela não desaparece, apenas se esconde nas sombras como um maldito fantasma que voltaria para aterrorizar o meu caminho… para brincar com o maníaco dentro de mim que quase podia sentir o gosto ansioso da espera pelo próximo passo *dela*.

O quão entediante estavam os meus dias?

Eu sentia falta de algo para prender a minha atenção. Um desafio. Isso era fato. Mas quase salivei por ter algo novo ao qual poderia afundar os dentes.

E sei que um brilho doentio também se apossou dos meus olhos pelas palavras de Nathaniel:

— Não deveria parecer tão empolgado.

— Eu *não deveria* fazer muitas das coisas que faço. Coloque mais isso na lista.

Meu irmão fez um gesto de desfeita com as mãos, rolando os olhos.

Descobri ser uma mulher por trás da pilha de corpos deixados para trás assim que toquei no primeiro bilhete. E, claro, o mínimo que pude fazer foi responder à altura e mandar um bilhetinho para ela através de um corpo também.

E seria o que eu faria, mais uma vez.

Porque se tinha algo delicioso pelo qual eu ansiava, era alimentar nossas conversas até um dia eu conseguir dar um rosto à dona das facas que eu obsessivamente colecionei. A emoção da perseguição penetrava meus ossos, a expectativa de pegá-la... Merda, me deixava tonto.

E talvez um dia materialize a imagem grotesca de cortá-la com uma de suas próprias armas, deixando feridas que se fecharão com um lembrete de com quem ela resolveu brincar de gato e rato.

Desabotoei o único fecho do sobretudo pesado, precisando fazer algo com as minhas mãos.

— Se seguirmos o padrão com exatidão — Nate interrompeu minha linha de pensamento — , terá outro corpo em 72 horas.

Assenti e devolvi o tablet.

Nate sempre foi o mais contido e direto dos três herdeiros de Theodore Berrychoth. Eu poderia ser capaz de analisar e decorar muito bem quem eram os meus alvos e como tratá-los para conseguir o que eu queria. Meu irmão do meio analisaria o alvo para saber a melhor forma de executá-lo sem que sujasse a sua camisa com uma gota de sangue.

— E sobre as filmagens de hoje cedo, a garota...

Com seis palavras, meu irmão teve a minha total atenção.

— Ela é médica, começou dois meses atrás no Martin West Hospital.



Puxei a porta do armário de madeira escura, expondo uma sequência de adagas penduradas em pequenos fechos de metal acoplados ao fundo do móvel.

Uma exposição pessoal a qual eu tinha muito cuidado para manter em perfeito estado.

Corri os olhos à procura de um espaço vazio. Tirei a lâmina do saco plástico da polícia, sentindo um pouco do seu peso na minha mão, antes de guardá-la com as outras adagas. Eram leves como plumas, porém mais afiadas do que o melhor conjunto de navalhas disponíveis no mercado.

Tocar em cada uma delas, girando-as na mão ou somente sentindo o seu peso, faziam a minha cabeça fluir por horas, criando imagens de mãos pequenas se fechando com determinação em volta dos cabos de madrepérola.

Perguntei-me diversas vezes se teria uma pele lisa ou uma recheada de machucados e cicatrizes do passado, se agiria com a delicadeza treinada de cada assassinato no seu dia a dia…

Ela, definitivamente, agia, respondi a mim mesmo.

Cerrei os dentes junto à resposta e bati a porta do armário, fechando-a com força. Levou menos de alguns segundos para os mesmos dedos tocarem a minha própria mandíbula depois que joguei o meu corpo em uma das cadeiras do escritório.

Por baixo dos poucos pelos que cobriam o músculo retraído da minha mandíbula, uma linha branca se estendia, seguindo a linha do osso maxilar. Uma das poucas memórias do dia que a mesma mulher com que eu trocava bilhetes assassinos tentou me matar e, logo depois, desapareceu do mapa.

Sorte a dela que a minha memória nunca foi do tipo que se esquecia fácil.

Ainda mais quando ela era a única mulher capaz de despertar um tipo de raiva incomodante, a ponto de eu querer a sua cabeça em minha mesa. Agora, todavia, não queria matá-la de cara, não antes de me divertir com a nossa dinâmica.

Meu pau cresceu ao pensar em parti-la de todas as formas… De corromper o restante de sua alma até que fôssemos a merda de dois carniceiros prestes a descobrir quem daria o último tiro.

Delícia.

Um sorriso cresceu na minha boca no mesmo momento que uma mensagem curta do meu irmão apareceu na tela do computador em cima da mesa.

Eu nunca desligava o aparelho de verdade, deixando o *MacBook* num eterno *stand-by*. E, mais de uma vez por dia, sua tela se acendia com uma mensagem de Nathaniel ou Matteo.

No modo padrão, eu só tiraria o meu olhar da tela e me concentraria outra vez em dar um nome à assassina que percorria os meus pensamentos desde que apareceu pela primeira vez.

Entretanto, como um farol, o nome digitado por Nate e um pequeno *link* conseguem afastar toda a escuridão da minha mente para dar lugar ao meu novo ponto de curiosidade:

Clara Rossi.

Meus dedos largam o meu rosto formigando para tocar no teclado.

Nathaniel: *Verifiquei as redes sociais da garota. Não há muitas fotos, o perfil é recente, apenas algumas sozinhas e umas paisagens.*

Na primeira foto, seus cabelos estavam um pouco mais claros, pairando sobre os ombros e os dedos segurando uma flor vermelha. Clara estava sorrindo com uma das mãos estendidas em direção à câmera.

O brilho em seu olhar transmitia alegria e o seu sorriso era tão genuíno que foi impossível não imaginar como seria ser o alvo de algo assim.

Nathaniel: *Quer que Matteo mande alguém atrás dela?*

Movi meu dedo sobre a tela, enervado por me pegar interessado em uma mulher aleatória.

Maldita seja a sensação ardente correndo em algum lugar no fundo da minha cabeça, apenas por olhá-la.

Nicolas: *Não. Eu cuido disso.*

Clara Rossi era muito interessante para dividi-la com qualquer outra pessoa.

04

O meu prazer é a dor deles.
Eu amo assistir os castelos queimarem.
Play With Fire - Sam Tinnesz

CLARA ROSSI

Ian Odhor era um traficantezinho de merda.

Nada poderia me convencer do contrário, olhando para o contorno do seu corpo rechonchudo refletido nos vitrais do banco central.

O gerente que o atendia olhava espantado para a quantidade de dinheiro que esse velho filho da puta tentava guardar no pequeno espaço de sua mala.

Soltei um bufo, puxando o peso do meu corpo mais uma vez para cima. A praça em frente ao banco serviu como um bom esconderijo temporário, uma parada estratégica para vigiá-lo.

Eu precisava observá-lo de perto, saber até onde um homem como ele poderia me levar antes que a minha faca conhecesse o contorno de sua garganta.

Conforme o tempo decorria e eu continuava fazendo puxadas na barra de metal no centro da praça, repensei sobre a ideia de não matá-lo de uma vez. O tempo de espera tornou-se tão entediante quanto a conversa dele com o gerente do banco aparentava estar sendo.

Mais uma vez, fiz o movimento da puxada, encaixando as escápulas e respirando fundo a cada gota de suor que escorria por toda a face. Minha cabeça ficou um pouco mais alta do que a barra de metal azulada, estabilizei alguns segundos e depois desci, deixando os braços quase esticados.

Fiz de novo... De novo... E de novo.

Odhor não tinha movido um único passo para fora do banco.

E eu já sentia o início da fadiga dos músculos dos meus braços queimando a cada vez que os esticava por completo. Também sentia o peso de pares de olhos nas minhas costas, observando enquanto eu me exercitava em uma praça qualquer.

Eu não deveria chamar atenção alguma.

Mas, coberta somente pela malha fina de um top, grande parte da minha pele estava exposta... Uma pele pálida recoberta por grandes linhas ainda mais brancas marcadas pelo meu passado.

Os olhares eram por isso.

Um tipo específico que misturava curiosidade e pena. Os recebi a vida toda e em algum momento, só parei de ligar ou me esconder para eles não acontecerem.

Abri as mãos para descer da barra e firmei os pés no chão numa flexão de joelhos, sentindo um leve fisgar de dor na panturrilha. As horas em cima de um salto alto no dia anterior estavam cobrando a sua punição.

Sorvi um gole de água da garrafa que estava perto de onde me exercitei, deslizando meus olhos até o outro lado da rua sobre a borda de plástico.

Quase sorri ao ver os cabelos grisalhos de Ian Odhor saírem primeiro que ele através da porta giratória.

A maleta de couro entre os seus dedos puxavam o seu ombro para baixo devido ao peso de todas as libras. Seus passos foram rápidos até a esquina, tão rápidos quanto os meus dedos enfiando um par de fones nas orelhas e apertando *play* em uma nova música.

Meus pés começam uma corrida para seguir esse velho maldito, mantendo-me sempre à uma quadra de distância.

Ian Odhor era um dos homens o qual faria qualquer coisa a quem lhe pagasse mais. Sua única lealdade estava no dinheiro. E que Deus tivesse piedade do restante.

Uma piedade que não pude experimentar. Na verdade, fazia quase dez dolorosos anos desde o dia em que senti o gosto ácido de estar ao lado da moeda que não poderia pagá-lo.

Seu nome foi um dos primeiros que anotei na minha lista por isso, é claro.

Infelizmente, não foi um dos primeiros a deixar a sua merda de existência na Terra, porque ele era um velho difícil de achar.

Até ontem.

A presença de um dos responsáveis pela morte dos meus pais em um simples café londrino fez um tipo estranho de adrenalina correr nas minhas veias.

Eu o cacei por todos os bueiros do Reino Unido para achá-lo ali, com um homem que, quem quer que fosse, foi autoridade máxima na mesa. O estranho demonstrou isso na sua postura, no terno com o valor de um carro esportivo, nas mãos tatuadas pousadas sobre a mesa com tranquilidade, mas, principalmente, no sorriso suave adornando o rosto bonito e severo.

Uma estranha curiosidade me abateu quando coloquei meus olhos nos seus. O suficiente para me aproximar, após entregar uma nota de cem libras a uma garçonete adolescente.

Ele era o típico espécime que eu gostava de brincar: gostoso, rico e que, com toda certeza, sabia como foder uma mulher.

E deixei a minha atenção nele enquanto observava, pela visão periférica, o carro em que Ian entrou em frente ao café. O som do motor do *Virtus* foi o que motivou meus passos em direção à porta, encerrando a conversa com o misterioso acompanhante do velho.

Meus lábios moveram-se durante cada passo até a esquina seguinte, sussurrando a sequência da placa para eu não esquecer, até estar longe de olhos curiosos e digitá-la no celular.

A mesma placa que meus olhos iam de encontro nesse exato instante.

Minhas costas bateram contra o muro mais próximo e meus dedos puxaram os fones enquanto tomei tímidos fôlegos de ar.

— Fechei o acordo! — Reconheci a voz de imediato. Ian.

— Esperava que fosse precisar de mais algumas horas.

— Essa família é egocêntrica demais para desconfiar de um velho como eu.

Esgueirei o rosto pelo muro, vendo as rugas próximas aos olhos movimentando-se devido ao seu sorriso amarelado em direção ao outro que lhe acompanhava.

Nas imagens recriadas pela minha cabeça durantes as péssimas noites de sono, revivendo cada gota de sangue derramada, os gritos, as súplicas, o desespero, enquanto colocava os rostos dos culpados em cena… em todos os meus pesadelos, Odhor tinha a feição que exibia agora.

Nem senti o momento em que as minhas mãos se fecharam em punho, somente a perfuração das unhas curtas na minha palma e um baixo chiado saindo pelos meus lábios. Reflexo maldito. Forcei os dedos para fora, esticando-o na tentativa de relaxar.

Então, fiz outra vez.

E outra.

Nunca acreditei em perdão, diria ser a personificação da tolice. Pessoas podres seriam podres para sempre, esperando a sua segunda chance para cometer outro erro. Ian entregou a minha família por alguns dólares; sua mira, hoje, estava em outra por algumas milhares de libras. Os cifrões poderiam mudar, mas lá estava ele, vendendo-se mais uma vez a quem pagasse mais.

— Tem dois milhões a menos do que acordamos aqui — reclamou.

— Seu trabalho foi mais fácil do que acordamos também. — O descontentamento ficou evidente no sotaque russo e o som das vogais repuxadas arrepiou a minha espinha.

Odiava esses filhos da puta também.

— Ei, garoto! Não é assim que os negócios funcionam. Cada um…

O russo puxou seu casaco para o lado e o metal de uma pistola presa em seu cinto, brilhou.

— Parece que eu esqueci de explicar algumas regras básicas a você.

— Regras? Quem diabos você pensa que é? — Ian riu, jogando a sua tão preciosa maleta no chão para também mostrar a arma carregada consigo.

Se os dois mijassem no poste próximo ao final da rua, o cheiro de testosterona definitivamente seria menor.

Aconteceu rápido, e se não fosse pelos meus olhos treinados, não poderia acompanhar o instante em que o russo sacou a arma, batendo-a na cabeça de Ian.

O grito de dor do velho era, no mínimo, excruciante, e deveria gerar algum tipo de pena no meu interior, mas tudo o que sinto se resume à pura satisfação.

— É assim que os negócios russos funcionam. — O homem jogou uma mala de viagem ao lado de onde estava a maleta do velho. — Aceite o dinheiro e cale a boca.

— E-eu…

— Esse negócio vai valer muito mais a pena para mim quando eu te matar, então cale a boca antes que eu considere isso a merda de uma boa ideia.

Os sons da respiração de Ian eram ruidosos, seu peito parecia sofrer para oxigenar todo o seu corpo.

Ele estava velho e como os seus próprios lábios pronunciaram, o homem à sua frente era um garoto, então, por mais que os punhos de Odhor tenham se aberto e fechado ao lado do corpo com raiva, ele concordou com a cabeça, entregando a cópia do documento que tinha assinado na cafeteria.

Contra russos, o traficante escocês não teria a mínima chance.

E pela primeira vez em muitos anos, eu agradeci a ascendência do sangue em minhas veias. Mas diferente do soldado, eu não iria machucar Ian Odhor, eu iria matá-lo e mostrar com exatidão como os russos tratam velhos covardes e estúpidos.

— O Cavalo de Troia ainda irá acontecer na primeira entrega, prepare seus homens — o mais jovem finalizou, deixando dois tapinhas curtos no rosto do outro.

Ele se virou de costas entrando de novo no *Virtus* e cantou pneu até a próxima quadra, desaparecendo entre as ruas.

Ian, todavia, ainda ficou mais alguns minutos estático, olhando para a frente. Só se abaixou para segurar todo o dinheiro nos braços. O supercílio abriu um pequeno corte, por isso, um pouco de sangue descia até o seu queixo. Ele não deu a mínima.

Se eu achava que a maleta de couro pesava o seu ombro a ponto de puxá-lo para baixo, a mala em seus braços o transformava em corcunda.

Encarei a rua sem saída. Estava completamente vazia.

E Ian estava quase embalado, com um lindo laço vermelho para presente, sozinho no meio dela.

Após tantas vezes tentando achar a oportunidade ideal para matá-lo, ela caiu em meu colo de forma tão simples que os meus pés hesitaram em caminhar na direção dele.

Meus olhos se afiam, subindo pelas paredes, procurando alguém nas janelas dos prédios, um pedestre, um carro.

Mas não há.

Não há nada além de Odhor e os milhões pelo qual ele vendeu uma família como fez com a minha.

O sangue nas minhas veias corre mais rápido, euforia e adrenalina dançando livres.

Não há nada além do meu ódio.

Eu realmente odeio a forma como o assisto sorrir para o nada, abraçando o dinheiro em toda a sua glória. De como ele deve ter sorrido da mesma maneira quando eu era uma garotinha fraca e soluçante, incapaz de defender os meus pais.

Ele deve se lembrar, misturar as sensações do passado e presente, ambos os momentos os quais vendeu vidas para rechear os bolsos e gastar cada centavo com putas e sexo barato.

Deve se lembrar o quão facilmente dominou e venceu, vigorando sobre o seu controle em uma situação mortal para todos, menos ele…

Organizei meu coque, prendendo todos os fios acima da cabeça, tomei mais um gole de água, me abaixando para pegar o cadarço do tênis e continuei a minha corrida inocente até onde ele estava.

Meu punho fechado com força era um detalhe mínimo em todo o meu corpo, movimentando-se em sua direção.

Quando chego próxima dele, meus olhos desviam para os arredores, na tentativa de achar alguma testemunha ou algo que prove que tudo isso é uma emboscada.

Nada, de novo.

Eu me certifiquei de observá-lo nos últimos três dias desde o encontro na cafeteria. Odhor não se encontrou com ninguém, além do soldado russo. Andava sozinho, por ruas mal-habitadas.

Puxei o ar e trombei meu corpo no dele, derrubando suas malas de dinheiro a alguns metros para longe.

— Porra! — esganiçou. — Ficou cega?

— Me desculpe, meu Deus, não vi o senhor. Está tudo bem? Você se machucou?

Minhas palavras atropelam umas às outras, deixando um claro tom de afobação assumir.

Odhor desceu seus olhos até mim e não parou mais do que alguns segundos em meu rosto. Ele não me reconhecia.

— Não... — Negou com a cabeça, se referindo ao corte no rosto. — Isso não foi você.

As mãos dele se agitam na frente do rosto. O estresse dele era palpável. Ian aparenta estar até mesmo um pouco desnorteado.

O golpe em sua cabeça deve ter deslocado seus poucos neurônios funcionantes do lugar.

Finjo ir embora, mas bato o meu ombro contra o dele, de novo.

— Devo estar ficando transparente para quase passar por cima de mim — resmungou, passando os dedos entre os cabelos brancos.

— Eu estou sem os meus óculos. — Embolei o fio do cadarço na mão, passando-o com voltas no dorso — Realmente não estou enxergando muita coisa.

Ele se desfaz, rolando os olhos e movimentando as mãos em sinal de indignação.

— Por que ao invés de ficar aí parada, não me ajuda a pegar as malas que você mesma derrubou?

— E-eu — falhei a voz mais uma vez, propositalmente. — Claro, ajudo o senhor, é o mínimo que posso fazer.

Ian bufou, elevando as sobrancelhas durante os seus passos até as maletas de couro.

Girei o pulso, soltando uma parte do cadarço branco para prendê-lo na outra mão, formando uma haste rígida. Obcecado pelo dinheiro, ele caminhou até elas sem olhar um instante sequer para os lados. E eu caminhei atrás dele.

Passo a passo, retorcendo com mais força o cadarço. Passo a passo, mais perto de seu corpo. Passo a passo, sentindo o seu perfume repugnante ficar mais forte.

— Você irá me ajudar ou não?

Mordisquei a boca, segurando uma gargalhada irônica.

— Estou logo atrás de você...

No momento em que ele se abaixou para pegar a mala, passei a corda em seu pescoço, puxando-a na minha direção. Antes mesmo que os olhos dele pudessem se arregalar, eu bati a ponta dos meus joelhos na parte interior dos dele. Sob um grito, o corpo do velho dobrou-se para trás.

Cada membro do meu corpo vibrou em excitação. Nos meus ouvidos, seu murmúrios e engasgar assemelhava-se à sinfonia de uma orquestra. Era música, assim como as lágrimas saindo por seus olhos logo depois.

— Se lembra de mim, Ian? — falei baixinho, próximo ao seu ouvido. — Ou dos meus pais?

— Não sei do que está falando… sua maluca…

Meus lábios se repuxaram.

— Eu tinha quatorze na última vez que você foi a minha casa e fez a minha mãe implorar pela vida dela. Como foi mesmo que você disse? — Fingi parar um pouco para refletir palavras que há muito estavam na ponta da minha língua. — *Seja uma putinha dócil e não grite muito.*

As pupilas dele dilataram e seu corpo se movimentou muito mais inquieto do que em todo o tempo que estava ameaçando a sua vida.

— Mas que merda...

— Lembra como você perfurou o estômago dela enquanto a estuprava e minha mãe implorava para que você parasse?

A cabeça dele se moveu, negando com veemência.

— Não tinha mais ninguém naquele dia…

— Você tem certeza?

Uma ponta de dúvida invadiu as suas feições. Poderia chutar que a sua mente repassava cada momento daquela noite à procura do erro.

Eu ainda o enforcava, retirando o ar de seus pulmões. O cadarço já deixava uma marca na pele branca da garganta.

Ian tentou usar o seu peso para se livrar de mim, jogando-se para a frente, mas o puxei para trás com mais força e seus dedos subiram para onde o cadarço marcava.

— P-por favor...

— Você vendeu a vida de pessoas importantes para mim, nada mais justo do que eu cobrar o preço tirando a sua agora — respondi.

Minha boca quase tocava na orelha dele. Meus sussurros eram baixos e firmes. Em cada

palavra proferida, o pânico se tornava gritante em seu rosto. A feição debochada, largada às traças.

— Por favor... — chiou mais uma vez.

— Implorando, querido? — Soprei um riso. — Jura?

Puxei meu braço um pouco mais para trás, aumentando o aperto na traqueia dele. A respiração de Ian estava ofegante e falha quando falei mais uma vez:

— A sua sorte é que eu preciso acabar isso rápido, senão eu faria questão de fazer você engolir cada centímetro do seu pau asqueroso.

Silêncio foi a minha única resposta.

— Iria te ensinar a se comportar como uma putinha silenciosa...

Chutei as pernas dele.

Ele fechou os olhos, mas isso não diminuiu o estrangulamento.

A raiva... A dor... O ódio... semeavam cada ato meu, fortalecendo a força nos meus punhos em todas as vezes que Odhor tentou arranhar a minha carne.

Um dedo deslizou para a sua jugular, sentindo o pulso ficando mais fraco.

A vida dele se esvaiu em minhas mãos e ainda não pareceu ser o suficiente para aplacar a memória do corpo da minha mãe se arrastando no chão, me mandando fugir.

Ela deu a sua vida por mim.

E cobraria o preço de outra vida por isso.

Os pés de Ian empurravam o chão, debatendo-se, seu corpo todo se mexeu em busca de liberdade, mas ele nunca a alcançou.

Não sob as minhas mãos.

— Te vejo no inferno — sussurrei para ele mais uma vez.



Um rastro de vermelho se fez presente quando tirei o cadarço da garganta dele.

O atrito dos apertos causou pequenas escoriações na pele, o suficiente para formar uma fina linha escarlate ali.

Seus lábios estavam arroxeados, combinado com perfeição aos seus olhos vítreos e esbugalhados. Não havia qualquer sinal de vida em seu rosto.

Meu coração explodiu em uma sequência sobre-humana de batimentos. O som do sangue correndo livremente tornou-se mais barulhento do que o choque do corpo de Ian batendo no chão.

Respirei fundo, inclinando a cabeça para o céu e sorri.

Porra, eu estava mais leve.

Estalando o pescoço, peguei os meus fones e os coloquei para tocar de novo.

A música seguiu meus passos até uma das malas. A abri, procurando em meio a todo dinheiro uma caneta. Alguém teria que vir fazer a limpeza, mas não seria eu.

Quem mata, nunca limpa o chão.

Com uma nota de cem libras apoiada na palma da mão, testei a caneta em um canto dela antes de começar a rabiscar a cara da *Rainha Elizabeth* com a minha caligrafia.

Meu *querido objetivo* não me enviou nenhuma flor, então tentei soar um pouco mais… incisiva nas minhas palavras.

Estava farta do seu silêncio.

Examinei o pequeno recado e o aprovei, mordiscando o lábio inferior.

Deixei a nota no bolso frontal da camisa de Ian e segurei o ímpeto de cuspir em seu rosto, mas desisti. Não precisava de nenhuma parte do meu DNA grudada no seu corpo podre.

Peguei as duas malas de dinheiro, joguei a caneta que usei dentro de uma delas e saí a passos rápidos da rua sem saída.

Iniciei uma corrida, logo depois de despejar alguns milhões dentro de uma lixeira de rua. Voltaria para pegar depois.

Correndo no meio da avenida, em direção à minha casa, balancei a cabeça negativamente, rindo.

Ele iria xingar algumas vezes assim que colocasse os olhos naquele bilhete:

"Achei que fosse mais inteligente e não se misturasse com pessoas que se vendem mais fácil do que prostitutas abrem as pernas. Te fiz um favor e os meus favores custam caro, então espero que o dinheiro não faça falta no fim do mês, usarei para comprar alguns vestidos."

No outro dia, tarde da noite, peguei um jornal em exposição na banca em frente ao apartamento que estava. Uma foto censurada de um corpo encontrado próximo a um tribunal era a manchete e ocupava quase toda a primeira página.

Um pouco acima do corpo, a fotografia focava em um pequeno bilhete com uma rosa branca ao lado.

Reconheceria aquelas letras em qualquer lugar.

Deus, eu ainda iria matá-lo um dia.

Enfiei o jornal debaixo do braço e tomei mais um gole do café no copo descartável em minhas mãos.

Presunçoso do caralho.

Rolei os olhos, murmurando a frase do bilhete com asco enquanto voltava para o meu outro trabalho, no hospital:

"Compre vestidos brancos, minha ladra malcriada."



Eu sou um titã que está se levantando.
Ah, apenas assista.
Legends Are Made - Sam Tinnesz

CLARA ROSSI

Há quatro anos | Sicília, Itália

Eu. Estava. Puta.

— Não vai falar nada, Clara?

Subi os olhos do celular.

Um sentimento corrosivo estava pulsando de modo mais intenso a cada palavra de Moretti. A indignação me atormentava enquanto passeava entre um aplicativo e outro no telefone, sem realmente prestar atenção em qualquer um deles.

Tentei me manter neutra diante do discurso dele antes de sairmos de casa.

Eu o ouvi com atenção, mordendo a parte interna da boca para não retrucar. Baixei a cabeça e aceitei em uma passividade que poderia corroer a minha carne de fora para dentro com facilidade.

O fato de ser um comportamento aprovado pela maioria, já me faria, de primeira, não seguir por esse caminho.

Mas, ainda assim, o fiz, entrando no carro calada para irmos ao centro de treinamento.

Eu precisava descontar toda essa bagunça sentimental dentro de mim em um saco de areia para não ser na garganta do homem dirigindo esse carro.

— Sua esposa está te dando pouca atenção? Por isso está enchendo a minha paciência?

Apesar do tom contido, por dentro, apenas uma fina linha segurava a minha raiva.

Não perdi o olhar repressor.

Eu gostaria muito de poder retribuir, mas estava presa às suas boas vontades e ao seu carro de marca em alta velocidade.

Se eu tentasse saltar, não sobraria muito do meu corpo depois de ser ralado no asfalto.

— Dessa vez, tente falar algo que não envolva o *meu casamento*. — Piscou para mim. Somente a palavra "casamento" causava-me arrepios. — O que você realmente quer falar?

A faculdade tinha acabado há um mês, talvez eu conseguisse rasgar a garganta dele e consertar depois. A ideia não me parecia horripilante, mas talvez, a cicatriz ficasse.

— Você não me deu escolha. Não há o porquê eu gastar saliva.

— Isso não é muito do seu feitio.

— Não deveria estar feliz por, pelo menos uma vez, eu não querer brigar e debater?

— Isso não quer dizer que você aceita.

— Minha opinião não pareceu de extrema importância quando você quis assinar um contrato no meu nome.

— Clara… — Fechou os olhos assim que parou no primeiro sinal. — Não vai funcionar desse jeito.

A rua não tinha nada além de nós dois e um SUV preto com os seguranças de Moretti dentro. Não tinha por que ele parar. Enrico já gastou milhões demais comprando a polícia para estar na lista dos que receberiam uma multa por furar um sinal de trânsito.

Ainda assim, o carro seguiu parado.

Bati os dedos na perna, agoniada. Meu peito estava pesado, não com medo, mas algo semelhante à desilusão.

Em um segundo, toda a vida a qual eu tinha um controle, não existia mais. Com cinco palavras, Moretti o arrancou. E não havia como eu retomá-lo.

Ele me deixou impune. Ele me deixou sob o poder de escolha de outras pessoas.

O ritmo dos dedos contra a minha perna aumentaram.

Eu não gostava de perder o controle. Muito menos gostava da enxurrada de lembranças agarrando a minha mente e enficando suas unhas para me atormentar a cada vez que isso acontecia.

Sem o domínio das coisas à minha volta, eu também não tinha o controle de algo tão trivial dentro de mim: meus pensamentos.

O silêncio. O medo nas veias. A vontade de encolher o meu corpo e passar os braços pelos joelhos ameaçavam tomar o resquício de controle que tinha do meu próprio corpo em uma viagem no tempo para o dia em que tudo ruiu.

Meus dedos bateram mais rápido.

Uma… Duas… Três vezes… O barulho deveria ser mínimo, mas o silêncio instaurado enquanto Enrico esperava por uma resposta minha, fez parecer cada toque como um pequeno estrondo mental.

Toc. Toc. Toc.

Um… Dois… Três…

Meu indicador bateu pela quarta vez.

Um… Dois… Três… Quatro.

Quatro tiros.

Minha mãe gritando.

Meu pai se arrastando no chão, deixando marcas de sangue para trás.

Afundei as unhas na palma da mão.

Não vou por esse caminho. Não de novo. Eu não posso me perder dessa vez.

— Não quero que funcione… — falei, respirando fundo. — Sendo sincera.

O movimento agoniado saiu dos meus dedos da mão e foi para os pés.

Minha perna balançou num tique rápido.

— Gosto de onde estou. Com as pessoas que estou. Da minha rotina.

Um… Dois… Três… Quatro.

Quatro tiros.

Dois corpos no chão.

Sem mais cafés da manhã em família. Sem mais o meu pai dançando comigo. Sem mais sorrisos. Sem mais broncas da mamãe por eu xingar como um velho de beira de estrada.

Sem mais um lar. Mas será que em algum momento ele existiu?

Fechei os olhos com a respiração descompassada.

Precisa parar. Por favor… precisa parar.

— É isso o que está querendo de verdade? Ficar? — Enrico olhou para mim. — Fale de

uma vez.

A raiva ferveu um pouco mais pela sua fala autoritária.

— Eu queria que eu fosse mais importante do que um acordo vantajoso.

— Você não é um.

— Tem certeza? — Virei o meu corpo no banco, soltando o cinto de segurança. — Porque não é o que parece.

Seu olhar subiu ao meu, mas logo desviou, focando na rua vazia à sua frente.

— Não distorça as coisas.

— Eu que estou distorcendo, porra?

— Olha a boca.

— Vai à merda. Você e esse seu acordo.

— Clara…

Ele abaixou a cabeça, apoiando a testa no volante em sinal de cansaço.

— Não é tão ruim quanto parece e…

Uma risada amarga escapuliu da minha garganta junto a uma única lágrima tortuosa do meu olho esquerdo.

A gota salgada escorreu até o meu queixo, sem ninguém para limpá-la.

Por anos, me perguntei o porquê de escolher abrigar a filha de uma organização inimiga da sua.

Por anos, me questionei qual seria a dívida que os meus pais teriam para o *Don* da Casa Nostra me colocar debaixo das suas asas.

Mas nunca foi sangue, dívida ou vingança. E, sim, sobre o que eu tinha no meio das pernas.

— Pare, ok? — Uma segunda lágrima escorreu. — Só pare.

O peso de ser usada me inundou.

Eu precisava de ar.

Acho que meus pulmões não sabiam mais como respirar.

A sensação de uma mão apertando a minha garganta se alastrou, roubando minha sanidade e me deixando volátil.

Eu tentei reunir todo o meu fôlego. Eu tentei respirar devagar.

Mas o ar se tornava mais rarefeito a cada gota de sangue que escorria nas minhas memórias.

— Não fale nada, p-por favor. — Não consegui frear a rouquidão na voz. — Pelo menos uma vez na vida, desça da merda do pedestal que ser o chefe da *famiglia* te colocou e olhe para algo além do seu umbigo.

A minha única ação foi continuar respirando, tentando me estabilizar.

— Estamos falando da minha vida. E eu não sou uma bonequinha de cristal que é moldada a seu bel-prazer. Eu. Não. Sou. Igual. A. Sua. Filha.

Eu não tinha mais voz quando enfim consegui pronunciar o que pensei por toda a manhã:

— Eu nunca conseguiria ser como ela.

Não que eu tenha visto a menina muitas vezes para comparar. Mas sempre esperei um reflexo perfeito de Lina Moretti, um pouco mais jovem. Loira, olhos claros e um rosto transparecendo vida. Alguém a quem os homens de humor sombrio da *Cosa Nostra* gostaria de ter ao lado. Uma esposa perfeita.

Eu estava mais perto de ser um deles do que a mulher com quem dividiriam uma cama pelo resto da vida.

Apertei as unhas mais fortemente contra a palma. Um pouco de sangue escorreu. Moretti não viu, focado novamente na estrada que parecia me engolir a cada novo quilômetro andado.

— Não nasci e nem fui criada para ser vendida para um casamento e ter que encenar a esposa perfeita, Enrico — terminei, usando o último resquício de força em mim.

— Você não precisa ser perfeita.

— Para o carro.

— O quê? — O tom dele saiu surpreso.

Minha perna balançou.

Um… Dois… Três… Quatro…

Um… Dois… Três… Quatro…

Um… Dois… Três… Quatro…

— Para o carro, ou eu vou abrir a porta e pular.

Não sei se pelo meu estado alterado, voz ou rosto, mas ele fez o que mandei.

Abri a porta e pulei do carro, sentindo os pingos grossos da água da chuva.

— Não vou participar desse circo, se você quiser que alguém se case, dê a sua esposa como prêmio. Mas não eu. — O desgosto se tornou presente. — Nunca eu.

Agradeci a chuva, com um corpo encharcado e os cabelos escorrendo, as pequenas gotas distintamente salgadas percorrendo as minhas bochechas não poderiam ser notadas.

— Quando as coisas desandaram? — Limpou o rosto com agressividade, penteando os fios loiros escuros para trás.

— No momento em que você abriu a boca e se achou no direito de vender a minha vida para um dos seus homens. Eu não sou uma prostituta. Meu corpo não tem preço.

Cada palavra foi como uma faca nas minhas entranhas.

— Se virar as costas e não entrar nesse carro, a sua cabeça terá. — Em sua fala, eu vi com clareza a face do homem que comandava os seus negócios há duas décadas.

— Também não sou uma desertora, Enrico. Nunca fiz um juramento a você.

Seus olhos se cravaram nos meus. Eu não desviei.

Mas, minutos depois, ele o fez.

Todos faziam.

Fugindo do mundo de dor e angústia preso dentro de mim.

Bati a porta do carro com o corpo tremendo por dentro. Frio. Ansiedade. Medo. Decepção. Uma mistura de todos. Eu não sabia.

Entretanto, a máscara de um ser inatingível cobriu o meu rosto. E continuou até eu ver o carro dele e de seus homens correrem no asfalto para longe de mim.

Só então abri a palma da mão. O líquido vermelho caiu na minha bota de salto preta. O entorno dos meus dedos estavam manchados pelo fluido das pequenas perfurações onde as minhas unhas estavam.

Escorrendo da mesma forma quando tracei uma linha profunda nos pulsos.

Tinha uma faca nas botas, mas não tive o desejo de pegá-la.

Eu precisava estar viva, no controle, e em liberdade.

Enrico não entendia. Mas foda-se a esposa perfeita e seu acordo.

Não queria um casamento. Queria sangrar os responsáveis pelos meus pesadelos. Queria alastrar a dor por seus membros na mesma intensidade que ela me punia a cada vez que os meus pensamentos visitavam o passado.

Eu não queria cura. Eu queria vingança.

Com a mão suja, limpei as poucas lágrimas restantes ao toque da minha pele. Um rastro

escarlate fez e se desfez rapidamente contra a minha pele branca, por causa da água. Ainda assim, considerei a minha marca de guerra.

Iria aproveitar o cartão ilimitado na capinha do meu celular, que estava no bolso traseiro do jeans, e iria para bem longe dali e onde tudo começou.

Minha terra natal: Rússia.

LONDON NEWS, 13 de junho de 2023

Eles estão de volta: Conheça o caso da Rosa Branca e Adaga.

"Após três anos calmos, Londres, na última semana, foi palco de dois assassinatos brutais. Ambas as vítimas têm identidades desconhecidas, porém o que vem chocando a internet e, em especial, os moradores da cidade da Rainha, são as assinaturas dos crimes.

No início da semana, o corpo de um homem na faixa dos trinta e cinco anos foi encontrado esfaqueado em uma das regiões mais pobres do perímetro metropolitano. A faca e o pequeno pedaço de papel evidenciaram o autor do crime como o mesmo do caso Adaga.

Entretanto, nessa tarde de quinta-feira, a polícia encontrou o que poderia ser a resposta ao primeiro crime, já que o outro morto encontrado segurava uma rosa branca e mais um pequeno bilhete.

Quantos ainda irão morrer até que eles se cansem mais uma vez?"

05

Somos nós os caçadores?
Ou somos nós a presa?
Game Of Survival - Ruelle

CLARA ROSSI

Uma semana depois

Ter dois *"empregos"* era uma idiotice.

Principalmente quando você faz um de dia e o outro de madrugada.

Minhas pálpebras caíam exaustas sobre os cílios depois de outra noite em claro. Mantê-las abertas tornava-se, com facilidade, um trabalho excruciante. Um que eu não queria ter.

Na verdade, tudo o que eu queria era manter aqueles poucos minutos de calmaria recostada em uma parede na escuridão devido aos meus olhos fechados.

— Você deveria ser mais sociável — Anna Price falou.

— Eu sou sociável. — Meus olhos continuavam fechados.

— O esfregão da limpeza fala mais do que você, querida.

— Estou bem da forma como estou.

Não que eu tenha visto, mas a certeza de que Anna desfez a minha afirmação com gestos era tão certeira quanto a chuva ser molhada.

— Ninguém está bem em ser solitária e você é jovem demais para isso.

— Ser sozinha é uma escolha.

— A vida vai te ensinar que, diferente de querer estar sozinha, a solidão é falta de escolha, escute a jovem senhora falando.

— A meia-idade vem junto a um curso de filosofia?

Ela riu e eu abri os olhos, desistindo de dormir.

Não gostava de como a enfermeira parecia uma versão feminina de Enrico Moretti na minha adolescência. Eles se pareciam de uma forma irritante, surgindo com frases filosóficas de formas aleatórias, chamando minha atenção ou mesmo me forçando a ser mais amigável.

— Por que começou essa conversa, Anna?

A enfermeira deu de ombros, soltando um suspiro.

Ela estava chegando aos seus 60 anos em um estado de extremo perfeccionismo e pontualidade. Anna não possuía um único fio fora de ordem em seu coque. Seus dedos constantemente subiam para alinhar qualquer possível cabelo branco que não estivesse preso e quando não estavam arrumando o seu cabelo perfeito, o pulso esquerdo estava próximo de seus óculos para que olhasse as horas.

— As outras residentes saem e nunca vi você com elas.

Nada contra as garotas que herdaram fortunas e trabalham por mero capricho dos pais, mas não era a minha realidade para ter algo a compartilhar em uma conversa em grupo. Seriam

somente mais mentiras criadas saltando da minha boca.

E por mais que fosse necessário, mentir não pertencia ao meu gene para fazê-lo de modo tão leviano.

Minha realidade foi uma adolescência entre treinamentos e trajetos da faculdade.

Moretti me fez escolher um curso aos quinze.

Aos dezesseis, eu já cursava o primeiro semestre de Medicina em uma das melhores faculdades italianas, simplesmente porque ele disse que eu só receberia um treinamento se me formasse.

Me tornei a melhor da turma.

Medicina virou minha obsessão.

Eu amava o paradoxo do poder de salvar uma vida, assim como o poder de tirá-la.

No entanto, lá estava eu, considerando ficar somente com uma das minhas atribuições para ter mais algumas horas de sono.

— Não sou de sair à noite — arrumei a primeira desculpa esfarrapada que me veio à mente.

E cocei os olhos.

Minha cabeça estava ficando bagunçada por tantas perguntas. O sono tornava tudo um pouco pior.

Em instinto, levei minha mão ao bolso da frente da minha mochila e me levantei.

A sala de descanso dos residentes não passava de um humilde dormitório com quatro beliches, um pequeno armário para objetos pessoais e a poltrona reclinável onde eu estava.

A parte boa do lugar era a gigantesca janela a qual me apoiei antes de levar o cigarro eletrônico à boca.

O vento fresco entrando por ela me fazia relaxar tanto quanto a nicotina.

— Você deveria parar de fumar essas coisas, ninguém sabe quais vão ser as consequências daqui a dez anos.

— Não sei se estarei viva daqui a dez anos para me preocupar.

— Pare com isso!

Arqueei uma sobrancelha e ri.

— Quer um pouco? — perguntei só para provocá-la.

A enfermeira cerrou os olhos e negou com a cabeça.

Soprei a fumaça em sua direção. O cheiro doce de maçã verde flutuou pela sala. Era bem mais agradável para a maioria do que o bom e velho cheiro de fumo queimado.

— Você me lembra o meu neto, a teimosia é igual, parece que estão presos em um cabresto.

— Se fosse ele oferecendo um cigarro, você aceitaria?

— Não? — sua resposta soou como uma pergunta.

Rolei os olhos por vê-la desconcertada.

— Você é médica, deveria cuidar da sua saúde também, menina, e…

Seu pequeno discurso foi interrompido quando um dos *staffs* do hospital entrou na pequena sala recheada de camas.

Se tivesse vindo alguns minutos antes, um agradecimento facilmente soaria pelos meus lábios.

— Dr. Pozinelli — Anna cumprimentou, repuxando a boca.

— Anna. — Olhou para mim. — Clara.

— Aiden. — Traguei mais um pouco da fumaça doce.

O silêncio que eu tanto queria cresceu na sala, tornando-se constrangedor de um modo que fez Aiden Pozinelli levar uma das mãos à cabeça, coçando o couro cabeludo preenchido por fios loiros amarelados, sem jeito.

Uma graça.

— Anna, eu gostaria de falar com a Clara… *sozinho* — falou um tempo depois, encarando meu rosto.

Por mais que a frase não fosse agressiva, seu tom não soava como um pedido, mas sim como uma ordem educada.

A enfermeira desviou o olhar de mim para ele algumas vezes antes de pegar a sua garrafa de água e o estetoscópio para sair. Assim que seu corpo passou ao lado do meu, palavras saltaram da minha boca:

— Estou sendo sociável e… *fodendo.* — A última palavra é dita apenas com um movimentar de lábios para a enfermeira.

Sua cabeça nega mais uma vez e tenho quase certeza de que a ouvi praguejando um "Que seja".

A porta bateu.

— Onde você esteve?

— Não é óbvio?! — Apontei para a cadeira a qual estava sentada e sua contínua bagunça de coberta e travesseiros. Não curtia muito as camas daqui.

— Nos últimos quatro dias, quero dizer.

Matando um soldado da máfia e o assassino dos meus pais, e…

— Em casa — respondi.

Ele tossiu, decidindo qual caminho seguir.

A única coisa que me interessava era as suas mãos ágeis de neurocirugião percorrendo de forma treinada sobre partes específicas do meu corpo. Nada além.

Aiden era uma boa foda. A fácil.

E continuaria perfeito assim, se ele não estivesse com essa ideia burra de querer me levar a algum lugar que não fosse a sua sala para me foder.

— Ok… — Deu um passo na minha direção. — Ainda vou poder te levar à Pleasure amanhã?

— Não sou de encontros.

Azedei.

— Não chamaremos de encontro, então.

Seu olhar doce se suavizou ainda mais e sua mão pegou o *pod* da minha e o desligou, tocando a lateral do meu rosto logo depois.

Ele era um cara certinho demais para cometer um pecado como fumar.

— Amanhã às dez — soou tranquilo, erguendo meu queixo.

— Tenho outra opção?

— Você sabe que não. — Encarei seus olhos castanhos. — Cede por mim dessa vez?

Aiden me puxou para si e abaixou até a sua boca encostar na minha garganta.

— Farei valer a pena, prometo a você.



Desço do táxi sozinha.

Tinha combinado de encontrar Aiden em frente à boate.

Acabei não inventando uma mentira qualquer e faltado a esse "não encontro", pois eu precisava beber. Ficar ruminando sobre o porquê da morte de Ian não estar nos jornais, no meu apartamento, não me ajudaria em nada.

No último verão, cada um dos assassinatos estampou os jornais ingleses por pelo menos uma semana. Tornou-se um padrão seguro para saber que *ele* tinha recebido a mensagem.

Meu pequeno bilhete, de dois dias atrás, chegou a *ele*. Eu tinha certeza pela resposta que me deu.

Entretanto, passei meu plantão da madrugada no hospital, entretida nas possibilidades para um padrão tão bem estabelecido ter sido rompido.

Tudo mudava-se, de alguma forma, alguém tivesse me visto estrangulando aquele velho. Justificaria a máfia ter achado o corpo primeiro do que algum civil ou mesmo a polícia.

Outra justificativa que me veio, e essa fez a minha cabeça latejar, significava que Ian poderia ter um rastreador em alguma parte do corpo.

A primeira opção era quase impossível, estaria morta há muito tempo ou já teria vendido a minha alma ao diabo.

A segunda, no entanto, eu esperava não ser real.

Um corpo bêbado quase tropeça em mim, agarrando-se nos meus ombros para se segurar e, automaticamente, me puxando dos meus pensamentos para a realidade.

Cacete.

Isso que eu merecia por me distrair.

Suspirei ao ouvir as desculpas de uma jovem garota, ajudando-a a ficar em pé.

E encarei a fila gigantesca da entrada, descendo o olhar em seguida para os meus pés e o scarpin fino que adornava os meus dedos.

Só pela fila, quase desisti, entrando de novo no táxi.

A dor latente na panturrilha não estava melhor o suficiente para passar pelo menos duas horas esperando para entrar nesse lugar.

Merda.

Sério.

Coloquei o melhor sorriso que consegui estampar no rosto e caminhei até o segurança.

Esperei um minuto, olhando para o celular fora da fila e digitei uma mensagem apenas para avisar ao Aiden que estaria lá dentro.

Enviei o texto no instante em que um homem do dobro do meu tamanho parou ao meu lado.

— Você pode entrar. — Apontou a cabeça para a porta, segurando o ponto em seu ouvido. — Era o que estava esperando, certo?

Abri a minha boca para negar, mas a fechei antes que as palavras saíssem.

Aumentei o sorriso por mais estranho que fosse a situação. Não pude resistir.

— Espero um sim ou não.

— Ah… sim — murmuro. — Quero entrar.

— Kai — brandou alto para o outro próximo à porta. Os seguranças pareciam prontos para esmurrar o rosto de alguém. — A menina pode passar.

Mal passo da porta e a batida suave de uma música latina acaricia a minha pele fria. E, apesar do ritmo dançante, a melodia não era alta o suficiente para incomodar os ouvidos.

Tudo no lugar sussurrava ser feito para criar um ar intimista e rico.

Desci as escadas, procurando todas as portas que poderiam derivar uma saída.

Quando atingi a contagem de quatro, além da que entrei, meus olhos se moveram pelo ambiente, analisando a clientela.

Roupas de marca. Relógios caros. Celulares de última geração. Alta classe.

No entanto, a classe elevada não se colocava também nos bons modos, já que em direção ao bar, pude contar pelo menos dez olhares escorregando para a minha bunda coberta pela minissaia do meu vestido de couro.

— Uísque, por favor — pedi assim que coloquei as mãos no mármore do balcão.

Um homem se sentou ao meu lado.

— Quero o mesmo que ela.

O garçom assentiu, virando-se para pegar a bebida e os copos enquanto um suspiro escapou dos meus lábios.

Uma frase pronta para recusar o flerte barato estava na ponta da minha língua no momento que me virei para o outro lado do bar.

Pela voz baixa e abafada pela música e conversas alheias, não achei que o dono do tom poderoso estivesse muito próximo de mim.

Mas estava.

E quando girei o tronco, bati diretamente contra a parede de músculos que o corpo dele formava.

Suas mãos tocaram a minha cintura, me segurando.

— Eu sabia que a sua boca era um problema, mas não imaginei que o álcool fosse um também.

Aquela voz…

Ouvindo-a mais de perto…

Eu a conhecia.

A forma como o sotaque profundo parecia escorrer pela minha espinha, não me permitiu esquecer.

Demorei para levantar a cabeça, mas quando o fiz, meus olhos encontraram um mar azul no lugar das íris. E a determinação em seus olhos… cerrei os dentes. Ela foi a responsável por arrepiar o meu corpo.

— Como é?! — perguntei no mesmo instante em que o garçom deixou as bebidas sobre a bancada do bar.

O estranho da cafeteria sorriu. Quase lhe perguntei o motivo.

Idiota.

— Não sou o maior fã de repetições.

Bebeu um gole do seu uísque, observando-me sobre a borda. Só devolveu o copo ao balcão quando estava completamente vazio.

— Não sou fã de espertinhos dando em cima de mim.

— Não estou flertando com você. Estou apenas comprando uma bebida.

— Claro! — ironizei.

— Assim como você não estava *"dando em cima de mim"* quando furtou um avental na cafeteria.

— Alguém tem uma opinião muito elevada sobre si mesmo.

O comentário fez sua sobrancelha se levantar, o rosto um esboço de diversão.

— Eu disse que a sua boca era um problema.

Pisquei em choque.

Um calor súbito queimou contra as minhas entranhas. Ele parece inalterado, sustentando

o sorriso convencido nas maçãs salientes do rosto. Um contraste perfeito com o maxilar marcado e o par de dentes brancos expostos.

— Não tente comprar ninguém aqui. — Bebeu um gole do meu copo, desta vez. — Irá precisar de muito mais do que cem libras.

O aperto dos dedos na minha cintura intensificou.

Uma ameaça sutil…

Minha respiração falhou.

E seu olhar caiu para o meu peito, observando o movimento errático.

— Isso foi uma ame… — interrompeu-me.

— Isso foi eu desejando boas-vindas. Essa é a *minha* cidade, *princesa.*



Nunca duvide que é um mundo cruel e cruel.
Bones - Wens

CLARA ROSSI

Há três anos — quase dezembro | Moscou, Rússia

— Não gosto de britânicos.

— Você não gosta de muita coisa. — Entornei um copo de vodca. — Não é novidade.

Senti o leve amargor do álcool pressionar o encontro entre a minha mandíbula e o maxilar do meu rosto, fazendo meus dentes apertarem as bochechas para evitar uma careta.

Faz três meses que eu estava nesse inferno gelado de país e o álcool dos meus ancestrais continuava não sendo para mim.

O homem à minha frente parou de descascar a laranja, a parte lisa da lâmina pressionada em seu dedão e a afiava movendo-se na casca levemente esverdeada.

Com os olhos cerrados e os braços apoiados nas pernas, senti sua análise percorrer pelo meu rosto.

— A careta que faz tomando álcool é ridícula. — O insulto resultou em minhas sobrancelhas arqueadas. Ele não ligou, voltando a descascar a fruta. — Você já tem idade legal para beber?

Virei mais um *shot*, batendo o pequeno copo de vidro na mesa que estávamos. Ele apenas me olhou de lado.

— Você fatia mais línguas do que carne para o almoço e está preocupado se eu tenho vinte e um?!

— Não estou preocupado, estou dizendo que você é ridícula para a idade que carrega nas costas.

Bufei, rolando os olhos.

— Não sabia que ironia fazia parte do seu curto repertório, Drakon. Para o assassino mais temido dos russos, você está bem engraçadinho.

Drakon reagiu com um mínimo suspiro. O semblante continuou sério.

— Não faz, estou sendo sincero.

Segurei um segundo bufo.

Ele levou um pedaço da laranja à boca, em uma classe irritante.

Me levantei das banquetas em frente ao bar e joguei meu corpo em uma das cadeiras mais baixas da mesa dele, roubando uma fruta da cesta para descascar também. A reclamação interna do meu estômago transformou a feição enviesada de Drakon ao me ver pegando uma de suas laranjas em nada.

— Eu tenho vinte e um. Só para constar — falei.

— Ótimo, não corro o risco de ser preso com você.

— Olha aí, ironia de novo.

Ele negou com a cabeça e um segundo depois, o *barman* veio na minha direção.

Com um sorriso singelo no rosto, o homem com avental deixou mais um pequeno copo de vidro sobre a mesa, murmurando num russo com muito sotaque interiorano.

Meu cenho se franziu assim que saiu para atender outra mesa.

— Pode respirar — ele falou, firme.

— Dissimulado.

Ele tomou a fruta da minha mão e começou a descascá-la com mais destreza do que eu estava fazendo. E não me respondeu.

Segurei o riso, tomando o *shot*, deixando o copo vazio sobre a mesa.

Não podia julgá-lo pelo péssimo humor. Algo que cheirava à felicidade não parecia pertencer ao seu estilo habitualmente sério e inexpressivo. Por forçar tanto outras pessoas a cederem informações, ele prendeu as suas em instinto.

Além de que, o Pahkan o "acorrentou" a mim, transformando-o em um apêndice no meio de intestinos. Sem uma função óbvia, mas presente em todos os corpos humanos. Drakon estava presente em todos os meus passos, me vigiando e procurando por sinais de emboscada.

Porque, apesar do meu sangue, aos olhos dele, e de qualquer outro russo, eu era parte de um grande Cavalo de Troia italiano.

Eles nasciam, viviam e morriam por sua organização. Seja a *Bratva*. Seja a *Casa Nostra*. Uma vez membro, para sempre seria. A máfia era tudo o que tinham.

E essa lealdade cega que lhes punia dia após dia, esperavam estar presente em mim.

— Irá beber mais quantas dessa? — questionou.

— Uma ou duas.

Ou até que a vodca parasse de queimar a minha língua.

— Não ultrapasse o limite, não irei fazer o seu trabalho.

Fiz uma pausa, parando a mão na iminência de pegar mais uma laranja.

Por essa, eu não esperava.

— Nunca precisou fazer o meu trabalho por mim.

— É um fato apreciável. — Desviou o olhar para a minha mão. — Quando for cortar, deixe a faca reta e não a incline, a casca sairá mais precisa e rápida.

Tentei esconder a surpresa.

Após o pequeno conselho, ele não olhou em minha direção uma terceira vez. Nunca descobri se tinha sido eficiente em esconder na hora que as suas palavras soaram ou quando segui a sua orientação e o erro atrapalhando o meu desempenho em cortar frutas, tinha sido minado.

— Vou pegar o carro e já saímos — sua voz foi firme.

Assenti, largando a laranja para estalar os dedos ansiosos.

— Estarei na porta, em três minutos.

Drakon não precisou abrir caminho entre as pessoas para passar, elas davam um passo para o lado somente com a iminência da sua presença. Mal pude pedir mais uma dose de vodca e ele já alcançava a porta lateral do bar.

Apesar de ser a hora do almoço, bêbados não tinham um horário fixo para rechear seus estômagos com álcool ou mesmo enfiar seus paus em uma das prostitutas que ficavam na porta.

Segundas-feiras eram as datas declaradas para sair com as amantes ou encontrar uma garota de programa com um preço acessível na rua, de qualquer forma. Essa não seria muito diferente.

Limpei a lâmina da minha faca com um guardanapo e a guardei no pequeno coldre que tenho na coxa direita.

E, chupando um pedaço da fruta, caminhei para fora do lugar.

Meus gestos eram extremamente passionais, me perguntei se aqueles homens sabiam que em questão de três horas, no máximo, as mãos segurando uma doce laranja arrancariam uma vida...

Talvez soubessem, já que desviavam do meu corpo como o diabo desvia da cruz.

Dei uma piscadela ao *barman* e bati a porta de madeira.

Eu tinha oferecido o meu trabalho à *Bratva* em troca de algumas informações assim que cheguei. Não foi complicado anunciar o meu preço e, muito menos, de ele ser aceito. O único problema dessa transação foi o Pahkan me *oferecer* um vigia até que achasse útil.

Alexander Petrov não me deu credibilidade até eu levar a primeira cabeça de um dos seus alvos para a sua mesa de jantar.

Invadir uma reunião do Conselho Russo não foi uma das minhas melhores ideias, mas o impacto que seguiu após eu jogar a cabeça em cima do prato de comida do chefe deles foi, no mínimo, interessante.

Se Petrov fosse um rígido Pahkan, mandaria me decapitar naquele instante por desrespeito. Ele, no entanto, pegou mais uma garfada de comida e a levou à boca.

Na noite seguinte, ele me deu mais um trabalho.

Na próxima, mais outro.

O legado dos meus pais adotivos era tudo o que eu tinha e iria até onde fosse necessário para consegui-lo, deixando, ou não, um caminho sangrento para trás.

No fim do primeiro mês, os cidadãos russos me temiam sem nem mesmo saber o meu nome. Eles corriam dos vultos. Antes de saírem nas ruas, procuravam a mulher vestida de preto e com o rosto quase todo coberto.

Ainda assim, não houve uma vítima minha que conseguiu barrar o seu destino final. Nenhuma delas conseguiu correr ou gritar.

Uma pessoa por noite.

Uma informação por uma vida.

Quando percebi, entre as ruas gélidas e escuras da Rússia, os que não foram alvo das minhas facas, me apelidaram d*e Saltykova*[1], por cada um dos servos da máfia russa eliminados pelas minhas mãos.

Todos, de alguma forma, pareciam temer um mínimo olhar meu, somente Drakon que não.

E eu apreciava isso.

— Quantos milhões custa uma casa aqui?

Apontei a cabeça para a pequena mansão a qual estacionamos bem em frente.

As paredes brancas com pilastras gregas deveriam ser alguns milhares de euros. O gigantesco jardim com irrigadores automáticos mais alguns milhares, com certeza. O único problema era a fonte ridícula em frente ao portão central, se fosse uma piscina...

— Essa não é a sua cidade, lembre-se disso.

Drakon deu dois tapinhas no volante para chamar minha atenção.

Revirei os olhos, mais uma vez.

Fazia isso tantas vezes ao dia quando ele estava em meu encalço que uma hora ou outra, não duvidava que os meus olhos ficassem revirados para sempre.

— Me conte uma novidade.

— Qualquer um dentro desse país que sabe quem você é, só está esperando o momento certo para enfiar uma faca nas suas costas.

Tossi, engasgada.

Certo, não era por esse caminho que eu pensei que ele seguiria.

— Uma novidade, como pediu.

— Seja menos literal, Drakon. — Bati o punho contra o meu esterno, na tentativa de desengasgar o bolo na garganta. — Só um pouco menos e já basta.

— Não pergunte o que não quer ouvir *e já basta*.

Encostei o corpo contra o banco, puxando o celular por não ter muito o que falar. Batuquei os dedos da outra mão na janela enquanto esperávamos.

Drakon receberia um sinal em seu próprio telefone no instante em que nos liberariam para agir. Até lá, o silêncio incômodo de sua presença se interligava com o meu silêncio agitado.

Funcionava sempre.

Entretanto, dessa vez eu o rompi.

— Por que não está na gigantesca lista dos que querem me matar?

Drakon comprimiu os lábios, no entanto, respondeu, olhando para a tela do celular.

— Você me lembra alguém e não deveria, mas você o faz.

Pela primeira vez em meses, o vi fazer algo mundano como dar de ombros.

Abri a boca à procura de uma resposta à altura. Não achei.

Então, ele falou por mim.

— Não precisa dar uma resposta a tudo que te falam. — Um sorrisinho minúsculo abriu nos seus lábios. Se ele fosse humano como os outros, juraria que estava se esforçando para não sorrir. — Você está liberada para entrar.

Com os dedos na maçaneta do carro, abri a porta e senti o vento gelado tremer os ossos.

Nem todas as camadas de roupa foram suficientes para barrá-lo. Isso porque o auge do inverno ainda não havia chegado.

Virei o rosto para Drakon após dar alguns passos em direção à casa.

— Quem é o alvo?

É uma pergunta padrão, eu só descobria quem era segundos antes de matar.

Levei a outra mão livre e trêmula de frio à boca, tentando me aquecer um pouco.

Quando Drakon falou o nome, entretanto, agradeci por ela estar tapando parcialmente a minha expressão, porque um choque momentâneo a tomou por inteiro.

— Lina Moretti, a esposa do *Don* da *Casa Nostra*.

06

Há beleza escondida no horror.
Dead Man - David Kushner

NICOLAS BERRYCHOTH

Um suspiro trêmulo escapa dos seus lábios e um sorriso lento e diabólico se espalha nos meus em resposta.

Gostava da forma como o medo parecia longe de beirar os seus olhos.

Principalmente quando as curtas respirações quentes soltas por seus lábios flutuavam como uma brisa de verão até o meu rosto, criando um retrato perfeito de excitação na minha mente.

Ela era uma coisinha adorável.

E chegava a ser angelical a forma como os seus olhos permaneceram fixos no meu rosto, em completo desprezo, ou na melhor versão que os seus traços delicados poderiam demonstrar dessa emoção.

— "Essa é a *minha* cidade, *princesa"* — repetiu, colocando uma entonação ridícula em sua voz. — Sério?

Suas mãos quentes, que ainda tocavam o meu peito, deixaram dois tapinhas leves e depois desceram, parando ao lado do seu corpo.

Ela bufou uma risada.

Com certeza, desprezo era o sentimento em seus olhos.

Ainda mais quando tomou o copo meio cheio de uísque dos meus dedos. O *seu* copo de uísque. Com os lábios presos entre os dentes.

Uma pessoa como ela não deveria me empolgar tanto, mas ela faz exatamente isso.

— Já ouvi essa frase tantas vezes... — A boca de Clara se inclinou, mas desapareceu em seguida, atrás de um gole preguiçoso da bebida. — Homens como você tem algum tipo de necessidade de compensar as coisas, não é?!

Pisquei.

E encarei o seu olhar crítico com uma sobrancelha arqueada.

— Homens como eu?

— O tipo "dono do mundo". — Entornou o líquido restante. O semblante ameno não se desfez em momento algum com o trago forte escorrendo em sua garganta. — Usam dinheiro para compensar a falta de senso.

A diversão flutuou nas minhas veias.

Meus olhos revezaram entre a sua feição determinada e o copo de cristal rodando em seus dedos.

Ela era jovem, eu sabia disso. Mas tinha algo em seu rosto que deixava um certo tipo de jovialidade ainda mais intensa, em especial quando ganhava tons avermelhados no contorno das

bochechas.

Um “algo” que eu sabia não ser o único a prestar atenção.

— E você compõe o tipo que nutre desprezo contra os milionários?

Testei a pergunta, desejando saber se a deixaria um pouco mais irritada, ou ao menos, se aquele suspiro descompassado poderia sair de novo de seus lábios.

Duas opções que eu gostava muito.

No entanto, a primeira coisa que ela fez foi fixar o seu olhar no meu.

Frios. Determinados. Castanhos.

Nossa troca de olhares percorreu em câmera lenta e desejei entender a melhor forma de entrar na cabeça dela.

— Se tivesse, teria um desprezo contra a minha própria conta bancária. — Mordiscou a boca de novo. Dessa vez, meus olhos seguiram cada minúsculo movimento. — E eu tenho um apego especial a todas as botas de salto que ela me proporciona.

Ela deu um passo para trás. O cálice foi deixado sobre o balcão quase no mesmo instante.

Eu olhei para os seus pés... Para as pernas abertas na mesma distância de seu quadril... Para a marca do músculo em sua coxa. Como um cobertor quente e macio tocando a extensão da minha pele gelada, a sensação de domínio me envolveu.

Clara ignorou o caminho dos meus olhos, aproveitando a oportunidade de se sentar em uma das banquetas do bar assim que a pessoa que estava nela saiu. Ela pegou um chiclete do bolso e só brincou com a goma tempo o suficiente para soprá-la e formar uma bolha, estourando-a em seguida.

A Dra. Rossi não se importava em ter compostura.

Sem surpresas.

Uma luz fraca e colorida passou por sua cabeça quando colocou um dos pés na barra de ferro na parte inferior da banqueta e a outra perna cruzou, deixando uma quantidade generosa das coxas expostas.

O vestido pequeno e preto contornava as suas curvas e num prenúncio de pecado, subiu. Quase implorando para eu ser o primeiro, e único, a rasgá-lo.

Porra.

Os dedos dela batucavam no balcão no ritmo da música. As unhas estavam pintadas com um esmalte claro, mas, assim como todas as partes dela, parecia caro. Talvez não mais do que os brincos em cascata que os seus cabelos negros escondiam.

Eu gosto disso.

— Eu, com certeza, aprecio. — O cenho dela se enrugou com a minha fala vaga. — Seus saltos também.

Foquei no rosto dela bem a tempo de presenciar a mudança do entediado para a centelha de alguma emoção mais interessante. Eu sabia que no meu, a intriga deveria ser o espetáculo principal.

— Se você fosse um pouco menos babaca e presunçoso, seria mais agradável de conviver.

Fez uma bolha com o chiclete e a estourou em seguida. Minha mandíbula apertou um pouco.

— Ainda há esperança para a minha pobre alma, fico feliz.

Me sentei a um banco de distância dela. Com um suspiro baixo, Clara revirou os olhos.

Nós estamos a um metro, um metro e meio de distância, no máximo. O engraçado era que, da mesma forma, eu conseguia sentir aquele cheiro doce e inebriante da lanchonete

impregnando-se mais uma vez no meu olfato.

Era agradável.

Principalmente quando se misturava à teimosia dela.

Uma mulher inteligente teria ido embora há muito tempo. Uma mulher inteligente, na verdade, nunca teria me enfrentado.

Mas ela faz tudo ao contrário do que é o certo.

— Você pensa antes de falar? Ou simplesmente fala esse tanto de baboseira para qualquer mulher que aparece na sua frente?

— Felizmente, não. Elas costumam se jogar para cima de mim.

— Claro... — Ela riu sem humor. — Óbvio que sim.

Seus lábios formaram um beicinho.

— Por que não vai atrás de uma delas e me deixa em paz?

Havia aborrecimento em sua voz. Já lidei com coisas piores, no entanto. Já cometi homicídios. Assassinatos a sangue frio. Mau humor era o meu estado durante a manhã antes de uma xícara de café.

Com as narinas dilatadas, Clara igualou o seu olhar ao meu.

— Você parece se portar como um cavalheiro na frente de todos, mas ameaças, por mais sublimes que sejam, não é algo muito cavalheiresco. Muito menos despir uma pessoa com os olhos.

E, com isso, pede uma nova dose alcoólica ao garçom. Suas palavras são frias e diretas. A mim, elas estavam repletas de insinuações, um toque de intimidade adquirindo-se a cada mínima frase.

— Posso despi-la com as mãos, isso nunca foi um problema para mim.

Passei o indicador sobre o relógio em meu pulso. Uma, duas, três vezes... A onda de inquietação foi similar ao movimento do seu pescoço.

— Como disse antes, não estou interessada em flerte barato. Isso me dá coceira.

— No que está interessada? — Levantei um ombro.

— Qualquer coisa que não englobe homens *cavalheiros* como você.

O sarcasmo de sua língua era afiado. E deveria soar como um aviso, entretanto, notei o pequeno fio de desafio em sua voz, quase nulo perto de sua postura prepotente. E isso irrompeu um tipo diferente de adrenalina em minhas veias.

Limpei a garganta.

— Você é uma dama?

— Definitivamente, não. — Não havia um pingo de dúvida em sua resposta.

— Então não preciso ser um cavalheiro com você, *princesa*.

Lutei contra o sorriso, puxando os cantos da minha boca.

— Pare de me chamar assim.

— Por quê?

— Não é o meu nome.

A mandíbula dela se apertou, mantendo seus orbes treinados em mim. A irritação deixava as suas bochechas em um tom de vermelho vibrante, no mínimo, gracioso demais para toda a raiva contida em suas pupilas.

— E eu mereço saber o seu nome dessa vez, *princesa*?

Por alguma razão, me perguntei qual seria a feição que o seu rosto se transformaria ao descobrir que eu já o sabia ou que o seu pequeno corpo só conseguiu entrar tão rapidamente nessa boate, porque eu mandei que a deixassem vir até mim. Que a pergunta servia apenas para

conter outra satisfação pessoal: fazê-la ceder a um pedido meu.

— Você merece, no máximo, um chute nas bolas, *stronzo*.

— Linda, insolente e boca suja... — Meus lábios se repuxaram. — Realmente, muito longe de ser uma dama. — Mas um timbre profundo e sombrio veio à tona em seguida. — Não me chame de idiota uma segunda vez, isso é uma decisão estúpida.

— Você faz muitas ameaças.

Ela estourou mais uma bolha de chiclete, batucando dois dedos no balcão do bar.

— E você é péssima em seguir *conselhos*.

Antes da próxima bolha surgir, Clara colocou a língua para fora e eu peguei o irritante chiclete, embolando-o nos dedos, e o joguei na única lixeira entre nós dois. Puxei um dos guardanapos dispostos na parte interna do bar e limpei as digitais.

A luz, atrás de nós, pulsou. O ritmo do local batia na mesma sintonia que o órgão em meu peito. Eu sabia que não nos escutavam. A música estava alta e em conjunto com a acústica boa da boate, tornava-se impossível alguém, a mais de dois metros, ouvir sequer uma palavra.

Entretanto, as pulsações cadenciadas ao sangue quente das minhas veias fizeram o meu rosto correr ao nosso redor. Um pequeno alerta fazendo cócegas no fundo da minha mente.

— Vá para o inferno, babaca — chiou ela, segundos depois.

Ela não estava mentindo quanto ao adjetivo.

Meus olhos terminaram de correr o perímetro, e prestes a voltar a encarar o seu rosto, uma voz grave e masculina demais para a pequena mulher chamou a minha atenção, resgatando o meu foco que se espalhou como bolinhas de gude.

— Desculpe? — O loiro achou que ela estava se dirigindo a ele.

Rolei os olhos.

— Desculpas aceitas — resmunguei e voltei-me a ela. — Já pode ir.

Ele não o fez. Continuou estático como um imbecil.

— Acho que você não entendeu... — Coçou a garganta, colocando dois de seus dedos no ombro dela. — Clara, você está bem?

Sorri ao som do seu nome. Ao contrário de mim, a descrença a dominou.

Apoiei o cotovelo no balcão do bar, no mínimo, intrigado com a situação.

Infelizmente, talvez o loiro não ficasse bem. Não gosto de ter as minhas conversas interrompidas. Ainda mais quando ela estava tomando um rumo interessante para mim.

Nunca matei alguém por se intrometer nos meus negócios desse tipo. Mas tudo tem uma primeira vez, eu acho.

— Sim. — Clara não olhou para ele.

— Certo... — Forçou um pigarro. — Ahh... Vamos sair daqui.

— Sim. — Ela ainda não estava olhando para ele. — Vamos... Perdi muito tempo te esperando.

Cerrei os dentes.

Um brilho sutil de diversão brilhou nas íris dela, ao passo que veneno cobriu suas palavras como um glacê doce.

— Gosto de companhias que tenham mais do que dinheiro para brincar comigo.

Foi um sussurro. Porém, eu o ouvi com a clareza do cantar de um coral. E acreditei nela.

O sorriso banhado com devassidão voltou aos seus lábios novamente. Sua boca era a personificação de pesadelos e sonhos, deliciosos, mas mortais.

Passei o indicador no relógio mais uma vez.

— Não estou impressionado — sussurrei de volta.

— Tenha uma noite ruim, babaca. — Ela revirou os olhos e seguiu com o loiro para o outro lado da minha boate.

Me recostei na banqueta.

Ver a sua bunda rebolar para longe tornava-se uma dolorosa sina ao meu pau.

Entretanto, vê-la dançar com as suas mãos tocando cada centímetro de pele exposta enquanto metade de Londres a devorava com o olhar...

Isso, com certeza, foi muito, muito pior.

7.1

Você está me chamando de louco, ah.
Deixe soltar essa raiva em você.
No Mercy - Zayde Wolf

CLARA ROSSI

Levei o canudo neon à boca uma segunda vez.

O uísque evoluiu para uma bebida colorida e tão doce que o meu rosto se contorceu a cada gole. Era muito mais feminino beber algo rosa *pink* do que o líquido cobre dos negócios.

A multidão aumentava em uma rapidez assustadora. As saídas de emergências se perderam do meu olhar, coberta por pessoas à sua frente. Somente as leds perto da porta me davam a sua localização.

— O que estava rolando antes de eu chegar? — Voltei meu rosto para Aiden, erguendo o queixo.

Ele era um homem alto, se destacava de forma fácil. Era quase como ter um farol ao meu lado. Os fios loiros em sua cabeça refletiam a luz da pista de dança como uma lâmpada acesa.

— Nada.

— Sério, Clara? Não me pareceu ser nada.

Segurei a vontade de rolar os olhos e somente dei de ombros. Crise de possessividade diminuía consideravelmente o meu interesse.

Isso não fazia parte do nosso pequeno e prazeroso acordo. Logo mais, se continuasse assim, se tornaria curto também.

— Quer saber a verdade? — Aiden assentiu, enfiando uma das mão no bolso da jaqueta de couro. — Eu vim me divertir. E se você me desse um bolo, talvez eu me divertisse com aquele babaca.

Como se na mera menção eu me tornasse consciente dele, meu olhar foi para o fundo da boate, no pequeno camarote ao lado do bar, em instinto. O canudo colorido ficou entre meus lábios.

Os ombros largos. A camiseta preta. Os olhos azuis.

Culpei o arrepio insistente na base da minha coluna pela facilidade em achá-lo no meio da multidão.

Era irracional, eu sabia.

Assim como era irracional eu quase poder ouvir as suas palavras irônicas sendo sussurradas para mim, acompanhadas do olhar julgador, adornando seu rosto.

Cadê a diversão que pessoas como ele podem proporcionar a você, princesa?

Incômodo e raiva assentaram-se em meus pulmões, apertando até a minha respiração falhar.

O babaca desviou o seu foco, mexendo no celular em seguida.

— Clara…

Voltei minha atenção a Aiden, ignorando a forma como o arrepio queimou das minhas costas até os meus dedos segurando o canudo.

— Mas você está aqui, então não precisamos criar um cenário onde não estaria. — Forcei um sorriso. — Certo?

Ele concordou a contragosto, colocando as mãos na minha cintura e me puxando para ele.

Sua boca escorreu pela minha garganta, espalhando pequenos beijos até alcançar a mandíbula. Sorvi mais um gole, afundando os dentes nos lábios ao mesmo instante em que ele afundou os dedos nas minhas curvas.

Gostava desse caminho. Sem questionamentos. O corpo fervendo.

Eu precisava de diversão.

E intensidade.

Remexi um pouco o corpo no ritmo lento e sensual da música explodindo entre os alto-falantes da *Pleasure*. Uma das minhas mãos continuou em torno do copo de plástico enquanto a outra brincou com a gola da camisa de Aiden, subindo até a sua nuca e penetrando entre os fios de seu cabelo de anjo.

— Sabe, ainda estamos em público. — Puxei com um pouco mais de força o seu cabelo. Foi um gesto para simular repressão, por mais que, de tudo o que eu poderia e queria fazer, parálo não estava nem entre os dez primeiros itens da lista.

— E estou pedindo desculpas.

Aiden foi rápido, levando seus dedos ao meu queixo e inclinando minha cabeça para o lado. O alívio pulsou pelas minhas veias, me permitindo flutuar dentro do meu espaço mental para fora de todas as preocupações que me rondavam.

Era por isso que eu gostava de sexo. Com uma boca tocando a minha pele sensível ou um toque rígido contra a minha bunda, meu foco caminhava em direção à luxúria e eu poderia me abster por dois segundos do sobrenome dos meus pesadelos e bilhetinhos: Berrychoth.

Ele me condenou à ruína. Ele quase foi responsável pela minha morte. Ele me traiu.

E apesar das mãos de Aiden estarem nos lugares certos e seus lábios traçando um dança perfeita em mim, a intensidade era baixa para eu fechar os olhos e conseguir parar de pensar.

Sincronia não era suficiente.

Eu queria algo a mais.

Mais intenso.

E *aquelas* íris azuis incendiando a minha pele… Elas eram sinônimo de intensidade.

O estranho advogado por um todo seria a personificação da palavra, devorando cada ato, cada beijo, cada mordida de seu camarote próximo ao bar.

Suas palavras estavam na minha cabeça. Seu cheiro no meu nariz. E a música do *seu lugar* nas batidas furiosas do meu coração.

Quando inclinei um pouco mais a cabeça, pude ver reflexos do olhar dele sobre mim.

A tela do celular reluzia uma luz baixa, mas o suficiente para iluminar cada parte do rosto dele. O aparelho ficou esquecido entre os seus dedos, como se em nenhum momento o tivesse tocado.

Me xinguei um pouco por só agora começar a sentir a merda da intensidade. Principalmente com suas esferas descendo pelo meu corpo e o rastro de gelo e fogo se alastrando antes de seus lábios se retorcerem em desaprovação quando seus olhos fixam onde a mão de Aiden me toca.

A audácia me chocou por um curto instante.

A desaprovação me irritou.

A impaciência dele tornou-se um reflexo da minha.

Quem era esse cara, porra?

— Me perdoa? — sussurrou Aiden, levando seus lábios aos meus em um casto beijo.

Suas palavras fizeram um "*merda*" piscar atrás das minhas pálpebras. Eu não sabia mais do que o homem à minha frente falava. Minha atenção não estava nele… estava a metros de mim, numa parede de músculos com uma postura que transbordava confiança e devastação.

Sorrio para Aiden antes de afundar os dedos em sua nuca e o trazer para mim, beijando-o de volta e mais demorado dessa vez. Foi o meu "sim" para o que quer que tenha dito.

Mas, por alguma razão, tudo o que sentia era o peso da atenção das estranhas íris azuis e a necessidade de enrijecer minha coluna. E não gosto disso.

— Gostei dessa resposta. — Eu estava olhando para Aiden, mas se não estivesse, o sorriso em sua voz era algo nítido.

Sorri de volta, mexendo no seu cabelo com a mão livre.

— Vem. — Engoli em seco. — Vamos dançar. A gente veio aqui para se divertir.

Virei meio copo da bebida rosa em um gole. Balancei a cabeça no momento que a última gota já estava caminhando para o estômago.

— Argh…

— Vai com calma. — Aiden apertou minha cintura, caminhando a passos curtos atrás de mim.

O gosto melado se impregnou no céu da minha boca e algumas caretas ainda me tomavam conforme o loirinho e eu caminhávamos para a pista. Empurrar seria a melhor palavra para descrever a selvageria do caminho até o centro da boate, na verdade.

Aiden colou meu corpo no dele e inclinei a cabeça, deixando-a pesar em seu peito.

Meu corpo formigava, as maçãs do meu rosto esquentaram em função do álcool e meu sangue parecia pulsar em minhas têmporas.

— Está bem? — ele perguntou num murmúrio.

Assenti e fechei os olhos.

— Estou com calor.

Bastou isso para Aiden assoprar a minha nuca.

Ele era um cara legal. Um dia arrumaria uma esposa decente e poderia ter uma penca de filhos para passar seu bom DNA para a frente. Aiden merecia fazer todos os *checks* na lista da vida perfeita.

Enquanto a única coisa perfeita em mim, era o meu rosto.

De resto, eu era um furioso caos. Daquele tipo que machuca, condena e prende. Regado de um ódio faminto para me consumir.

Eu era instável e violentamente insaciável.

Talvez, por isso, ser observada por *ele* me fizesse queimar tanto. Talvez, por isso, eu sentisse que seus olhos agiam iguais a cubos de gelo na minha pele fervente. Talvez, por isso, de tudo o que havia nele, seus olhos fossem o que mais me fascinou.

Havia algo animalesco e feroz.

Um tipo brutal de agressividade... *que eu sempre apreciei*.

O sentimento de imediato trouxe um gosto ruim à boca.

— Por que não pega mais uma bebida para mim e para você, lindo? — Virei meu corpo para Aiden, pousando as mãos no seu peitoral. — Por favor.

Pisquei como um gatinho e ele sorriu.

Ele traria água para si e a viraria em um gole único, sabendo quem ele era. Sua perfeição sempre constante. Apesar de nunca ter perguntado, apostaria que o seu maior defeito estava em uma nota abaixo de dez na época da faculdade.

— Quer mais um coquetel?

— Sim!

Esperei ver as suas costas para um arrepio repugnante me percorrer. Ainda assim, preferia o sabor doce ao amargor na minha língua.

Aiden sumiu no meio do mar de pessoas rumo ao bar ao mesmo tempo que uma explosão de luzes abateu-se no teto e gritos animados ecoaram de todas as bocas presentes. A letra em espanhol de *Gasolina* ganhou espaço entre os britânicos, deixando a animação tomar a pista de dança.

Com sotaques repuxados, eles cantavam a música na língua original, movimentando seus corpos no ritmo mais agitado da noite.

Um parco sorriso ganhou espaço no meu rosto.

A animação era muito semelhante a dos verões italianos em que passei enchendo a cara em algum canto da Sicília para sair um pouco da rotina de treinos exaustivos e estudos.

Um tipo de alegria tão sincera que conseguia contagiar até mesmo minha alma podre para dançar com eles, rebolando o quadril e subindo os braços ao lado da cabeça.

Acho que foi a primeira vez que o relaxamento penetrou as minhas veias desde que coloquei os pés dentro desse lugar. Uma boa música sempre foi a minha companhia nos meus momentos de maior solidão e de maior felicidade.

As batidas e as letras conseguem silenciar minha cabeça com uma eficiência impressionante, melhorando o meu foco ou às vezes expressando de forma melhor o que eu não sabia como colocar em palavras.

E com a boa quantidade de álcool nas minhas veias para inebriar meus sentidos, dançar era um resultado previsível.

Eu me deixei aproveitar e, finalmente, não pensar em nada por um tempo, curtindo cada segundo até evoluir para outra música na mesma pegada.

Enfiei ambas as mãos no cabelo, penteando os fios que caíam no meu rosto para trás. Mas não tive muito êxito. Não quando minha cabeça seguia as batidas agitadas de cada canção.

Passei a língua entre os lábios, umedecendo-os e fechei os olhos de novo.

Os dentes logo tomaram lugar da minha língua, mordiscando a parte inferior da minha boca. Subi as mãos da minha coxa, se arrastando pelo meu quadril, cintura, o pequeno decote do vestido nos meus seios enquanto meu quadril rebolava com vontade ao som da voz da *Anitta* em *Envolver*.

Pequenos momentos como esse me lembravam a sensação de ser feliz.

Meus pés latejavam pelo salto alto e gotas de suor surgiam entre a raiz do meu cabelo e o final da minha testa. Mas não o tornavam pior.

Com a cabeça inclinada para o lado, tentei encontrar o farol loiro culpado por eu estar aqui. A desistência se manifestou quando o encontrei no meio de uma bagunça da fila. Pessoas entravam na sua frente, às vezes até o empurrando de modo ridículo, mas, novamente, Aiden era bonzinho demais para furar a fila de um bar.

Não tinha nem sinal dele com nossas bebidas quando dei alguns passos errantes e doloridos para longe da multidão. Meu peito ofegante precisava de um pouco de ar fresco, então caminhei até uma das saídas sinalizadas pelo *led*.

Empurrei a porta de metal preta com ambas as mãos para liberar a alavanca. Assim que

meus pés tocaram o asfalto, encostei-me no muro e arranquei os saltos dos pés, segurando-os na mão enquanto sentia o vento frio arrepiar minha pele.

Digitei uma pequena mensagem para ele, avisando onde estava e voltei a guardar o celular no bolso do vestido.

A música estava bem abafada do lado de fora e a noite fria do verão inglês punia as pessoas ainda na fila para entrar.

Soltei um suspiro relaxado que durou muito pouco.

Inclinei o queixo para cima e o rosto para o lado quando a porta rangeu.

Meu coração engatou no peito.

O cheiro cítrico e forte bateu no meu nariz mais uma vez. Desconforto rastejou sobre a minha garganta de forma pegajosa e embriagada. Não virei minha cabeça para encará-lo, ao contrário, minhas coxas se apertaram uma na outra.

Um conjunto de pequenas fumaças esbranquiçadas se formaram no instante em que a minha boca, enfim, abriu:

— Sabia que perseguição é crime?

7.2

Uma vez que você olhar em meus olhos
você estará correndo porque estou chegando.
Monsters - Ruelle

CLARA ROSSI

— Você realmente vai ligar para a polícia? Ou será somente uma ameaça como na primeira vez? — a voz dele soou áspera e profunda.

Não havia um único ruído de hesitação. Sua presença ali, no meio de uma rua quase vazia, parecia o certo de uma forma impetuosa.

O mesmo ímpeto que usou para sussurrar no meu ouvido que eu estava em sua cidade.

E nas duas vezes, enquanto seus olhos pareciam me dominar, cada gesto, cada palavra murmurada, cada simples emoção esboçada entre os lábios de sua boca pareciam ter um botão que brincava com um lado meu escondido, acendendo-o e me deixando refém dele.

Queimando por dentro.

— Não faço ameaças. — Busquei por um cigarro no bolso interno do vestido, subitamente necessitada de algo tão controlável quanto o trago de fumaça. — Esse é o seu papel.

— O seu é fugir.

Repuxei os lábios.

— Você está me seguindo como um maluco, essa é a coisa certa a fazer.

— Deveria ligar para a delegacia, então.

Puxei o cigarro ao mesmo tempo que levantei a tela do celular virada na direção dele, com o número da polícia discado.

— Um toque, fácil assim, e a chamada irá começar... — Voltei meu rosto para a frente, completamente de costas para ele. — Mas seria uma escolha tão sem graça.

Desliguei o aparelho e ouvi seu passo à frente, junto ao baque surdo da porta sendo fechada e a animação estrondosa da boate, mais uma vez, presa entre as paredes do estabelecimento.

— Qual seria a escolha mais... *animada*? — Recolhi o sorriso por sua escolha de palavras.

— Perguntar o que você quer.

Sufoquei a respiração, acendendo o cigarro comum com o isqueiro.

Traguei uma vez antes de ele responder:

— Matar minha curiosidade.

O estranho deu mais um passo em minha direção.

Entreabri os lábios e expeli a fumaça.

— Matar iria contra o juramento da minha profissão. — Me virei na direção dele, deixando minhas costas contra a parede de tijolos da parte externa do muro. A ironia em meu

tom foi pequena, como uma piada interna a qual somente eu poderia desfrutar.

Ele deu mais um, e o último passo necessário para que ficássemos frente a frente.

O mar ártico em seus olhos cerrou, dilacerando cada parte da minha pele exposta. *Seria tão fácil levar alguém para se afogar dentro deles.*

— O que veio fazer aqui? — perguntei mais uma vez.

Sem respostas… por parte dele.

Já a minha cabeça pensava sobre o quanto, provavelmente, o seu toque tinha uma intensidade semelhante à de seus olhos e o foco deles na minha pele desnuda pelo vestido quase me permitia sentir a rispidez da ponta de seus dedos cobertos por cicatrizes, em minha garganta.

O estranho sorriu, exibindo uma fileira de dentes brancos perfeitos. Seus olhos continuavam fixos em mim de uma maneira tão poderosa que, por instinto, despejei o líquido do copo entre seus dedos.

O insano era que o meu maior foco de atenção estava no deslizar do seu corpo, reparando nas tatuagens adornando suas falanges como anéis de prata ao invés de focar no porquê desse lunático estar me seguindo.

Ele não sabia quem eu era, o fascínio imprudente em suas íris confirmavam minha suspeita. Porque, na mera possibilidade de ser o próximo nome a estampar as capas dos jornais londrinos, tendiam a correr na direção oposta à minha.

E não se aproximar cada vez mais.

— O que está fazendo? — repeti.

— Trazendo isso aqui. — Deu um gole na bebida rosa. — Achei que fosse a garota do uísque. — Seu rosto firme franziu de forma violenta conforme o doce descia por sua garganta. — Vou mandar tirar essa merda do cardápio, sinto muito.

— Como você...? — Ele inclinou a cabeça para o lado, se divertindo com a minha dúvida. — Esquece, você é doente.

— Você sabe a resposta, princesa. — Eu sei, porra, mas havia um frio insistente na base do meu ventre a cada passo que ele deu para a frente. — Meus olhos não fizeram nada além de te observar durante a noite toda.

— Para quem disse que não estava interessado, eu pareço ser muito interessante para você.

— E para quem insiste em me chamar de doente, está se exibindo e esfregando as pernas para mim, e isso te faz parecer demais com uma putinha masoquista, *princesa*.

Umedeci os lábios. *Desgraçado.*

O riso me escapou pelo nariz e a boca ao mesmo tempo. Uma mistura entre incredulidade e surpresa por sua coragem.

— Gosta da sensação de um homem correndo atrás de você? — continuou ele. — É isso?

— Você é maluco para um caralho.

Traguei mais fumaça, de novo.

— Não considero isso um defeito. Apesar de preferir a palavra obstinado.

Minha boca chegava no máximo em seu ombro, com meus pés em cima de saltos altos. Sem eles, era ridícula a diferença de altura para me preocupar com o fato da fumaça tóxica poder chegar próximo ao seu maxilar quadrado, coberto com uma barba muito bem aparada.

Ainda assim, virei o rosto para o lado e a soltei, formando pequenos círculos brancos no ar.

E eu continuava a olhar para o lado no momento que falei:

— Seu frágil ego masculino não consegue lidar com uma mulher te renegando, ou algo

assim?

A nicotina já estava de volta às minhas veias e a culpei pela forma mais rápida que o meu sangue correu quando ele me tocou com seus dedos tatuados, raspando na minha bochecha e levando meu rosto de volta para ele.

— Algo assim.

Uma brisa gelada engoliu qualquer réplica que eu tivesse. O frio tocando minha pele, que eu nem sabia estar tão quente, e me deixando necessitada de algo para me cobrir. Ele olhou para mim. Do rosto aos rastros de arrepios em meus braços. E seus olhos escureceram e a mandíbula se apertou como se estivesse com raiva porque eu estava com frio.

Mas sua atenção logo desviou para a porta de emergência quando ela se abriu e um homem bêbado saiu cambaleando pela rua.

Somente quando consegui me libertar de seu foco, fiquei incrédula comigo mesma sobre até onde eu tinha deixado essa situação me levar. Eu era melhor do que isso.

— Algo assim... — Testei a frase na língua, passando a mão entre os fios do meu cabelo.

Neguei com a cabeça e soltei um suspiro. Já tinha passado da hora de entrar, Aiden deveria estar me procurando e...

Pela última meia hora, talvez mais, seu nome nem havia passado pela minha cabeça. Deveria me sentir culpada por tê-lo abandonado no meio de um mar de pessoas, mas tudo o que senti, se resumia ao meu frio momentâneo.

Ameacei tirar a mão do moreno à minha frente da minha bochecha.

Precisava ir embora. Para longe. Até que o álcool e a pouca nicotina estivessem fora de meu sistema, permitindo-me voltar a pensar racionalmente.

— Bom, conseguiu meu não mais uma vez, idiota. — Cessei o fim diante o olhar dele estreito em desgosto. Não sei se pelo apelido ou por eu querer fugir de seu toque.

— Nicolas. Meu nome é Nicolas.

— Por que está falando o seu nome?

— Porque eu já descobri o seu.

Nicolas sequestrou o cigarro dos meus dedos. O calor da pequena ponta acesa ameaçando queimar a pele da minha bochecha quando prendeu o pequeno rolo de papel entre dois dedos e o dedão se manteve fixo em meu queixo, levantando-o.

O calor aos poucos se tornou incomodante.

Ainda assim, não me movi. Nem um centímetro sequer.

Só tornei meu olhar contra o seu mais afiado, à espera de que ele jogasse o cigarro fora, da mesma forma que fez com o chiclete de melancia, o qual o gosto ainda permanecia em minha língua. Era o que deveria fazer, sendo o estraga-prazeres que é.

Mas não.

Nicolas não jogou fora.

Ele retirou a mão do meu queixo somente para levá-la para a sua própria boca, prendendo o cigarro entre seus lábios cheios e tragando um pouco, com os olhos ainda em mim.

Sempre em mim.

— E acho que você *fez por merecer* para saber o meu, princesa. — A provocação em sua voz tornou-se mais intensa conforme sua outra mão se arrastou pelo meu braço direito, traçando uma fina linha até chegar na minha escápula.

Eu não o parei ou reclamei.

Porque a cada instante do seu toque quase supérfluo em minha pele, eu soube que um dos primeiros pensamentos que tive sobre ele foi certeiro: as polpas de seus dedos tornavam o seu

toque áspero, firme... *e quente.*

E, de alguma forma, minha aceitabilidade incendiou o seu controle. O que em outra pessoa teria sido ridículo e o motivo para virar as costas, sem pensar duas vezes, nele pareceu perigoso...

A ponto de me fazer querer saber mais.

— Você não entende quando uma pessoa está te dispensando mesmo.

Nicolas levou meu cigarro mais uma vez à boca, demorando para tirá-lo após sorver a fumaça. Como se pudesse degustar o pouco gosto que meus lábios tinham deixado no papel, assim como a marca vermelha de batom.

— Perder também nunca esteve entre os meus defeitos. — Liberou a fumaça em meu rosto, cruzando os braços.

A posição fez seus músculos aparentarem mais no tecido da camisa preta. Pessoas como ele ficavam bem nesse tipo de roupa. Mas nele... Nicolas ficava perfeito. Combinava com sua personalidade e, acima de tudo, combinava com cada centímetro de músculo muito bem trabalhado embaixo dos tecidos.

— Tenho certeza de que irá conseguir me encontrar de novo, não se preocupe. — A insolência vibrou em cada sílaba.

Ele me respondeu com o leve aperto do dedão, intensificando-se na minha jugular, a ponto de ele poder contar cada vez que o meu coração pulsava e se desconcertava ansioso devido à imprevisibilidade de suas ações.

— Como sabe que irei encontrá-la de novo?

— Você não é o dono dessa cidade? — Minha voz saiu sem fôlego por todas as razões erradas, porém a provocação se manteve lá. — Me procure… Me cace.

— Então, eu sugiro que corra, princesa. — O apelido brega fez outra onda fria correr pela minha coluna. Foi longo e lento. Doce e pecaminoso. Foi indecente. E acima de tudo, uma ordem carregada de palavras afiadas. — E se esconda muito bem, se quiser mesmo me dispensar.

Um de seus olhos piscou para mim e sua mão devolveu o cigarro aos meus lábios, ao passo que a outra largou minha garganta.

A falta de seu toque culminou em um vazio. Quase tão instantâneo quanto ele dar um passo para trás e virar de costas, caminhando de volta à boate, enquanto me deixava estática.

Levou minutos para que eu me movesse.

Mais alguns até que eu entrasse novamente no meio da multidão e encontrasse Aiden no bar, com duas taças cheias de bebida, muito feliz por sua difícil conquista. Procurar pelos fios loiros do médico me deu muito além de seu paradeiro.

Já que, não muito acima do bar, encontrei *ele* de novo, com o par de olhos cravados em mim, ainda que suas mãos estivessem na morena excitada em seu colo.

A transformação, de algum modo, me apunhalou o estômago, fazendo-o retorcer um pouco mais depois que os lábios de Nicolas formaram a palavra “corra”, sorrindo diabolicamente.

Eu não corri.

Mas saí da boate com a sua voz ressoando na cabeça.

Não o conhecia o suficiente para julgar se era ou não um homem de palavra, porém não consegui esquecer o tom de promessa que permeou cada palavra sussurrada no meu ouvido, dizendo que ele iria atrás de mim.

Porque eu acreditei nele.

E esperei.



Toda vez que fecho meus olhos os demônios vem atrás de mim.
Prisoner - Raphael Lake

CLARA ROSSI

Há três anos — quase dezembro
Moscou, Rússia

As gotas d'água caíam no chão no mesmo ritmo do pulso incessante na minha cabeça.

Por mais que meus dedos tateassem o piso úmido até escalar a parede cimentada que parecia estar à minha frente, a sensação de flutuar perdida, como se estivesse à deriva em um mar sem fim, permanecia.

Meus dedos forçaram o muro por impulso do peso do meu corpo. As pequenas pontas de cimento afundavam a pele de forma dolorosa a ponto de eu puxar a mão para levá-la à cabeça.

Eu estava tonta. E com uma puta dificuldade em manter a coluna ereta, sentindo-me mole igual aos marshmallows que meu pai tanto gostava.

Então, foi natural quase cair com o torso no chão ao retirar a mão do apoio firme do muro chapiscado. Ainda mais quando cada centímetro de mim latejava.

Muito além disso, eu sentia as minhas barreiras mentais simplesmente rachadas demais para poder comandar meu corpo.

Um "não" nunca tinha pesado tanto sobre os meus ombros como o soletrado pela minha boca na noite de ontem.

— Levante. — Apertei os olhos na tentativa de despistar os pontos pretos com a recente luz branca salpicada em meu rosto após horas na escuridão. — Agora!

Abaixei a cabeça, encostando a testa nos joelhos, tentando respirar e entender um pouco do que estava ao meu redor. Não tinha certeza de onde estava.

Só sabia que me prenderam numa minúscula sala que mal possibilitava as minhas pernas se esticarem por completo.

— O tapa te deixou surda?

Meus lábios se repuxaram sob o protesto de uma bochecha dolorida e arroxeada à minha esquerda. Um pouco de sangue ainda permanecia grudado no queixo, se tentasse um pouco, sentiria o gosto metálico do corte que Alexander Petrov provocou em mim.

Os anéis de prata em seus dedos tinham feito um bom estrago na minha pele com um único tapa.

— Estou bem onde estou — murmurei.

— Não prezo por sua comodidade, levante-se.

Voltei a fechar os olhos, ignorando-o.

A tormenta pesada na espinha deixava um formigamento estranho atingir meus pés. Era o único membro que eu era capaz de sentir algo além da dor colossal, já que o frio do piso

enervava cada centímetro do solado descalço.

Uma respiração aliviada veio em seguida.

Meu corpo ter sido arremessado contra uma pilastra de metal não foi o suficiente para ter algo além de hematomas espalhados de forma similar a uma teia de aranha em mim.

Perder parte da minha autonomia por uma possível perda de movimentos fez minha garganta se fechar em terror.

E o soldado russo parecia ouvir cada um dos meus pensamentos, pois sua risada permeou o ar úmido.

— Por isso que não se aceita mulheres como soldados. Vocês são putas sentimentais.

— Sou cara demais para você. — Os passos dele em minha direção frearam.

Eu ainda não me movi.

— O quê?

— Sou uma puta cara demais para você bancar.

O cheiro abafado e de mofo que entupiu as minhas narinas depois que fui jogada aqui já não era intoxicante o suficiente para o perfume barato borrifado no terno, que o soldado provavelmente vestia, passar despercebido sem causar uma leve coceira na ponta do meu nariz.

— Sorte a sua que precisam de você inteira.

— Sorte a minha, então.

Ele riu mais uma vez, mas não tinha graça alguma em sua voz.

Joguei a cabeça para trás a tempo de ver o momento em que o soldado puxou o pequeno portão de grade que me prendia a esse cubículo quase inteiro de cimento.

Esfregando as pálpebras com o pulso, consegui focar nas ações do engravatado à minha frente. Não estava a fim de entrar nas estatísticas de morte por acessos de raiva alheios, principalmente quando não estava no melhor estado para me defender.

— Petrov a quer no pavilhão em meia hora.

— Ele irá me enforcar em praça pública? — Deveria me manter calada, mas a pergunta pinicava a minha garganta.

Porque ainda que eu tentasse me manter calma, a lembrança das mãos de Petrov me tocando, apertando minhas bochechas até que os dentes machucassem a parte interna, revirava meu âmago.

Foi machucando o meu rosto que Pahkan desmembrou meu equilíbrio até eu me ajoelhar perante a ele. No entanto, foi a submissão forçada que cavou as memórias de uma Clara de muitos anos atrás que se tornaram uma surra direta no meu "eu" de hoje.

— Se levante. — O russo não respondeu a pergunta, brincando com o meu instinto de sobrevivência.

— Uma ajudinha seria bem-vinda.

Armei uma expressão humilde, mesmo que estivesse o mais longe possível do que eu sentia.

— Cara demais para comer, mas barata o suficiente para eu poder tocar, querida?

Rolei os olhos, desmontando a humildade da mesma forma que o meu coração parecia se desintegrar.

Nem o aumento dos batimentos para mostrar que eu estava e *continuaria* viva, ou os dedos tremendo pela descarga emocional… nada disso foi o suficiente para frear algo tão humano e comum florescer em meu peito: o terror tão paralisante que agarra os membros.

— Nada a falar agora? — Os pés dele pararam em frente a mim, cobertos por sapatos sociais engraxados e brilhantes, enquanto os meus estavam sujos, manchados com sangue e com

algumas unhas quebradas. Mas não eram esses sapatos limpos que atormentavam a minha sanidade. — Irá descobrir o preço de ser uma mulher insolente e desobedecer ao Pahkan.

Um pequeno exalo de ar sai da minha boca. Minúsculo para ser quase imperceptível, mas carregando um estranho e pesado paradoxo.

Embora Lina Moretti não fosse a maior fã da minha existência, eu estava entregando a minha vida pela dela.

Meu desgosto pela esposa muito fútil e loira de Enrico Moretti era semelhante ao que ela tinha por mim. Entretanto, não desejava que a sua filha tivesse dimensão da rastejante e anestesiante aflição da morte de um ente querido, sentindo algo similar ao que me punia todos os dias nos últimos seis anos.

A tormenta. A perda dos sentidos. A negação.

O vazio interminável e nunca mais preenchível.

Tirei o cabelo do rosto, as palmas das mãos úmidas, se pelo toque no chão molhado ou se pela minha ansiedade, eu não soube dizer.

A única coisa que eu tinha certeza era que escolher não atirar em Lina Moretti na noite de ontem se tornou o meu tormento e, talvez, a minha condenação.



Eu não tive uma vida normal na faculdade como os meus colegas de sala. A vida regada a sexo e bebidas alcoólicas para mim foi substituída por uma recheada de treinamentos e trabalhos que fariam os olhos que me seguiam pelos corredores se desviarem com facilidade e medo.

Entretanto, vivi a vida deles através dos poucos filmes que assisti durante a adolescência, na escuridão do meu quarto, durante as madrugadas.

Era patético.

Mas o suficiente para buscar um pouco de luz e calmaria nos meus dias infernais.

O engraçado desses filmes era que sempre havia o momento em que, após conseguir um encontro com uma das estrelas universitárias do time, a garota fingia um orgasmo como uma prostituta profissional e, na manhã seguinte, fazia o que os americanos gostavam de chamar de “corredor da vergonha”.

Descendo as escadas da fraternidade de seu encontro patético para poder ir embora, a patricinha iria se masturbar no seu carro popular, mordendo o dorso da mão para segurar os gemidos...

Eu não tinha um corpo masculino tremendo em cima de mim, brincando de saber foder, mas o aperto frouxo e pegajoso que existiam nessas fodas era do mesmo tipo que o soldado russo empunhava em meu braço.

A diferença, mais uma vez, era que eu não fazia a caminhada num “corredor da vergonha”, estava mais para o corredor da morte.

A minha morte.

Meu Deus.

— Mais rápido — ordenou ele.

Gostaria de gritar: “Impossível”, mas, com a quantidade de olhos pairando sobre cada gesto meu, à espera de um motivo plausível para cortar a minha garganta, só engoli cada palavra com dificuldade e acelerei os passos.

Se eu conseguisse sair dessa, talvez procurasse o soldado num futuro próximo para

retribuir a gentileza de seu toque e dos pontos negros a continuar nublando o meu olhar...

Quem eu queria enganar? Estava completamente desorientada enquanto era puxada na direção do pavilhão.

O tremor que se iniciou nas minhas mãos também era persistente.

— Acho bom você acalmar a sua histeria. — Era uma voz diferente, uma que eu conhecia e, acima de tudo, temia menos do que era devido. — Só está dando motivos para eles pensarem que você é fraca.

— Drakon... O que...

Seus olhos amendoados saíram de mim para o russo ao meu lado.

— Eu a levo.

O soldado hesitou por um instante, mas entregou meu braço para o assassino mais famoso da máfia russa.

Ninguém recusava os seus pedidos.

Ninguém sequer questionava as suas ordens.

Não se você tivesse amor à sua vida, algo que eu tinha bem pouco em grande parte do tempo.

Fechei os olhos, sentindo os dedos enluvados de Drakon tocarem as minhas costas. Não o meu braço como o outro fez, mas um delicado e quase inexistente toque na lombar. E, ainda assim, o suficiente para me dar a estabilização que um irmão mais velho daria a sua caçula.

Apertei os olhos fechados, mesmo seguindo a passos lentos para o pavilhão.

Eu queria que as minhas mãos parassem de tremer. Queria que o vento gelado parasse de atingir cada ponto doloroso do meu corpo. Queria que Drakon tivesse matado o meu alvo, para não ter o peso desse sangue nas mãos.

Eu queria muitas coisas e, pela primeira vez, me toquei que não queria morrer.

Não por agora, ao menos.

— Você teme o fogo?

Os passos dele ao meu lado eram suaves, talvez indiferentes.

Uma ponta de aborrecimento pairou no meu sistema. Eu depositava nele uma importância indevida e o seu tom de voz seco demonstrava como ele achava a minha “histeria” entediante.

— Não.

— Então seria uma ótima escolha para o fim.

— Talvez... Queimar até a morte nunca esteve entre os meus sonhos.

— Se pudesse escolher, qual seria?

— Tiro. Letal. — Abri as pálpebras, sentindo meus ombros pesarem de novo, quando meu coração já estabilizava os seus batimentos no ritmo normal. — Estou cansada demais para ficar agonizando.

— Não fique... — Arqueei uma sobrancelha. — *Cansada demais*.

— Como se fosse só estalar os dedos para isso acontecer.

Revirei os olhos.

— Olhe para a frente — era uma ordem. — Ontem eu disse a você que estava só esperando que falhasse para te condenar. Olha onde estamos.

O aperto em meus dedos aumentou, afundando-os na palma da mão, enquanto tentava focar nas paredes escuras com manchas de sangue refletidas pela baixa luz dos castiçais dispostos de metro em metro.

— Você podia ter matado ela. — Engoli em seco.

— Não, não podia. E você não pediu.

— Só para você ter o prazer de negar na minha cara?

— Para você ter, pelo menos, tentado. Está aqui tremendo igual a uma idiota, mas não pensou nas consequências antes.

Inalei devagar. Porém, não funcionou, cada fibra vibrava em um padrão desconexo e amedrontador.

— Eu... — suspirei. — Eu só não podia, ok?

— Eu estou ok, mas e você?

Expire. Inspire.

Vamos, Clara!

Expire. Inspire.

Apertei mais os dedos em punho, o nó em meu peito se apertando a ponto de um tremor se espalhar pelas minhas veias igual a uma terra em iminência de um terremoto.

Drakon, mesmo assim, não parou.

— Só irá *descansar* quando parar de viver em meio aos mortos. — Ele empurrou a pesada porta de madeira à nossa frente. A versão com algum tipo de ternura sumindo e voltando ao mercenário direto que sempre foi. — Seus pais estão mortos e continuarão assim. Você deveria tentar um caminho diferente, morto-vivo só funciona em filmes de ficção.

Talvez, se não estivesse tão zonza, poderia me sentir insultada.

Era verdade que Drakon não se esforçou nem um pouco para melhorar o meu humor após isso, porque entramos no último corredor, em silêncio.

O único barulho, além dos nossos passos, era o do alerta retumbando nos meus ouvidos internos. Não sabia o que responder a ele. Acima de tudo, sabia que estava certo. Então, calei a boca e respirei, ignorando a sensação do céu desabando sobre a minha cabeça.

Durante três meses, eu fui o capataz responsável por trazer os alvos que o Pahkan queria vivos ao pavilhão. Os assisti lutar por suas vidas na tentativa de se safar das dívidas, sentada ao fundo da sala.

Eu conhecia aquele caminho como a palma da minha mão.

Eles nem tentaram me confundir, fazendo-me subir lances e mais lances de escadas, entrando e saindo de salas vazias para me impossibilitar de fugir. Somente me doparam para que eu não tivesse forças para fazer isso.

— Você poderá *descansar* agora. — Pigarreei numa piada. — Finalmente, se livrou de mim.

— Nunca quis isso.

Sorri ao som de sua voz, mais uma vez, irritantemente calma.

Drakon deu um passo para trás, se distanciando de mim quando chegamos ao centro. Eu, no entanto, tirei o cabelo do rosto e ergui o queixo, deixando meus olhos caírem entre Alexander Petrov e o gigantesco objeto de madeira diante de mim.

Minha altivez não impediu o meu estômago de revirar.

— Está atrasada.

O Pahkan tinha um sotaque puxado, como se ainda falasse o russo antigo. Não que os seus modos tivessem evoluído muito também. Alexander Petrov era, no mínimo, antiquado.

— Falta muito para a meia-noite. Não se preocupe, eu não virarei uma abóbora.

O tintilar das armas sobressaiu no ar, mais de dez soldados as empunhando na minha direção.

Senti-me quase lisonjeada.

— Você deveria ensinar seus homens a como tratar uma dama.

— Se está fazendo piadas, não deveria ter o que reclamar do tratamento.

O estalo da minha língua foi audível até demais.

As armas tintilaram de novo. O ruído tornou-se mais forte quando Petrov desceu do estrado onde ficava a sua cadeira com hastes de metal semelhantes a galhos de uma árvore em pleno outono.

Sombria e definitivamente assustadora para um simples móvel.

— Sabia que desobedecer a uma ordem minha é suicídio? — Voltei meus olhos para ele.

— Sim.

— E, ainda assim, o fez?

— Sim. — Dei de ombros. — Se perguntar ao meu querido vigia — comecei, olhando para Drakon —, ele irá dizer que eu não tenho muito amor à minha própria vida, de qualquer modo.

Os lábios de Petrov se repuxaram, seus passos deram uma volta ao meu entorno, me analisando.

— Achei que os Moretti tinham curado as suas tendências suicidas — sussurrou para que só eu ouvisse.

Ignorei a onda amarga na boca ao ouvir o maldito nome do passado, preocupada com cada centímetro de mim paralisado. Até a minha respiração pareceu falhar enquanto eu olhava para a expressão séria e irredutível de Alexander, mesmo com a sombra de um sorriso nos lábios.

E, por mais que a atenção dele estivesse no meu rosto, eu sentia como se todos os homens restantes na sala o tivessem ouvido e encarassem meus pulsos à procura de duas linhas brancas finas que havia em cada um deles.

Quis esconder meus braços nas costas e puxar a blusa em frangalhos para me cobrir até os dedos. Mas não podia.

Assim como não podia deixar a ardência insistente no canto das pálpebras inundar minhas bochechas em lágrimas não choradas do passado.

Não podia fazer nada. Não podia ser fraca. Não de novo.

Eu estava e fiquei aqui por um motivo.

Inspire e expire.

Inspire e expire.

Inspire e expire.

Meu autocontrole se equilibrou na beira de um abismo no instante em que falei:

— Estou viva até hoje, não posso dizer que falharam.

— Deixe-me ver. — Estendeu os dedos em minha direção.

Endireitei a coluna e neguei com a cabeça, forçando os braços contra a lateral do meu quadril. Se eu os grudasse em meu corpo, Petrov não poderia olhar para as marcas do dia em que me cortei.

— Aqui não é um lugar onde você tem opção, *Saltykova*.

Ele fechou o seu domínio em torno do meu pulso, puxando meu braço para frente com a força do tranco de um cavalo. Nem nos meus sonhos mais fantasiosos, eu esperei que aquelas íris castanhas, como as minhas, descascariam a pele do meu pulso.

Era um toque que poderiam dizer ser inocente, mas eu sentia como se tivesse limpado a sala para um jantar de almas humanas e a minha sendo o prato principal.

— Corte a garganta na próxima, será mais eficiente. — Riu, empurrando minha mão para longe.

Um suspiro quase aliviado saiu dos meus lábios, mas aproveitei pouco do alívio, pois ele

logo trocou o aperto dos meus punhos por um que pressionava as minhas bochechas nos dentes.

— Você é uma coisinha valiosa demais para se deixar morrer, querida. Eu entendo o porquê de Moretti a salvar.

Troquei o peso de um pé para o outro enquanto Pahkan franziu a testa, aumentando a força de seu aperto.

— Se eu, que já gastei alguns milhões e não estou animado em perdê-los, imagine ele que gastou tempo te transformando em uma vadia útil?

Por mais que estivesse imunda, com os cabelos embaraçados e olheiras profundas abaixo dos olhos, minha aparência não me incomodava até ela parecer refletir as palavras dele, e o conjunto deixava-me prostrada como um rato de esgoto.

— Você, *querida Saltykova*, é a minha maior conquista contra a *Casa Nostra*.

— Então o que é isso aqui?

— Teatro, claro... — Sorriu, sarcástico. — E uma punição para você aprender a nunca mais me desobedecer. Alguém tem que servir de exemplo.

O arrepio que correu minha coluna não tinha nada a ver com a temperatura do meu corpo. Era medo vivo e pulsante.

— Eu vou fazer você agonizar, mas não morrer. — Petrov usou o dedão e o indicador para forçar as minhas bochechas a se arquearem em um falso sorriso. — Você morta não tem utilidade alguma para mim.

Ele olhou para mim por cima, usando a nossa diferença de altura para erguer meu queixo. Desdém brincava em sua feição em mistura com uma superioridade nojenta.

— No dia que pisou na minha casa, eu avisei sobre jogar de acordo com as minhas regras. Você aceitou igual a um cachorrinho, então espero que, para o seu bem, continue assim. Porque a outra opção que nos resta, até você aprender a obedecer, é te entregar como diversão para os meus homens...

Mordi a língua para segurá-la dentro da boca e com o aperto de Petrov no rosto, o gosto metálico de sangue tomou rapidamente a minha boca. A outra mão dele infiltrou-se no meu cabelo e puxou minha nuca para trás.

Um arquejo indevido escapou de mim. Não o suficiente para alguém o parar.

Eu fui tola o bastante para esperar que em uma sala com mais de doze homens, qualquer um deles fosse se contrapor a ideia.

Eles não o fizeram.

Nunca o faziam.

De uma maneira desumana, homens sempre apoiam as ideias doentias uns dos outros, principalmente se o alvo for uma mulher.

— Não decepe a sua língua, tenho certeza de que ela pode fazer um trabalho incrível em um boquete — bufou uma risada. — Eles estão loucos para revezar você como um brinquedinho disfuncional. Mas ainda não quero estragar o troféu que eu gastei tantos meses e dinheiro esculpindo.

No instante em que seus dedos largaram o meu rosto, houve um baque alto do meu corpo frágil contra o objeto de madeira no centro da sala.

Eu já tinha até me esquecido da aberração esculpida em cedro.

— Agora suba no palanque como uma boa garota. — Não me movi e ele gritou: — Agora!

Então, como um robô, eu o fiz.

Passei a mão pela madeira rústica da base antes de afundar as unhas e me impulsionar a

subir. Se eu tentasse fugir, não conseguiria chegar a um metro de distância de onde estava sem levar um tiro.

Talvez conseguisse derrubar três guardas, mas restariam muitos em pé para a minha letargia conseguir aguentar. Apenas abaixei a cabeça e suspirei, parada em frente à haste de madeira que subiu da base até quase o teto do pavilhão, aceitando o destino.

Minha visão implorava para escurecer, assim como o meu cérebro queria tirar a força das minhas pernas que me sustentavam em pé. A vertigem foi intensificando o olhar pútrido daqueles homens sobre o meu corpo.

O cedro da ponta oposta a mim rangeu. Passadas pesadas tornaram os rangidos frequentes até o calor correspondente a esse humano ricochetear em minha própria quentura.

— Esse é o início do seu fim, vadia. — Reconheci a voz quase de imediato. Era o capataz que me tirou da cela. — Você não é tão importante quanto diz a si mesma.

Não o respondi, jurando em silêncio a sua morte e o uso do seu sangue como a porra da tintura do meu cabelo. Faria isso apenas por diversão. Pelo prazer de fazê-lo não só pagar a língua, como pagar com a própria vida.

Recitei o juramento com um pouco mais de afinco quando senti seu toque pegajoso em meu corpo. Agoniantes segundos passaram e ele continuou com a sua lentidão irritante, quase desfrutando do seu infortúnio desejo de possuir algo que nunca seria dele.

Fechei os olhos, tentando imaginar um daqueles “corredores da vergonha”, dos filmes americanos que eu gostava. Seria melhor do que o presente.

Qualquer coisa seria.

Mesmo com os olhos fechados, tentando criar uma realidade anexa à verdade, não me impediu de sentir. Senti quando os dedos masculinos de um deles trabalhou nas minhas costas e, enfim, rasgou a parte de trás da minha camiseta.

Ouvi quando as fibras de uma corda se retorceram em suas mãos, raspando vez ou outra na minha pele desnuda.

Senti quando as mãos dele tocaram a minha garganta.

Ouvi o momento que fez o nó na corda que iria agarrar o meu pescoço.

Senti quando ele o apertou na minha pele.

Cada. Segundo. Eu. Senti.

E soube que a minha brincadeirinha sobre a possibilidade de ser enforcada em praça pública tinha se tornado uma sufocante realidade.

— Espero que aprenda de uma vez, querida — Petrov bradou, sentado de sua cadeira no ponto mais alto do pavilhão. — Não queremos que isso se repita, certo?

Não respondi.

Ele acenou.

O soldado puxou a corda para cima.

E eu comecei a sufocar.

08

Porque todo mundo quer ir para o céu
mas ninguém quer morrer.
Reaper - Silverberg

NICOLAS BERRYCHOTH

— Não deveria vir tanto aqui.

Meu irmão solta uma respiração trêmula, mas não havia uma única lágrima escorrendo por seu rosto quando meus passos terminaram o caminho na grama molhada até ele.

Se houvesse lágrimas, poderia começar a me preocupar.

Se houvesse um mínimo fungado, saberia que ele estava desgovernado.

— Me ajuda a pensar. — Nathaniel virou seu rosto para mim. As sobrancelhas grossas e tão escuras quanto as minhas, franzidas em emoções demais para o habitual dele.

— Silêncio e álcool costumavam resolver — retruquei, focado nele e em suas castas emoções para evitar a pequena pedra abaulada no chão.

O seu cinza aparentava ser mais escuro do que todas as outras lápides colocadas no cemitério, como se mesmo após a morte, algum tipo de escuridão sobrepujasse o sobrenome da nossa família.

Os nomes de Aria e Theodore Berrychoth estavam gravados em uma letra bonita com uma curta mensagem abaixo, embora seus corpos não estivessem em nenhum dos dois caixões a sete palmos dos meus pés.

Meus dentes afundaram na parte interna da minha boca. A mordida é dolorosa, mas ínfima perto da revolta perversa e fervente pulsando em minhas veias. O luto e a tristeza geralmente esperados eram como sombras que desistiram de corroer um espaço em meu peito para eu senti-las. O tempo me permitiu ser uma casca oca, mas nunca fria em relação a eles. Porque o ódio queimava quase igual a pequena chama que pairou a alguns metros dos meus olhos.

Ouvi primeiro o som dos pequenos galhos secos quebrarem sob seus pés, depois vi a pequena fumaça da chama de seu isqueiro vermelho para, só então, a voz do meu irmão mais novo, Matteo, arrebentar o ar.

Toda a raiva se dissipou na mesma facilidade que o fogo sumiu quando Matteo tirou o indicador da ignição do isqueiro.

— Nada que envolve um problema com *cabeça loira* é resolvido igual aos outros, *maninho.* — Matteo deu a resposta para a dúvida que deixei caminhar pelo ar. — O problema dele tem um nome, sobrenome e 1,70 de altura

Revirei os olhos para o apelido ridículo, mas as poucas emoções que pulsavam no meu sistema, tornaram-se felizes vendo que ele tinha voltado com a língua dentro da boca após a viagem.

Um feito e tanto.

— 1,73 — Nate fez questão de corrigir, jogando os ombros para trás e olhando no fundo dos olhos do nosso irmão. Matteo o imitou.

— Está vendo? — Um sorriso, marcado por covinhas, surgiu no canto de sua boca. Ele mordeu na tentativa de segurá-lo, falhando miseravelmente..

— Não preciso de desculpas para o meu comportamento. — Nathaniel deu um passo para o lado, nivelando seu ombro ao meu.

— Tem razão. — O sarcasmo escorreu do mais novo e seu dedo acendeu o isqueiro novamente, num tique que tem desde a infância.

Provocar Nate deveria estar entre as suas três coisas favoritas no mundo. O segundo e o terceiro item envolviam a garota que proclamou como sua *amiga* e foder. Mas esses dois últimos itens, em hipótese alguma, na mesma frase.

— Chegou rápido — mudei de assunto, cedendo-lhe um olhar que indicava que uma reunião nos aguardava mais tarde. Tínhamos alguns assuntos para resolver.

— Tenho o melhor carro de nós três. — Piscou para mim, jogando a jaqueta de couro sobre o ombro, já que pequenas gotículas de suor escorriam por sua testa. Matteo levantou os óculos de sol, prendendo os cabelos enquanto suas íris castanhas iam de mim para Nate. — Bem... hum... estamos fúnebres hoje?

Seu maxilar quase encostou no peito para que pudesse ler o nome gravado na lápide, logo depois.

— Pela quantidade de pessoas que matamos, estamos sempre fúnebres, não acha?

— Eu só não esperava uma reunião familiar em uma cova, justo quando eu volto da Itália. — Ele jogou o seu peso em cima da lápide com o nome de Theodore gravado, usando-a como assento. — O que aconteceu com as noites de pizza?

— Ainda é meio-dia. — O hálito de vodca e hortelã de Nate atingiu meu rosto. Ele estava crítico.

Diferente de mim que, embora eu não desgostasse da ideia, a textura gordurosa da pizza veio à minha boca junto a uma ânsia insistente em meu estômago. Precisava evitar gordura por um tempo. E isso incluía evitar qualquer noite de *fast-food* que Matteo inventasse.

— Continuo *morto* de fome — Matteo retrucou.

Soltei um suspiro para prender o riso e enfiei as mãos no bolso.

Matteo poderia ser o mais novo de nós, mas definitivamente não nasceu ontem. O tom humorado e os trocadilhos faziam dele uma pessoa fácil de conversar, mas, também, uma pessoa conhecedora dos limites.

E cada exalação mais ruidosa de Nathaniel indicava que ele estava mais perto desse limite. Matteo não iria provocá-lo muito mais.

Burrice não estava acoplada à nossa linhagem.

Fúria, no entanto, poderia ser nosso café da manhã ou o que beberíamos nos pequenos cantis preenchidos com álcool, escondidos em nossos bolsos.

A raiva de Nate não era relacionada ao nosso irmão mais novo. Não em um todo. Mas a única mulher inegavelmente loira e moralmente italiana que conseguia absorver cada gota de senso crítico e de autopreservação de sua cabeça:

Choe Moretti.

— Ainda está sofrendo com o luto? — Nate e eu levantamos a sobrancelha ao mesmo tempo, com a mudança brusca de assunto. — De não ter mais a loirinha te irritando?

— Não a chame assim. — O tom de Nathaniel foi quase um rugido.

Ele falhava de forma miserável em fingir não estar próximo a uma síncope. Falhava, ao menos, perante aos olhos que o conheciam como a palma da mão.

— Vou trocar por *futura esposa*, quem sabe? — provocou e a feição de Nate se fechou, o olho esquerdo contraindo-se em conjunto aos lábios.

— Relaxe, ok? — O sorriso de Matteo se alargou, puxando o previsível cantil com alguma bebida alcoólica de dentro do bolso da jaqueta. — Estou brincando... sabe disso, não sabe?

— Hum. — Ele estreitou os olhos e tocou a ponte do nariz.

Balancei a cabeça em negativo, ciente de que, por mais idiota que esses momentos fossem, eles agiam como um sopro de ar fresco para uma alma que queimava no inferno terreno.

— Choe veio com você? — perguntei e peguei a garrafa da mão de Matteo, sentindo o amargor do conhaque dominar minha língua.

— Não, deve chegar em... — olhou para o celular — meia hora, no máximo, se o voo dela não atrasar. Eu a chamei para vir, mas, para ela, berrar com o Moretti parecia ser mais importante. Ainda me surpreende ela ter voz, de tanto que estava esgoelando.

— Sabe o que aconteceu?

Deu de ombros.

— Claro que sei! — bufou. Um legítimo fofoqueiro. — Sou extremamente bom em tudo o que faço, você me mandou lá para conseguir informações e...

— Não para bisbilhotar a vida dela — Nate interveio.

— Eu acho que são pontos de vista. — Roubou o cantil da minha mão e engoliu mais um pouco da bebida. — Ela estava gritando, eu só ouvi.

Ignorei Nate e mexi a mão na frente do corpo, pedindo para que o mais novo de nós continuasse.

— Eles querem fazer um acordo com alguma outra organização. Toda aquela coisa antiquada de casamento dos italianos, e Choe está se recusando.

Matteo inclina a cabeça para trás, fechando os olhos, como se revivesse a cena bem agora. Sua peculiar memória em ação e na máxima potência.

— Ela tem um ano de liberdade até a grande festa, vestidos e daminhas de honra.

Tenho quase certeza de que ouço um grunhido animalesco próximo ao meu ouvido. O motivo do estado colérico de Nathaniel era distinto do meu.

O dele seria algo semelhante a ciúmes, o meu era semelhante à traição.

Casamentos significam acordos.

Acordos significam união e aliados.

E eu esperava muito, muito mesmo, que disso não saísse uma traição.

Caso contrário, Choe, mais uma vez, choraria no túmulo de um de seus pais.

— Preciso que a leve para casa, Nick — Nate falou após o pequeno silêncio se instaurar entre nós. Foi a vez dele de tomar a garrafa metálica seguida de um gole longo do conhaque de Matteo.

— Você também pode levá-la.

— Eu sei. — Outro gole. — Mas Choe não irá aceitar. Então faça isso por mim.

Nathaniel não era de pedir coisas para mim.

Mas sempre que o fazia, eu dava um jeito de cumprir.

Sempre.



Choe Moretti desceu do jatinho ajeitando os óculos de sol arredondados no nariz fino. Com o olhar por cima da lente, passando das malas ao piloto, ela dispensou o italiano e voltou-se com um pequeno e falso sorriso nos lábios para mim.

— Podia ter ligado para pedir uma carona — falei, descruzando os braços, mas com os quadris ainda apoiados na lateral da minha *lambo*.

— Eu sei, mas acho que vocês já fazem o suficiente por mim.

Levantei uma sobrancelha, observando-a.

Apesar da curva modesta em sua boca, a vermelhidão na ponta de seu nariz e os olhos um pouco inchados eram provas o suficiente das lágrimas que a herdeira italiana gostaria de esconder.

As gotas salgadas que mancharam suas bochechas por debaixo dos óculos provavam que "o suficiente" não supria tudo o que ela precisava.

— Sem modéstias, Choe — tentei soar leve. — Não combina com você.

— Estou tentando me tornar um ser humano mais agradável.

Não era a sua intenção, mas em seu tom, a herdeira da *Casa Nostra* deixou explícito o tanto que essa tentativa a deixava exausta.

— Você já é agradável para quem interessa.

— E quem seria essa pessoa? — Um brilho suave tomou suas íris azuis com um anel de ouro em volta das pupilas. Semelhante à uma esperança infantil que eu, ou meus irmãos, nunca chegamos a ter.

— Nathaniel.

Choe primeiro bufou, um pouco incrédula, um pouco rindo de uma piada que não fiz. Depois, revirou os olhos ao perceber que não a acompanhei na gargalhada desenfreada.

— Esqueça isso, Nicolas.

— É um fato. — Caminhei até ela, pegando a pequena mala para jogá-la no porta-malas menor.

Havia oito seguranças meus espalhados por todo o aeroporto, observando como águias cada palavra trocada, no entanto, ignorando a importância de cada uma delas.

Qualquer um deles poderia vir pegar a mala. Mas não era qualquer um que eu deixava colocar a mão no meu carro.

— Então não quero mais ser agradável — pontuou, apoiando as mãos na porta do passageiro para retirar os saltos de seus pés. Afinei o olhar. — Pare de me olhar assim!

— Assim como?

— Como se eu fosse um potinho de cristal que está prestes a quebrar. — Ela chocou o seu ombro no meu, na tentativa de aliviar o clima. — Eu não gosto disso.

Bati o porta-malas e caminhei com ela em direção ao seu lado do carro.

— Não estou fazendo isso.

Abri a porta do passageiro.

— Seu instinto de irmão mais velho é apurado demais para o bem da sua saúde mental — Choe suspirou e entrou no carro. — Vamos de uma vez, meus pés estão doendo por causa desses saltos filhos da puta.

Antes de terminar a volta em direção à minha porta, acenei para o único dos oito

seguranças visível para que todos eles me seguissem.

Choe mexia no som do carro quando o motor rangeu. Meu pé se afundou no acelerador. Os pneus cantaram e eu acelerei para fora do aeroporto.

Aos poucos, as ruas de Londres ganharam algumas árvores e a vista de prédios conhecidos por ela fizeram-na repuxar os lábios de forma singela. Mas algo que foi desfeito tão rápido quanto surgiu porque seu entretenimento voltou para a música junto a suspiros pesados e cansados escapando de sua boca, até eu interrompê-la:

— Não estou feliz por te obrigarem a amarrar os laços com qualquer um, Choe. Saiba disso.

Ela recosta a cabeça no banco e vejo que fechou os olhos pela lateral dos óculos de sol. Também vejo a lágrima salgada escorrendo assim que o sinal ficou vermelho e a luz refletiu em seu rosto.

— Eu… eu sei. — A voz dela falha. — Sei que sou só parte do acordo entre você e meu pai. Dependendo do que acontecer, eu não vou ser mais bem-vinda aqui e… — Ela abre seus olhos, cruzando-os com os meus, deixando claro que o "acontecer" era o seu modo mais gentil de dizer futuro marido. — Meu ponto é: eu sei, Nick. Eu vim para cá porque sei que você não me prenderia em uma gaiola de ouro. Nenhum de vocês.

— Nenhum de nós vê o casamento como um futuro próspero.

— Nem eu. Mas o que eu penso nunca importou.

Choe não precisou dizer mais nada. Nós chegarmos ao prédio — o qual era dono — e foi o suficiente para ela pular do carro rapidamente, encerrando a conversa. O banco de couro parecia espetá-la pela forma como fugiu.

— Você terá um refúgio aqui — afirmei, pegando as malas e caminhei em direção ao elevador.

— Você… — Ela me segue, batendo os pés no chão com mais força do que o necessário. — Você e seus irmãos já fazem o suficiente.

— Considere isso dentro do suficiente.

A mulher bufou, rolando os olhos.

Um riso anasalado escapou de mim e fui recebido com um olhar que não deveria colocar medo nem em um cachorro doméstico, mas “o importante era que ela havia tentado”, como o meu irmão mais novo gostava de dizer.

— Espere aqui fora, vou revistar o apartamento e você pode entrar depois — falei quando o elevador abriu dentro do pequeno hall em frente à porta de entrada.

— Você sabe que não é meu segurança e que eu não sou um cristal que vai quebrar — repetiu a última parte, chateada.

— Sou irmão do homem que se importa com você, para mim, isso é o suficiente.

— Você e Nate são idênticos, puta merda.

— Privilégios da herança sanguínea. — Pisquei para ela, gostando de distrai-la com algo idiota.

Além do mais, assim como Matteo gostava de irritar Nathaniel, para mim era divertido irritá-la. Mais divertido ainda por ser uma coisa extremamente fácil de fazer. Choe Moretti era uma garota legal. Inconsequente, mas legal.

— Nick, sério! O lugar está fechado há meses, o máximo que irá encontrar serão baratas e... — Choe limpou a garganta e eu não dei atenção. — Ok, tá bom, então, entra.... Audição ruim é um problema de família também, pelo visto. — A última parte saiu num resmungo bravo.

Sorri e empurrei a porta.

A pouca luz que entrava na sala vinha da sacada, os vidros de blindex abertos, ventilando e iluminando a sala.

No entanto, o que me fez virar o rosto rapidamente à procura de algo a mais foi a taça de vinho fresco sobre a mesa de centro.

Levei a mão na lateral da coxa, sentindo o engate da arma.

Uma chuva forte começou do lado de fora, deixando a sala pouco iluminada. Londres já era naturalmente mais escura por causa do seu céu coberto por fumaça, entretanto, em dias chuvosos, a luz solar era ainda mais escassa.

E, dentro do apartamento de Choe em específico, a penumbra o atingia por inteiro.

Dei alguns passos em frente, olhando para os lados.

Na borda da taça, um batom vinho deixava sua marca sexy e me lembrava de outra boca que abusava dos tons quentes com seu sorriso mortal.

Eu deveria evitar o êxtase de um viciado que me tomava ao pensar nela. Deveria evitar roçar os dedos no fundo da palma da mão, como se a sentisse ao tocar a minha própria pele.

Eu deveria parar.

Mas precisar nem sempre era fazer.

Ainda mais quando a promessa soletrada por minha boca, noites atrás, fazia o órgão entre as minhas costelas bater com a ferocidade de um animal enjaulado e faminto, incentivando-me a cumprir qualquer um dos meus desejos nocivos e perversos.

Meus olhos seguem atentos a todas as portas do cômodo, escolhendo focar na invasão do apartamento. Além da taça, me deparo com um pouco de comida recém-feita em cima do fogão e uma minúscula renda preta pendurada na parede da lavanderia.

Havia uma câmera, na mesma parede da calcinha. Foi inevitável piscar para a lente e para o espectador que deveria me assistir do outro lado.

O apartamento não era mais um lugar seguro.

Subi o pequeno degrau entre a sala e os quartos, caminhando rumo a uma das portas, quando o som do rangido de um móvel sendo empurrado me deixou estático.

Foi natural apertar a mão no corpo da pistola, assim como virar meu rosto para o lado, esperando o próximo movimento. Porque quem havia violado o apartamento, permanecia dentro dele.

E eu iria pegá-lo.

A adrenalina da caçada foi tudo o que o meu coração soube bater nos próximos segundos. O pulso constante retumbou nas orelhas e foi o único som entre as quatro paredes brancas. Bem… o único até um formigamento tomar conta do meu pescoço e pequenas gotas de suor brotarem na gola da minha camisa em um prenúncio do som de mais um móvel rangendo.

Corri os olhos por toda a sala, mas não tinha ninguém. No entanto, a mesinha de centro não possuía mais a taça e não estava mais no meio da sala.

Parei de respirar por um segundo, puxando a arma do coldre invisível em minha coxa.

As sombras deveriam cobri-lo como um manto pesado em dias de frio, escondendo-o no meio de seus braços, porque eu não via nada, não ouvia nada, não existia nada.

E, mesmo assim, uma das cadeiras da pequena mesa de jantar rugiu.

Choe começou a cantarolar, do lado de fora, uma música de péssimo gosto, batucando os dedos em algum lugar entre a porta e o batente de madeira maciça. Cada toque era abafado e incomodava uma parte interna minha.

Eu poderia ir até lá e mandar que parasse.

Eu poderia muito bem ligar as luzes e acabar com esse pega-pega infantil.

Eu poderia impor um limite e descobrir quem arruinou uma das minhas fronteiras.

Mas dedos cravaram-se no meu ombro ao mesmo tempo que um joelho foi em direção aos meus, para me derrubar antes que eu sequer pudesse reagir.

O rosnado escapulindo da minha garganta era predatório. O movimento do meu ombro era furioso. E minhas mãos agarrando os longos fios de cabelo de quem me tocou para jogá-lo para a frente… Isso, foi mortal.

O vidro da mesinha de centro explodiu em mil pedaços diferentes quando derrubei seu peso nela. O corpo se remexia em meio aos cacos, provavelmente provocando pequenos cortes no qual as respostas eram os chiados apáticos, metódicos e femininos.

Lancei um olhar lento ao meu redor: a música de Choe, agora, era inexistente. A noite começava a se impor sacada adentro e a invasora colocava-se de pé com uma agilidade treinada.

Gostaria de saber o que ela pensou quando se levantou. Mas seu rosto estava estupidamente longe do meu para que eu pudesse catar qualquer mínima reação.

E eu queria vê-la. Queria observá-la. Como se conseguisse roubar cada sentimento com um olhar e absorvê-la até usar o que a minha pequena caça sentia contra ela mesma.

Talvez, por isso, tenha desejado que o espírito de sobrevivência fosse o que transbordasse as linhas de seu rosto quando, em mim, era o da caçada que borbulhava com um único propósito evidente.

Fechei os olhos e libertei as mãos fechadas em punho.

Não podia vê-la. Mas passaria a ouvi-la.

Puxei o ar em uma inspiração lenta. Pela primeira vez, senti o cheiro doce dela. Realmente era uma mulher.

Meu corpo esquentou e o suor brotou em minhas costas conforme eu tentava me concentrar.

Ouvi o primeiro passo.

O segundo. O terceiro.

Apertei os olhos.

Os cacos de vidro despontavam de sua roupa rumo ao chão como uma chuva de cristais muito barulhentos, para a sua infelicidade.

No quarto passo, ouvi o exato momento em que sua mão rumou em minha direção, agarrando seus dedos entre os meus e rodando seu braço para as costas.

Ela me chutou, acertando a lateral da minha perna e brincando com meu equilíbrio o suficiente para que pudesse se virar de frente para mim.

Na tentativa de jogar seu corpo para trás e sair do meu domínio, nós dois batemos na parede que deveria ser a do corredor dos quartos. Sua exalação muda fez cosquinhas na minha garganta, o ar quente tocando em mim no lugar que os seus dedos livres foram, logo depois, me enforcar. Os segurei também, travando-os entre os centímetros que nos distanciávamos um do outro, com força.

Foda-se qual emoção deveria estar em seu rosto. A irritação de suas ações era semelhante à minha. Tão intensa quanto a minha.

E, com sua cabeça levemente abaixo do meu queixo, algo como loucura tomou conta das minhas ações.

Não sabia se olhava em seus olhos, mas esperei que sim. Desejei que sim.

— Se mexa e irá dar um “oi” para o diabo.

Meus dedos apertaram seus pulsos e sob baixos relevos de pele, senti sua pulsação bater forte.

Aumentando mais o ritmo quando escorri minha observação para os músculos de seus braços que se enrijeceram visivelmente por uma minúscula fração de tempo em meio à penumbra. Um por um, eles delimitaram-se na pele dela, me deixando quase que fascinado.

A admiração ganhou alguns pontos a mais quando, entre as respirações ruidosas após eu colocar minha arma em sua barriga, a mulher falou:

— Eu não tenho medo de você.

As palavras nem terminaram de sair de sua boca para eu reconhecer a dona. O modo como soou calma também não fez nada para diminuir a excitação e a raiva inundando o meu cérebro.

Porque a invasora era Clara…

Clara Rossi.

E ela não estava com medo, só parecia entediada. A arma tocando na parte nua de seu corpo era como se não estivesse lá. Eu poderia matá-la e Clara não parecia estar nem um pouco incomodada com isso.

O que eu estava perdendo?

Olhei para o rosto dela, piscando outra vez para ter certeza. E foram esses segundos de distração que permitiram as minhas costas baterem na parede, o estalo da minha arma bater contra o chão e algo pontiagudo ameaçar perfurar a parte baixa da minha barriga.

09

Agora que estamos sozinhos,
posso sentir seus batimentos.
Heartbeat - Isabel LaRosa

CLARA ROSSI

Deus, ele não deveria estar aqui.

Nicolas também não deveria sorrir quando ameaço perfurá-lo com um peso de papel idiota.

Apesar de que tinha as minhas dúvidas se ele conseguia ver que toda a cena estava pautada na pequena Torre Eiffel metálica que ganhei de Moretti no meu primeiro aniversário após a morte dos meus pais.

Para todos os efeitos, era a merda de uma faca e eu desejava, com muito fervor, rasgar seus músculos.

Levantei o queixo, mirando seus olhos enquanto afundava um pouco mais da ponta afiada em sua pele.

As pupilas dele parecem dilatar ainda mais. *Ele estava chapado?*

A próxima respiração dele ficou engatada na garganta quando empurrei uma das mãos que me segurava contra a parede e a prendi ali. Como ele fez com os meus pulsos.

— Você disse que viria atrás de mim, mas entrar na minha casa já não é um pouco demais?

— Quando eu fico intrigado com alguma coisa, isso tende a se tornar perigoso, princesa. Mas não o suficiente para me tornar um stalker.

Nicolas arrumou a postura, mantendo a expressão estóica. Entretanto, podia ver seu peito se movimentar agitado, subindo e descendo rápido na mesma adrenalina das minhas próprias veias. A gola baixa e os dois ou três botões abertos da camisa deixavam cada movimentação mais intensa e perceptível aos meus olhos.

A leve onda de arrepio nos antebraços expostos sob as mangas dobradas da camisa preta foi outra coisa que a minha apreciação feminina notou antes de focar em tentar entender o que ele estava fazendo ali.

Afundei mais o objeto pontiagudo.

Seus olhos reviraram.

— Nós dois sabemos que você não irá me matar, hum? O que acha de abaixar a faca?

Eu fiz o contrário.

Passando a língua nos dentes, invadi o espaço pessoal dele. Deixei uma das minhas coxas no meio das suas e larguei a mão que segurava seu pulso para brincar com a gola da camisa.

— É um peso de papel, idiota. — Ele arqueou a sobrancelha em diversão, se pela minha fala ou pelas minhas ações, eu não soube.

— E o que faria com um peso de papel, princesa?

— Neste ponto bem aqui — sussurrei, afundando a ponta afiada dois dedos abaixo de sua costela — , com um pouco de força, perfuro seu baço. Acredite em mim, não é algo legal. Se eu subir para cá...

Nicolas permaneceu em silêncio, deixando a provocação sedutora e mortal da minha voz atingi-lo conforme eu arrastava a parte afiada pelo seu corpo.

Puxei seu pescoço pela gola da camisa, embolando o tecido preto nos dedos.

O cheiro do suor e do perfume dele foi tudo o que senti nos próximos minutos, misturando-se no meu oxigênio igualmente ao toque descarado de minha boca, resvalando na parte baixa do seu maxilar para sussurrar em seu ouvido.

— Aqui... é um local fácil — continuei sem mover a cabeça, mas olhando-o por cima dos cílios. E, porra, aquele filho da puta parecia devorar cada pedaço da minha alma. — Usando o meu peso para empurrar essa linda Torre Eiffel no seu pulmão, você irá sufocar e sentirá muita, muita dor. Vai sentir o ar ser roubado enquanto seu sangue preenche tudo e você começa a cuspi-lo pela boca.

Foi a vez da minha respiração engatar, porque a mão de Nicolas, que eu soltei, agora enroscou no meu cabelo, envolvendo minha nuca com uma delicadeza e sedução que ele não usou para me jogar contra a mesa.

Raspei a boca em sua pele como resposta, meu sussurro tornando-se apenas um sopro felino.

— Há muitos lugares em seu corpo que eu conheço. — Desci com a minha mão livre pelo seu peitoral, ainda deixando a outra com o peso de papel marcando a pele de sua cintura. — Onde machucar. — Percorri a extensão de sua barriga, sentindo os músculos sob o tecido. — Como machucar. — Mordisquei a boca. — A melhor forma de fazer a agonia durar. — Os dedos de Nicolas se flexionaram na minha nuca. — Mas também sei onde salvar. E como salvar.

— Uma *garotinha* bem estudiosa, eu percebo.

— Garotinha... — bufei com o coração trovejando no peito. — Odeio diminutivos.

— Sua profissão não deveria ser salvar vidas?

— Para aprender a salvar, nós aprendemos também a como matar. — Subi na ponta dos pés e saí da região de sua garganta para me aproximar do seu rosto. — Além do que, eu alegaria legítima defesa.

— Uma causa ganha. — Ele sorriu mais, molhando os lábios secos, porém seus olhos continuavam duros. Nunca se movendo dos meus.

— Uma causa ganha — minha voz rolou por sua pele. — Até mesmo se eu perfurar a sua garganta e deixá-lo sangrar para morrer com uma dor insuportável. Afinal, você invadiu a minha casa. — O pouco humor em minha voz ruiu. — O que você quer?

— Sua casa?

— Sim?

Cerrei os dentes com sua audácia. Com a arrogância pura em sua voz.

— Estou tomando vinho e vestindo somente uma blusa e uma calcinha porque estava na casa de outra pessoa, obviamente. — Rio, incrédula. — Como você sabe onde eu moro e o que faço da minha vida?

— Eu não sabia que estava aqui. — Encolheu os ombros largos depois de sua contribuição muito útil. — Estou tão surpreso quanto você.

— E sobre o que eu faço?

— Na outra noite, você disse que a sua função era salvar vidas. — Meu corpo inteiro

vibrou, a tensão palpável no ar. Principalmente quando ele forçou a minha cabeça para cima, puxando os fios do meu cabelo. — Eu só repeti.

— Então o que faremos agora? Me sento no sofá e te convido para tomar vinho? Para você poder decorar tudo o que eu falo?

— Não irei pedir perdão por prestar atenção em você, se é o que quer.

A respiração dele alcançou meu rosto, a voz num sussurro, fazendo meu pulso voltar a disparar. Nicolas teve a audácia de repuxar os lábios. Com o seu dedão em minha garganta, ele podia sentir todas as emoções faltantes em meu rosto, pulsando entre as minhas costelas, subindo para as artérias da minha garganta.

— Seu coração está batendo rápido demais.

Saiu baixo como se fosse uma mera anotação mental que tinha verbalizado. Mas se todos os encontros com esse homem me ensinaram algo, era que o acaso e ele nunca andariam de mãos dadas.

— Para alguém tão controlada — ele continuou —, eu te desconcerto.

— Idiota!

— Princesinha selvagem — murmurou com a boca a centímetros da minha. O ar quente batendo em mim. Seus olhos prendendo os meus.

Eu nunca havia sentido a respiração de alguém antes, nunca assim. Era íntimo. Muito mais do que tirar todas as peças de roupa do corpo. Era quase perturbador.

— Quero você fora da minha casa. — O aperto dele aumentou na minha nuca.

— Isso não será possível.

Deveria tê-lo empurrado para fora. Chutado sua bunda e voltar a assistir o programa culinário que gostava em paz. Deveria nem ter começado essa discussão. Nem dar a ele mais informações sobre mim ou permitir criar uma conexão infindável e jogar esse pique-esconde quando a verdade nunca poderia beirá-lo de perto.

Mas, por alguma razão, ao invés de expulsá-lo de vez, no momento que se recusou a sair, manter a pequena disputa, a troca de olhares, a guerra de respirações foi tão arrasadora quanto a vontade de um cachorro faminto em manter o osso em sua boca.

Não queríamos desistir da primeira mordida.

Não queríamos desistir das nossas vontades.

Então, elas se colidiram como as ondas de um tsunami. E se afastar ou desviar da prisão de olhares não era mais uma opção, mas, sim, a nossa condenação.

Isso me perturbou. Isso transformou o meu ritmo cardíaco em uma arritmia. E ele sentiu cada batida por ele... *para ele.* Seu olhar cerrado nunca vacilou. Azul como o mar.

Eu estava me afogando em terra firme.

— Nick, você está bem? — Uma voz feminina surgiu junto ao rangido da porta.

Nenhum de nós se moveu.

Os saltos dela bateram no piso amadeirado. A porta se fechou, logo depois.

— Eu pos-posso... — Suas cordas vocais tremeluziam medo. — Onde você está, Nicolas?

— Bem aqui — respondeu, mas tão baixo que duvido que alguém além de mim tenha ouvido.

Ela ligou as luzes e deu mais alguns passos. Se fosse possível, percebi o exato momento em que a mulher nos encontrou e sua observação queimou minha derme.

— Ohh... certo. — Virei o meu rosto na direção dela ao mesmo tempo que ele e a vi engolir em seco. — O que está rolando aqui?

— Nada — sou eu quem falo.

Com os lábios franzidos, a loira percorreu o meu corpo e o de Nicolas com a cabeça, ambas as mãos apoiadas na cintura em uma pose maternal demais para a situação. Ela parecia a mãe que pegou o filho numa situação constrangedora.

— Não vou perguntar se vocês têm certeza. — Ela tentou segurar o riso, mas falhou miseravelmente. — Ok?

— Obrigada. — Repuxei os lábios para ela. — Pode levar o seu namorado para longe de mim e da minha casa, por favor?

— Bom Deus, não! Ele não é meu namorado, não cometi tantos pecados assim para ter essa punição. — Nicolas franziu a testa, olhando para cima e depois revirou os olhos. — E a casa é minha, na verdade.

— Senhor — suspirei.

Meus olhos se fecharam em cansaço. Precisei respirar uma, duas, três vezes para manter a calma vigente em mim.

Apesar do "minha" na frase, o apartamento era de Enrico Moretti. Ganhei as chaves quando fiz dezoito anos e, apesar de nossos desentendimentos, ele me garantiu que sempre seria um lugar seguro para mim. Um refúgio se um dia eu precisasse. Por tempo indeterminado.

Mais um erro de julgamento, pelo visto.

Um erro que me pegou desprevenida.

A mulher alta, de cabelos loiros, jogou o seu peso no sofá claro da sala, familiarizada com os móveis, até mesmo confortável, de volta ao seu ambiente natural. Seus olhos se fecharam assim que a cabeça encostou na almofada macia. Havia algo nela, em seu rosto, que me parecia familiar, mas não a ponto de trazer nenhuma memória de um reencontro anterior além daqui.

Ela ajeitou o corpo no sofá, fazendo uma massagem leve na base das costas e, sem querer, deixando a saia deslumbrante em seu quadril subir um pouco. Mas o homem ao meu lado não prestou atenção.

Na verdade, Nicolas continuava com os olhos fixos em mim. Gritando uma linguagem corporal que sugeria que ele e ela eram amigos de longa data. Ou algo próximo disso.

Empurrei Nicolas para longe, apertando os dedos no peso de papel em minhas mãos. E, apesar de seu corpo ter dado um ou dois passos para trás, foi mais por sua vontade do que pela minha força.

— Deve ser um engano… — Virei-me para a loira. — O antigo proprietário me deu as chaves como uma forma de agradecimento pelo meu trabalho — expliquei, engolindo garganta abaixo qual o tipo de serviço que eu prestava. — Não sabia que já tinha vendido. Na minha cabeça trocariam as fechaduras, ao menos.

— Mas esse apartamento só teve um proprietário. — A loira riu da minha confusão, seu rosto virando em direção ao meu. — Meu pai.

Puta que pariu.

Senti o meu pescoço se avermelhar, muito mais por raiva do que por vergonha. Não dela, mas de Enrico Moretti por ter transformado algo que era quase como o meu lar, em um circo. Vender estava entre seus direitos, mas me avisar sobre isso, deveria ser um dos meus direitos também.

— Deve ser uma coincidência. — Ela expirou devagar, mas o desânimo ao mencionar o seu progenitor já era visível.

Não era uma coincidência. Eu não acreditava nelas.

Algo faltava para todas as peças se encaixarem.

Minha cabeça parecia rodar tanto, tentando buscar o que eu deixava passar diante dos meus olhos, que agradeci por ter uma parede atrás de mim quando ela falou:

— Enfim... não me apresentei a você, parece até que deixei a educação na Itália. Choe, prazer.

Franzi as sobrancelhas, apertando mais as mãos no peso de papel. Senti as partes de metal começarem a perfurar a pele. Ainda assim, não diminuí a força.

Na verdade, o único ímpeto que me segurei foi o de negar com a cabeça.

Uma dor latente ameaçando começar a pulsar próximo às minhas sobrancelhas enquanto meu estômago deu uma cambalhota radical, deixando minha bile subir até a garganta.

Gostaria muito de poder vomitar.

A vontade triplicou de tamanho no instante em que ela falou o nome completo e me trouxe a confirmação de algo que a minha cabeça tentou me enganar para não perceber.

— Choe Moretti.

Se o meu karma tivesse nome e sobrenome, seriam os dela. *Tinha certeza disso.*

Me segurei muito para as sombras do meu passado não me engolirem por completo quando a mulher sorriu, porque a parte mais complicada da familiaridade vinda do fundo da mente para estapear o seu rosto, era ela te lembrar coisas que você já implorou para esquecer.

Mas, pelo visto, eu tinha implorado pouco.

E, assim como quase me afoguei nos olhos azuis da presença masculina perturbadora ao meu lado, eu quase me afoguei na culpa e arrependimento por causa da doce e incompleta felicidade que aqueles lábios femininos carregavam.



Você precisa ser muito frio para sobreviver nesse mundo.
Natural - Imagine Dragons

CLARA ROSSI

Há três anos — quase dezembro | Moscou, Rússia

Um minuto.

Eu deveria estar, no máximo, há um minuto com o corpo suspenso por uma corda na garganta. E a cada segundo que passava, eu pensava que iria morrer.

Na verdade, acho que meu coração chegou a parar. Eu tremia tanto. Meu interior implorava por todo o ar puro que eu não era capaz de inspirar.

Minhas unhas arranharam minha pele, algumas rajadas escarlates começaram a acumular por debaixo delas, deixando arranhões violentos no meu pescoço. Porque eu estava tentando tirar aquela corda. Eu estava. Eu juro que estava.

Mas só conseguia me cortar, agarrando os fios de palha com uma respiração tão sufocante quanto o medo florescendo no meu estômago embrulhado.

O nervosismo me derrubaria para trás se eu não estivesse presa.

Não queria morrer.

Ainda não.

Não, não, não.

Não queria denunciar meu medo. Queria morrer como uma mulher forte. Destemida. Talvez inconsequente. No entanto, nunca covarde. Mesmo que o medo fosse a única coisa pulsando em mim, já que meu coração ameaçava desistir.

Tentei tomar pequenos fôlegos, balançando o corpo e chutando o ar para me livrar da prisão do pânico. Eu precisava sair daqui, mas o máximo que consegui foi ver Alexander Petrov.

Meu intestino se contorceu, a raiva em algum lugar forte o suficiente para colocá-lo na lista de pessoas que mataria se sobrevivesse.

Petrov não disse uma palavra. Sentado sob todo seu poder, ele me observou morrer. Ele deixou deliberadamente e sorriu com isso.

A salva de palmas que se seguiu, ajudou-me a remexer mais para me livrar de cada fio espetando minha pele e da marca que eu sabia que estava se formando nela. Eles aplaudiram o meu sofrimento igual a um espetáculo. Aplaudiram minha agonia enquanto eu sentia o mundo se fechando sobre minha garganta.

O homem que segurava a minha vida nas mãos os seguia, não com palmas, mas usando-as como uma autorização para me machucar mais, me fazer sofrer um pouco mais e ser ovacionado pela saudação da morte.

Ele quer que eu pague por não seguir as ordens, então puxou um pouco e gritos masculinos repugnantes ganharam a sala.

— Acho que um minuto e meio já servem de lição. — Ouvi Drakon intervir de algum canto.

— Não, ainda não — Petrov dissuadiu, girando a mão para que seu soldado acertasse mais a corda. — Ela continua rebelde. Mesmo enforcada.

Sorriu de novo.

Um gelo frio tomou as extremidades do meu corpo. Um formigamento evoluindo para a falta de sensibilidade. E ameaçava subir. Ameaçava me engolir.

Vi o braço de Petrov girar de novo, em mais uma ordem.

— Diga a verdade, Drakon, ela não fica mais bonita sofrendo?

Não sei se ele respondeu. Não consegui prestar atenção quando meus ouvidos zumbiam o prenúncio do fim e meu rosto queimava semelhante a estar próximo de uma fogueira. Era o roxo tomando meus lábios e meu nariz. Mas incidia em mim como um tom vermelho fervente. Doía como uma queimadura. Ardia como colocar pele queimada sob a água. Formigava como jogar álcool numa ferida aberta.

Uma lágrima. Uma única lágrima banhou minha bochecha.

Agonia e dor não eram o suficiente para os russos. Eles gostavam de fazer suas vítimas implorarem pela própria vida. Chorarem em cima do próprio sangue. Engolindo parte de seus próprios órgãos.

Agonia e dor não eram suficientes, pois a humilhação cumpria o papel principal da morte no país mais gelado da Terra.

E o Pahkan transformou a minha tortura em algo público, ao invés de um simples tiro na testa em seu escritório, porque ele queria ter o prazer de me humilhar, de me subjugar a suas ordens como um mero brinquedinho frágil e descartável que, agora, estava fazendo questão de quebrar.

Não iria implorar.

Não iria.

Essa não era Clara Rossi.

Clara Rossi não pedia. Clara Rossi era uma sobrevivente.

Eu era.

Eu não iria implorar.

Nem mesmo no momento em que o soldado puxou a corda mais para cima e eu engoli o fôlego, me afogando no que eu sabia ser o meu último suspiro.

Não tinha como não ser.

Tudo acabaria em uma série de minutos infames.

Acabaria antes que eu pudesse completar o que eu tinha começado.

Um déjà-vu passou por mim, nublando o presente e me embalando no passado… esperei um momento reconfortante do passado para me dissociar da dor, me proteger da morte e me levar em paz.

Mas o que a minha vista embaçada, recoberta por lágrimas, transmitia, não era proteção. Era o sufocamento, a falta de ar, o desespero de meu pai que deveria ser um gêmeo do que os meus olhos empunhavam.

Assim como eu implorava por oxigênio, balançando meus pés no nada, em busca de um impulso livrador das garras cortantes dessa corda, o corpo dele se remexeu fraco, lutando pela própria vida e para tirar as minhas garras de seu rosto.

Retirar os dedos das minhas próprias mãos que o sufocaram até a morte.

E então, tudo recomeçou.

A dor no instante em que meus joelhos bateram no chão. O alívio da corda se afrouxando na garganta. O ar entrando como um tiro, rasgando tudo à sua volta.

Cada osso do meu corpo doeu. Cada respiração doeu.

Puxei um fôlego tão grande que achei que iria me afogar. Algumas tosses vieram em seguida, mas não barraram o prazer de sentir meus pulmões subindo e descendo. Ou o fato de que minhas mãos tremiam tanto que precisei prendê-las entre as coxas para raciocinar.

— Podemos levá-la de volta à cela, Pahkan?

Petrov negou com a cabeça.

— Temos que conversar agora. — A ordem em sua voz foi implícita, mas todos entenderam o momento de se levantar e sair da sala.

Deixei os fios do meu cabelo caírem à frente do meu rosto, cobrindo-me de olhares curiosos. O excesso de exposição já dominava os meus sentidos, deixando-os em pânico. Dar vislumbres de fragilidade a qualquer um deles me faria entrar em uma espiral de completa ansiedade.

— Por que não matou Lina Moretti?

— Só veio me perguntar agora? — questionei entre respirações profundas. Todo o ar que eu respirava não parecia ser o suficiente. Não era.

— Você deveria estar mais suscetível a me dar respostas depois do nosso pequeno show.

Ergui o queixo, olhando entre os fios pretos escorrendo pelo rosto. Estava jogada no chão, mal sentindo as pernas, enquanto Petrov apoiou uma perna na parte mais alta do palanque de madeira, a sua mão pairou sobre ela e me encarou.

— Não quis.

Ele cerrou a mandíbula e os olhos.

— Quais são os seus negócios com os italianos, *Saltykova*?

Meu coração bateu forte, tentando me manter firme.

— Atualmente, não há nenhum.

— Diga a verdade.

— Eu disse — insisti. — Se eu ainda tivesse negócios com eles, nunca teria colocado os pés aqui.

Cuspi no chão. Não era um sinal rebelde. Minha saliva estava ácida e queimava mais a minha boca do que a umedecia.

Porém, os olhos dele tornaram-se enlouquecidos. E a sua próxima reação foi agarrar a pele esfolada da minha garganta e apertá-la entre seus dedos, me puxando para frente.

Enrolei os dedos dos pés e tentei, tentei muito, não desregular o ritmo respiratório que mal tinha acabado de se estabilizar.

Eu não era medrosa.

Eu não deveria tremer ao toque de alguém.

Eu não o deixaria me quebrar.

— Estou dizendo a verdade — repeti.

— Você já está dentro desse sistema há anos. E eu não suporto traidores, menina — suspirou. — Espero que você não seja esse tipo de garota. Eu estou te treinando para ser melhor.

— Nem metade do que eu sou tem alguma influência sua.

Petrov puxou os lábios.

— Agradeça muito por sua cabeça valer mais viva do que morta. É a única coisa que te faz estar respirando ainda.

Ele me largou.

Eu levei as mãos ao pescoço por instinto, estendendo os dedos na forma de uma concha, como se assim fosse me proteger. De longe, qualquer um as veria tremer, então, afundei as unhas na pele já machucada.

A pontada dolorosa foi a última gota no corpo cheio de dor. E, para segurá-la, foi a vez dos meus dentes se afundarem nos lábios secos. Eu preferia a dor ao descontrole ansioso que me beirava.

— Não haverá uma segunda chance. Mate-a ou na próxima irei tomar vodca enquanto assisto sua morte.

Neguei com a cabeça, mais em um modo de sobrevivência do que qualquer outra coisa.

— Eu não… — *Eu não posso*, queria dizer.

Alguma pequena parte minha continuava se importando com aquela família. Querendo ou não, de forma deturpada ou não, me estenderam a mão quando eu precisei. Eu tinha uma dívida com eles. Uma que iria muito além do dinheiro que recebia.

Era sobre a minha honra.

Mas Petrov não dava a mínima.

Honra não existia em seu vocabulário. Violência, entretanto, estava presente em cada um de seus poros. Pesando sobre a mão que atingiu o lado direito do meu rosto e o fez latejar.

Ele me deu um tapa. Forte. Rígido. Feito para deixar marcas onde tocasse.

— Nunca mais questione as minhas ordens.

Como ele… como ele ousa?

O ultraje banhou-me como água. O medo pingou junto também.

Haviam níveis de violência, os toques, as falas, as ordens, mas nunca havia partido para algo físico. Não até esse instante. Uma barreira tinha sido cruzada, um limite que eu gostaria de ter preservado por mais tempo. Então, não rebati, mordendo as partes internas da bochecha até o gosto metálico do sangue se tornar o meu novo sabor predileto.

— Se eu te mandar fazer algo, você apenas concorda.

Outro tapa.

— Se for para matar alguém…

Mais um. Minha bochecha ardeu. Petrov cresceu mais sobre mim, empurrando meu corpo contra a madeira do palanque.

— Você vai fazer essa pessoa sangrar o suficiente para me trazer um vidro cheio com o sangue dela.

Ele afundou as mãos nos meus cabelos, puxando-os com raiva.

— Se eu falar que você é a porra de uma puta, vai abrir as pernas para todos os meus homens…

O nariz dele se arrastou pela minha bochecha e com o domínio de suas mãos em mim, não havia nada que eu pudesse fazer para fugir do toque.

— Vai gemer igual a uma atriz pornô e dirá que está gostando.

A sensação de ter limpado a sala para um jantar de almas humanas, a minha sendo o prato principal, perseverou ainda mais quando deixei-o fazer o que quisesse comigo. Eu simplesmente *desisti* de lutar.

— E se eu mandar você acabar com Lina Moretti, você vai matá-la. Entendeu?

Alexander empurrou a minha cabeça contra o tablado de madeira. A distância era pequena, mas assim que o primeiro impacto veio, ele reverberou pela minha mandíbula rígida. No entanto, foi na segunda vez me empurrando, que surgiu um eco de tontura e parte da minha consciência começou a deixar o meu corpo.

— Você tem até o dia que eles irão embora, no final do mês.



Os Moretti foram à Rússia para assinar um acordo de distribuição de drogas. Os italianos precisavam das estradas para as suas compras do Oriente. Era lógico. Entretanto, o preço seria bem mais alto do que qualquer um que eles poderiam contabilizar.

Eu os observei pelo tempo que pude.

Adiei mais do que deveria.

Foram duas semanas para que eu conseguisse me manter em pé e tomar coragem, mas quando o fiz, a urgência de sair correndo para o mais longe possível não me barrou de ser levada novamente à mesma mansão com um lindo gramado e uma brega fonte de água em frente.

E, dessa vez, ainda que o peso da arma parecesse agir mais sobre o meu peito do que sobre o meu punho, não impediu o meu dedo de deslizar pelo gatilho e atirar na esposa do homem que salvou a minha vida.

Lina Moretti estava morta, entre um piscar de olhos.

Virei as costas e comecei a correr para longe.

Não esperei para pedir perdão.

Era ela...

Ou eu.

10

Eu te disse que estava bem,
mas eu estava mentindo.
Dancing With The Devil - Demi Lovato

CLARA ROSSI

Eu estava sangrando.

Cada pequeno corte nas minhas costas ardia, as lascas de vidro penetravam mais a pele conforme me mexia. Mas não importava.

E isso se estendeu para a crescente brasa dolorida no interior da minha palma direita, que deixou a primeira gota escarlate escorrer na minha coxa nua.

O sangue era quente. Tão fervente quanto as borbulhas revirando o meu estômago. Como consequência, a bile ácida subiu pela garganta, corroendo tudo por seu caminho até simular um aperto em meu peito que pouco se distanciou de um infarto.

Doía.

Muito.

A desculpa aleatória exalada da minha boca, os meus passos sem rumo e as respirações profundas não me acalentaram em nada.

Segundos rapidamente se transformaram em horas.

E cada um deles foi consumido pelo imenso número de corredores, portas e degraus que me levaram à área da piscina no último andar.

A falta de um toldo para proteger o porcelanato do chão o deixou escorregadio pela chuva fina. A mesma que molhou o meu rosto acompanhada de lágrimas salgadas que precisavam chegar na superfície.

Eu sentia meu coração disparar a cada gota batendo em minha bochecha. Às vezes, as usava para me controlar. Em outras, levar as mãos ao quadril era instintivo, procurando por um bolso com um maço de cigarro que, nesse momento, eram inexistentes.

A blusa e a calcinha não permitiam nada além de cobrir a minha pele. Mesmo assim, sentia-me exposta e vulnerável a ponto de beber ou usar qualquer coisa que me faria parar de pensar. *Me faria esquecer.*

Um tom de voz conhecido, deslizando do meu sangue para fora e me aquecendo no interior, foi a única droga a qual tive acesso e foi por ela que escolhi me viciar na tentativa de me sentir viva e no controle.

— Você não precisava correr.

A perfuração das minhas unhas na pele aumentou.

Eu não movi o rosto para olhá-lo, apesar de cada poro reconhecer sua presença a poucos metros de mim. Era impossível não o fazer quando seu olhar me queimava mesmo sob o gelado da chuva.

Entretanto, o tremor ganhando vida no meu sistema não tinha nada a ver com ele ou com a água escorrendo e pingando pelo meu corpo. A respiração frenética também não tinha ligação com a nossa proximidade. Eu conhecia os sinais, assim como conhecia os pontos pretos assumindo as minhas íris no lugar das lágrimas.

Eu não vou perder o controle.

Eu vou respirar devagar.

Eu não vou parecer frágil na frente de alguém novamente.

— Você, Srta. Rossi, é um enigma — continuou ele. — Em um instante, teve coragem o suficiente para ameaçar minha vida, no seguinte, correu por causa de um mal-entendido.

Nicolas deu um passo, entrando na chuva também.

— Parece que tudo o que sei sobre você nunca será o suficiente para descobrir como irá agir em seguida.

Mais um passo.

— Você diz que gosta de falar, mas agora está em completo silêncio.

Outro passo.

Apertei meus olhos, fechando-os na tentativa de me livrar da dor que se movia do meu interior para fora e me agarrar no calor que a voz dele tinha, ao menos até arrumar outra droga para me entorpecer.

Minhas unhas afundaram com mais força na palma da mão.

Só havia os meus pedaços estragados de alma, ele e a água.

Uma parte diferente de mim, uma quieta, esperava que ele reconhecesse o quanto eu era disfuncional. Esperava que isso e a falta de resposta fossem o suficiente para afastá-lo e me deixasse terminar de me lamentar em paz.

Paz... quis gargalhar, mas sem felicidade alguma.

Eu ainda sabia o que essa palavra poderia significar na minha vida?

— Você não correu nem mesmo quando mandei você fazer isso, Srta. Rossi.

Seus passos continuaram.

— Então, eu vim atrás para saber o que mudou.

Mais um. Minha pulsação vibrou.

Não irei pedir perdão por prestar atenção em você.

— Gosto de saber o que move as pessoas: paixões, sonhos, desejos. Mas também gosto de descobrir de onde tiram suas forças.

Quase pude ouvi-lo dizer que “Fazia parte do trabalho”.

No entanto, qualquer pensamento sumiu quando a sua próxima respiração bateu na minha nuca. Quente. Furtiva. Violenta.

— Porque todos nós procuramos por forças na vida. — Seus dedos, tão ferventes quanto o seu ar, fecharam-se em torno do meu pulso. O dedão dele forçando meus próprios dedos a soltarem seu aperto. — Mas espero que você se machucar nunca mais seja o caminho para isso.

Lágrimas escureceram minha visão de vez.

Só percebi o quanto tremia no instante em que sua mão se apertou mais sobre a minha. Ele me segurou como um bote salva-vidas e eu me agarrei, dependente disso... *Me permitindo depender de alguém uma única vez.*

— Você já teve medo de morrer? — sufoquei, incapaz de respirar fundo o suficiente.

— Não. — Ele começou a traçar desenhos onde me tocava. — Teve uma época que foi tudo o que eu quis.

— O que mudou?

— Era o mais fácil, não o certo.

— Eu precisei quase chegar lá para perceber que nunca quis. — Joguei o queixo para cima, minha cabeça encostando em seu peito por estarmos tão próximos.

Uma distância menor do que um passo.

Nicolas desenhou por mais um tempo em minha mão, evitando cada um dos cortes. Eu nunca a puxei para longe. Ele nunca parou de me tocar.

— Por que você se machuca? — perguntou.

Engoli. *Pessoal demais*, minha mente gritou. E talvez fosse. Mas dei algo meu para a nossa troca de confissões.

— Para me lembrar que ninguém tem o poder de fazer isso além de mim.

Sufoquei mais uma vez. Falar sobre o assunto tornava as memórias mais vívidas. Martelando em minha cabeça, de modo incessante, que eu era um dos vilões da história de Choe Moretti. E para vingar a morte dos meus pais, eu havia tirado a vida de um dos dela.

A mãe dela caiu com um disparo. Meus pais levaram quatro. Eles imploraram por suas vidas e eu não fiquei por tempo suficiente para saber se Lina também pediria pela sua.

Eu a deixei morrer sozinha. Sangrando. Afogando nos próprios líquidos.

Hipócrita. É o que sou.

Apertei os dedos, encontrando a barreira da mão de Nicolas ao invés da minha. Meus pulmões congelaram.

— Respire junto comigo, Clara.

Mais uma vez, eu sufoquei.

— Estou tentando — falei, desabando. Deus, o que eu estava sentindo? Era muita coisa. Coisa demais. Eu não dava conta de tudo isso. — Eu estou tentando.

— Siga o meu ritmo.

Mais uma vez, eu tentei. Muito.

Nicolas parou ao meu lado, ainda segurando meu pulso.

Ele não olhou para mim. Eu não olhei para ele.

Nós apenas existimos. E isso, de alguma forma, bastou.

O silêncio tornou-se confortável. O pequeno toque entre os nossos dedos, tão longe de qualquer exigência grosseira e disputa, transformou-se em um elo calmante.

Assim como focar meus olhos em seu peito coberto por uma camisa igualmente molhada à minha e copiar o seu ritmo respiratório.

Por um instante no Universo, nós tivemos a mesma sequência de batimentos cardíacos, a mesma quantidade de respirações. Por um instante, foi só *eu, ele e a chuva*. Sem mais os meus pedaços quebrados.

E eu me droguei da sensação da mesma forma que faria com uma carreira de cocaína.

Porque cada tapa, cada cicatriz, cada memória se tornou um pouco menos atormentadora.

— Em um dia normal — deixei seu peito e subi o olhar para o rosto, ele se virou somente o suficiente para encontrar os meus olhos —, eu diria para você terminar o jogo que começou naquela sala.

Não precisei perguntar que jogo.

Nós gostávamos de provocar e desafiar um ao outro desde o primeiro momento. Como se tivéssemos um ponto a provar sobre a pessoa à nossa frente. A questão era que qualquer ideia sobre ele se dissolveu com a chuva e as minhas lágrimas. A ternura que chegava a existir em seu olhar era diferente de qualquer outro sentimento. Ela nunca fez parte da nossa disputa, não quando era humana demais para se brincar.

— Mas não hoje? — foi um sussurro.

— Hoje não é um dia normal.

Um vento frio bateu nas minhas bochechas, resfriando todas as partes molhadas antes que eu buscasse minha voz.

— Por quê?

— Porque só consigo pensar em você de uma forma frágil, princesa. — O tom foi ameno, acariciando meu rosto como desejei que sua palma fizesse. — E você não é.

Não percebi quando apertei minha mão contra a dele, mas Nicolas não o fez de volta, descendo a sua, que era mais áspera e recheada de calos, para apertar meus dedos, mas não o centro da minha mão.

Nicolas nunca tocou onde eu havia me mutilado. Evitou o lugar como o próprio diabo evitaria a cruz.

— Não se machuque de novo — mandou com palavras afiadas, deixando a suavidade de lado.

Ela também faltou quando ele desceu o olhar para o sangue respingado em minha coxa, para a palma da mão com pequenos cortes abertos em formato de mini luas, para a blusa branca encharcada colada no meu corpo até os rastros de lágrimas e chuva nas minhas bochechas.

O azul dos seus olhos, que quase me afogou, foi o que transformou o ar em algo mais puro para ser inspirado no meio da minha crise.

Até escurecerem.

Uma escuridão impiedosa que envolveu a minha alma e me puxou.

A mandíbula dele cerrou, descontente com algo que viu.

Nicolas virou o rosto para o céu quando, de repente, eu quis saber — *eu precisei saber* — o porquê de se aproximar tanto, de mostrar-se quase que vulnerável para depois fugir.

Ele me acusou de ter corrido do apartamento. Mas, naquele instante, Nicolas também tinha corrido… *ele tinha corrido de mim.*

Ainda que fosse frio e controlado, distância não era algo que impunha. Ele se aproximava, invadia espaços pessoais e roubava oxigênio. Não virava o rosto e desviava olhares.

Isso me incomodou mais do que deveria.

Porque algo queimou por baixo de sua superfície. Algo que estava envolto em um iceberg por muito tempo. E eu queria ver derreter. Mais uma vez, era algo que eu *precisava*.

Uma chamada deve ter vibrado em seu bolso, ele pegou o celular e em seguida o levou à orelha, servindo como uma desculpa perfeita para finalizar o que havia ocorrido nesse terraço.

Todo o restante de calor em seu rosto desapareceu num piscar de olhos. A seriedade tendo vez em cada uma de suas linhas.

— Você não precisa ir embora.

Mas ele se foi.

E eu não o pedi para ficar.

Nem mesmo todo o calor humano do mundo que o seu toque parecia proporcionar ao meu corpo frio me faria pedi-lo para ficar. Nem mesmo sabendo que cada gota de calmaria após a minha tempestade de sentimentos fosse parcialmente formada por ele, suas palavras e seu toque.



Eu estava quente.

Levei o dorso da mão à garganta enquanto a outra passava meu crachá para bater meu ponto. Enfiei o cartão na minha mala, remexendo entre o pequeno cobertor e a outra muda de roupa para procurar meu celular.

Tinham se passado três dias desde a minha crise, o banho de chuva e Nicolas. Só quando voltei para o apartamento e Choe pediu para que eu ficasse por lá, ao menos por mais um tempo, percebi que fiquei mais de duas horas no terraço.

Duas horas que decidiram cobrar suas consequências.

— Você vem amanhã? — Aiden parou ao meu lado. O pijama azul do hospital ainda estava em seu corpo.

— Não sei. Tenho que ver a escala com os outros residentes.

Ele passou a mão pelos cabelos raiados pelo sol, arqueando a sobrancelha do mesmo tom. Eu não negava trabalho, quanto mais, melhor. Se não estava envolvida em meu *outro* serviço, procurando o meu próximo alvo, estava entre aqueles corredores.

Geralmente, ocupada demais para encontros com ele ou conversar com meus colegas de trabalho.

— Tem certeza que está bem? — Foi uma brincadeira, mas respondi com sinceridade. Talvez conseguisse alguns dias de folga para ver se enfim eu conseguia dormir mais do que três horas por noite.

— Estou em um pico febril.

As mãos dele subiram para as minhas bochechas, depois desceram para a garganta. As pontas de seus dedos estavam tão frias que o pequeno choque térmico arrepiou a minha nuca.

— O que estava fazendo antes?

— Arrumando as minhas coisas para ir embora. — Olhei para o celular. — Meu turno acabou, já tem uns trinta minutos.

Se eu estivesse debaixo de cobertas, a pele aquecida poderia ser normal. Mas eu não estava. E o catarro preso em minha glote indicava que estava mais para uma pequena gripe do que qualquer outra coisa.

— Quer que eu te leve para casa?

Aiden colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, subindo meu queixo para mirar meus olhos.

— Estou de carro.

— Me liga qualquer coisa — murmurou baixinho, seus lábios tocando minha pele. — Mas acho que você dá conta de lidar com uma febre.

Ele nem sabia quem eu era. Não a verdade. E com certeza, se um dia descobrisse, todo o cuidado que brilhava em suas íris, o interesse, o carinho… todos sumiriam. Nojo tomaria o lugar.

Pessoas como eu eram condenáveis. Imperfeitas e sem uma história que incluía cercas brancas e um lindo sobrado em um bairro seguro.

Aiden deveria correr para longe como Nicolas fez.

A quem eu estava enganando… Toda a cena embaixo da chuva ainda me incomodava. *Muito.* Quando deveria significar menos do que o gorjeio dos pássaros do lado de fora do hospital.

— Tire uma folga amanhã. — Aiden fez o pedido mais firme. — Não veja nada com ninguém. Vou arrumar a escala, tudo bem?

Assenti.

Estava exausta demais para negar.

Minha cabeça latejava há mais de 48 horas e não havia um único remédio capaz de

aliviar. Cada pulso no centro da minha testa ecoava uma das palavras que Nicolas havia me dito naquele terraço e um pouco antes dele também.

Porque só consigo pensar em você de uma forma frágil, princesa. E você não é.

Não irei pedir perdão por prestar atenção em você.

Nas últimas duas noites, minha cama não me aqueceu para dormir. Ela foi a minha mesa de trabalho nas madrugadas insones, procurando quem *ele* era. A verdade além do advogado e herdeiro que proclamava a cada gesto.

Eu não achei.

Nada.

E quando tentava fechar os olhos para dormir um pouco, o passado voltava para me assombrar. A risada de Alexander Petrov se tornava pior a cada vez que vinha em meus sonhos. A cada vez, a morte parecia chegar mais perto também.

Sentia-me sugada, como nunca antes.

Eram esses períodos de instabilidade que o risco batia à minha porta e me tornava o que Nicolas sussurrou para mim ontem: *frágil.*

— Se não melhorar até amanhã, me avise, por favor.

Aiden, como o bom homem que era, deixou um beijo na minha testa. Quase meloso demais para o meu estômago revirar.

Mas só puxei os lábios num sorriso polido e segui para fora do hospital, procurando a chave do carro.

O alarme soou. Joguei minha bolsa no banco de trás do SUV branco, quase entrando na parte do motorista quando meus olhos correram pelo estacionamento.

Estava vazio. Três carros além do meu. Uma das luzes do poste estragada. Uma floresta de árvores do outro lado da rua. Nada de mais.

Até um monte coberto de escuridão próximo a um dos postes chamar minha atenção. A adrenalina injetou nas minhas veias na rapidez de uma medicação intravenosa. A dor de cabeça passou segundos depois quando enrijeci o corpo no puro instinto. Olhei para os lados mais uma vez e dei um passo.

E mais outro. Levando a mão na perna, ao jeans que eu havia trocado no hospital. Procurando por uma faca que eu não tinha devolvido ao lugar.

Praguejei mil santos.

No entanto, não parei meus passos, não mudei o ritmo ou voltei atrás. Eu estava entorpecida, a dor de cabeça deixada para trás no momento que o meu pé bateu no monte preto.

Havia uma grande sacola rasgada cobrindo o que eu tinha chutado. Me abaixei, sentindo os pés doerem sobre os saltos da bota e puxei o saco.

A rosa branca atravessando as bochechas do homem, de fora a fora, como um piercing faria, foi onde a minha visão parou primeiro.

Depois caminhou para os olhos dele, que estavam abertos, assim como a boca por debaixo do papel que a cobria. As marcas roxas na garganta mostraram que o estrangulamento tinha sido o motivo da morte. Porém, foi a falta de unhas em alguns dedos que me contaram que o homem aos meus pés foi torturado.

Fixei os olhos no papel. Meu coração bateu forte quando a adrenalina o tomou.

"Não gosto de ser ignorado, ladra."

Permaneci imóvel, mal respirando. Cada pelo do meu braço parecia estar em alerta, refletindo o calor que se acumulava no meio das pernas.

Porra. Eu amava isso. Amava a emoção da caçada tanto quanto tomar iogurte de manhã. Mas a diversão não puniu todo o meu sistema.

Aquele homem tinha caído quase como um presente em meu colo. Fácil demais. Corri meus olhos em volta. O silêncio tornando-se espesso como a nuvem de um trovão. Denso e perturbador. Sem nenhum barulho por alguns minutos até um galho, ao longe, estalar.

Fácil demais.

Alguém estava ali. Alguém estava me verificando. Eu não sabia se era um teste para ver se me afetaria, mas para todos os casos, eu não me queimaria sozinha.

Bom, Deus, eu daria um show de merda como uma garotinha inocente quando as maiores perversidades só me causavam excitação.

E se alguém chegasse a questionar a minha demora para reagir, a desculpa de estar em choque ficou na ponta da língua. Confiava em meus instintos, então, eu gritei. Muito.

Gritei como se realmente sentisse aquela morte no peito.

E só parei quando um perfume almiscarado rodeou o meu pequeno corpo, protegendo-me do meu próprio teatro.

Aiden sussurrou palavras acalentadoras no meu ouvido, achando que me protegia no calor dos seus braços. Ele me apertou forte. E eu fingi tremer um pouco mais.

Em todos os casos, Clara Rossi era somente a recém-residente assustada por presenciar uma morte à sua frente. Ela não era uma assassina. Ela era uma garota indefesa de 23 anos que tremia de medo. Ela era inocente... *para todos eles.*

Entretanto, com o queixo no ombro de Aiden quando ele sustentou todo o meu peso em seus braços, me levantando do chão, algo na escuridão me chamou.

Cerrei os olhos.

Eu sabia que não estava sozinha muito antes da multidão correr em minha direção, mas foi só agora que senti um pulso de arrogância caminhando do escuro e escorrendo no meu corpo como posse e ciúme.

Uma única lágrima escorreu da minha bochecha quando acenderam todas as luzes do estacionamento e a claridade deixou uma árvore afastada sob uma penumbra cinzenta clara. Deixou o corpo com o ombro apoiado no seu tronco de madeira sob a mesma pouca luz.

Eu não via mais do que um contorno masculino coberto por roupas pretas. O sapato de couro polido era a única coisa que refletia. Mas não existia um rosto, era como um fantasma.

E eu soube, de alguma forma, que o fantasma que observou o meu choro falso no colo de outro homem, deliciando-se com as minhas lágrimas, era quem eu estupidamente queria chegar.

Berrychoth estava ali. A porra do rei do submundo no escuro. Me observando.

Eu não via o seu rosto, no entanto, sabia que era ele. Porque as sombras pareciam seduzidas por cada um dos meus atos, como se me reconhecesse. A necessidade de dar e receber atenção um do outro se destacava, equilibrando-se na fina linha que sempre existiu entre nós. O fascínio doentio era o nosso maior erro.

Porque eu nunca descobri quem ele era. Assim como Berrychoth nunca fez o mesmo comigo. Nós só trocamos cartas, desaparecemos nas sombras e esperamos por uma sedenta resposta que resultaria em mais um desafio.

Eu não dei uma a ele. Então ele veio atrás.

Precisei piscar quando a viatura da polícia chegou, me cegando com as luzes vermelhas e azuis próximas demais do meu rosto. Foi no meio desse piscar de olhos que *ele* sumiu, como se nunca tivesse colocado os pés ali antes.

Mas eu sabia a verdade.

Sabia que *ele* estava à espreita esperando o momento certo para capturar a assassina que tentou matá-lo. *O momento certo para me capturar*.

E isso foi o suficiente enquanto Aiden me apertou mais em seus braços e prometeu que me levaria para casa.

LONDON NEWS, 20 de junho de 2023

Cartas à moda antiga: Os serial killers conversam.

“Há três anos, diversos canais de comunicação especularam sobre os autores do caso “Adaga e Rosa Branca” se comunicarem entre os assassinatos ou até mesmo por eles. Entretanto, somente em uma coletiva de imprensa durante essa tarde, o delegado que está conduzindo a investigação afirmou que as especulações, sobre essa possível comunicação, provaram ser verdadeiras.”

LONDON NEWS, 23 de junho de 2023

Uma resposta por outra.

“Ontem foi notificado à polícia mais um assassinato no estacionamento do *Hospital Martin West*. Uma das residentes de cirurgia geral alertou todo o hospital do ocorrido ao levar um susto quando encontrou o homem. Outra pessoa presente na cena filmou e postou em uma conta anônima no Twitter, mostrando que foram deixados junto ao corpo um pequeno bilhete e uma rosa branca. O vídeo viralizou em questão de horas.

Assim como também foi questão de horas para a frase que havia no bilhete ser respondida no segundo assassinato em um período de 24 horas. Próximo ao prédio do Parlamento, um dos ministros encontrou o seu compatriota, Jeremy Gove, com um “S” escrito na pele e um pedaço de papel colado em sua boca."

“Não seja tão carente. Prometo que não estou conversando com ninguém além de você."

11

O destino me disse que mulher como você é única.
Addicted - Jon Vinyl

NICOLAS BERRYCHOTH

Amassei o pequeno bilhete.

Inclinando o queixo para cima, senti as pontas do papel afundarem na pele das minhas mãos.

"Não seja tão carente."

Mordi o interior da boca, negando com a cabeça o sorriso raivoso que surgia na boca. *Provocadorazinha* de merda.

Joguei o papel na última gaveta da mesa, ao lado de onde a adaga da cena do crime estava. Era como ter um pedaço dela, algo próximo da sensação de capturá-la com as mãos.

Um desejo que abria portas no meu cérebro para o que eu poderia fazer com ela… quanto mais eu descobria, mais informações queria. Quanto mais a sensação de enfiar meus dedos em sua alma me consumia, mais fundo queria ir.

Desejava invadir sua mente e conquistá-la para depois a quebrar sob a posse de meus dedos. Era meu direito fazer isso. Ela era minha para tal e se tornou isso no dia que tentou me destruir.

A névoa de pensamentos durou pouco, absorvida pelo som abrupto da abertura da porta do meu escritório. Empurrei a gaveta com a perna e a fechei antes que alguém pudesse ver.

Para não dividir nenhuma parte dela com ninguém.



Foi uma medida drástica.

A resposta que dei a Nathaniel e Matteo após ambos invadirem o meu escritório não pareceu agradar suas feições retorcidas.

Em momentos como esses, conseguia ver como éramos iguais. A imprevisibilidade era um tormento de diferentes maneiras.

— Deixar um homem quase degolado para uma civil encontrar está longe do que eu consideraria medida drástica. — Nate puxou a cadeira na frente da minha mesa e se sentou com o seu tablet em mãos.

— Está mais para loucura — Matteo completou, jogado no sofá. — Pode me explicar o porquê isso foi uma boa ideia? Achava que nós tentávamos ser discretos, *sempre.*

— Precisava testar uma teoria.

— E? — O mais novo de nós três levantou as sobrancelhas depois de colocar ambos os braços acima da cabeça, como um tipo improvisado de travesseiro.

— E foi isso.

— Qual é a teoria? — Matteo estreitou os olhos.

— Clara Rossi tem alguma ligação com Enrico Moretti. — A menção do nome fez Nate desviar seus dedos da tela. Na verdade, ele cravou seus olhos em mim, feroz igual a um falcão procurando por algo que não iria encontrar, mas avisando que queria conversar depois. — O corpo era para ver a reação dela. Um teste.

— Choe também tem uma ligação com Moretti, nem por isso você a jogou numa pilha de mortos — Matteo interpelou, bocejando.

Ele tinha razão.

Mas Choe não era *ela*. E não era um problema meu ou um inconveniente usurpando meus pensamentos e envenenando meu sistema.

— Então, estou em dúvida se pergunto se a médica passou no teste ou o porquê de testá-la. — Meu irmão mais novo virou o rosto para o teto, fechando os olhos. Cansaço parecia ser seu sobrenome.

— Ele acha que ela é a assassina, dona das adagas — Nathaniel respondeu por mim. Sem desviar o olhar. Sem, ao menos, se mover. — E como a Srta. Rossi ainda está respirando, a reação dela deve ter sido *aceitável* e a inocentado.

A última palavra saiu como um grasnido. Apesar da face limpa e impiedosa empunhada num rosto alguns anos mais novo do que o meu, seu tom não saiu inexpressivo. O descontentamento evidente em mistura com o seu controle invejável faziam as palavras ecoarem quase rasgando pela garganta.

Assenti. Clara tinha passado. *Por enquanto.*

O grito estridente ainda remexia com uma parte profunda da minha mente. E não de uma forma agradável. Principalmente quando seus olhos chegaram em mim com seu corpo nos braços de outro homem.

Suas íris gritaram guerra contra a escuridão enquanto seu corpo gritava acalento debaixo da luz. Ela declarou guerra contra mim, sem nem mesmo saber que era eu. Ela perturbou a minha paz agarrando-se contra o médico que parecia segui-la como um carrapato. Ela me deixou agitado, retorcendo os dedos da mão.

No entanto, eu não agi. Eu apenas a assisti.

Maníaco ou doente, o que isso fosse, não liguei. Clara Rossi não irá escorregar entre meus dedos tão facilmente.

Então, eu saboreei a sua raiva e sua surpresa, segundo a segundo. Essas reações assentaram muito melhor do que a fragilidade e o pedaço de alma que me deu no terraço.

Os dedos de Nate batucaram mais alto na mesa, impacientes demais para buscar minha atenção. Tentei superar a sorrateira névoa e voltar a pensar de forma mais racional quando nosso irmão se levantou, colocando o celular na orelha.

— Você, *querido irmão*, quer dizer que ela gritou igual à uma criança birrenta, quando diz aceitável? — Ele tapou a parte de baixo do celular, abafando o que falava para quem estivesse do outro lado da linha. Nenhum de nós dois respondeu. — Irei levar como um sim.

Rolei os olhos.

Matteo falou mais algumas palavras ao telefone e depois o desligou, devolvendo o aparelho para o bolso da jaqueta assim como a incredulidade voltou ao seu rosto.

— Ela gritar quer dizer que é inocente?

— É mais como uma informação fornecida espontaneamente. — Balancei a cabeça, rindo. — Clara, sendo médica, está acostumada com corpos com problemas para serem resolvidos, não homens torturados e sem mais nada o que fazer. Ela agiu como qualquer outra pessoa fora do nosso mundo agiria quando encontrasse uma pessoa naquele estado, com medo.

— E se ela estava com medo, é inocente, então? — perguntou de forma retórica, pois não tive a oportunidade de abrir a boca antes de Matteo continuar. — E daí? O que você quer com ela, Nick?

— *Matar minha curiosidade.* — Um sorriso involuntário coçou em meus lábios com a lembrança da expressão dela quando usei essa mesma frase.

— Vai matar mais quantos até isso acontecer?

— Quantos forem necessários. — Dei de ombros. — Foi um pequeno deslize para um bem maior. Torres, apesar de ser um dos nossos melhores homens, era um traidor, já havia passado da hora de tirá-lo de jogo.

Dessa vez, ele não me questionou.

Nesse quesito da vida, Matteo, Nathaniel e eu formamos uma unidade. Nessa vida ou em outras, estaríamos sempre ao lado um do outro.

Edmund Torres, inclusive, foi um problema que Matteo — como o meu comandante — me alertou há meses. As informações passadas, dois carregamentos interceptados, minha urgente necessidade de fazer um acordo com Ian Odhor, tudo vinha de dentro do meu próprio império.

Porque um agente infiltrado esteve ao meu lado por quase o caralho de meio ano, arruinando meus negócios e sendo fonte da minha enxaqueca.

Edmund era um ótimo soldado, o treinamento impecável que o governo lhe deu foi o suficiente para a sua boca se manter fechada, mesmo quando Nathaniel pingou álcool em seu corpo para acendê-lo como uma fogueira, logo depois.

Ele era bom em lutas, mas honra não fazia parte de seu DNA. Não fazia parte da maioria dos genes de agentes federais, principalmente, aos que pertenciam à CIA como ele.

E pessoas assim poderiam ser tão descartáveis quanto o garfo de plástico que usei no almoço.

Chame de valor pessoal ou orgulho, mas traição, em minhas mãos e sob as minhas ordens, não tinha perdão. Piedade foi um termo que aboli do meu dicionário no dia em que sangrei meu pai até que caísse morto aos meus pés.

— Dois coelhos com uma cajadada só. Admirável. — Não perdi o tom irônico que meu irmão usou. Puxei os lábios.

— Quem te ligou? — Nate nos cortou.

— Um dos ministros. Ronan Lewis.

— Achei que ele não quisesse mais negócios com a gente depois que você tentou cortar os dedos dele.

— Ele é exagerado.

— Você não tentou cortar os dedos dele? — Havia humor na voz de Nathaniel.

— Claro que sim. Mas são águas passadas. — Matteo deu de ombros. — Agora ele está preocupado se o pescoço dele será o próximo alvo da *Saltykova*[2]. A morte de ontem abalou mais as estruturas do Congresso do que a minha brincadeirinha.

Minha pulsação aumentou, latejando nas têmporas. Joguei o restante do corpo no encosto da cadeira e olhei para os papéis que, há instantes, folheava nas mãos.

— Convide-o para o *nosso* baile que acontecerá em dois meses no teatro próximo à Av. principal. Vamos remediar isso.

Matteo bufou.

— Contenção de danos me deixam entediado.

— É o melhor que temos — falei.

O baile era uma boa oportunidade. A maioria das famílias da máfia estariam presentes fechando novos negócios e unificando suas futuras gerações.

Matteo poderia ficar entediado e reclamar o quanto quisesse sobre o seu desafeto pelas tradicionais festas, isso não mudaria a minha decisão. Ainda mais quando o peso de um contrato e meses de discussões e tentativas infinitas de acordo pesavam em meus ombros para, no fim, não resultarem em nada útil.

Eu tinha um aliado e dois soldados mortos.

Três homens da minha organização.

Nathaniel solta um murmúrio com o que quase parece… *desgosto*. As comemorações tinham pouco de seu afeto também.

Ele levou a mão à lateral da minha mesa, pegando o copo vazio que estava entre os papéis e a garrafa de uísque.

Depois de um gole profundo, falou:

— Dependendo de quem será o próximo alvo da *Saltykova*, ela nos fará um favor. Se estão preocupados com a própria cabeça, já devem saber que se tornaram sanguessugas.

Terminou o gole, devolvendo o copo e a garrafa milimetricamente no mesmo lugar em que as pegou. Deixei que prosseguisse, acompanhando a sua linha de raciocínio com gotas de adrenalina pingando no sangue.

— Mas ela pode acabar matando a pessoa errada. E isso nos trará problemas reais. Ian Odhor foi um exemplo e os escoceses não estão satisfeitos com a situação.

Um acordo milionário jogado na lixeira, era o que ele queria dizer.

Saltykova era uma pedra no sapato que estava começando a incomodar. Ela brincou com uma parte que não deveria: os meus negócios.

Se matasse o meu exército na minha frente, não receberia mais do que uma remessa de igual tamanho de mortos em seu colo. Mas os meus acordos de distribuição… Isso estava além dos limites, porra.

— Gosto de perder dinheiro tanto quanto qualquer um deles. Não estou satisfeito com isso também, mas Odhor nos jogaria na fogueira. Se eu o tivesse em minhas mãos, os escoceses teriam mais o que desgostar.

— Não posso discordar disso — Matteo intercedeu no pequeno silêncio. — Mas o que você está sugerindo, Nate? Está pedindo para deixar a sua energia violenta dar um passeio?

— Não sou o seu maldito cachorro. — Encrespou o rosto. — Encontre-a. — Nathaniel concentrou-se em mim, o sadismo brilhando em seus olhos de executor da máfia.

Nosso irmão estava certo, a morte passava por Nate como a vibração de um sussurro cotidiano. Fazia parte dele. Mais dele do que de qualquer um de nós. E só ficou ainda mais comprovado no instante em que encostou todo o seu corpo na cadeira e falou:

— E termine de uma vez a história com a mulher que tentou te matar, antes que isso custe o nosso império.



Então levanto meu dedo do meio.
Cansei de ser seu escravo.
Middle Finger - Bohnes

CLARA ROSSI

Há três anos — quase janeiro | Moscou, Rússia

Corra, apenas continue correndo.

Meus pulmões estavam queimando. Minhas pernas lutavam para que continuassem funcionando no alto ritmo que eu tinha imposto enquanto meus braços nus eram castigados pelo vento frio do inverno russo.

Não pare, sussurrei para mim mesma. *Você dá conta de chegar ao fim*.

O chão da floresta em torno da casa que Alexander tinha apelidado como seu lar era cruel. Alguns galhos batiam em meu corpo, transformando a pele em uma tela de recortes escarlates nada uniformes.

O dia estava quase totalmente escurecido, mas ainda tentei enxergar através da penumbra, percorri os arredores com olhos à procura de Drakon. Ele sempre me dava dois minutos de vantagem antes de começar a me perseguir. E, ainda que ganhasse distância considerável da casa principal sem vê-lo em canto algum, sabia que pairava sobre mim.

Assim como esteve pairando no momento em que deixei o corpo de Lina Moretti espalhando sangue pelo límpido chão de porcelanato da casa onde estava. Naquele dia, Drakon não me parou. *Hoje, ele me perseguia.*

Alguns espinhos enfiaram-se na sola dos meus pés e os pequenos xingamentos que soltei ecoavam pela alta copa das árvores.

A pouca luz não me deixava examinar onde eu estava pisando. Era uma floresta densa, cultivada por anos, talvez até alguns séculos, feita justamente para que alguém se perdesse nela e nunca mais conseguisse sair.

Desviei de uma árvore e aumentei o ritmo.

Minha língua amargava com os resquícios de álcool forte nela. Nenhuma das doses que havia tomado surtia algum efeito além da saliva ácida. Não amenizavam a dor ou a sensação de que meus pés iriam rachar de tanto bater contra o chão.

Um segundo de alívio me abateu quando, no próximo passo, meu pé não chegou ao chão.

Mas esse *um* segundo foi realmente somente um, porque no seguinte, um braço prendia-se na minha cintura e erguia meu corpo como uma pluma antes de jogá-lo contra a terra dura.

— Em três segundos — Drakon rosnou —, a partir de agora, eu pego a arma escondida nas minhas costas, aponto-a para a sua cabeça e é bem-vinda ao inferno, Clara.

— Já estou nele.

Senti a dor do impacto no chão espalhando pelas minhas costas.

Uma tosse alojou-se no meio do meu peito por causa da terra e eu precisei bater meu punho próximo ao diafragma para que ela saísse.

— O sarcasmo não combina com você — pontuei quando parei de tentar expelir meus órgãos para fora.

Drakon olhou-me de cima e algo como decepção pairou no seu semblante por mais do que alguns segundos. Ele queria que eu visse, pois bem, eu vi.

— Você precisa levar o treinamento a sério — começou com a mesma ladainha, assistindo eu jogar meu corpo para a frente para tentar me levantar.

— Estou levando — soltei, suspirando de dor. Até mesmo respirar parecia doer.

— Não, não está. Levante-se de uma vez. E vamos de novo.

Ele deu um passo para trás, para que eu tivesse espaço para ficar de pé.

— Vê se dessa vez eu paro você, pelo menos, a cem metros da casa.

Seus passos são duros e rápidos até de volta à porta da mansão. A minha vontade era de jogar meu corpo contra a terra dura e permanecer assim até que o sol começasse a nascer de novo.

Puxei o ar, tentando absorver um pouco de força junto ao oxigênio e me pus em pé.

Meu ritmo é definitivamente mais lento do que o de Drakon. Por isso, eu levei alguns minutos a mais até chegar à porta de novo.

Antes que eu conseguisse engolir mais um gole de água e outro de vodca, ele arrancou as garrafas da minha mão em meio a uma careta e, de forma muito literal, assobia para que eu comece a correr de novo.

E eu corro.

Corro como se a minha vida dependesse disso.

Condeno meus pulmões por serem fracos. Condeno a minha mente por ser fraca. Condeno a mim mesma por ser fraca.

A minha única função era sobreviver até o final.

Passando árvore após árvore, meus pulmões queimavam de novo.

Uma dor começava no lado esquerdo da minha barriga, eu sabia que era pela falta de ar. Tentei me concentrar, ajustando meu ritmo para que eu não sufocasse.

Eu estava correndo como Alexander Petrov queria. Treinando como Alexander Petrov queria. Me tornando mais um de seus assassinos *como Alexander Petrov queria.*

Seguindo suas ordens como um cavalo arriado. Ele mandou que eu treinasse. Eu o fiz. Mandou que eu fosse a melhor. Eu estava me tornando. E me obriguei a continuar até matar as suas expectativas.

Não pense nisso!

Embora eu estivesse quase ultrapassando a última árvore em que Drakon havia me parado, não consegui sorrir pela conquista.

O tecido fino da camiseta cinza e do moletom da mesma cor que eu usava estavam imundos. Meu sangue e terra vermelha marcavam o caminho que eu deixava para trás em uma trilha mortífera.

Mesmo com um dos braços pingando, eu não me sentia segura o suficiente para parar, rasgar uma parte da camiseta e atar a pele perfurada para que o sangramento estancasse.

A náusea começou a me deixar tonta por causa da perda de sangue.

Não é muita coisa, dá para continuar.

Um corpo fraco para sofrer era mais fácil do que um forte. Eu sabia disso. Eu tinha estudado isso. Mas deixei tudo para trás a cada passo insistente que dei.

Eu consigo chegar até o final! Eu tentei.

Realmente tentei, porém meu corpo parecia ter atingido o seu limite no pequeno salto que dei para ultrapassar um galho jogado no chão.

A queda não doeu como a última, mas o gosto da terra tomou a minha língua, assim como as minhas unhas se quebraram ao afundar no chão para me segurar no lugar.

— Saber quando você precisa parar é tão importante quanto saber lutar e portar uma arma, Clara. — Drakon chegou caminhando calmo. Meu corpo ainda estava se movimentando, tentando pegar todo o ar que tinha restringido dele e me afogando em oxigênio. — Se você não sabe determinar os próprios limites, não sabe avaliar os riscos. Não adianta saber matar se você nem chega perto do seu inimigo para fazer isso.

Ele jogou uma garrafinha de água no meu colo quando me sentei, analisando cada centímetro do resultado que obteve após o treinamento.

Não iria melhorar daqui para a frente, as "atividades" de resistência pioravam a cada dia.

Eu estava beirando à exaustão.

Ele esperou que eu levantasse para segurar meu braço e torcê-lo de uma força que fez com que meus dentes se apertassem contra o lábio inferior da boca.

Sua verificação desceu para o ferimento aberto.

— Sabe como cuidar disso? — questionou, me largando.

— Por mais incrível que pareça, meu diploma continua sendo válido na Rússia.

— Seu orgulho ainda será a sua morte.

Drakon não olhou para trás. Continuou em seus passos monótonos pelo trieiro, resmungando algo sobre a minha irresponsabilidade.

— Ela é muito bem-vinda — soltei de supetão, sem pensar nas palavras.

A aspereza da corda em minha garganta era algo que eu sentia todas as vezes em que me deitava. O medo mexendo com as minhas entranhas era tão palpável quanto o lençol da cama.

Era uma mentira. Cada palavra era a mais pura mentira.

Ele parou seus passos, mas ainda sem se virar.

— Talvez, se eu fosse mais orgulhosa, conseguiria alcançar *meu objetivo* — insisti na falsa verdade.

— Não espere um papo motivacional de mim. — Seu rosto se virou para o lado, a voz ficando levemente mais alta. — Se não dá conta, não é meu problema. Teria menos trabalho sem você aqui.

Drakon, num alto suspiro, me deixa para trás, recuperando o fôlego.

Não era idiota o suficiente para acreditar que estava realmente sozinha.

Assim como o olhar dele, eu quase podia sentir o dos outros soldados queimando nas minhas costas, devorando meu corpo, esperando uma mísera falha para eu ser o próximo banquete.

Fecho os olhos por alguns segundos, engolindo em seco.

Apesar do quanto as minhas panturrilhas estavam queimando, não conto os minutos que levei para caminhar de volta até a entrada da casa de novo.

O trajeto que corri parecia longo, mas a passos pequenos e frágeis, tornou-se mais curto.

Porém só me permiti descansar quando as minhas costas bateram contra o colchão do quarto que agora era meu. Era o caminho mais rápido que eu persegui, projetando meu corpo contra aquela espuma fajuta e respirando a poeira que levantava por todo o peso que era jogado em cima das molas.

Eu fechei os olhos, soltando mais um suspiro cansado.

O meu tempo de descanso durou menos do que levei para caminhar da floresta de volta ao quarto.

Parecia ter acabado de fechar os olhos no instante em que a porta rugiu, indicando que alguém a abriu.



— Arrume suas coisas. — O tom rude de Drakon me fez abrir os olhos. Bem a tempo de vê-lo jogar uma sacola de tecido em meus braços.

Encrespei a testa.

— Achei que o treinamento tinha acabado.

Voltei a fechar os olhos e abracei a mala como um travesseiro fofo, exausta. O esforço para manter-me olhando para ele sugava o restante de energia do meu sistema.

— E acabou. — Drakon não entrou no quarto, ficou apenas parado na soleira da porta. — Agora, arrume a mala.

— Você deveria aprender a pedir por favor — resmunguei, ainda fingindo dormir. — Para onde vamos?

Não daria asas à ilusão de que estaria sozinha. Petrov nunca deixaria. E como ele gostava de enfatizar, sou a sua galinha dos ovos de ouro, cara demais para perder.

— Petrov quer você pronta em cinco minutos — recusou a me responder, batendo os dedos no portal como um cronômetro irritante. — Não se atrase.

— Paris? — divaguei só para provocá-lo. Pude ouvir seu descontentamento de longe. — Oh, não? Mônaco, que tal? Londres? — Drakon pigarreou. — Deixe uma garota sonhar.

— Terá tempo de sobra para sonhar no avião.

Rolei os olhos, mexendo-me na cama igual uma criança com preguiça de levantar.

— Cinco minutos — relembrou e foi embora logo depois. *Como sempre.*

Apertei as unhas nas palmas da mão.

A mistura de exaustão física com a mental não era um bom prato. E a raiva como adicional fizeram-me jogar as poucas roupas que tinha no armário dentro da mala com uma dose extra de força.

Depois dos cinco minutos, meu punho batia na porta do escritório de Alexander. A mala tinha ficado para trás. Se eles queriam que eu viajasse, que ficassem encarregados de lidar com o peso das minhas coisas.

Tinha aprendido quais lutas deveria investir e em quais era melhor abaixar a cabeça. Dessa vez, Petrov tinha um ponto a seu favor.

— Pontual… — Seus dentes se expandiram na boca. Acho que deveria ser um sorriso, mas assemelhava-se mais com um personagem de filme de terror. — Só precisava treiná-la para ser menos arredia. Não muito diferente de um animal, né, *Saltykova*?

— Para onde está me mandando?

Alexander colocou ambos os pés em cima de sua mesa.

— Sente-se. — Meneou a cabeça em direção a cadeira à sua frente. — Agora — complementou.

Cerrei os olhos e puxei a cadeira lentamente, deixando que o rangido dela no chão de madeira tomasse o ar por muito mais tempo do que o necessário. Era o meu tipo silencioso de

protesto.

— Agora que estamos todos bem dispostos — não perco a nota de sarcasmo em seu tom —, respondendo o que você perguntou… Você irá para o Reino Unido.

Ele pegou uma das pastas à sua frente e tirou um pequeno papel que jogou em cima da mesa. Alexander evitou meu rosto em quase todos os instantes desde que coloquei os pés dentro desse lugar.

— Nós fizemos um acordo há alguns meses: seu serviço em troca dos nomes dos homens que estiveram envolvidos na morte de seus pais.

Assenti.

Mas uma ponta de desconfiança tomava sua vez nos lugares mais profundos da minha mente.

Muito fácil.

E, no que importava, tudo o que vinha fácil, iria embora da mesma forma.

— Doze nomes estão na lista. — Empurrou o papel na minha direção e eu o peguei. — Alguns que você já sabia e outros novos para encerrar a minha dívida com você.

Os dois primeiros nomes, eu sabia.

Foram os que Moretti me deu quando pedi ajuda para encontrar qualquer pista e não estavam anotados em lugar algum além da minha mente. Para Petrov descobrir, ele teria que ter procurado os culpados…

Engoli em seco. As palmas das minhas mãos começando a suar, ansiosas.

Eu era a galinha dos ovos de ouro para Petrov, mas aquele papel… O papel a tão poucos centímetros de mim, ele era o *meu* pote de ouro.

— Quem é a missão?

Foi a primeira vez que Alexander se dignou a olhar nos meus olhos desde que entrei. Algo feroz e arredio estava em sua expressão costumeiramente cruel. Não gostava disso.

O fato de estar sendo uma "conquista" fácil continuava a mexer com a minha cabeça.

— Antes disso, vou deixar claro os meus termos. Você pode matar quem está na lista da forma como quiser. O preço dela vai ser o seu último trabalho para mim.

— Quem é? — repeti impaciente.

Haviam também gotas de temor, com medo de que o nome que saísse de sua boca fosse o de quem me deu os dois primeiros nomes daquela lista.

Meu próximo alvo tinha que ter o peso de doze cabeças. Importante o suficiente para ser uma carta de triunfo.

— Já deve ter ouvido o nome dele. O sobrenome, na verdade. — O sorriso repugnante voltou ao seu rosto. — Berrychoth, o chefe da máfia britânica.

12

Diga ao diabo que voltarei para mais.
12 Rounds - Bohnes

CLARA ROSSI

A entrevista do jornal inglês me distraía mais do que deveria. Em cada intervalo, entre as vozes dos jornalistas, meus dedos batucavam no sofá enquanto eu tentava ler a lista na tela do meu computador.

Doze nomes.

Ministros. Traficantes. Banqueiros. Colecionadores.

Um assassinato sempre tem mais de um culpado. Há os que matam, os que financiam e os que mandam acontecer.

Por muito tempo, me perguntei se todos deveriam pagar da mesma forma pela morte dos meus pais. Se chegava a ser justo… Mas onde esteve a justiça quando eu era inocente o suficiente para precisar dela?

Se transformou em algo tão distante que criar meu próprio significado de certo e errado, justo ou não, pareceu uma sina e assentou-se sobre o meu ser como um tipo caro de roupa feito sob medida.

E na minha versão de justiça, eu matei e continuo matando os culpados.

Um por um.

Ian Odhor colocou a mão na massa. Assombrando meus dias com o sorriso diabólico que destruiu o meu mundo.

Jeremy Gove, um dos ministros da Câmara Baixa do Parlamento britânico, financiou o meu tormento.

A diferença entre eles era que, no segundo caso, demorou poucas horas para os rumores sobre a causa de sua morte alastrarem medo pelos corredores do plenário e além dele. Jeremy Gove era um homem importante e amaram sensacionalizar em seu nome e nos porquês que nunca serão respondidos.

"Por que ele era um alvo?" Era a pergunta mais recorrente.

A imagem de bom homem que o elegeu não combinava com a quantidade de fraudes e crimes organizados os quais fez parte. Ele era corrupto e morreu agonizando como um. *E não era o único.*

Talvez, por isso, o burburinho em seu nome ia além da pressão familiar na cobrança de alguma ação da polícia ou da mídia. Os policiais realmente tomaram as ruas da cidade, ainda que pouco felizes em não poder desaparecer com mais esse caso por debaixo dos panos. Os noticiários não evitavam a palavra assassinato. Meu *codinome* tornou-se muito mais procurado do que o normal, porque os outros medrosos não queriam ser alvos do mesmo mal.

E estavam certos, porque Ronan Lewis — outro membro do Parlamento — seria o meu

próximo alvo.

— Você é obcecada por casos criminais? — Choe se jogou ao meu lado no sofá. Os cabelos loiros curtos, caindo como penugem em cima das almofadas. Uma das mãos segurava um copo com café gelado que logo parou entre seus lábios.

Ela deu um gole.

Fechei a aba da lista do computador, abrindo um arquivo qualquer sobre um estudo de caso médico.

— Não. — Arqueei a sobrancelha. — Por quê?

Deu de ombros, pegando o controle da televisão e mudou o canal para um filme americano qualquer.

— Você é a primeira pessoa jovem que assiste noticiário que eu conheço. E você sempre compra jornais. Até ver um deles em cima da bancada da cozinha, eu achava que já tinham sido extintos há anos.

— Gosto de me manter informada.

— Você tem um celular, para que mais?

Segurei o bufo de um sorriso.

— Em minha defesa, minha mãe tinha o hábito de assistir e comprar jornais, acho que foi um costume que peguei por causa dela.

— Mais saudável. Eu peguei o vício em gastar dinheiro do meu pai. — Não consegui segurar a risada dessa vez.

Choe e Lina Moretti eram idênticas. Fisicamente falando. O cabelo loiro, as íris azuis, o nariz arrebitado. Olha-lá quase me trazia a sensação de ver um fantasma pronto para me arrastar para um túmulo ao lado do seu.

No entanto, seu tom doce e menos autoritário, e os fios beijados pelo sol tocando seus ombros e não a cintura — como eram os de Lina — diminuíam a minha vontade de correr para o mais longe possível.

Já era ruim o suficiente toda a situação, mas o bolo na garganta ao eu me divertir com a filha da mulher que conheceu a precisão de uma das minhas armas era quase como roubar algo que nunca nem deveria ter me aproximado.

A diversão em meu rosto deve ter decaído a níveis drásticos, porque Choe mordeu o lábio inferior, olhando para mim, insegura se era ou não um assunto seguro para continuar.

E não, não era

Nunca seria.

E, embora gostasse de acreditar ser uma pessoa prática, evitar o assunto soava tão errado quanto todo o resto. Porra, eu já havia lhe causado dor o suficiente nessa vida para poder proibi-la de falar sobre uma pessoa que amava.

— Ela não deve ter mudado muito desde que a conheci — comentei num sussurro que chegava a soar como vergonha.

Culpa era a palavra real.

Lina foi a única pessoa que me arrependi do que fiz. E arrependimento não era algo palpável sobre meus dedos, era desconhecido e me oprimia a uma versão infantil de mim mesma.

— Minha mãe sempre foi muito fiel à sua personalidade. — Bebeu um gole do café, se interrompendo, pensativa. — Como vocês se conheceram?

— Seu pai… — Uma meia-verdade. — Ele me ajudou por um tempo, tinha mudado de país e estava na faculdade. Ajudei-o quando passou mal e…

— Ele achou uma forma de retribuir?

O olhar dela correu pelo apartamento, se lembrando do que eu havia dito noites atrás sobre ter sido um presente… *E foi.*

Quando Choe voltou a olhar para mim, assenti, concordando com a mentira que a sua mente criava.

Eu realmente ajudei Moretti quando ele sofreu um infarto. Tinha dezoito e não estava muito animada em colocar uma das minhas aulas em prática, mas, ainda assim, o fiz e ganhei o apartamento. *Que nunca foi tão meu quanto pensei.*

— Ele estava em uma reunião quando passou mal e sofreu uma parada.

A mentira me tomava de modo instantâneo assim como a ansiedade começava a formigar os meus pés.

Batuquei os dedos em cima da tela do computador, querendo só não tocar nesse assunto.

— Você foi a médica que o ajudou? — Os olhos dela brilharam e eu tive vontade de me encolher. Aceitar ficar nesse apartamento foi mais um dos erros que entraria na minha lista.

— É… — Engoli em seco. — Uhum. Eu ainda não era formada, na verdade.

Fixei meu olhar no dela, as irís estavam vítreas e com um azul mais escuro. Choe não piscava ou mostrava qualquer reação. Ela poderia muito bem ter envolvido um laço na minha garganta e tê-lo puxado até me enforcar, seria mais confortável do que o seu silêncio.

Isso se houver algo relacionado a ela que não me faça sentir a asfixia nos arredores de novo.

— Meu Deus… — suspirou com a voz embargada. Choe abriu e fechou a boca. — E-eu… E-eu…

Meus orbes quase saltaram para fora da face quando seus braços passaram por volta do meu pescoço, apertando minhas entranhas em um abraço caloroso e agradecido. Uma grossa lágrima deve ter escorrido, porque senti meu ombro ficar levemente úmido um pouco depois.

Entre o seu abraço e seu choro, minha respiração falhou e tornei-me uma estátua do primeiro fio de cabelo ao último dedo dos pés.

— E-eu não acredito que era você!

Não demorou muito para a minha visão ficar turva e meu ritmo cardíaco desmoronar a ponto de ser desacelerado.

"Por favor, não", quis gritar.

Por favor, não me agradeça por isso. Não me acolha, merda.

Eu não mereço.

Deveria me livrar de seu abraço, mas me mexer era impossível, parecia que haviam aplicado anestesia em meus membros.

Na verdade, meu cérebro estava anestesiado de forma semelhante, sem processar qualquer um dos próximos murmúrios dela ao pé da minha orelha. Eu só sabia repetir mentalmente que Choe Moretti não estava fazendo aquilo de propósito, que ela não era um fantasma.

— Ele não é o melhor pai do mundo, mas mesmo assim… — Fungou, afundando mais os dedos nas minhas costelas. Meus braços continuavam caídos ao lado do corpo, sem tocá-la de volta. — Eu nunca quis que ele me deixasse. E-eu… — Ela chorava a ponto de não conseguir respirar. — Obrigada. Sério. Meu Deus!

Choe se afastou o suficiente para inclinar a cabeça para trás e puxar uma respiração profunda por seu nariz parcialmente entupido. A região em torno dos olhos e da boca estavam bastante avermelhadas, como uma prova constante de sua dor.

— Você é incrível, de verdade e… — a interrompi.

— Eu preciso fumar. — Me levantei do sofá, pegando o cigarro eletrônico em cima da mesa de centro e saí do apartamento.

Colei as costas na parede da sacada, o vento frio beijando meu rosto em um prenúncio invernal. Levei o cigarro à boca com os dedos instáveis.

Traguei uma, duas, três.

Nada parecia me estabilizar.

Quatro, cinco, seis…

Fechei os olhos com a cabeça encostada no muro e soltei mais fumaça.

Repeti esse processo vezes demais para contar.

Repeti até que não restasse nenhuma sombra do passado correndo na minha memória ou nas minhas veias. Não havia espaço quando elas estavam entupidas de nicotina.

Uma calma vinda do cigarro começava a se assentar em mim quando Choe, enfim, caminhou até a sacada, quase uma hora depois.

13

Almas unidas, entrelaçadas pelo orgulho e pela culpa.
Daylight - David Kushner

CLARA ROSSI

— Desculpa — ela soltou um pigarro antes de falar.

Desconcerto vibrava de cada um de seus gestos, mas Choe continuou lá, mesmo quando não houve uma resposta dos meus lábios. O corpo parado ao lado do meu, encostado na parede e fixando os olhos no horizonte que se expandia vidro afora.

Sorvi um pouco mais de fumaça, ignorando o que falou.

— Aceita? — Estendi o braço, oferecendo o pod.

O cheiro enjoativo e extremamente doce de morango tomava o ar, minhas roupas, meus cabelos e as pequenas rajadas de vento me faziam aspirar mais uma vez o sabor que punia a língua.

Eu simplesmente não estava a fim de falar sobre o que me fez levantar e vir para cá. Não queria desculpas ou qualquer coisa do gênero.

— Nunca fumei — deu de ombros —, mas manda para cá.

Minha bochecha direita coçou para dar origem a um repuxo de lábios que segurei. Entreguei o pod para ela ao mesmo tempo que virei meu rosto em sua direção.

Choe encarava o pequeno aparelho de invólucro roxo com a curiosidade de algo extraordinário em seus dedos. A expectativa pungiu minhas veias ao vê-la levar à boca e aspirar.

Não demorou muito para que uma sequência de tosse a tomasse. Choe parecia muito com um cachorro engasgado, as bochechas assumiram tons vermelhos e seus olhos lacrimejaram enquanto uma das mãos apoiava-se no peito.

— Merda. — Tossiu mais. — É para ser tão ruim assim?

— Para quem não sabe fumar? Talvez.

Ela levou o objeto mais uma vez à boca e só faltou expelir os pulmões por ela.

Minha testa se franziu.

— Em algum momento, eu me acostumo com isso. — Ela deu de ombros, continuando até a quantidade de engasgos diminuir.

Neguei com a cabeça, voltando a olhar para o teto.

— Sabe, Clara? — Choe chamou. — Nos conhecemos a quê? Uma semana? Estamos dividindo uma casa, é muita coisa. E… — soltou um suspiro. — E eu sou meio espalhafatosa e sentimental, não queria que você fugisse ou fosse demais… Só queria te agradecer. Mesmo que não tenhamos a melhor relação do mundo, ele ainda é meu pai.

Suas palavras permearam o ar e pareciam parte de uma frase interminada que ela nunca mais continuou. Então foi a minha vez de falar.

— Eu entendo — disse baixo. — Se eu pudesse ter feito qualquer coisa pelos meus pais… Se alguém pudesse ter feito, eu agradeceria também. Então eu te entendo.

— Por que sinto que essa frase tem um "mas"?

— Mas não me agradeça nunca mais por isso — fui enfática. — O problema sou eu e não o que você faz ou diz.

Balancei a cabeça.

Não deveria ter aceitado ficar. Por mais que parecesse uma oportunidade perfeita caída em meu colo. Não deveria querer me aproveitar da segurança que eu sabia existir ao redor de princesas da máfia como Choe e usar dela para me camuflar.

Na verdade, o incômodo que vive em mim desde que aceitei isso não me fazia bem. Mas eu não estava tentando algo para mudá-lo, mesmo que meu coração fosse esmagado a cada segundo. E só piorou quando ela assentiu, sem jeito, dando outra tragada no cigarro eletrônico.

— Clara…

— Acho melhor pararmos as desculpas por aqui, que tal?

Ela deu um sorriso triste para mim, mas não contrariou. Pedi o cigarro de volta e foi a minha vez de tragar e voltar a acalmar meus nervos, focada em parar de fugir dos meus demônios e do passado tão vívido como o presente.

O silêncio reinou entre nós. Compreensão ou o que fosse tornou nossa bolha segura enquanto compartilhamos os últimos resquícios de bateria e fumaça que poderíamos do pequeno aparelho roxo.

Isso até que Choe começou a sorrir e olhou para mim como se um estalo tivesse soado em sua mente.

— Você e Nick são o quê?

Suspirei.

Ela parecia focada em me desvendar, mas também precisava encobrir o silêncio estabelecido entre nós. A falta de som a incomodava a ponto de sempre ter um barulho, uma música, um filme ressoando quando estava em casa.

Choe era como um relógio, suas ações poderiam ser previstas e esperadas como as horas. No entanto, agora, não tinha música ou filmes da Broadway dos anos 2000, só nós duas.

— Ele é um conhecido… no máximo. — Uma risada amarga me escapou. — E vocês? Só amigos?

— Irmão mais velho do meu ex. Péssimo, eu sei.

— Eu diria curioso.

Ouvi as borbulhas quando tragou o pod. Agora ela nem tossia mais, acostumada com a fumaça doce entrando em seus pulmões.

— Se você quiser falar sobre a minha relação com o meu ex... — soprou a fumaça próximo ao meu rosto. Lina devia estar se revirando no túmulo assistindo uma cena como essa. — Precisamos de álcool e compras. *Muitas compras.*

— Não precisa me contar se não quiser. Está tudo bem.

— Não está. É meu turno de te entreter com uma história triste, *hum*?

— Não precisa.

— Me deixa fazer algo que seja além de fumar com você. — O rosto dela torceu. — Eu não sou boa na cozinha, muito menos dando conselhos ou falando qualquer merda bonita. Mas sou uma ótima companhia para assistir filmes, comer e fazer compras, e quero te dar essa parte de mim por você ter salvo a outra.

Salvado a outra.

S-a-l-v-a-d-o.

Meu estômago revirou.

— Por favor. — Seus olhos piscaram como de um gatinho manhoso. — Confie em mim e prometo nunca mais falar obrigada para você. Não pelo *motivo inominável.*

— Isso é suborno — brinquei, levantando a sobrancelha para não dizer que eu não confiava nem em mim mesma para ceder algo como confiança a outras pessoas.

— Vou ter que chamar meu advogado? — Ela não precisou dizer um nome para eu saber a quem se referia.

— Por favor, não!

— Então, vou levar isso como um sim.

Choe se virou e saiu em direção ao quarto.

Ela realmente tinha levado a minha resposta como um 'sim', porque algumas horas depois, ela me fez dirigir em direção ao seu shopping favorito de Londres.

E eu não neguei em momento algum.

Sentia que tinha uma dívida com ela e começaria a pagá-la de qualquer forma.

Além de que, se as informações que li, antes de Choe bagunçar a minha cabeça, estiverem corretas, o próximo membro da minha lista, Ronan Lewis, irá em um baile beneficente em pouco mais de dois meses.

Eu só tinha a ganhar de qualquer forma.

E, bem, nunca é um tempo ruim para estar bem-vestida e preparada para a próxima morte nas terras da rainha.



Olhei para a pilha de vestidos que acabei de experimentar e soltei um pequeno bocejo. Minhas costas pinicavam por causa de todos os tecidos que pus e tirei do corpo em um pequeno espaço de tempo.

Tinham dois, um branco longo e um curto preto que restavam para vestir ainda. Mas meus olhos estavam pesados e, após várias e várias noites insones, o sono finalmente parecia espreitar em meu sistema.

A letargia do cigarro também parecia me punir em igual volume.

— Você não é estilista ou algo assim? — questionei, puxando um vestido verde com mangas de renda pela cabeça.

Eu parecia um tomate sem amadurecer. Um estrondoso e sonoro 'não'.

Choe soltou um resmungo do provador ao lado do meu.

— Eu sou. — Poderia apostar que seu rosto havia torcido em desgosto de si mesma somente pelo tom de voz. Ela era tão fácil de ler que às vezes me dava coceira. Como alguém poderia ser tão… *aberta?*

— Por que não faz as próprias roupas?

— Eu faço quando estou inspirada, o que não é sempre. — Ouvi o som do tecido acumulado em seus pés. — Então venho comprar nesses dias.

Bufei, tomando um gole da água que comprei no caminho entre a quinta e a sexta loja que entramos. Eu devolvia a garrafa plástica ao pequeno puff roxo no canto do provador quando meu celular acendeu com uma notificação de Aiden perguntando como eu estava.

Nem cheguei a pegar o telefone. Ao invés disso, comecei a procurar um zíper na roupa

branca e me encaixei dentro do tecido. Quanto mais rápido provasse, mais rápido iria embora dessa pequena tortura mental.

— Como está indo? — Choe foi quem chamou dessa vez. — Alguma peça interessante?

Subi o vestido pelos quadris, dando uma rebolada ou outra para que passasse pela minha bunda e se acomodasse na cintura. É uma bela coisa, afinal de contas.

Depois que fechei o zíper, o decote canoa fez parecer que meus peitos pulariam para fora a qualquer instante, mas não apertou as minhas costelas o suficiente para sufocar.

Bom. Esse está bom.

— Talvez — sussurrei de volta.

— Deixe-me ver. Anda. — Animação deveria ser o seu sobrenome ao invés de Moretti. — Você pelo menos conseguiu algo, eu estou na completa… — A fala dela interrompeu-se de forma abrupta.

Esperei que Choe continuasse, mas ela não o fez. Olhei para a cortina vermelha que nos separava com um solavanco do meu pescoço.

Silêncio.

Não havia nada além das pessoas andando do lado de fora da loja.

Choe nem mesmo parecia estar ali.

Mordisquei a boca, batucando o indicador na coxa.

O silêncio perdurou um pouco mais. Algo estava errado.

E essa merda de senso de responsabilidade misturado com a culpa ainda teria um preço mais alto do que deveria. Pisquei de forma mais lenta, as têmporas latejando para me condenar de vez.

Não deveria ter ignorado o momento em que ela despistou seus seguranças porque não estava no meu trabalho protegê-la nem de um mosquito.

Mas levei a mão à cortina do vestiário para abri-la e marchar para fora.

A respiração ruidosa dela, no entanto, barrou meus passos ao se tornar o único barulho do lado de fora. Isso até outra mensagem de Aiden acender na tela e, em seguida, seu nome apareceu no discador de chamadas.

Péssimo momento.

O barulho baixo da ligação fez uma voz masculina soar. Muito próxima, notei. Quase como se estivesse na porta do provador dela…

— Você vai parar de despistar os seguranças — o homem continuou, rude, para dizer o mínimo.

— A sua palavra sempre tem que ser a última? — chiou ela.

— Se for para manter o seu pescoço no lugar, sim, tem. Para que despistar as pessoas que deveriam te proteger?

Empurrei a cortina e praticamente marchei para fora.

— Quem é você? — ele interpelou assim que coloquei meus olhos sobre seu rosto.

Era a segunda vez, na mesma semana, que o estranho reconhecimento soava no fundo da minha mente. O rosto era de um desconhecido, mas havia algo em seus olhos, ou no sorriso, não sei… havia algo ali que eu conhecia.

— Clara Rossi… — A ondulação de uma voz profunda carregou o ar e vibrou próxima à minha nuca. Senti os músculos rígidos de seu abdômen flertando com as minhas escápulas. — Você deveria atender ao seu namorado, princesa.

O apelido acendeu uma escuridão sob as minhas costelas que só aumentou quando olhei pelo canto do olho, mirando o grande espelho do meu provador. Não que eu precisasse ver para

saber quem era o dono dessa voz.

Nicolas pairou sobre mim como um fantasma. Os passos tão leves a ponto de não ouvi-lo se aproximar e ficar a distância de um suspiro profundo.

Não me passou despercebido que o celular continuava tocando baixo em cima do puff.

— Ele não é meu namorado.

— Deveria contar isso a ele, nesse caso. — Não havia uma mísera dose de humor em seu rosto.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Choe recuperou a postura, cruzando os braços na frente de um decote pavoroso roxo e cheio de plumas. Se com o vestido verde eu parecia um tomate, ela poderia ser a berinjela dessa gigantesca salada.

— O que você acha? — o outro homem questionou, cerrando os olhos.

— Não teria perguntado se soubesse.

— Adivinhe.

A animosidade brilhou entre eles. Entretanto, ela reinou quando Nicolas resvalou sua boca próxima à minha orelha e me proibiu de ouvir qual seria a resposta afiada de Choe ao engravatado.

— Você deveria atender… — Ele continuou a dividir sua atenção pelo reflexo do espelho entre o meu corpo e o meu telefone. — Como é o nome dele mesmo?

— Aiden.

— Isso, *Aiden.* — Perversidade, somente isso explicaria a forma como as palavras saíam de sua boca. — Poderia apostar que ele ainda não entendeu qual é o pequeno papel dele na sua vida.

— Você deveria apostar em perguntas, na verdade. — Cerrei meus molares até criar coragem para girar meu corpo, ficando cara a cara com ele. Ou o mais próximo do seu rosto que a nossa diferença de altura nos permitia. — E descobrir se eu estou solteira ou não.

— Não me importo com isso.

— Por isso continua flertando comigo?

— Faço porque me divirto. — Seu sorriso se espalhou mais. — Eu já te falei, princesa, gosto de conhecer o que move as pessoas.

Cerrei os olhos.

— Pare de me analisar.

— Você fez isso primeiro, estou no meu turno.

Aborrecimento toma meu pescoço e a dor que sentia nas costas, intensificou-se à medida que a frieza muda foi a sua resposta. E algo sobre isso… bem, isso me fazia sentir mal, porque me lembrava o exato momento em que seu tom ameno e caloroso me analisou e aqueceu sob a chuva para depois me jogar ao relento.

Eu sou hipócrita. Eu sei.

— Não cometa o erro de pensar que vai me conhecer em algum momento.

— Isso deveria me intimidar?

Um sorriso torto eleva-se sobre as linhas retas e limpas de seu rosto.

— Deveria dar a você um limite.

E não dá.

Nicolas deslizou para mais perto — se isso era possível — e tirou a mão que estava dentro de um dos bolsos de seu terno reto e perfeito para puxar a etiqueta do vestido com um estalo.

Raiva ferveu, semelhante a quando ele puxou o chiclete da minha boca. Ela parecia um

pouco mais potente agora, na realidade. Potente a ponto de me paralisar, vendo-o amassar o preço entre os dedos enquanto sua expressão mantinha-se indiferente, mas não sem descer pelo comprimento do meu corpo e observar como se eu já fosse uma peça comprada dentro de seu *closet*.

— Você *é* um limite. Está *incluída* nele, princesa. Você e tudo o que te envolve. — Seus olhos se movem de volta para os meus. Há um pouco de humor agora. — Está fodidamente linda, aliás. Branco fica bem em você.

Dou um passo para trás.

Eu… o quê?

Não é a parte do elogio que me deixa perplexa e sim, o antes que me deixa queimando com o desejo de retrucá-lo. *Idiota arrogante.*

Me recusei a corrigi-lo. Não queria dar o sabor da vitória e sentia que o faria se falasse qualquer coisa. Em vez disso, sustentei seu olhar e subi o queixo, pronta para iniciar mais uma de nossas guerras frias e silenciosas quando um bufo de Choe soou mais alto do que todos os meus pensamentos em conjunto.

— Atenda o seu celular, Clara, por favor — ela foi seca.

Eu não me movi, sugeri outra coisa ao invés disso:

— Vamos embora.

Não precisou muito mais para ela virar de costas e voltar ao seu provador para tirar o terror roxo em forma de vestido.

Estava pronta para fazer o mesmo, sem dar tempo de um deles pensar numa reviravolta, porque o cansaço me abatia dez vezes mais do que minutos atrás.

Nicolas cruzou os braços, porém não me impediu ou protestou.

Silenciei a parte que odiou a sua falta de emoções e a outra que o via como uma figura de postura ardente que queimou entre as minhas coxas desde o momento que seu corpo ameaçou tocar no meu.

Cristo… eu até mesmo tentei apagar a voz do engravatado de Choe, mas seu tom firme me pegou assim que toquei os dedos na cortina do provador.

— Cuide dela.

Foi uma ordem, nada mais.

Outro arrogante.

Não precisei de muito para saber que ele era o ex-namorado de Choe. Seus olhares e a semelhança ridícula com Nicolas agregam o suficiente aos fatos que eu precisava.

Uma família de arrogantes.

Puxei a peça pela cabeça, já dentro do provador. Sentir o confortável algodão da minha camiseta e o jeans da calça me deixou aliviada. Um passo mais perto de poder descansar.

Antes disso, entretanto, saí do provador, deixando um monte de roupas para trás, já que só carreguei o tecido branco nos braços. Na verdade, só o carreguei até jogá-lo no ombro de Nicolas.

O desafio se estendeu além do monte branco. Capturei a etiqueta que permaneceu entre os dedos dele, amassada e a desamassei só para poder empurrar contra o seu peito rígido.

Ele a arrancou. Bem, agora pagaria o preço dela.

— Não se esqueça de pagar quando sair. — Mordi a boca. — Veja isso como o preço de sua aposta.

— O quê? — Ele segurou meu olhar.

— Se veio aqui só para me analisar, vai precisar pagar. — Apontei a cabeça para o

vestido e depois para a etiqueta.

Nicolas passou os dentes no lábio inferior, soltando uma respiração ruidosa.

— E qual vai ser o valor da sua aposta, princesa?

Uma lufada de ar frio acariciou meu pescoço quando ele se afastou e seu olhar passou por cima da minha cabeça em direção ao irmão. Eles conversaram entre si na pequena troca. Não esperei que verbalizassem, dessa vez, o silêncio frio seria meu.

Um tipo de emoção perversa ganhava força em minhas veias à medida que meus passos me distanciaram dos provadores.

Não tinha certeza do que me fazia flertar de volta ou responder cada uma de suas provocações. Ou mesmo o que fazia um pulso irregular se instalar no meu peito com o peso de seu olhar nas minhas costas.

Eu só consegui constatar um fato enquanto caminhava para fora da loja. Me sentia menos como um monstro frio e mais como uma mulher ao seu lado, porque Nicolas poderia agir, falar e até se vestir como um nobre cavalheiro britânico, mas ele estava muito longe de ser um.



Você está com o dedo no gatilho, mas o seu dedo no gatilho é meu.
Copycat - Billie Eilish

CLARA ROSSI

Há três anos — janeiro | Londres, Inglaterra

Uma morte na *4th street*. Duas mortes na *Holborn*. Uma morte na *South Bank*. Três mortes em *Greenwich*.

Abaixei os olhos do jornal, tomando outro gole de café.

Caos era a palavra que descrevia a cidade. Sentada no meio de uma cafeteria, às seis da tarde de uma sexta-feira, eu notava os olhares desconfiados e os sussurros amedrontados a cada vez que a clientela falava sobre o novo pesadelo londrino.

Mal sabiam eles que eu poderia olhá-los. Poderia até mesmo trocar gentilezas e abrir uma porta para senhoras de idade. Eu não era essencialmente um monstro como a televisão insistia em transmitir.

Não havia inocentes na minha lista. Eu não matava civis. Mas matava pessoas e no tribunal da vida social, isso já era mais do que o suficiente para me condenar.

O que nunca fizeram com nenhum dos culpados da noite em que eu deveria ter morrido. Ela ficou gravada na minha memória em um *looping* infinito que me machucava e manchava a minha alma dia após dia.

E eu a estava limpando com o sangue dos responsáveis agora.

Parecia certo substituir o som da minha mãe engasgando ou dos gemidos dolorosos do meu pai implorando pela vida, pelos gritos dos culpados.

Não parecia, era o *certo* a se fazer. *Independente do preço*.

— Vai ficar mais quanto tempo aí? — Drakon quase rompeu o meu tímpano com a força de sua voz na escuta intra-auricular.

Porra.

Larguei a mão do café para pressionar a parte externa da orelha.

— Dez minutos. Estou esperando o horário de pico para me dispersar no meio dele.

Ele não respondeu, mas sei que se estivesse à minha frente, teria concordado com a cabeça ou algo assim. Drakon não nasceu com o dom do diálogo em nenhum momento de sua vida.

Estalei o pescoço e olhei os arredores mais uma vez. Estava perseguindo um homem específico. Ele não era o meu alvo final, no entanto.

Vinte e oito anos, alto, porte atlético e com um distintivo brilhante no peito que, hora ou outra, era escondido pelo pesado sobretudo azul.

Um policial. Um corrupto.

E que estava fazendo uma delação quase milionária para a máfia.

Não fazia muito tempo desde o início dos rumores de que a família que comandava o submundo da cidade estava estendendo os seus domínios para diversas áreas. A polícia seria a próxima delas.

— Não fuja dos planos dessa vez — Drakon murmurou pela escuta muito tempo depois. Rolei os olhos e terminei o meu café. — E tire esse brilho dos olhos.

— Não estrague a minha diversão.

Peguei o meu telefone em cima da mesa e o coloquei próximo ao ouvido. Não havia nem ligado a tela, mas não dava para falar sozinha em público. Ainda não queria que louca estivesse entre os meus adjetivos.

— Ande logo com isso.

Não reclamei ou retruquei a encheção de saco porque pareceu fazer o Universo colaborar um pouco comigo. O policial se levantou ao mesmo tempo que enfiei o celular no bolso do meu casaco preto.

Ele falava algo no celular, olhando para os lados mil vezes antes de dar o próximo passo e entrar em seu carro. Um que eu já tinha tido uma oportunidade ou outra de admirar em frente à sua delegacia enquanto implantava um rastreador.

Ignorei a forma como os meus músculos cansados protestaram contra o frio quando caminhei na direção dele. Andar a pé por toda a cidade e subir o morro para chegar aqui, sem nem mencionar o ridículo lance de escadas dentro da própria cafeteria num salto quinze, estavam cobrando o seu preço.

O sino da porta tocou quando eu a puxei.

— Não é para matá-lo — Drakon interrompeu a minha linha de raciocínio mais uma vez.

— Ele será somente um efeito colateral — me justifiquei.

— Ele é inocente até então.

Meus olhos foram forçados a se fechar, o brilho vermelho e azul da sirene afugentando-me para longe. O policial poderia ser inocente, entretanto, era um idiota péssimo em se manter discreto.

— Nenhum de nós é inocente, mas vou deixá-lo admitir isso antes de rasgar a garganta dele, *querido*… — O apelido doeu a língua, mas forcei um sorriso gracioso para a mulher de idade que passou ao meu lado, ouvindo e prestando muita atenção na minha mentira. — Estou ansiosa para vê-lo, amor.

Sorri com os olhos também para tornar mais crível, o reflexo de uma garotinha apaixonada.

A mulher curiosa demorou tempo demais para desviar o olhar, focada em mim até seu táxi chegar para levá-la morro abaixo.

— Não vou perguntar o que é isso. — O outro lado ficou em silêncio. Drakon mutou a merda da escuta.

E fez bem para não ouvir cada um dos xingamentos que proferi para ele.

Puxei meu celular do bolso, irritada. Observando o ponto vermelho que se movia no meio do mapa da cidade, desci o torturante relevo da cafeteria a pé.

Também vejo o exato momento em que o relógio bate às sete horas da noite e as ruas começam a se encher para além de sua capacidade. O burburinho alto arrancou o silêncio junto aos passos apressados e pesados nas ruas ladrilhadas.

Subi o capuz e enfiei meus cabelos para dentro. Meu rosto tornando-se uma sombra da noite quando me misturei na multidão.

Quase um ano. Esse era o tempo em que eu estava nesse clima horroroso e cinzento da

Inglaterra. Quase um ano e nada mais do que retalhos de informações que não se conectavam sobre o alvo mais importante que Petrov deixou nas minhas mãos.

Eu me questionei o porquê de ele fazer a troca de doze vidas por uma. Não fazia sentido. Ao menos, não fez até eu começar a procurar e não encontrar nada além das informações que já tinha me dado.

Alexander me colocou numa caça aos fantasmas: os que assombram o meu passado e o que ameaçava o seu futuro.

— Desculpa, merda, eu sinto muito. — Confusa, encarei o homem alto que vociferava por esbarrar em mim. O tom brincou entre uma rudez e uma desculpa semelhante ao seu braço levantando-se para aparar o meu corpo.

Dei um passo para trás e levei a mão em instinto à coxa direita.

Tinha uma faca ali.

— Sem problemas… Acontece. — Movi a outra mão para puxar o meu capuz para a frente e ameacei continuar o meu caminho.

Somente uma ameaça, porque ele agarrou o meu braço, travando meu corpo e, num gesto audacioso, tentou enxergar o meu rosto para além da penumbra amarelada criada pelo capuz e pelas luzes da rua.

— Não queria machucá-la. Tem certeza que está bem?

— Estarei melhor quando tirar as mãos de mim.

Elas se afastaram como se a minha pele tivesse se tornado brasa. Talvez fosse meus olhos cerrados, analisando-o em silêncio, que o tivesse queimado.

Tanto faz.

Era o aviso mental soando na minha cabeça quando me afastei, que me preocupava. Chame de instinto ou o meu anjo da guarda agindo, algo estava fora dos trilhos.

Desci mais uma quadra, sem retirar a mão da coxa.

De certa forma, sempre dei razão ao meu sexto sentido. O mesmo que me fez andar preparada para empunhar uma arma e me defender, e que também me instigou a fitar o reflexo do vidro espelhado da loja de roupa na esquina da rua.

Um pouco mais do que trinta metros, o mesmo homem continuava me encarando. Com o corpo escorado contra a esquina de um bar, ele deixava o seu sotaque americano se destacar em meio ao britânico dos moradores, num estranho complexo de superioridade.

Sorri, desviando o meu caminho rapidamente para a parte menos povoada e ainda mais escura de um beco.

— O que você está fazendo? — Drakon chiou pela escuta no meio de um xingamento.

— Lidando com um imprevisto.

— Clara…

— Cale a boca.

Encostei-me contra uma barra de ferro de uma das construções abandonadas, mantendo-me escondida e à espera dele.

Se estivesse errada e o estranho fosse apenas um assediador, eu poderia me virar e ir embora. Mas meu dedão pressionava o pulso oposto, sentindo os relevos já muito cicatrizados dos cortes quando o seu peso quebrou um galho com as solas de seus sapatos.

Eu raramente errava.

O barulho reverberou por todas as minhas fibras. Cada ação subsequente a ele foi um mero reflexo treinado.

Retirei a adaga da minha coxa, expandindo o sorriso ladino. O estranho não teve a mesma

delicadeza, entrando na rua sem saída com a arma em punho, me procurando.

Em um chute, arranquei o metal de sua mão.

Em um golpe com as mãos, empurrei a lâmina até o cabo, perfurando sua barriga.

Ele me encarou com raiva refletindo em seus olhos.

Em outra oportunidade, eu perguntaria o seu nome e o faria confessar os seus pecados. Hoje, o estranho perseguidor era somente uma pedra em meu sapato, então retirei a adaga do meio de suas entranhas e a levei contra o seu pescoço e, num único silvo, uma linha vermelha começou a se formar e escorrer.

Peguei a ponta do meu sobretudo, tocando o meu rosto para limpar parte das gotas que respingaram em mim, enquanto o assistia cambalear.

A perda de sangue fazia a sua mágica, tornando-o fraco e indefeso aos meus pés. *Ou quase aos meus pés.*

Seu peso pendeu na minha direção. Eu dei um passo para o lado antes que ele tombasse para a frente e caísse com a cara em cima de alguns sacos de lixo.

O barulho alto me fez olhar para os lados em busca de algum curioso bisbilhotando.

Eu poderia tê-lo segurado e o jogado no chão de uma forma mais silenciosa, mas não queria qualquer traço do meu DNA em seu corpo. Ele não deveria entrar na lista das vítimas da *Saltykova*, era só uma perda de tempo.

Quando ninguém apareceu, guardei a faca de volta na coxa e a voz de Drakon voltou a tentar romper o meu tímpano.

— Entra no prédio e atravessa o quarteirão. — Passei por cima do estranho e testei a grade da porta do edifício abandonado. — Saia do outro lado.

— Peça para alguém vir limpar a bagunça.

Ele resmungou um sim.

Arrombei as correntes enferrujadas da porta e entrei.

— Você tem vinte minutos se não quiser perder a oportunidade.

O policial idiota era a minha primeira chance concreta de tentar me aproximar e ver o homem que não tinha rosto em qualquer um dos registros sobre a sua existência.

Interromper meu caminho para matar o homem que estava jogado entre os sacos de lixo me atrasou. Nos atrasou, na verdade.

Drakon estava putinho por isso.

O pouco que conseguimos sobre o nosso principal alvo foi que ele assumiu a máfia hereditariamente aos dezessete anos. Era pouco. Muito pouco.

Até o policial surgir quase como um pote de ouro no final de um arco-íris após uma chuva de sangue.

Então não podia me dar ao luxo de perdê-lo.

Joguei o sobretudo no chão e puxei as mangas da minha blusa para cobrir um pouco mais de pele, assim como puxei a calça para baixo para ocultar a arma na minha bota.

De um dos bolsos do casaco, meus dedos agarraram os fios loiros de uma peruca que logo encobriu os meus naturalmente escuros.

Me agasalhei de novo, colocando o capuz de modo que parte do cabelo loiro falso ficasse à mostra.

Dessa vez, não fechei a parte da frente do sobretudo, a roupa de marca embaixo servia como uma gigantesca máscara para me misturar com a alta classe londrina que havia do outro lado da porta.

— Quinze minutos.

— Vou mandar você calar a boca de novo.

— Vou mandá-la crescer e parar de agir como uma criança mimada. — Ele não era nada animador. — Quatorze minutos.

Bufando, terminei de atravessar o prédio, pulando uma janela para cair na parte da cidade dominada por mansões e lojas de grifes famosas.

O burburinho da rua foi como um tapa em meu rosto.

— Depois da boate, vira na primeira esquina. Tem um carro para você lá.

Travei um agradecimento na garganta. Caminhadas podem fazer bem. Claro, se não envolvem você andar quase a cidade inteira em cima de um salto alto ou ter que fingir sorrisos pacíficos para cada homem que olhou para a minha bunda enquanto os ultrapassava na fila da boate.

Quando cheguei no final da avenida, testei a porta de um *Corvette* preto, ouvindo o pequeno estalo da porta um pouco depois.

Meus dentes cravaram uma mordida no interior das bochechas ao me jogar no banco. Mas o alívio só me tomou no momento em que arranquei os saltos e a peruca.

O motor ronronando sob os meus pés descalços foi um impulso singular para eu acelerar e voltar a seguir o ponto vermelho no mapa.

— Dez minutos.

— Vá para o inferno, Drakon!

— Sou um soldado dele.

Isso foi sarcasmo?

Enruguei as sobrancelhas, girando o volante.

O mau humor dele estava em altos níveis para deixar o seu temperamento transparecer.

Drakon desligou a escuta mais uma vez.

E eu entrava na próxima avenida quando a chuva, armada durante todo o dia, começou a cair. Olhei para o relógio e mentalmente o ouvi resmungar um "cinco minutos".

Tentei não deixar as minhas vistas turvarem igual acontecia ao para-brisa. Eu enxergava pouco quando esgueirei com o carro para o estacionamento de outro prédio abandonado e o deixei para trás, subindo as escadas de emergência com a mesma energia que correr uma maratona.

O metal estremecia a cada toque dos meus saltos e pingos grossos e gelados escorriam pelo meu rosto. Odiava essa porra de escada externa.

Soltei um grunhido quando cheguei no final dela e precisei retirar os saltos e usá-los para quebrar a janela que me separava do lado interno de um dos apartamentos.

De dentro dele, dei um jeito de subir para o terraço.

— Três minutos — Drakon me lembrou.

Quase podia ouvir o barulho do relógio no pé da minha orelha através do meu coração pulsando no mesmo ritmo que os segundos passavam.

Rápido. Indomável. E ansioso.

A ansiedade também tomava vez nos meus nervos, passando a mão pelo meu rosto, retirando toda a água escorrida e limpando as mãos na minha calça enquanto caminhava para a extremidade oposta do terraço para fazer uma loucura.

Drakon estava certo.

Um péssimo sinal.

Eu precisava ter mais amor pela minha vida.

A memória de seu conselho, no entanto, foi tão inútil quanto da primeira vez em que o

falou. Ela não chega ou age nas minhas pernas. Ela não me freia.

Faço o extremo oposto, na verdade.

Deixando as minhas pernas correrem com toda a sua potência em direção ao parapeito do terraço e segundos antes de escorregar para o vão mortal, eu pulei para o prédio seguinte.

Minhas unhas se agarraram na madeira de uma das janelas e, com a ajuda dos meus pés na parede, puxei-me para cima, correndo os olhos para o galpão que o ponto vermelho estava.

Se eu tivesse talento para atuação, já estaria qualificada para o próximo *Missão Impossível*. Ou ser a dublê da porra do *Jackie Chan*.

Mentalmente, dei-me alguns tapas e deixei os espasmos me atingirem com violência enquanto caminhava para o parapeito.

A chuva me deixava fria como um cadáver. De forma irônica, o *humor* do ambiente era gélido, igual a mim. A bolha de quietude e segurança, diferente de outros lugares.

Tudo estava estranhamente em ordem, deixando-me deduzir que haviam homens o bastante para compor um pequeno exército muito bem armado para eliminar quem sequer respirasse fora do pacífico padrão.

Padrão esse que só se estendia até a calçada, onde a viatura policial estacionada e de janelas abertas permaneceu.

Neguei com a cabeça.

Um distintivo estava longe de ser sinônimo de qualquer sabedoria.

— O encontro deve acabar em meia hora. — Ouvi Drakon digitando alguma coisa. — Aja antes disso. Se alguém te descobrir…

— Estou morta, eu sei. — Minha voz foi ruidosa, intercalada com suspiros curtos de meu esforço.

— Ok — respondeu. — Vamos começar.

Agachei-me, olhando para dentro do galpão.

— Vinte homens armados no total. — Como fumaça, três homens apareceram para vigiar a porta, mas sem sair muito da proteção do prédio para não se encharcarem. — O policial veio sozinho, como deve ter sido informado para fazer. — Assenti, percorrendo os olhos por cada extremidade do prédio. — Você vai ter que entrar pela parte de cima do galpão. — Removi o capuz. O sobretudo estava pesado. Água escorreu dele quando deixei o tecido acumular nos meus pés, agora descalços. — Um dos ventiladores de teto está faltando, entre por onde ele deveria estar, uns três metros até o chão.

— Terão quantos soldados no segundo andar?

— Entre cinco e dez, se seguirem os padrões de operação.

— Nada com o que eu não consiga lidar. — Conferi as minhas facas e a arma. Somente o peso da lâmina em minhas mãos era o suficiente para a minha mente desligar e meu corpo agir como foi treinado.

— Você precisa de um rosto hoje. — Drakon não foi delicado ao completar: — No mínimo.

Um sorriso curvou em meus lábios.

Fui de prédio em prédio até que chegasse no que estava ao lado do galpão. Dois andares de puro metal, interligados com escadas de ferro e, no meio delas, o buraco onde deveria estar o ventilador.

Mordi a boca e comecei a subir o mais lento e silenciosamente que consegui pelas escadas. Poderia não odiar tanto as escadas externas de incêndio nesse momento. Elas facilitavam a minha vida.

— Assim que você entrar, nós perderemos a comunicação — Drakon avisou. — Terá bloqueadores.

Não fiquei surpresa.

Eles estavam agindo conforme o esperado. Até o momento em que eu desci pelo vão e soube que havia algo errado.

A média entre cinco e dez soldados à paisana estava errada.

Muito errada.

Porque não havia nenhum.

Suor frio pingou em meu colo.

Errado. Errado. Errado.

Todos estavam no andar de baixo, em um gigantesco círculo em que o policial ajoelhado e sangrando era o centro junto a um homem que parecia sobrepô-lo como uma sombra demoníaca. Tão alto que o policial aos seus pés não chegava na altura de seu quadril.

Cada detalhe da cena brincava com o meu estômago… Cada detalhe *dele* era um grito para que eu me afastasse.

Eu não precisei ouvir alguém chamá-lo pelo seu nome para saber que sob a balaclava que cobria o rosto masculino, deixando somente a pequena faixa próximo aos seus olhos à mostra, estava a verdadeira face do chefe da máfia inglesa.

Merda.

Isso não era um acordo.

Era um acerto de contas.

E eu estava no meio do fogo cruzado entre a polícia e a máfia.

O que aconteceu depois foi tão rápido que eu tive dificuldade de raciocinar.

E pior ainda, dificuldade de reagir.

A viatura explodiu do lado de fora em meio a uma sequência de ordens.

A surpresa espelhada nos olhos de todos os homens tirou-me do eixo. Tudo estava errado. Condenei tanto o policial por ser indiscreto que as minhas palavras se viraram contra mim quando saquei a pistola que estava na minha perna e a engatilhei.

A outra mão segurava uma adaga quando um tiro soou.

Não veio da minha arma, mas sim da mão que carregava o peso do ceifador de toda uma organização. Berrychoth matou o policial e se virou de costas para ir embora.

Era a minha única oportunidade.

Uma que eu não poderia perder.

O preço final de uma dívida que eu precisava pagar.

Então, no ápice da adrenalina e com um pouco de desespero, minha faca voou pelo ar em um arremesso perfeito que perfurou o seu caro terno e rasgou a carne um pouco abaixo da omoplata esquerda.

Berrychoth se curvou para trás devido a dor.

Provavelmente um grunhido brutal escapou de sua boca, no entanto, o som era baixo demais diante de todo o caos que nos rodeou.

Ele era o alfa de uma matilha brutal e eu tinha acabado de feri-lo.

Eu estava caçando-o até o momento em que me tornei o alvo de todas as armas que deveriam protegê-lo de mim.

Ora, eu fui a caçadora. Agora, era a caça.

A diferença era que eu não tinha para onde correr.

Não podia voltar por onde vim. Só me restava lutar.

A adrenalina percorreu meu sangue através de batimentos descompassados. E eu puxei mais a capa sobre o rosto, camuflando minha identidade.

O primeiro homem subiu as escadas como um corredor profissional, seguido por mais cinco, que impunhavam um ritmo igualmente impressionante.

Me abaixei, tentando me esconder na parede do corrimão em busca de tempo para contar as minhas armas. Mas ouvir meus pensamentos era complicado com todos os gritos ecoando, misturados ao ensurdecedor som de corpos caindo no chão. O barulho espalhava-se pelo galpão assim como o cheiro metálico se destacava no ar.

O primeiro deles terminou de subir a escada, olhando para a frente em busca do alvo — vulgo eu — quando a minha lâmina perfurou sua carótida. Puxei a faca de volta só para perfurar a perna do próximo soldado que veio em minha direção. Seu sangue jorrou e manchou meu rosto.

No terceiro, a adrenalina correu solta e a dor estava, em algum lugar, esquecida e de mãos dadas à sanidade, porque um de seus socos acertou minha costela e parte de sua arma foi no meio do meu estômago. Alastrando uma agonia dolorosa, da mesma forma que a minha falta de fôlego condenou os pulmões.

Doentio.

O reconhecimento da falta de ar se tornava cada vez mais doentio, me deixando irracional enquanto a sensação dos pulmões queimando alimentava o fogo por revidar em meu sangue.

Era como uma lembrança de cada segundo que uma corda adornou o meu pescoço como um caro e sufocante colar…

Pare!

Não vá por esse caminho.

Os dedos da minha mão esquerda se fecharam no pulso do homem responsável pelo golpe com força e raiva.

E a outra mão puxou minha segunda faca, guardada do lado direito, que num simples movimento, saiu do seu esconderijo em meu pulso para cortá-lo enquanto dava uma rasteira com as minhas pernas.

Ele caiu no chão e eu pressionava o seu pulso cortado fazendo-o beber o próprio sangue. O último gosto que teria na sua vida de merda.

Com os outros, foi mais rápido. Minha faca dançando por seus corpos de forma letal, perfurando a pele e pigmentando suas roupas caras com um vermelho vivo.

Caos se tornou meu sobrenome.

Sangue pingava de mim como água durante uma tempestade.

Eu estava banhada com vida, ofegante e exausta.

Abri a boca para expulsar o ar, com a cabeça levemente inclinada para cima. Freneticamente, o meu peito subiu e desceu, focado em oxigenar tudo o que não havia feito nos últimos minutos a ponto de não poder me defender da bala que atingiu a minha barriga.

O grunhido de dor foi encoberto por outra pequena explosão que liberou uma fumaça acinzentada no ar.

Meus olhos lacrimejaram. Levei as mãos à barriga.

Outros corpos caíram aos meus pés pelos tiros seguintes, mas era eu quem sangrava por permanecer viva.

Um segundo tiro me acertou, dessa vez no ombro, e um grito de dor tornou-se inevitável, explodindo em meio aos meus alvéolos.

Que porra!

Desabei no chão, arrastando-me no meio dos mortos para tentar me proteger.

Cada respiração era uma pontada de dor. Cada tentativa de estancar o sangramento era um grito preso na garganta. Cada movimento era uma punição aos meus sentidos.

A fumaça estava entrando e roubando todo o espaço do ar puro, me deixando letárgica e com os olhos pesados antes de sequer alcançar as escadas. Eu não vi o atirador para poder revidar.

Só queria chegar até a ponta da escada.

Só queria fugir.

Mas a dor atormentava o meu corpo, deixando o cansaço se apossar de cada parte. Em poucos segundos, se tornou impossível enxergar mais do que um palmo à minha frente.

Brinquei com a vida tantas vezes, matei outras vezes mais e não pensei em como seria a minha vez de deixar o mundo. Fugia desse ideal para não me lembrar de como era ser enforcada e de como a morte, mesmo que uma aliada, passou a me assustar.

Era medo que revirava as minhas entranhas enquanto eu me arrastava no chão, passando por cima de outros corpos que matei, tentando… *tentando* chegar até a escada.

O rastro de sangue e suor manchava o chão.

Dor e medo eram tudo o que eu sentia.

E foram o suficiente para eu determinar que não sobreviveria. Não pagaria a minha dívida ou terminaria o meu trabalho, pois a cada momento em que perdia a força dos meus braços e pernas, encostando a testa no chão, tentando respirar, a escuridão espreitava, esperando o seu momento.

Na quinta vez que fiz isso, no entanto, não consegui mais levantar o meu pescoço.

Preto era tudo o que eu via.

Só não o bastante para barrar o momento em que um toque estranho agarrou ambos os meus braços e virou o meu corpo.

Não barrou os pensamentos intrusivos do que poderia fazer comigo desacordada, principalmente com esse alguém carregando o meu corpo para longe sem que eu pudesse me defender.

Os gritos estavam mais baixos, por pouco, quase inexistentes, e foi o silêncio misturado ao barulho de passos leves de quem me carregava, que fizeram a minha boca se movimentar, sussurrando a minha preferência de que os tiros que levei tivessem sido letais.

E estava certa.

A morte seria um destino melhor do que foi a realidade.

14

Eu como garotos como você no café da manhã.
Breakfast - Dove Cameron

CLARA ROSSI

Eu não via ou ouvia sobre Nicolas há quase um mês.

No entanto, uma caixa com seu nome chegou no apartamento na metade desse tempo.

O papelão duro recoberto por couriço com o laço do tamanho da cabeça de uma criança estava no fundo do meu guarda-roupa, fazendo companhia à poeira.

Só soube que me pertencia por causa do pequeno envelope no meio da amarração. Choe o roubou, muito mais curiosa do que eu para saber o que tinha escrito. Ainda poderia ouvir a sua voz no momento em que murmurou cada uma das palavras digitadas:

— *Achei que o preço da sua atenção fosse mais alto, princesa.*

Para o completo tédio dela, eu não abri a caixa.

E para a minha completa decepção, eu também não consegui nenhuma nova informação sobre Nicolas. Ou sobre o seu irmão. Eles eram a típica família perfeita sem disfuncionalidades.

O que eu soltava agora deveria ser o décimo suspiro frustrado entre meus goles de café. Parecia mais sábio proferir respirações ruidosas do que jogar meu computador na parede mais próxima.

Esse beco sem saída realmente estava me irritando.

— Se respirar um pouco mais forte, vai sugar o oxigênio de todo o pronto socorro. — Anna olhou desconfiada para mim por cima da bancada de pedra do posto de enfermagem. Estava se tornando um olhar mais comum do que deveria. — O que você tanto olha nesse computador?

— Coisas pessoais.

Ela inclinou a cabeça para baixo e deixou os óculos, que usava só para ler as prescrições, escorrer por seu nariz. Isso tudo para dizer que queria mais informações.

Anna era sagaz demais para o seu próprio bem.

— Estou procurando uma pessoa.

— Você não estava tendo… — Fez uma pausa dramática, gesticulando com as mãos enquanto bebia um gole de seu chá. — Como é que vocês, jovens, falam… tendo um *rolo* com o Dr. Aiden?

— Não precisa chamá-lo de doutor, Anna.

— Só você tem esse privilégio, querida. — Franzi os lábios, desgostosa com isso. Planejar um assassinato era mais fácil do que estabelecer limites em relações humanas. — Então vocês não estavam juntos?

— É complicado.

O olhar dela tomou pontas rigorosas, mas sabia que era apenas um disfarce para a sua

preocupação.

— Pois descomplique.

— A melhor forma seria se ela o largasse de mão, Anna — alguém respondeu atrás de mim, parecendo um pouco sem fôlego. Sua colônia tomou o meu nariz e o reconhecimento veio logo depois. — Mas ela é teimosa.

— Oh… E você só descobriu isso agora? — Deixou a prancheta no balcão, apontando uma caneta na minha direção. — Ela é cabeça-dura até com o café que quer tomar.

Rolei os olhos.

— Um — pontuei, interrompendo os dois e descendo as pernas da cadeira num rompante raivoso. — Eu não disse que estava procurando por uma pessoa que eu tenho interesses carnais.

Me virei para Nicolas, respirando fundo para tentar diminuir a vontade de agarrar as minhas unhas em sua garganta até que perfurasse sua pele.

Ele aparecia do nada no meu trabalho e ainda interrompeu uma conversa que nem deveria fazer parte. *Puta que pariu.*

— Dois, pare de querer opinar tanto na minha vida.

Devolvi as pernas para a cadeira, apoiando o cotovelo no braço dela para segurar a minha cabeça. Deus, ele me cansa.

— Por que veio aqui, querido? — Anna sorriu para ele. *Sorriu*. Coisa que ela evitava constantemente fazer quando eu estava na sua presença. — Audrey está bem?

Torci a boca e analisei o nome. De canto de olho, observei também o rosto dele à procura de alguma reação.

Para a minha *sorte*, fiquei um pouco mais tentada a puxar uma respiração frustrada. Afinal, Nicolas conseguia expressar o mesmo nível de informações que as pesquisas sobre ele… Ou seja, nada.

— Só vim buscar os remédios dela.

Anna deu a volta no balcão, levantando seus óculos para a cabeça para ler os nomes rabiscados no papel.

— Às onze da noite? — interpelei.

— Sim.

Franzi as sobrancelhas.

— Por que está tão curiosa, Clara? — ela me questionou, ainda tentando desvendar o nome transcrito na receita.

— Acho que estou de frente a um espécime raro.

Os dois me olharam com estranheza e curiosidade. Digo, eles não acham que eu estou falando sério, certo?

— Poucos são os homens que sairiam quase de madrugada para buscar o remédio para a namorada — deduzi.

O sarcasmo não agradou Nicolas, transformando a sua boca em uma linha fina.

— Oh. — Anna riu. — Audrey é quase como uma filha para mim e, definitivamente, uma irmã mais nova para ele, além de ser muito nova, então posso afirmar que o nível de interesse dela no Nicolas é mais baixo do que nós duas juntas.

Bufei um riso, rolando os olhos com a sua piada tosca.

E fiz uma anotação mental na ficha que tinha dele. Aos poucos, eu iria montar o quebra-cabeça da vida de Nicolas.

Era uma questão de honra.

— Me dê quinze minutos, vou confirmar com a farmácia se tem os dois medicamentos

aqui — Anna explicou. — E já trago para você.

Nicolas soltou um murmúrio baixo, mas ela já se virava para entrar no corredor. Proatividade era o seu principal mandamento quando o assunto era trabalho.

Voltei para o computador, decidida a ignorá-lo quando a sensação dos seus olhos sobre mim persistiu por minutos infinitos.

Através de mim.

Famintos e curiosos.

Acariciando cada centímetro das minhas costas até a tela do computador.

— Minha idade está errada, tenho trinta e dois — sussurrou, olhando através do meu ombro para a minha anotação. Trinta anos foi o que o seu primeiro registro hospitalar me deu.

Bati a tela do computador e o fechei, levemente transtornada.

Meus dentes rangeram por ter sido pega desprevenida, *de novo*. Nicolas me fazia agir fora do meu padrão. E eu detestava admitir isso. Talvez o detestasse por me fazer sentir mais do que me acostumei.

E por ao invés de se afastar, colocar a mão no encosto de onde eu estava sentada.

Minhas ações deveriam ser um sinal claro para ficar longe, mas Nicolas sempre se aproximava devagar e, dessa vez, deixou seus lábios pairarem perto demais do meu ouvido.

— Espero que só tenha achado coisas boas sobre mim. — Estática, apenas escutei a sua voz provocadora, quase sedutora como a tentação da morte, soar. — Mesmo que não tenha interesses carnais, ninguém quer deixar uma má impressão.

Meus lábios se apertaram.

— Não vai falar nada?

— Você realmente esperou um mês para vir atrás de mim? — Mudei de assunto.

Ele nem deveria ter visto a pesquisa ou a forma como procurei informações em todos os meios sobre a sua família. Qualquer um pensaria que eu estava obcecada, já eu diria ser apenas curiosidade e um pouco de precaução. Algo que não poderia me deixar como suspeita no radar dele.

Boa garota. Médica. Sozinha.

Era quem eu seria aos seus olhos. Era crível.

Outro suspiro frustrado escapou da minha boca. Pequenas falhas serão a minha condenação.

Com o coração trovejando, apoiei os pés no chão para me levantar, precisava de um cigarro, quando o calor de sua mão simulou entrar realmente em contato com o meu.

E a sincronia que parecia haver entre nós espelhou-se também na sombra de um suspiro surpreso em seus lábios. Nicolas se recuperou rápido, no entanto, abriu um sorriso cruel.

— Não. — Ergui a sobrancelha. Ele não continuou.

Não. Apenas. Como era eloquente.

— Não o quê? — Dei o braço a torcer.

— Não esperei um mês.

Estalei a língua no céu da boca.

Eu não estava perdida no tempo para errar isso, estava?

— Esperei vinte e nove dias, tecnicamente — corrigiu. — Não gosto de ser convencional. — Meu pescoço formigou com uma vergonha que subiu até as bochechas. *Idiota*. — Eu duvidava que você teria pensado em mim.

A vermelhidão tomando conta da minha pele se desfez junto à vergonha e transformou-se em fúria ao perceber o que Nicolas queria dizer.

— Eu não o fiz. — *Mentira!*

Houve uma pausa antes que a resposta chegasse.

— Mas estava contando os dias, princesa…

— É o mesmo dia que a fatura do meu cartão de crédito chega. — Cada centímetro do meu corpo estava ciente da crescente tensão dos meus nervos. — Baixe um pouco a sua bola.

— E a minha *linda* foto no computador?

Parei, piscando lentamente e com as mãos apertadas com mais força na superfície do *notebook* fechado.

Eu não podia morder a isca.

Merda.

Esse não era um terreno que ele poderia explorar com o seu charme beirando a algo criminoso.

— Essa conversa acabou — sentenciei.

— Covarde.

Empurrei a língua contra a bochecha, segurando para não morder como se isso fosse frear a quantidade indecente de xingamentos que eu gostaria de proferir.

— Você sabe que eu não sou.

— Então admita a verdade, princesa. — Ele girou o relógio em seu pulso. Três vezes, como sempre, com o ombro apoiado na parede. — Poderia te desafiar, mas você parece ir contra sempre que pode.

— Não sou um cachorrinho que você manda e eu sento, abano o rabo e levanto a patinha, Nicolas.

Dessa vez, realmente me levanto da cadeira. Eu estava com raiva e ele parecia se alimentar de cada gota das minhas emoções.

Ele me fazia sair dos trilhos muito fácil.

— Ainda bem, ser esquentadinha é o que me fez admirar você.

A cadeira rangeu e olhei para Nicolas só para vê-lo colocar o móvel de lado, puxando uma folha do dispenser de papel-toalha que havia próximo ao lugar em que eu estava.

Ele puxou uma caneta do bolso.

— Se serve de consolo, princesa… — murmurou, olhando para o papel. — Eu também pensei em você. Pesquisei sobre você. Contei os dias sem você.

Não servia de consolo, mas sim como um prato cheio para o pânico fervilhante em meu estômago crescer. Ele era louco?

Girei sobre os meus crocs, deixando meu *notebook* no balcão da enfermagem antes que ele caísse no chão de tanto que a ansiedade fez meus dedos tremularem.

Quando me encostei no mármore frio do balcão, minha raiva era tanta que quase tremia como um pinscher.

— Quando você conseguir admitir isso, me mande uma mensagem.

Ele não precisou dizer um "eu te desafio", ficou implícito a cada sílaba, nos movimentos da sua língua contra os lábios e na agressividade de suas íris.

Estendeu a mão com o papel dobrado. Não o aceitei.

Se a proposta fosse estrangulá-lo, eu faria.

— Não me deixe pensar que é uma covarde, Clara. — Esticou o braço novamente. — Não combina com você.

— Eu não sou.

— É o que iremos ver, princesa.

Puxei a pelinha do lábio com os dentes, chegando ao meu limite.

— Aceitar que eu não pensei em você não é uma possibilidade? — Mordi a boca, com ódio de minha língua afiada.

— Não, porque é uma mentira — resmungou ele. — E você tem tiques demais para conseguir disfarçar.

Cerrei os olhos. Não, eu não tinha. Não para ser perceptível a outras pessoas.

Ser honesta poderia até se encaixar em mim, quando eu queria, óbvio.

Ele discordava.

E para provar o seu ponto, Nicolas pairou sobre mim, segurando uma das minhas mãos.

— Os dedos batucando na perna mostram que está nervosa. — Levou os dedos ao meu queixo, inclinando para que pudesse me olhar nos olhos. — Os dentes arrancando a pele do lábio mostram que está se segurando para não falar.

Quando Nicolas enfim largou a minha pele, deixou um vazio que só foi preenchido no momento em que ele aprisionou o papel com seu número entre as minhas mãos.

— Você é um livro aberto para quem está disposto a ler, princesa.

— Você não tem nada melhor para fazer? — Minha boca tremeu, o temperamento transparecia muito mais do que era o adequado.

— Muitas coisas, na verdade. — Seus lábios se retesaram. — Mas entenda uma coisa, Srta. Rossi — um passo era a única coisa entre nós —, assisti-la admitir que me teve em sua cabeça será a mais divertida delas.

O alerta vermelho piscou dentro de mim. Perigo foi tudo o que me tomou. Mas eu não me afastei.

Nem quando Anna chegou carregando uma sacola com duas caixinhas de medicamento dentro.

Nicolas a agradeceu sem desviar de nossa atmosfera. Pegou a embalagem da mesma forma.

Ele só se afastou quando uma tosse falsa surgiu na sala.

— Parece que você tem alguém para atender. — Seu rosto virou na direção de Aiden e o sorriso cruel voltou para a sua boca. — Aceitarei uma mensagem sua a qualquer hora, Clara. — Piscou para mim, destoando do seu tom bruto.

Nicolas deixou um beijo na testa de Anna e se virou.

O corredor da entrada da emergência era largo, de modo proposital para as macas e os médicos passarem com certa facilidade. Poderia enfileirar dez clones meus lado a lado e sobraria espaço.

Porém, Aiden e Nicolas, lado a lado, tornou o corredor minúsculo.

Um deles ficou parado como uma espécie de estátua protetora. O outro só se dignou a olhar Aiden dos pés à cabeça e gargalhar.

Nem mesmo as portas de correr fechadas foram o suficiente para barrar o som.

Eu era uma péssima pessoa, pois quis rir junto.

— Aquele cara está te seguindo?

Com os cabelos loiros desgrenhados, Aiden parou à minha frente, estendendo a mão para levantar o meu queixo, preocupado.

Ele tem estado assim desde o episódio do estacionamento, como gosta de chamar. Seus pesadelos eram recorrentes enquanto eu dormia como um bebê.

— Não.

— Tem certeza? — A boca dele se retorceu. — Eu posso ligar para a polícia.

Quis rir, mas apenas assenti enquanto internamente dizia: "Não, inferno".

Principalmente porque Nicolas se provava um homem de palavra.

Ele disse que ia me encontrar como a porra de um perseguidor. E o fez. Não uma, ou duas vezes, essa era a quinta…

A constante sensação de esbarrar com ele em todos os lugares nos quais estou, tomou o seu lugar padrão abaixo do meu umbigo, queimando.

Amassei o papel com seu número entre os dedos ao mesmo tempo que tons de vermelho tomaram a minha visão.

Estava desviando o foco. Idiotice, de fato.

Uma que eu estava ciente, ainda por cima.

Mas um bocado de diversão nunca matou ninguém. Curiosidade, no entanto…

Decidi estirar um pouco mais a corda que envolvia a minha relação com Nicolas.

O sexto encontro seria eu quem o começaria.

Só esperava que isso não voltasse contra mim e enrolasse essa corda na minha garganta, deixando-a pronta para me enforcar.

15

Eu nunca estive em sua mente do jeito que você esteve na minha.
Dangerous Hands - Austin Giorgio

NICOLAS BERRYCHOTH

Girei a faca na mão.

O cabo de madrepérola moldado para dedos muito menores do que os meus deixava a pegada frágil e escorregadia.

Era o simbolismo quase sádico em usar a faca que causou a longa cicatriz abaixo das minhas escápulas para rasgar a carne dos que estavam no meu caminho, que me instigou a deixá-la na caixa especial de ferramentas para os meus momentos de espairecimento.

O ódio e a fúria eram mais singulares quando estava com ela nas mãos, sangrando inimigos como porcos num açougue.

Um músculo da minha mandíbula saltou e cerrei os dentes com a cabeça inclinada para trás, apreciando a melodia dos gritos em compasso com as gotas de sangue pingando da cadeira de ferro — no centro da sala — para o chão.

O momento tornou-se mais do que perfeito porque a faca era *dela*. E eu poderia odiar *Saltykova* e ainda assim admirar a sua genialidade e nível de treinamento.

Ela me atacou com essa faca três anos atrás e sobreviveu de modo perspicaz, conseguindo manter-se sobre o meu radar enquanto permanecia longe dos meus olhos. Merecia cada mérito que o seu nome carregava.

O homem se mijando à minha frente, porém, era digno de pena, no máximo.

— Posso parecer uma pessoa desocupada, mas tenho muito o que fazer. O que acha de conversarmos nos meus termos para acabar logo com isso? — bradei, apoiando *minha* faca em sua coxa bambeante.

O som da lâmina no chão duro e cimentado aconteceu antes que eu puxasse os punhos da minha camisa preta para os cotovelos.

— Vamos recomeçar. — Deixei dois tapas em seu ombro. — Considere como a sua segunda e última chance!

Parei, pegando o controle do ar-condicionado e abaixando a temperatura para o mínimo possível. Faria nevar nessa sala se fosse necessário para ele sangrar de forma *mais lenta* para perdurar a sua vida por *mais tempo*.

— Funcionaremos assim: eu faço perguntas e você me dá as respostas que eu quero. — A garganta dele ondulou com horror, pois isso era exatamente o que cheirava… traição ao seu juramento ao governo, com um cheiro de ureia mais acentuado do que o normal. — Se eu achar que foram suficientes, você permanece com cinco dedos na mão. Se não, bem, teremos problemas.

Sorri falsamente para ele.

— Onde está a *Saltykova*? — perguntei pela segunda vez.

— Eu não sei, porra. — A mancha no meio de sua calça aumentou, a falsa coragem em sua voz não entrava no seu cérebro. — Sou um agente federal, não tomo chá da tarde com bandidos e assassinos.

As linhas da minha boca se curvaram para cima.

— Seu colega me disse a mesma coisa quando tivemos essa conversa há um mês. — Eles estavam parecendo baratas infestando o meu território. Surgiam diretamente dos bueiros e querendo ter algum poder e influência para dar mais um *check* na lista podre do governo. — Dois agentes da CIA na minha cidade, mexendo onde não devem, é algo que eu considero suspeito. Qual é a sua opinião, agente Clifford?

O holofote sobre sua cabeça deixava seus olhos cerrados naturalmente, mas foi o seu sobrenome em minha boca que o fez fechar os olhos de vez, praguejando.

— E-eu — sua voz falhou. — Eu não sei quais são os trabalhos dos meus colegas, ter dois de nós aqui é…

— Coincidência? — interrompi.

Clifford concordou, ágil pela primeira vez desde que arranquei o capuz que cobria a sua cabeça. Ele conseguia ser mais lento e lerdo do que o anterior.

Peguei a faca no chão, arrastando a ponta pelo cimento até um ruído incomodante penetrar o ar e o peso de seus olhos voltarem para mim.

O frêmito ficou mais agudo quando saiu da aspereza do chão e passou a arranhar o ferro ao lado da perna, da coxa, do quadril de Clifford, ameaçando perfurá-lo enquanto ele tentava encolher o seu corpo como um bebezinho.

Parei a faca com a parte afiada, tirando um filete de sangue da ponta do seu indicador. Seus olhos esbugalhados deram lugar à uma respiração aliviada escapando de sua boca.

A parte mais interessante da tortura não vinha da dor, mas da desumanização. Dos momentos em que a vítima passa a ser uma marionete que concorda com qualquer coisa que saia da boca de seu algoz para sobreviver.

Não é apenas derramar sangue.

O agente Clifford nunca teve essa opção, apesar da esperança pairando no fundo de suas íris.

— Sabe qual foi a última vez que coincidentemente isso aconteceu? — Me abaixei para deixar nossos rostos na mesma altura.

A cabeça dele negou com veemência.

— Há três anos, quando *Saltykova* estava matando na porra das minhas ruas. Um de vocês, inclusive, morreu em um beco na mesma noite em que ela e eu tivemos um… *desentendimento*.

Apertei o cabo da lâmina com força, sorrindo com o arrepio que ganhava a minha espinha ao tocar um pedaço do meu maior pesadelo. Começou desde que imaginei todas as maneiras de fazê-la sangrar, gritar e foder com a cabeça dela como ela fodia com a minha.

Quebrar até torná-la uma contrapartida da minha fodida alma.

— Não diga que acha que isso é coincidência também, Clifford.

— Eu não tenho informações dos outros — repetiu e pude jurar que seus olhos molharam. Frangote. — Vocês pe-pegaram todas as minhas coisas, podem olhar cada documento para verem que eu estou falando a verdade, juro por Deus.

— Para encontrar um jogo de fazendinha e vários artigos e números de telefones frios? — Revirei os olhos, apoiando-me sobre os calcanhares.

Uma dor de cabeça que ameaçava chegar desde o momento em que coloquei os pés para fora da cama tomou seu lugar no lado esquerdo do meu cérebro, pulsando no mesmo ritmo que a perna de Clifford tremia.

Minha paciência definitivamente estava por um fio agora.

— Posso te fazer uma confissão? — A pergunta faz suas sobrancelhas alcançarem a raiz do cabelo devido a surpresa. Seu cérebro danificado não notou sarcasmo em meu tom. — Eu não acredito em Deus, premeditação ou qualquer merda dessa para achar que foi por acaso, assim como não acredito em nenhum dos documentos que vocês deixam nos seus computadores.

Arrastei a faca, me levantando para deixar a ponta de encontro à junta de seus dedos numa ameaça implícita. Instigando a dor no lado mais psicológico da coisa.

A urina dele pingou no chão.

— Então, antes de querer me fazer de trouxa pelos próximos trinta minutos, pense muito bem na resposta que dará para a minha pergunta.

Ergui o corpo, arrastando a faca por toda extensão do braço dele, me divertindo a cada tremor de pânico e gritos presos em sua garganta. Divertido a ponto de eu chegar até a bochecha, arrancando o primeiro filete de sangue do caminho.

A ponta da faca estava a milímetros do olho direito dele quando falei:

— Vocês estão atrás dela, mas ela é minha e eu não gosto quando mexem com meus brinquedos, então seja um bom garoto e diga onde infernos a *Saltykova* está e por que vocês estão atrás dela?

— Porque é obrigação do Estado prender quem fere a sua própria população.

Respirei fundo.

— Me deixe realmente orgulhoso, Clifford. Fale o que eu quero saber.

— Eu disse a verdade! — esbravejou.

— Então temos um problema, porque eu não concordo com ela. — Ele tentou empurrar seu corpo para trás, na inútil tentativa de fugir mesmo que estivesse acorrentado. — E não podemos ter problemas…

— Por favor… eu… por favor…

Dei um motivo para ele implorar e se mijar de verdade no instante em que penetrei a faca no vão entre os ossos de uma das mãos, barrando-a somente quando atingiu o metal da cadeira.

Ele gritou alto.

Tão alto que não ouvi a porta ranger.

E só fui perceber Matteo em silêncio, com o rosto torcido devido ao mau cheiro e os braços cruzados apoiados na pilastra, quando puxei os cabelos do agente para cortar sua orelha.

Levantei uma das sobrancelhas.

— Pode continuar o show. — Ele deu de ombros. — Eu gosto de assistir.

Matteo levantou uma das mãos e deu um tchauzinho para Clifford, como o animal que era. O agente golfou, respondendo-o. O cheiro ácido de vômito alcançou o meu nariz enquanto permaneci de olho no meu irmão.

— Você às vezes age como um cachorro sem um mínimo de civilização. — Empurrei a cabeça de Clifford mais para o lado, melhorando o ângulo para o corte ser mais preciso.

— Você quem está torturando o nosso querido… — Matteo fez uma pausa quase tão dramática quanto ele. — Qual é o nome dele?

— Clifford.

— Você está torturando o nosso querido Clifford e eu que ajo sem civilização?

— Sim.

Meu irmão me deu um gesto vulgar como resposta e eu gargalhei ao mesmo tempo que o som oco da orelha decepada bateu no chão e ecoou.

Sangue quente cobriu todo o meu antebraço. E em questão de instantes, o dono do líquido escarlate começou a chorar.

— Vou te dar um tempo para pensar melhor na sua resposta, agente Clifford — murmurei na outra orelha, deixando meus dedos em seus ombros. — O que está fazendo aqui? — Voltei o olhar para o meu irmão.

Matteo tirou meu telefone do bolso da jaqueta e o balançou no ar, mudando seu peso para a outra perna.

— Desde quando você recebe mensagens de texto de outras pessoas que não eu e Nate? Nesse celular, principalmente?

Encrespei a testa.

— Não recebo.

— Então o que significa "*Eu não pensei em você.*"?

Porra, meus dedos formigaram e a surpresa saltou um músculo da minha mandíbula. Larguei a cabeça de Clifford, pedindo para Matteo me entregar o celular, quase ansioso.

Era uma frase comum, mas carregava um significado peculiar que só duas pessoas nessa Terra poderiam entender. Uma delas era eu e a outra…

Calor escorreu pela minha espinha, me atingindo de forma certeira.

Odiei minha carne traidora por saber como cada sílaba se formaria na boca dela. Odiei um pouco mais por não ser a sua voz ou o seu corpo à frente do meu, sussurrando minha vitória com outras palavras.

Matteo estava com os olhos cerrados, me observando com uma atenção fatal que eu o ensinei a ter contra nossos inimigos.

— Diga oi à minha cunhada por mim. — Irrompeu meus pensamentos, colocando o telefone na minha palma. — Deseje boa sorte, na verdade, é o que ela vai precisar com você.

Um animal, eu disse.

Ainda assim, daria minha vida por ele.

Não que eu precisasse dizer em voz alta, o formato de seu sorriso custoso deixava claro que Matteo sabia brincar comigo e a melhor forma de me irritar. Sabia também que nunca mudaria a nossa imperfeita dinâmica e, por isso, eu dei corda a ele para continuar me provocando:

— Fala como se soubesse de algo que eu não sei.

Um cinismo fingido tomou a vez no rosto dele.

— Eu só tenho um achômetro bom. — Enfiou as mãos de volta nos bolsos da jaqueta e parou em frente a um Clifford praticamente desmaiado.

— Não tenho nada com ela — garanti. Era uma verdade ingrata.

— *Ainda.* — Batuquei o indicador na coxa, três vezes, e ele continuou: — Você consegue o que quer e você quer a garota, do seu jeito.

Meu irmão soprou um riso, balançando a cabeça em negação ao que deveria ter pensado. Quis imitá-lo. Seus achômetros poderiam ficar para ele.

Matteo se abaixou para deixar o rosto na altura do agente sangrando no chão e deixou dois tapinhas no rosto dele.

— Você está péssimo — falou.

Rolei os olhos, abrindo a mensagem.

Número desconhecido: *Eu não pensei em você.*

Rio.

Não liguei para os dígitos ensanguentados se tornando mais numerosos conforme eu escrevia a minha resposta.

Eu: *Era mais fácil digitar somente um sim.*
Eu: *Eu aceitaria de bom grado.*

Levou minutos para ter outra súbita vibração do telefone com uma mensagem de texto. Inclinei o pescoço, mordendo a boca.

Clara Rossi: *Era mais fácil você não encher o meu saco.*
Clara Rossi: *Mas nenhum dos dois têm o que quer.*

Pude ouvir seu tom irônico pela mensagem, zombando de mim, dela e de nossas atitudes. O próximo barulho, porém, foi do estômago de Clifford sendo jogado para fora mais uma vez bem aos pés de um Matteo praguejador.

Digitei novamente e voltei para o agente com o celular no bolso do meu jeans.

Eu: *Por que me mandou mensagem?*

Clifford jogou a cabeça para trás, puxando o ar com dificuldade quando agarrei o seu queixo e o forcei para cima, na minha direção.

— Já tem a minha resposta? — Com ambas as sobrancelhas levantadas, o assisti negar e depois sussurrar palavras ininteligíveis. — Resistência não é a melhor escolha.

— E-eu não sei merda nenhuma. Já falei, po-porra, me larga.

— Acho que você não precisa da sua pálpebra esquerda também. — Busquei pela faca. — Última chance: por que a CIA está atrás dela?

— Eles estão atrás de você.

— Minha pergunta não foi essa.

Soltei o ar de forma mais brusca e puxei a pálpebra dele para a frente através dos cílios. A goela dele vibrou ao ver a ponta afiada traçar uma linha profunda no entorno de seu globo ocular.

Em três movimentos, a pequena pele estava no centro da minha mão.

Meu celular vibrou no bolso e o puxei com os outros dedos.

Clara Rossi: *Droga. E eu sei? Estranho. Mas foi a decisão de uma pessoa em completo tédio.*
Clara Rossi: *Meu eu do futuro já começou a me xingar por deixar você vencer.*
Eu: *O que está fazendo para estar tão entediada?*

Ignorei a sua declaração de vitória. O gosto não foi tão doce quanto pensei.

A estranha facilidade com que admitiu, tirou todo e qualquer prazer criado em minha mente. O coração trovejando não existiu, somente surpresa pulsava em meu peito.

Clara Rossi: *Você sempre tenta arrancar informações das pessoas?*
Eu: *Não estou arrancando se você faz isso por livre e espontânea vontade.*
Clara Rossi: *Simples assim?*
Eu: *Sim.*

Os três pontinhos indicavam que Clara estava digitando. Eles pararam e surgiram de novo em diversos momentos e, em cada um deles, eu ansiei um pouco mais por sua resposta.

Já Clifford me deu o que eu queria antes dela.

— Eles a querem de volta. — Ofegou com a minha faca mirando suas íris. — A *Saltykova* foi presa no dia em que vocês se *desentenderam*. — Não perco a escolha certeira de palavras. — Eles... eles querem colocá-la no lugar em que pertence, a p-prisão.

Apertei a junção dos ossos mandibulares e maxilares para manter a boca dele aberta, com sua pálpebra ainda presa no centro da minha mão. Sua boca abriu e eu enfiei meu celular dentro dela.

— Era só pedir que eu segurava — Matteo falou, voltando a se apoiar na pilastra próxima à porta.

Fiz um gesto de desfeita com a mão para o meu irmão e apertei mais a mandíbula do agente burro.

— Quanto tempo ela ficou presa?

— Não sei.

— Não vamos dar retrocessos na nossa conversa. — Afundei a faca em sua bochecha. — Diga, porra, por quanto tempo vocês a prenderam?

Fúria borbulhava no meu líquido estomacal enquanto meu punho, além da faca, apertava com força até as unhas rasgarem o pedaço da carne de Clifford aprisionado no centro da minha mão.

— Eu não tenho certeza. — Se atrapalhou na fala, a língua pesada devido ao celular ocupando quase toda a sua boca. Quando enfiei o indicador dentro do corte recém-aberto, um pouco abaixo do osso zigomático, Clifford tentou de novo. — Do-dois ou três meses. É tudo o que sei.

— Para quem dizia não saber nada, isso é muita coisa.

Cerrei os olhos com ele negando com a cabeça.

— O que fizeram com ela?

— Deram o tratamento que ela merecia.

— O que fizeram com ela? — repeti, impaciente. O ponto latejante na minha testa doendo mais e mais.

Eles a pegaram.

Eles provavelmente a machucaram.

Eles mexeram com o que eu queria colocar as minhas mãos durante meses e tentaram quebrá-la.

Vermelho assumiu a coloração da minha visão e o telefone debateu-se entre os dentes dele ao sinal de uma nova mensagem. Levei a mão para pegá-lo, sem conseguir ignorar, apesar da raiva dominar cada um dos meus sentidos.

Clara Rossi era a outra mulher que eu queria aprisionar entre as minhas garras e, enquanto não podia ter a assassina dos meus pesadelos insones, eu me contentaria com a médica dos meus sonhos lúcidos, derretendo qualquer uma das minhas linhas de raciocínio.

Não era seguro.

Muito menos o certo.

Mas eu não era o próximo discípulo de Deus para o sinal de erro conter os meus anseios viscerais.

Limpei o excesso de saliva na calça de Clifford. E para não deixar a sua boca vazia, a língua descobriu qual era a textura da pele morta que recobria seus olhos.

Clara Rossi: *Estou visitando um teatro.*
Clara Rossi: *O que você está fazendo?*

Olhei todo o sangue, o vômito, a mesa de facas, alicates e fios. Clifford estava despendurado para um lado da cadeira, sem forças para sustentar o seu próprio peso. O holofote acima dele evidenciando principalmente a sua palidez e sujeira.

Matteo tinha razão, o agente estava mal e sua aparência era uma junção de doente e repugnante, já que um dos olhos não era mais capaz de fechar e deixava a impressão de que ele sempre encarava algo.

O cheiro poderia ser pior do que o de um necrotério.

Torci a boca.

Eu: *Uma confissão por outra? Esse é o seu jogo?*
Eu: *Estou no meio de uma reunião de negócios.*
Clara Rossi: *E está conversando comigo?*
Eu: *Sim.*
Clara Rossi: *Você deveria prestar atenção no que está fazendo...*
Eu: *Você não deveria prestar atenção na apresentação de teatro?*

Troquei um olhar com Matteo, meneando a cabeça para o telão no final da sala. Em geral, usava pouco, tortura visual nunca esteve entre os meus métodos de trabalho, preferia ir por outros caminhos que considerava mais eficientes.

Não usaria as imagens para torturar Clifford, no entanto.

Elas seriam para mim, para apartar um pouco do meu descontrole e irracionalidade. De alguma forma, colocar Clara sob o meu domínio, ainda que ela não soubesse.

— Peça para Nate buscar nas câmaras onde *ela* está.

— Está muito cedo para eu dizer que sempre estou certo? — Matteo murmurou, digitando no telefone ao mesmo tempo.

Não disse um nome a ele e não precisei.

Deixei o celular em uma das mãos e a outra foi para a garganta de Clifford e o enforquei, observando a tela azul da televisão.

Vamos, princesa, me diga onde encontrar você.

Clara Rossi: *Estou fazendo um tour histórico, babaca.*
Clara Rossi: *Você está no trabalho, dê atenção a isso.*
Eu: *Eu aviso quando começar a receber ordens de garotinhas.*

Matteo conectou a tela às imagens das câmeras de segurança rapidamente e o telão ganhou cor, mostrando o teatro em que eu daria um baile em duas semanas. Estive nele há tão poucas horas que as pilastras rústicas e os tons amarelados das paredes, piso e luz eram reconhecíveis.

O ar antigo e antiquado deixava Clara ser o ponto em destaque, trajando um jeans preto apertado em sua bunda, botas que chegavam no meio de suas coxas e deixavam o volume de seu quadril mais empinado.

Porra de mulher.

Ela digitou. Parou. Digitou de novo.

Eu permaneci com os dedos tirando o ar de Clifford. Os lábios dele estavam roxos no momento em que liberei uma parte do aperto.

E fiz o que mais apreciava nos últimos meses: assistir Clara Rossi agir.

Os movimentos dela variam entre graciosos e rudes. Seu corpo estava delicadamente escorado no parapeito da parte externa do teatro enquanto seus dedos eram pura fúria ao escrever a mensagem, como se ela se divertisse e tirasse algum prazer de cada interação, mas se odiasse por isso.

Seus olhos se tornam nebulosos, cáusticos e cheios de luxúria quando Clara mirou a câmera, justo a que focava em seu rosto, como se soubesse que eu a observava, antes de mandar o seu próximo texto.

Clara Rossi: *Eu teria mais cuidado se fosse você, Nicolas.*

Clara Rossi: *Menininhas como eu são muito difíceis de lidar para homens como você.*

Soltei um ofego entre um grunhido de satisfação.

As palavras maliciosas ecoaram por mim como um sussurro rouco, arranhando minhas costas como unhas femininas durante o sexo. Elas me corroeram e queimaram.

Então, ouvi Clifford implorar por ar, se engasgando ao engolir a sua própria pálpebra na tentativa de puxá-lo pela boca.

Não percebi o momento em que voltei a enforcá-lo de forma punitiva, mas ele pediu socorro enquanto a única coisa que meus olhos, meu corpo e meus sentidos sabiam fazer era absorver cada grama dela.

Quanto mais sangue e dor eu arrancava, mais Clara Rossi penetrava em minha cabeça.

Digitei uma resposta com a mão direita, respirando entredentes.

Eu: *Sabe uma coisa que me ensinou, princesa?*

Eu: *Alguém só pode lidar com você, se você estiver disposta a isso.*

Matteo pairou sobre mim como um ser sobrenatural e segurou meu pulso esquerdo que persistia na garganta de Clifford.

— Você irá matá-lo. — O corpo do agente estava mole no instante em que dei um passo para trás. — Então vamos acalmar os ânimos, hum?

Levei as mãos até as têmporas.

Clifford estava com os olhos esbulhados e fixos no telão. Bem, fixos até o momento que Matteo levantou o queixo do agente e puxou o rosto dele.

— E você, me ajude a te ajudar — Matteo falou. — O que vocês fizeram com a garota?

— E-la... E-la.

Clifford voltou a balançar a cabeça freneticamente. Me perguntei se havia deixado o seu cérebro sem oxigênio por tempo o suficiente para ele estar catatônico.

Seu corpo inteiro tremia. Não por frio. Assemelhava-se a pânico. E mesmo com Matteo segurando o queixo dele, sua atenção, vez ou outra, voltava para a tela e ele perdia o controle de seus sentidos.

Meu irmão fez a pergunta uma segunda e terceira vez. Ele não era tão paciente como o tom calmo e rosto de menino transpareciam.

Na quarta vez, seus dedos estavam com as juntas esbranquiçadas por toda a força que aplicava no queixo do agente.

— Vou deixar Nicolas continuar. — Matteo levantou ambos os ombros. — Eu tentei…

Antes que o libertasse de seu toque, Clifford confessou:

— Nós torturamos... a garota. Ela foi torturada.

Ele deixou um sorrisinho escapar como se houvesse alguma vitória em suas palavras. O

telefone em meus dedos trincou e a outra mão acertou seu rosto.

Eles a machucaram, porra.

E só eu poderia fazer isso.

O segundo soco veio em segundos, os mesmos que foram necessários para o médico loiro aparecer na filmagem e agarrar Clara pela cintura enquanto ela enviava outra mensagem para mim.

Cólera bruta empertigou meus músculos, enrijecendo primeiro a mandíbula por assistir a cena. O terceiro soco em Clifford teve muito mais a ver com *Clara Rossi* do que pela *minha ladra* que eles machucaram.

O quarto e o quinto, idem.

O seu nariz entortou para o lado esquerdo e gotas avermelhadas escorriam quando me dignei a olhar a mensagem através da tela rachada e respingada de sangue, caída no chão.

Clara Rossi: *Você sabe de mais coisas do que deveria, Nicolas.*

16.1

Você consegue consertar o que foi destruído?
Você consegue sentir meu coração?
Can You Feel My Heart - Bring Me The Horizon

CLARA ROSSI

Não sorri quando Aiden deixou um beijo na minha garganta.

Nem quando ele abriu a porta de seu carro e me levou para casa.

Ou quando o toque faminto de sua língua tocou a minha, num convite explícito em frente à porta do apartamento.

Neguei com seu nome guinchado junto à primeira desculpa esfarrapada que me veio à mente.

Aiden não percebeu, mas eu estava longe.

Com a cabeça focada em cada câmera, entrada e saída daquele teatro. Focada a ponto de poder fechar os olhos e ver uma réplica perfeita de cada sala sendo recriada.

Estava me preparando para encontrar com o próximo nome da lista.

Ronan Lewis.

Somente quatorze dias e um vestido ainda dentro de uma caixa nos separavam.

O engraçado da situação, no entanto, foi que, no meio tempo entre encontrá-lo e entender como a sua vida funcionava, os jornais pararam de estampar o meu nome para o dele tomar os holofotes com uma expressão cortês semelhante a de Aiden antes das portas do elevador se fecharem.

O loiro passava a mão entre seus fios quando me agachei para pegar o noticiário de sempre deixado em frente à porta de casa.

Choe, ao chegar primeiro, colocava na bancada da cozinha, debaixo da minha caneca favorita de café. Ela já havia notado a minha *fascinação* por jornais, como definia. Assim como o modo que o meu rosto se desfazia da inquietante inexpressão para raiva, a cada vez que Lewis assumia o principal título das edições.

Hoje não foi diferente, Lewis estava na capa mais uma vez.

A barba ruiva bem aparada, o sorriso límpido treinado e o olhar de gavião que prometia proteger o magistério do mal assolando a sua pátria. Uma promessa quebrada tantas vezes que se tornará ridícula ao ser colocada como o slogan de sua corrupção.

O ministro do ano. O mais bem-sucedido. O com a melhor campanha e maior apoio popular de sua geração. Não passava do homem que pagou o atirador que atingiu o meu pai. Duas vezes. E que matou quaisquer outros que ameaçavam seu projeto eleitoral.

Amassei o papel, desejando que fosse o seu rosto coberto por preenchimentos.

Gelo assumiu meu estômago, criando um incômodo recorrente a cada vez que reassistia a memória do homem que foi o meu super-herói morrer diante dos meus olhos. Lembrando da

agonia e do desespero de só querer puxá-lo para mim e protegê-lo em meus braços.

Eu quis protegê-lo como ele sempre fez por mim.

E não pude.

Não consegui.

Por culpa deles.

Porra.

O papel penetrava na pele enquanto a outra mão tocou a maçaneta dourada da entrada da casa para abri-la.

A pequena fresta permitiu a voz de Choe, cantarolando a *intro* de um de seus programas de moda preferidos, atingir o meu rosto com violência a ponto de frear meus passos. O micro-ondas que apitou em seguida deu sentido ao cheiro de pipoca doce tomando o ar.

Mordi a parte interna das bochechas, fechando os olhos.

Ela estava em um dos seus *momentos purpurina*. Alegre, feliz e saltitante como a porra de uma princesa de um reino feliz.

Eu continuava nas trevas, permeada pela escuridão, e não queria contaminá-la com o humor ácido tomando minha língua. Nem que me contaminasse com o seu mundo cor-de-rosa.

Engolindo em seco, afastei a mão para que ela não ouvisse a minha tentativa de abrir a porta.

Seguir para fora do corredor cinza e apático do hall foi um caminho natural. Meus pés tomaram o rumo da escada e meus sentidos já reconheceram o terraço antes mesmo de chegar.

Choe Moretti ia às compras e assistia os seus seriados favoritos para espairecer. O meu modo, no entanto, era um pouco mais violento e envolvia o saco de areia no último andar do prédio.

Deslizei o zíper das botas e as joguei em um canto qualquer. O macio tatame azul afundou com meu peso e o vento beijou meu nariz.

Toda a área de lazer ficava no terraço ao ar livre. A piscina, academia, um pequeno centro para artes marciais e aulas de dança. Mas eram poucos os moradores que usavam, tão poucos que a primeira batida veio da música que o meu celular começou a tocar.

Estalei o pescoço com os olhos fixos onde uma versão frágil minha se reuniu para juntar seus pedaços. Eu não tinha a resignação de um mês atrás quando chorei sob a chuva. Estava mais enfurecida.

E, sinceramente, preferia isso do que a versão garotinha quebrada. Ela deveria estar morta há tanto tempo quanto os meus pais estavam.

Ela e qualquer outro pedaço meu.

Antes que a sinapse do primeiro pensamento tivesse o seu fim, o peito do meu pé acertou o saco de areia. Pulei o aquecimento da mesma forma que não liguei para como os meus movimentos estavam mais dificultados pelo jeans agarrando minha bunda.

Que se fodesse o mundo um pouco.

O próximo chute foi pela outra perna, seguido de uma sequência de socos no saco preto. O rosto de Ronan Lewis estava ali. De Ian Odhor. De Jeremy Gove. De cada filho da puta que sangrou ou sangraria pelas minhas mãos.

Seus gritos não eram o suficiente.

Suas dores não eliminavam as minhas.

Eu os matava por vingança, mas não me sentia vingada por completo.

Nem mesmo a vibração da destruição de cada soco, de cada osso quebrado, de cada pedido por perdão eliminava as cicatrizes em meia lua na palma das minhas mãos, que ganharam

forma devido a tamanha força que pressionei as unhas na pele para não gritar.

Dei um soco dessa vez. E mais outro. E outro. Mais uma vez.

Quatro golpes. *Quatro tiros.*

Afundei os dentes na boca.

E bati mais forte.

A cada nome riscado da lista, a raiva que deveria diminuir, ganhava força, porque não importava o quanto eu os fizesse sofrer e implorar, nunca mais saberia como é dançar na sala de casa com papai ou como era o calor do abraço de mamãe.

Mal me lembrava da voz deles e seus rostos já eram uma memória manchada pelo tempo, que eu me condenava por esquecer. Isso não é o certo. Eu não deveria esquecer ou perder cada um dos nossos momentos.

A morte já os tinha levado de mim, mas a sua essência… *minhas memórias* deveriam ser vívidas, inferno!

Me condenei mais e mais, batendo, chutando, socando o plástico rígido e cheio de areia até a vermelhidão e ardência tomarem os nós dos meus dedos e o peito dos meus pés.

Eles me deixaram sozinha, sentindo a culpa da perda de suas vidas.

Porque todas as vezes que o meu peso empurrou contra o tórax firme da minha mãe não foram o suficiente para fazer seu coração bater. A pele da minha mão em carne viva não bastou para o órgão pulsante em seu peito estabelecer um ritmo decente como eu impunhava nesse saco.

Minhas mãos também estavam em carne viva mais uma vez. E não bastou. Nunca bastaria.

Quando encostei a testa no saco de areia, meu peito subia e descia descompassado e meu corpo fervia.

Parar os movimentos fez gotas de suor despontarem da minha pele até escorrerem no chão e deixou a combustão tomar as minhas veias. Cada respiração foi mais ofegante do que a outra. Cada vez mais o vermelho tomou as minhas bochechas e o pescoço.

Escorri o olhar para a piscina.

A água extremamente azul e gelada, por não ter um aquecedor, era convidativa. E aproveitei que estava sozinha, em meu momento no mundo para arrancar as roupas e me jogar nela para que a minha pele parasse de queimar.

Fechei os olhos e aproveitei a densidade para me afundar até a barriga quase roçar no chão ladrilhado da piscina. Meus pulmões imploravam por oxigênio, deixando meu peito arder em busca da superfície e ar puro.

Mergulhei até que isso fosse tudo o que eu podia sentir. *A água já não me causava mais o mesmo medo de antes.*

Ao emergir, a leveza só durou até o momento em que abri os olhos, passando as mãos entre os fios molhados para jogá-los para trás e encontrar um azul marítimo que geralmente me sufocava.

— Eu mandei outra mensagem — disse Nicolas, focado em meu rosto.

Gotas pingavam dos meus cílios e ele parecia admirar o caminho de cada uma delas. A mesma água que refletia o vermelho da renda da calcinha que eu vestia.

— E você não respondeu — prosseguiu, cruzando os braços em frente ao corpo e o apoiando na pilastra.

Minhas roupas estavam aos seus pés, formando um pequeno monte no qual o meu celular se perdeu em algum momento. Eu não senti a mínima falta dele.

Diferente do instante em que a imensa percepção de que eu deveria estar usando cada um

daqueles tecidos para me cobrir me tomou.

Não sentia vergonha do meu corpo ou das cicatrizes que carregava com ele.

No entanto, mesmo estando vestida, sob o olhar de Nicolas, já era como se nenhuma peça de roupa existisse. Estar praticamente nua, somente com um sutiã e uma calcinha de renda pequena, merda… Isso era o mesmo que me tornar uma presa balançando o rabinho na frente de um caçador.

— Não precisava vir me verificar porque não respondi uma mensagem de texto.

— Estou ciente disso.

— Então por que está aqui?

— Até onde sei, todos os moradores podem usufruir da área de lazer.

A forma como se incluiu não se assentou bem no meu baixo ventre. Ao contrário, isso enfincou na minha cabeça durante cada um dos segundos em silêncio até eu ceder e, entre mordiscos da boca, perguntar:

— *Moradores*?

Um som profundo e rouco encheu o ar.

Rindo, Nicolas moveu a cabeça em direção ao único apartamento acima da área de lazer. As gigantescas janelas estavam cobertas por cortinas que não davam brecha nenhuma para espiar.

Por isso, ele me achava tão fácil todas as vezes que vinha para cá.

Era, literalmente, a melhor vista do seu andar… da cobertura exclusiva que tinha até mesmo um elevador próprio.

Porra, tão óbvio que seria dele.

Como isso não estava registrado em lugar algum?

— Minha casa está a apenas alguns metros de você — disse quando o riso desvaneceu.

— E pensou em me contar isso em algum momento?

Ele abriu um sorriso.

— Eu tenho algum motivo para contar, princesa? — Seu olhar foi intenso, causando todos aqueles arrepios e navalhas no estômago que não deveriam. — Até onde sei, a minha existência não é memorável.

— Ohhh… — soltei, pensando em uma resposta que me daria razão para continuar essa conversa e desviar do caminho mórbido dos meus pensamentos. — Realmente aluguei um lugar especial na sua cabeça? Ego ferido? O que foi?

— Vai precisar de mais do que isso para me machucar. — Nicolas desviou o seu olhar para onde as minhas mãos brincavam com a água, inquietas. — Já para fazer isso com você…

Não completou a frase e nem precisou.

A frieza em seus olhos no nosso primeiro entardecer nesse terraço era semelhante à que impunhava agora. E machucava. Mais do que deveria ou podia.

Mexia com a minha parte que sempre gostava de desafiá-lo e não receber algo além de respostas à altura sussurradas por seus lábios.

Afundei as mãos na água, apertando meus dedos nas coxas desnudas enquanto ignorava como as pequenas lacerações ardiam mais com o cloro as tocando a todo momento.

Detestei, ainda mais, como me senti humana sob o olhar dele.

— Fale a verdade — pedi, engolindo saliva. — Por que veio aqui, Nicolas?

A minha curiosidade venceu a exaustão.

E a calmaria lutou com a frieza de seu rosto.

— Prometi que não te deixaria se machucar mais uma vez. — Ele apenas olhou para

mim, com o foco singular e queixo rígido. — E não gosto que isso seja a primeira coisa que vejo quando abro as janelas do meu apartamento.

Ele realmente morava ali, não morava?

Ele trouxe a ex-namorada do irmão para casa porque já ficaria no mesmo prédio de qualquer forma. O caminho fácil e lógico.

— Não sabia que era sua casa — me defendi.

Não passou pela minha cabeça que apesar de estar sozinha, fisicamente falando, não impedia que ele, de sua casa, observasse cada momento em que debati o meu passado e o meu futuro com o saco de areia.

Acabava contando, sem palavras, quem eu era de verdade, porque Nicolas observava com atenção.

E isso era um erro.

— Eu contei. — Ele se sentou em uma das espreguiçadeiras, apoiando os antebraços nos joelhos. — Na mensagem.

Reprimi um riso nada feliz.

— Iria achar que era um convite para conhecer o lugar.

— E se fosse… — Arqueou as sobrancelhas. — Qual seria a sua resposta, Clara?

Ele me encarou de novo.

Silêncio.

Me afundei na água, umedecendo os cabelos e nadando até chegar próximo de onde ele estava.

Nicolas ficou parado, esperando.

— Você está me mostrando mais do que deveria — respondi, escolhendo palavras semelhantes ao último texto em que digitei para ele.

Passava a mão no rosto para tirar o excesso de água quando ele mordeu a boca e fechou os olhos.

Simples gestos que fizeram o meu coração se encher de um zumbido desesperado.

Nicolas não desviava o olhar. *Nunca.*

— Eu tinha dez anos quando vi a minha mãe se machucar pela primeira vez. Usou a faca da cozinha, a mesma que usava para fazer o jantar. — Confusão tomou o meu sistema antes que eu pudesse perceber o que ele dizia. — Ela escreveu o nome do meu pai no antebraço. Era sangue demais para uma criança lidar, mas fiz o que pude.

Nicolas bufou, abaixando a cabeça para mirar o chão.

— Isso seria mostrar mais do que deveria.

Então, eu entendi o que ele fez.

A sua forma de igualar o nosso jogo.

Como deu um pedaço de si em troca de todos os outros que eu lhe cedi sem querer.

Apoiei as palmas das mãos nas bordas, erguendo o corpo para sair da piscina.

Poças se formaram no caminho até eu chegar a ele.

Aquele incômodo preso em meu peito por sua frieza, tornou-se uma compressão.

— Não estou falando para ter pena. — Uma aura sombria arrebatou cada centímetro dele. — Estou apenas dizendo que conhecer a minha casa não é me conhecer. Ela é apenas um cenário de uma história que só eu posso contar.

Travei meus passos.

Abri e fechei a boca.

Não me movi ou falei.

Havia uma pequena verdade escondida em suas palavras. Uma que eu conseguia entender com facilidade.

Foi essa pequena verdade que doeu e sangrou sobre o tatame e passou horas dentro de um passeio histórico infernal de um teatro ao invés de dormir, para entender como iria acabar com os problemas do meu passado.

— Eu aceitaria o convite — respondi ao parar na sua frente. — De te conhecer de verdade. Qualquer um aceitaria, eu acho.

As gotas pingavam direto do meu cabelo em sua calça social, deixando-o perto da bagunça que eu era. Desculpas não foram as palavras que escaparam da minha boca, mas sim um:

— Minha vez.

O cenho dele franziu, apoiado entre os seus dedos cruzados.

Afundei ao lado dele na espreguiçadeira, sem me importar com o tremor friorento que logo assumiria o seu lugar após o fim do céu alaranjado.

— O que você está fazendo?

— Uma confissão por outra, lembra? — Virei a palma da mão para cima, deixando-a na sua calça úmida e ao seu alcance. — Confie em mim.

— Não ultrapasse os seus limites pelo que eu disse, princesa

Forcei minha mão para baixo em sua perna e foquei no horizonte. Não estava fechado e chuvoso igual na última vez que estivemos lado a lado, confessando coisas sobre nós.

Era laranja, a cor predominante no lindo pôr do sol diante dos meus olhos. As estrelas começando a crepitar para tomar o seu lugar no céu noturno.

— Meus pais. São por eles que… — uma meia-verdade, era tudo o que eu podia ceder — eu passo dos limites às vezes. Não aprendi a lidar com o luto de uma forma saudável, então eu fumo, bebo. Eu me machuco… — *e mato pessoas.*

Nicolas ficou tão quieto que pensei que não estivesse me ouvindo até seus dedos se fecharem nos meus. As duas palmas entrando em contato completo com a outra.

— Não deveria agir como se fosse sua culpa — falou suavemente.

— Mas foi. — Seu dedão começou a traçar linhas na parte interna da minha palma, sem que os outros dedos deixassem de ter um encontro com os meus. — Talvez seja o maior erro da minha vida.

— Olhe para cima — interveio, puxando outro assunto.

Eu o faço sem hesitar. Tentando sacudir a estranha nuvem pesada sobre os meus sentimentos e recuperar o meu jeito feliz quando queria apenas desmoronar em lágrimas. Por mim. Por ele. *Por nós.*

O azul assumiu o laranja e milhares de pontos brancos assumiram o céu. Espalhados sem uma ordem definida, mas iluminando a escuridão.

Protestei menos ainda quando ele continuou:

— Minha mãe observava o céu comigo todas as noites antes de me colocar para dormir. Foi um hábito que perdurou pouco e, depois, posso contar nos dedos quantas vezes tirei um tempo só para sentar e admirar as estrelas.

O pesar em meu peito aumenta. Eu o entendia. E a cada vez que ele abria a boca, eu entendia de que matéria Nicolas era moldado, porque era extremamente semelhante a que me moldou.

— Existe uma constelação de seis pontas, que contava uma história como se cada uma delas fosse uma parte da matéria que nos compõe. *Emoções.*

— Você tem alguma? — perguntei na tentativa de retirar as linhas sérias formadas em sua testa, voltando-me para ele.

O lábio esquerdo dele coçou a sombra de um sorriso. Nicolas, porém, não retrucou. Encostou seu ombro no meu, apertando meus dedos e olhou para o céu escuro como se visualizasse a constelação e continuou:

— Alegria, tristeza, amor, ódio, raiva e medo.

Ele olhou para mim, as pupilas dilatadas cobriam quase todo o azul de seus olhos.

— Quando ela morreu, eu senti todas ao mesmo tempo. Uma avalanche que, para onde eu olhasse, me atingia — sussurrou com uma voz marcante e rouca. — Eu me culpei por muito tempo. Vivi todos os "e se" que a mente de um adolescente foi capaz de criar.

Nicolas soltou as nossas mãos, encostando seus dedos na minha bochecha. Um toque apenas por tocar. E eu me inclinei apenas por isso também.

— Você se culpa porque os amava. A alegria parece um erro porque eles não estão mais aqui para curti-la com você. A raiva vem de não poder fazer diferente para mudar o passado. O ódio por ficar frágil devido a isso. A tristeza porque não tê-los ao seu lado te partiu em pedaços. O medo porque os pais ensinam a como comer, andar, falar, mas nenhum deles ensina como é viver em um mundo onde eles não existem.

Ele apertou a minha bochecha com um cuidado que eu nunca senti na vida. Um cuidado que eu não conseguia ter comigo mesma e desviava da fúria que estava presente em seus olhos quando os encontrei pela primeira vez.

Era uma calmaria tão estranha e que eu não sentia há tanto tempo que não consegui desviar.

— Não queria que me interpretasse tão bem — eu disse.

Um mero sussurro.

— Mas eu o faço. — Revirei os olhos com a sua certeza arrogante, me afastando. Nicolas não deixou. Não por completo. O toque em minha bochecha foi mais firme. — Não lute contra isso, pelo menos uma vez na vida.

Houve um significado oculto que não soube esconder em seu tom irredutível.

E esse foi o nosso problema.

A ponto de tanto eu quanto Nicolas engolirmos em seco, sem desviar a atenção um do outro.

— Só por hoje, que tal? — propus.

— Só por hoje.

16.2

Quanto mais eu escondo minhas cicatrizes, mais fácil eu sangro.
@ my worst - Blackbear

NICOLAS BERRYCHOTH

Clara não tirou a minha mão do seu rosto. Ou se mexeu.

E me aproveitei de cada instante roubado, já que até o que estava ao nosso redor parecia estático.

O corpo dela ficou rígido sob o meu toque e ainda que a sua pele já estivesse quase seca, arrepios ganharam o seu pescoço.

Mesmo assim, ela não se mexeu para se cobrir.

— Tem outra história? — perguntou, sem aguentar mais o silêncio.

Puxei os lábios para cima com vontade de enterrar minha boca em seu pescoço e usá-la para esquentar cada centímetro de sua pele. Talvez mordesse a ponto de deixar uma marca, para puni-la por querer usar de suas palavras para retirar a minha atenção de seu rosto e colocá-la na sua boca e nas frases que ela formava.

— Não sou boa com elas, princesa.

— Realmente? — Aquela pontada de dúvida e desafio que sempre impunha, me empurrando para fora do eixo, voltou. E, de uma maneira distorcida, isso me aqueceu. — Não pareceu minutos atrás.

— Abri uma exceção para *cuidar* de você.

As sílabas envolveram a minha língua, tornando-a áspera e pesada, na mesma intensidade que a atingiram. Caso o leve tremor na lateral de sua bochecha pudesse contar algo, assim como o impasse ganhava os seus olhos.

Ela os fechou e inclinou o queixo para o céu, fugindo de mim e do meu toque.

Apertei os dedos no plástico da espreguiçadeira.

Clara estava sempre fugindo. Tão acostumada com isso que não percebia que me jogava no meio de um paradoxo.

O espaço entre as minhas falanges ainda grudavam pelos resquícios de sangue. A adrenalina e o prazer de destruir parcialmente o rosto do agente da CIA percorriam as minhas veias ao mesmo tempo que o receio de machucá-la.

Seus olhos brilhavam menos enquanto suas mãos tremiam mais.

Ela parecia estar em desordem. Uma que cutucava de modo incômodo a minha nuca e formigava o meu corpo.

Errado era a única palavra que sabia pensar.

Porque soava errado em todas as fodidas dimensões que algo a ferisse a ponto de ela *se machucar*. Errado por contaminar o lindo sorriso da primeira foto que vi dela, quando eu o queria para mim.

— Temos um acordo — falei, soando como uma ordem. — Não fuja dessa vez.

— Estou apreciando as estrelas.

— De olhos fechados?

— Cada um tem o seu modo de lidar com as coisas.

— Está sendo irônica? — Algo se assentou em meu peito, contente o suficiente por não vê-la definhar como assisti Aria Berrychoth fazer. Os olhos e a voz da minha mãe vazios destruíram e tornaram irreparável uma parte escondida de mim.

Desse jeito, ela soava mais com a versão que me mandou mensagens mais cedo e que me fez destruir um pouco mais o rosto do agente Clifford por ser tão imprevisível.

— Você sempre é irônico. Não vejo problema nisso.

Apostaria que ela sentiu a minha confusão, pois se moveu até a sua coxa desnuda encostar na minha e sorriu. Ou algo próximo a isso.

Estava me provocando.

Me embalando no seu jogo certeiro de palavras.

Desviando o meu foco.

E o pior de tudo era que ela fazia com perfeição. Se tornava impossível resistir a ela e a pergunta entalada na garganta.

Clara Rossi daria de dez a zero nos meus melhores torturadores. Sua lábia perfeita me embalava de modo reconfortante e me deixava ciente de que o caminho que estava seguindo era o ditado por ela.

Porra.

Êxtase nutriu os meus órgãos. *Uma filha da puta perfeita.*

Perfeitamente feita para mim.

E em algum momento, ela seria isso. *Minha.*

Determinei, assim como o fato de que não iria deixar nada, nem ninguém, roubar essa ponta de felicidade e normalidade que só os seus olhos castanhos podiam me passar até eu roubá-la de Aiden — frangote — Pozinelli.

Mas, principalmente, estabeleci que Clara Rossi nunca mais iria me lembrar tanto à minha mãe em seus momentos de solidão. Muito menos parecer um cristal frágil que me dava receio de tocar.

— Você está dizendo que somos parecidos, percebe? — Batuquei os dedos na espreguiçadeira.

Ela abaixou o queixo e voltou a abrir os olhos. Não havia mais fragilidade ali.

Em pequenos segundos, na minha frente, ela reconstitui cada um de seus pedaços ao seu perfeito lugar. *Linda.*

— Nós somos — admitiu, serena. — E esse é o nosso maior problema.

De forma perversa, Clara se inclinou na minha direção. O seu cheiro doce tomando um pouco mais do meu olfato.

— Porque assim como você presta atenção em mim, Nicolas, eu faço o mesmo com você. Mais vezes do que deveria e até talvez do que seria o certo. Me tira do sério. Você faz isso e me retira do foco.

Suspirou e todo o seu ar quente bateu na minha garganta.

— Não me sinto muito diferente. — Entendi o ponto que ela quis colocar entre nós. Eu entendia para um caralho.

— E esse é o nosso problema — repetiu, respirando fundo. A dor estava em cada parte do seu rosto. — Você não tem obrigação de cuidar de mim a cada vez que eu me sabotar, caramba.

— Não faço por obrigação. Nada relacionado a você envolve algum tipo de dever, Clara.

— Então envolve o quê?

Não sei, caralho.

Eu. Não. Sei.

Não tem um motivo além de uma curiosidade movida ao fato de eu sempre conseguir o que eu quero.

Nunca justifiquei os meus atos, eu só os faço e lido com as consequências que vierem. Dilemas morais não faziam parte da minha vida.

Não faziam… até ela chegar.

Massageei as têmporas, inclinando o corpo para a frente para deixar o queixo apoiado no braço contra a coxa.

Meu silêncio fez Clara continuar:

— Me pergunte o que estou pensando.

Respirei fundo.

— O que você está pensando?

— Que uma garota normal nunca estaria de lingerie, desabafando com um estranho, que é muito recorrente na vida dela, porque ela aprendeu que não se pode mostrar vulnerabilidade, principalmente aos homens. Eles sempre se aproveitam disso.

Soltou uma risada amarga. A de alguém muito, muito machucada.

Feridas além das cicatrizes meia lua nas palmas de suas mãos ou o peso da culpa em seus ombros.

Em instinto, meus dedos foram aos botões da camisa, abrindo um por um.

As roupas dela estavam próximas, mas tinha as minhas dúvidas se os pequenos tecidos que cobriam o seu corpo facilitariam na hora de vestir peças tão pequenas e coladas.

O fato de ela estar de lingerie, pouco me importava. Era um espectáculo que seria apreciado em outro momento, sob os lençóis pretos da minha cama.

Agora, eu estava tão focado em seus olhos, em como ela reagiria, em puxá-la de volta de um limbo que eu conhecia como a palma da mão, que não foquei na forma como a renda vermelha sob as luzes do terraço refletiam em sua pele branca.

Principalmente, não foquei nas linhas brancas que começavam em seus ombros.

Até as suas palavras dizendo que outros teriam se aproveitado de seu corpo.

Até entender e perceber que a feriram fisicamente também.

— Uma garota normal teria virado as costas e ido embora desde a primeira vez que nos vimos, caramba. Porque não tem nada de normal em um estranho saber as suas manias ou ela decorar as dele.

Estava no último botão quando as mãos dela seguraram os meus punhos.

— Uma garota normal não olharia para um estranho como se ele fosse a sua ponte de salvação em momentos ruins. Uma garota normal não ouviria um estranho falar sobre os seus problemas e muito menos desejaria abraçá-lo por isso. Mas isso é tudo o que quero fazer… que eu preciso. — Cólera tomou o seu lugar no meu estômago e ela engoliu em seco, largando minhas mãos. — Então eu acho que não sou uma garota normal. Nós não somos. E o que quer que seja isso, também não é.

Clara estava certa. Tão certa que foi a minha vez de puxá-la pelos seus pulsos para perto e envolver sua cintura com meus braços.

Me provocando, ela me fez tirar uma bebida de um cardápio.

Me desafiando, ela conseguiu que eu comprasse um vestido caro.

Me pedindo, ela teria a *porra* do meu abraço.

Senti o corpo dela se empertigar, surpreso pela minha atitude. Durou um segundo, talvez menos.

De forma muito lenta, quase tímida, dobrou as pernas e envolveu os braços em meus ombros, subindo no meu colo até que o seu nariz estivesse contra a pele do meu pescoço. Ela me apertou com força, respirando tão lento que chegava a ser assustador.

Clara deixou todo o peso dela cair sobre mim. Muito mais do que somente o peso físico. E eu a apertei de volta, espalmando as mãos por sua pele quente, querendo trazê-la para mais perto, necessitando disso para protegê-la de si e do mundo.

Foi quando os relevos em suas costas encontraram as minhas mãos.

E ela pareceu se lembrar de cada parte de pele rasgada e cicatrizada de forma incorreta.

Senti o momento em que a sua garganta ondulou. A promessa de se afastar sendo feita mais uma vez. E assim como todas as outras, não permiti.

Tenho algumas horas dentro de nosso acordo.

Meus dedos esquerdos percorreram cada centímetro de pele, chegando em sua nuca e se perdendo entre os fios pretos e úmidos de Clara. Acariciei o lugar enquanto a mão direita caminhou entre o apertado espaço dos nossos corpos e soltou o último botão da camisa.

O único momento que permiti que ela se afastasse dos meus braços foi para o tecido de linho preto sair dos meus ombros para cobrir os dela.

Meus braços não se moveram mais depois que voltou ao seu lugar fixo.

Um na sua cintura por baixo da camisa e o outro na sua nuca.

Sem explorar, sem provocar, somente sentindo o seu coração batendo próximo ao meu e a forma como levou poucos segundos para a sua respiração se igualar à minha.

— O que aconteceu? — foi um sussurro calmo que não vibrou na mesma frequência da minha fúria.

Clara tirou o rosto do meu pescoço e deixou seus olhos viajarem para cima para, enfim, trancá-los nos meus.

— Quem te machucou, princesa? — Afundei as mãos em sua pele e foquei em seus olhos. Emoções estouravam dentro de mim e nenhuma delas era boa. — Quem fez isso com você?

— Isso importa?

— Sim.

Suas mãos moveram-se para os lados do meu rosto, de maneira delicada, segurando-o e deixando a barba roçar em sua pele. A camisa escorregou um pouco, mas tentei mantê-la no lugar, principalmente, porque as emoções pareciam estrangulá-la pelo tecido ter descoberto o culpado por sua fragilidade.

— O que os pais não podem ensinar — a voz de Clara falhou —, as ruas ensinam, Nicolas.

Minhas sobrancelhas franziram e ela sorriu triste, subindo os dedos para acariciar as dobras que se formaram.

— Quem? — insisti.

— Nenhuma das minhas cicatrizes foram feitas por desconhecidos. — Ignorou a pergunta. — Não completamente desconhecidos, na verdade.

— Clara… — arquejei, fechando os olhos, agoniado com a raiva. Cada palavra dela martelava na minha cabeça, abrindo um grande espaço para a ascendente vontade de descontar toda a frustração nos homens que fizeram isso com ela.

Eu os caçaria. Um por um.

— Toque — ela continuou. Meu coração retumbava com o seu indicador desenhando o contorno da minha boca. Clara estava tão próxima. Muito mais do que em qualquer outro momento. — Toque em mim.

— Princesa… — Tentei mais uma vez. Em vão.

— Você disse que há partes da nossa história que só nós mesmos podemos contar, hum? Estou contando a minha.

Um segredo por outro sempre foi o nosso acordo.

Eu respiro a respiração dela.

— Toque em mim e descubra o que a parte ruim da vida já me ensinou.

A camisa caiu no chão.

De novo, fiz o que ela me pediu. Com os olhos fixos nos dela, eu a toquei.

A mão que estava em sua nuca e em sua cintura largaram a pele, traçando uma linha pela barriga. Toquei próximo ao seu umbigo e subi, sentindo os músculos de sua barriga ondularem ao meu toque, que só parou quando a renda vermelha do sutiã se tornou uma barreira.

Não desviei o olhar do dela quando o meu indicador seguiu o caminho de suas costelas, desenhando uma linha logo abaixo do elástico e do bojo que sustentava os seus seios. Esse foi o caminho que segui, alcançando o fecho da peça.

Uma respiração ofegante escapou de seus lábios.

— Abra — murmurou.

Não precisei usar a outra mão para a peça de renda cair entre nós.

A garganta dela ondulou.

E aquela respiração, que antes era ofegante, se tornou ruidosa, fazendo o seu peito subir e descer com movimentos mais amplos. Os bicos de seus seios estavam rígidos e quando uma das minhas mãos brincou com uma mecha de cabelo e a outra subiu até a sua nuca, eles se tornaram completamente intumescidos.

Minha boca salivava para chupar seu peito, mas tive que me contentar em ocupar as mãos com outras partes dela.

O vislumbre fugaz de ferocidade que havia em meu sistema, porém, estava explícito no rosto dela. Ganhando nitidez quando seus joelhos apertaram o meu quadril e ela afundou a bunda em meu colo, se movimentando de leve para a frente.

Foi minha vez de ofegar.

Caralho.

Meus dedos se afundaram em sua nuca, sentindo a ponta da primeira cicatriz.

— Aproveite cada uma das horas que lhe dei, Nicolas. Pode nunca mais acontecer.

Umedeci os lábios, soltando a mecha que estava enrolada entre os dedos para segurar o queixo dela, dessa vez, muito mais firme e perverso.

— Não conte com isso.

Ela riu.

E eu apreciei o som como um bêbado aprecia o álcool descendo pela garganta e se infiltrando no seu sistema.

Com o lábio entre os dentes, toquei a pele rígida, mais seca do que a do restante do seu corpo, começando a descer sobre o relevo. Arrastei o dedo com calma, perdurando o momento e assistindo um rubor tomar a sua garganta, subindo pelo rosto até queimarem as bochechas em vermelho.

Estava chegando ao fim da primeira cicatriz quando Clara encostou a testa na minha e, a

partir daquele instante, deixou todas as nossas respirações se misturarem enquanto seus seios, ora ou outra, resvalaram contra o meu peito nu, me deixando no limite.

Seus dedos entraram nos meus cabelos, fazendo uma carícia delicada. Ela sabia onde me tocar, mesmo que fosse a primeira vez que estávamos *nos conhecendo.*

Sob o seu toque, inclinei o queixo para cima.

Meu nariz encontrou com o dela.

Próximos de verdade…

Estávamos tão próximos que a sua boca tinha a distância de um centímetro da minha.

— Você é perfeita — sentenciei.

Então, recomecei o caminho e repeti até tocar em cada parte dela com as minhas mãos. *Decorando o corpo dela com as mãos*.

Estava "lidando" com ela porque deixou. E eu esperava que deixasse mais vezes.

A segunda cicatriz terminava próximo da cintura. A terceira era uma linha até o ápice de sua bunda. A quarta tinha um formato estranho, feita por um objeto com mais de duas pontas. Demorei nessa, desenhado-a uma, duas, três vezes…

— Obrigada — disse ela, colocando um pouco de espaço entre os nossos rostos. Não deixei de captar o brilho e a forma como as suas pupilas estavam dilatadas.

— Pelo quê?

— Se importar.

Com calma, ela tocou a minha garganta, meu peito, meu rosto. Clara sentiu as cicatrizes que eu tinha, mas não falou sobre elas. Não me importei ou me afastei…

O que Clara estava fazendo era carinho e eu nunca soube o que era isso.

Assim como nunca soube como era ter a tranquilidade de seus olhos, porque eles não refletiam nem a metade do pulso de desejo em meu peito que eu tentava acalmar e ser menos transparente para não assustá-la.

Quem fez isso, na verdade, foi o toque de um celular.

Do celular dela, percebi ao procurar a vibração em meu bolso e não encontrar.

No entanto, eu quis que fosse o meu ao sentir o seu calor se afastar de mim quando levantou do meu colo para buscar o telefone.

Clara pegou a minha camisa no chão e a vestiu rapidamente, fechando somente um botão e começou a procurar pelo aparelho.

Ela não olhou para ver quem ligava antes de atender. A voz soou do outro lado da linha e toda a tranquilidade que nós tínhamos criado se desfez num passe de mágica.

Sua garganta se moveu, engolindo em seco. Ela não precisou falar nada para que eu soubesse que o *meu tempo* tinha se esgotado.

Mas não foi o suficiente.

Nunca seria.

Não até que eu matasse os fantasmas do seu passado e pudesse roubá-la para mim.



Quando você olha para si mesmo, você é um homem ou um monstro?
Men Or a Monster - Sam Tinnesz

CLARA ROSSI

Há dois anos — janeiro | Mediterrâneo

Ser carregada no colo estava entre os sonhos de muitas garotas.

Havia algumas gotas de romantismo nesse gesto e em outros também antiquados. O comum de todos era a fragilidade em que a mulher se encontrava para ser carregada.

Eu estava quase desacordada quando me prenderam no domínio de braços que facilmente teriam a largura da minha cintura.

Meu corpo todo dormente e meus membros iguais à gelatina, moles e sem comandos neurais o suficiente para fazê-los se mover... *e me ajudar a fugir*.

Não vi o rosto de quem me pegou.

Não vi para onde fui levada.

Não sei nem como cheguei ou há quanto tempo estou no meu novo inferno terrestre.

A única coisa que eu realmente sabia era que se eu não arrumasse um jeito de sair daqui, a palidez da minha pele, sintoma de um estômago esfomeado e um corpo fraco, tomaria alguns tons mais sepultáveis.

Apesar de que tinha as minhas dúvidas se eles me enterrariam.

Ser incendiada parecia um futuro mais palpável do que ser colocada em um caixão. Um perfeito oposto para a força que impunham na minha nuca, prendendo minha cabeça para dentro de um tonel de água.

Me afoguei, de novo. E de novo.

Eles não paravam. Eu não sabia os nomes deles para gritar de volta.

Mas sabia quem tinha esse *modus operandi*. Qual organização tinha. E nenhum dos três homens que me torturaram e me violaram fizeram questão de esconder os seus cargos governamentais.

Eles não achavam que eu sobreviveria para contar a alguém, de qualquer forma.

Eles queriam respostas que eu não poderia ou iria dar a eles. Ao contrário disso, na primeira noite acordada, soltei uma gargalhada estrondosa e irônica.

A porra do rei do submundo tinha me entregado para os federais.

Preferiu deixar a vertente mais podre da justiça lidar comigo do que sair do esconderijo de sua máscara e de sua falta de uma identidade completa.

Eu o tinha esfaqueado, mas e aí?

Não lhe dava a merda da liberdade para me entregar para ser torturada.

Se eu já mataria Berrychoth quando desse o meu jeito de sair desse lugar, faria sua morte ser lenta, dolorosa e agonizante o suficiente para ele repensar todas as suas atitudes, em

principal, as que *me envolviam*.

Meus atos não seriam mais por causa de um trabalho, e sim por uma *justiça pessoal*.

E eu o caçaria até o fim do mundo por isso e o destruiria. Foi uma certeza que assumiu as minhas veias da mesma forma que a água tomava os meus pulmões.

— Vamos, garota — chiou um dos agentes, puxando a minha cabeça da água. — Eu te fiz uma pergunta simples, então responda. Ou é uma vadia que só a boceta presta e a cabeça não?

Olhei para ele, obrigada por seus dedos puxando o meu cabelo para trás. Olhos verdes, fios ruivos na cabeça e na barba cheia. Um padrão europeu que memorizei para que pudesse sonhar em destruí-lo por mais uma noite.

Repuxei os lábios sob o efeito das últimas gotas restantes de insolência em meu ser.

— Analfabeta funcional, no caso. Tenho problemas de interpretação. — O tom jocoso não transparecia como eu me sentia fraca e impotente, ou mesmo como eu odiava isso. — Não estou entendendo o que vocês acham que vão conseguir comigo.

— Não estou brincando com você.

— Eu também não. — Remexi os pulsos, sentindo os grilhões machucarem a parte externa dos meus ossos. — Poderia ser mais claro e explicar o que vocês querem, como se estivessem falando com uma criança de cinco anos? Talvez assim a minha cabeça entenda.

— Insolente.

— Já me chamaram de coisas piores. Tente de novo.

Ele empurrou a minha cabeça dentro da água outra vez.

Eu não gostava de policiais.

Agentes federais ou de qualquer instância do governo estavam no mesmo nível de desafeto. Eram fracos, covardes e se escondiam atrás de leis para cometerem crimes perversos ou absterem outros que cometeram desde que tenham dinheiro em seus bolsos.

Não tinha justiça.

Meus pais não tiveram. *Eu não tive.*

Não até buscar com as minhas próprias mãos o que eles deixaram ao relento, preparados para enfiar tudo debaixo do tapete. Igual fariam com as cinzas do meu corpo morto se eu não saísse desse inferno.

— O que você estava fazendo em Londres? — rugiu próximo à minha garganta, agarrando minha nuca.

Cuspi água, muito, muito ofegante.

— Você não acompanhou as notícias? — falei entre as minhas respirações. — Os jornais de toda a cidade já contaram.

— Por que um membro do alto escalão estava entre as vítimas?

Continuava a puxar ar, mas não parecia fazer efeito algum.

O peito subindo e descendo freneticamente não tinha espaço para expandir em toda a sua capacidade, prensado pelo metal do tonel. Meus joelhos no chão ardiam, cada movimentação os queimando por raspar na plataforma em que estava ajoelhada.

Gotas escorriam do meu rosto e molhavam o meu peito quando respondi:

— Vocês, do governo, não estão acima de Deus. — Não escondi nada do meu ódio. Ele, na verdade, escorreu como um veneno, punindo a minha língua e as minhas palavras. — Uma hora, a conta chega para todo mundo. A do senador só chegou primeiro do que a de vocês.

— Está falando como se fosse algum tipo de *Robin Hood* moderno. — Gargalhou cheio de ironia. — Está defendendo os pobres de quem eles mesmos elegeram?

— Não, estou defendendo o meu passado.

— *Tsc*... — Estalou a língua. — Vamos tentar de novo. Não é essa a resposta que eu quero.

Então, ele me afogou mais uma e outra vez.

Se foram horas ou dias, eu não sei.

Em algum momento, no entanto, a água me arrastou para aquele lugar sombrio que me deixou fraca o suficiente para estar aqui e sucumbi.



Acordei com um ruído ameaçando estourar meus tímpanos.

Meu corpo jogado no chão, coberto somente com uma camiseta suja e uma calcinha, não me incomodava nem perto do que o som estridente fazia com a minha cabeça.

Levei ambas as mãos às têmporas, subindo o suficiente para prender os fios quebradiços entre os dedos e puxá-los. Estava doendo. Fechei os olhos, espremendo uma pálpebra na outra e balancei o corpo em pêndulo com os joelhos dobrados próximo ao peito.

Essa merda precisava parar.

Arranhei a nuca, ainda úmida, me machucando um pouco mais.

Meu corpo tremia quando abri os olhos e mirei a câmera.

As paredes todas espelhadas e um lençol branco — pregado no chão — eram as únicas coisas em todo o cômodo, além de um pequeno aparelho grudado no teto.

Eu apostaria milhões que eles me assistiam, num jogo psicológico doentio. E não duvidava de que fossem sádicos o bastante para se divertirem, massageando seus paus enquanto eu gritava de dor, desejando arrancar meus ouvidos com as unhas.

Engoli em seco e tentei desviar da câmera e do reflexo do vidro ao seu redor para evitar ver o estado do meu corpo, os cortes, os hematomas... Se não os visse, me sentiria mais forte para manter cada grama de insolência que sustentei até aqui.

Mas para onde eu olhasse, havia espelhos. Para onde eu olhasse, tudo o que eu conseguia ver era o meu reflexo, multiplicado em milhões de vezes.

Eles estavam fodendo com a minha cabeça.

A tal nível que fazia muito tempo desde a última vez em que me permiti chorar.

Anos, talvez.

As poucas lágrimas que me escapavam geralmente eram compelidas por uma raiva não suprimida ou por uma crise desesperada. Estavam além de mim e do meu controle para conseguir contê-las.

Escapavam uma, duas, três gotas no máximo. E elas escorriam como se fossem algo errado e impuro de se fazer.

Um certo tipo de impureza que eu via nas minhas unhas sujas, nas feridas abertas, no meu rosto manchado…

Depois, eu as controlava. E evitava por meses. Chorar não era um direito meu.

Minha imagem era o reflexo do próprio caos, mas foi assistir um conjunto denso de lágrimas escorrendo pelas bochechas e se dividirem entre molhar a minha blusa puída e o chão nas paredes espelhadas, que foi o que me quebrou.

Não a quantidade de choques suficientes para derreter o meu cérebro.

Não as chicotadas nas minhas costas ou nas pernas que eram suficientes para eu sentir meu músculo se repartir ao meio.

Não os pulmões se encherem de água por causa de todos os minutos e as repetidas vezes em que a minha cabeça parou dentro de um tonel.

Minha cabeça estava girando. O ar me faltava. Meus tímpanos latejavam.

Mas eles não paravam.

Nunca.

Independente das lágrimas ou do meu silêncio, eles prendiam seus dedos com força na minha nuca e a afundavam na água ou reproduziam sons estridentes que me faziam desejar morrer.

Voltei a olhar para a câmera, focando nela e não no meu reflexo.

Desafiando-os mesmo em meu momento mais frágil.

Eu não queria ver o que eles estavam fazendo comigo.

Mas os faria assistir o que eu faria com eles quando a oportunidade me abraçasse.



— Por que você está atrás dos membros do Parlamento? — um loiro esbravejou antes de acertar o chicote no meio das minhas costas nuas. *Meu corpo inteiro estava nu.*

Curvei-me para a frente. As mãos, dessa vez, presas por correntes que vinham do teto, suspendendo-me do chão.

Porra. Merda. Caralho.

Fechei os olhos, tentando respirar. Tentando fazer doer menos. Mas nada funcionava.

Gritos horríveis e intermináveis ecoavam da minha garganta e dilaceravam o meu coração. Doía tanto, mas tanto, que eu não aguentava essas sessões muito além da terceira chibatada. Simplesmente desligava e a minha mente me levava a um lugar seguro e tranquilo que eu nunca encontrei na vida real.

A escuridão não parecia mais tão ruim quanto estar acordada.

Ela me assombrava, mas não me machucava.

Embolada em seus braços, a dor perdia significado.

Um raro alívio distante do modo como meus membros vibravam, doloridos, em busca de um atenuante que nunca iriam encontrar sob a mão desses agentes, porque, dia após dia, noite após noite, eles me machucavam e faziam questão de cada golpe ser no mesmo lugar, impedindo as feridas de fecharem. Cortando cada vez mais fundo.

Eu testava as correntes em busca de fraquezas. Os pulsos sagravam do tanto que tentei arrancá-los dos grilhões. Os joelhos estavam em carne viva e os pés perfurados, e não conseguia me livrar deles ou aliviar a dor que as grilhetas se enterrando em meu corpo causavam.

Não funcionava. Nada.

E eles ainda estavam no primeiro golpe... *de hoje.*

— Uma boa garota tem que ter seus momentos de diversão. — Estremeci, mordendo o lábio inferior para barrar o meu próximo lamento.

Odiava o tremor que sempre tomava meus ossos na iminência da próxima chibatada.

— Como está escolhendo os ministros, *Saltykova*?

Meu nome, uma versão dele, saindo de sua boca, fazia a bile duelar com o meu esôfago, esforçando-se para derramar no chão e se juntar ao meu sangue.

Asqueroso era o modo como o som saía de sua boca.

Desprezo era tudo o que eu sentia.

— Uni-duni-tê — respondi, tentando puxar os braços e falhando de novo.

— Fala a verdade, porra!

Outro golpe.

A ponta de metal no final da corda rasgava a minha pele de fora a fora, meu sangue formando uma poça aos meus pés que me deixavam fraca.

Passou tão perto da minha garganta que achei que ele a cortaria de uma vez e acabaria com isso. Meu lábio se retraiu nos dentes.

— Se vocês estão achando que eu sou uma terrorista, é mais fácil me matar logo — chiei, ofegante, testando os meus limites.

O ruivo me agarrou pela garganta, afundando suas unhas no espaço entre o pescoço.

— Não estou trabalhando em você com tanto afinco para estar respondona dessa forma. — O metal do chicote reluziu a lâmpada branca em cima da minha cabeça, próximo demais de mim. — Mesmo agora, você continua resistente.

Não iria dar o sabor de quebrar em suas mãos.

Eu fazia isso sozinha, reclusa em cantos sombrios da minha mente.

Jamais revelaria qualquer detalhe sobre o meu passado ou sobre os meus pais.

— Você implora para que eu pare, para que isso acabe. — Apertou e furtou o meu ar. — Eu posso fazer isso, mas preciso que diga como está escolhendo os ministros que está matando do Parlamento, querida. — Antecipação e prazer se misturam em seu rosto quando ouviu o meu sufocamento. Ele interpretou como um sinal de vitória. — Tudo pode acabar num estalar de olhos, você só precisa me ajudar a te ajudar.

— N-nunca.

O ruivo me golpeou no rosto. O movimento brusco me fez virar para o lado, mas logo a mão que permaneceu em meu pescoço me puxou de volta.

— Você gosta de apanhar? — questionou de forma retórica. Sua outra mão agarrou meu peito e o apertou. — Porque sou capaz de fazer isso até você gritar o meu nome, querida. Pode ser de prazer ou de dor, você escolhe. Me dê o motivo de estar caçando os ministros.

— Não!

Fuja.

Dê um jeito de sair daqui.

Inspirei pelo nariz e soltei pela boca. A irracionalidade dos meus pensamentos ganhava espaço sob a dor.

Ele me soltou.

— Então vou te bater até fazer a sua cabeça funcionar. Quem sabe a sua boceta funcione também e eu tenha um lugar onde descansar o meu pau.

Dessa vez, o chicote rasgou uma longa linha do meu quadril até o ápice da minha bunda.



Despejei metade do meu estômago no vidro espelhado.

A falta de comida em conjunto à ânsia me deixava tonta. Minha mão estava apoiada no vidro, tentando me manter em pé, quando botei tudo para fora. Passei as costas da palma contra a boca, respirando fundo.

O cheiro azedo tomou o meu nariz e me fez querer vomitar mais.

Talvez isso ou o leve tom esverdeado que meu rosto assumia que fez com que um agente

loiro, que eu pouco via, abrisse a porta carregando um balde, um rodo e um pano.

Eles controlavam as horas que eu iria ou não ao banheiro. Eles controlavam a hora que eu iria ou não comer. Eles controlavam até onde iriam me machucar porque eu não poderia morrer.

O homem não falou nada, apenas parou e abaixou na minha frente, sem hesitar.

A porta ficou aberta. Um deslize.

Fuja. Minha mente gritou de novo.

Saia daqui.

Você resistiu, agora vença o jogo.

Pague a sua dívida por completo.

— Não tente nada idiota — disse como se lesse a minha mente.

Mas já era tarde demais.

Não iria esperar para descobrir o que fariam comigo quando descobrissem que eu não sei a resposta do que pedem.

— Não vou tentar — chiei, pegando o cabo do rodo. — Já estou fazendo.

Reuni as minhas últimas forças e com a ajuda da adrenalina ganhando espaço nas veias, quebrei a madeira do cabo ao meio na minha perna. O agente não teve tempo de gritar ou reagir antes que eu empalasse a sua barriga com a madeira, atravessando-o no meio.

Um "O" se formou na boca do homem. Ele estava preparado para gritar, mas quando puxei o cabo do meio de suas entranhas, o único barulho a tomar o quarto de espelhos foi o do baque de seu corpo imóvel no chão.

Engoli em seco e olhei para o agente só por um segundo antes de desatar a correr.

Os corredores estavam escuros. Minhas mãos tateavam as paredes, buscando alguma coisa para me direcionar.

Por favor, uma saída.

Por favor...

— Tenho as minhas dúvidas se ela realmente sabe sobre a *Tríade*. — Uma voz arrebentou o silêncio do corredor.

Meu corpo se tornou estático e minhas costas bateram na parede, tentando me esconder.

— Ela matou cinco membros de alto e baixo escalão seguidos, Clifford — o agente que causou a maioria das minhas cicatrizes disse.

Eles deram mais passos.

Minha respiração falhou.

— Precisaria ser a mulher mais sortuda da porra do mundo.

— E você não acredita em coincidências. — Riu em seguida.

— Eu não quero que coincidentemente o meu pescoço seja o próximo na mira dela. Isso sim.

Cravei os dedos com mais força no cabo de madeira ensanguentado. Meu próprio sangue pulsava nos ouvidos.

Eu ainda sentia, por baixo de toda a adrenalina, a dor rasgando meu ser, me implorando para parar e ter um pouco de descanso.

Não podia. *Ainda não.*

Mais passos deles.

— Ela é uma assassina de aluguel — Clifford complementou. — Não sai matando qualquer um. Eu vi o preço dela na *deep web*, custa milhões.

— Por isso que precisamos saber onde ou quem deu essa lista para ela e como isso afeta a organização...

Alexander Petrov… *Filho da puta.* O que ele estava fazendo? As pessoas que eu estava matando eram realmente as culpadas pela morte dos meus pais?

Um praguejo baixo sairia da minha boca se o último centímetro que nos separava não tivesse acabado.

Ambos os agentes estavam na minha frente. E assim como pude enxergá-los na penumbra, eles fizeram o mesmo comigo.

— Espero que a morte de vocês não faça muita diferença.

Mirei a madeira na cabeça do agente ruivo. O outro correu para o mais longe possível de mim. O ruivo tentou revidar, mirando um soco ou dois na direção do meu estômago, mas a minha fúria era muita e a minha necessidade de sair desse buraco também, então revidei.

Desorientada e instintivamente, lutei contra ele, despencando toda a dor e raiva que ele me causou em seu próprio corpo. Rápida e furtiva, ele não conseguia ter poder sobre mim quando as minhas mãos não estavam presas por grilhões de ferro.

Dei-lhe uma rasteira, mirando meu joelho em sua barriga um pouco depois.

O agente implorou por ar, rastejando no chão até eu bater no centro da palma de sua mão.

— Talvez eu bata em você até gritar, o que acha?

— Vadia... — Tentou agarrar o meu pé para me derrubar.

— Eu sou.

Retirei o pé do chão, colocando-o sobre a sua garganta. A mão esquerda dele agarrou o meu tornozelo e afundei meu peso sobre a sua traqueia.

Minha paciência tem limite.

E o quanto de adrenalina que o meu corpo podia ter efeito também.

Preciso sair daqui o mais rápido possível.

— Me dê a chave para sair daqui.

— Você está maluca? — chiou, tentando remover o peso que o asfixiava. *Não é legal quando é com você, não é, querido?*

— Diferente de você, eu não peço uma segunda vez. *Agora.*

— Não, caralho.

— A chave!

— Não existe uma .

— Então dê oi a Lúcifer por mim. — Subi em sua garganta com um pequeno impulso, mas o suficiente para ouvir um estalo.

Foi o único barulho por muito tempo.

O som do pescoço dele quebrando.

Seus olhos ficaram esbugalhados. Não tive pena, na verdade, estava triste por não ter tempo para fazê-lo sofrer mais.

Olhei para os lados, mesmo na escuridão, procurando por mais alguém. Não havia. O som da madeira contra o chão tomou o ambiente, meus dedos tremiam demais para conseguir segurá-la.

A dor voltava e a liberdade pairava em meus olhos.

Então mesmo sob protestos dos meus músculos, tudo o que eu pude fazer foi correr.

Para longe do corpo.

Para longe do quarto de espelhos.

Eu só corri, lembrando do treino de Drakon na Rússia. *O quanto de tudo o que aprendi e ouvi poderia ser mentira?* Não consegui conter o meu questionamento.

Assim como me perguntava se ele ainda estava vivo quando cheguei ao fim do corredor e

bati com os antebraços numa porta de metal pesada.

Fácil demais. Repreendi, assim como fiz um pouco antes de ser capturada.

Extremamente fácil.

Mas nenhuma reclamação saiu dos meus lábios quando aquela porta se abriu sozinha, despejando luz solar em meu rosto.

Olhei para trás, mais uma vez, esperando que houvessem mais soldados do que aqueles que estavam em todas as sessões de tortura comigo. Esperei que alguém me perseguisse. Mas não aconteceu.

A única coisa que vi foi uma câmera muito similar à que havia no quarto espelhado. A luz vermelha do seu lado piscando a cada segundo.

Me assistindo.

Quem quer que estivesse do outro lado, me observava.

Assim como no quarto de espelhos.

Talvez não fossem os agentes atrás da lente da câmera como eu pensava. *Mas um outro alguém.*

Que me achava importante o suficiente para me devolver a liberdade.

E eu não neguei.

Tinha muitas contas para acertar antes de morrer.

17

Como você faz o perigo parecer tão lindo?
Sacrifice - Black Atlas

CLARA ROSSI

1 mês depois

Aiden: *Recebi dois convites hoje.*

Aiden: *Vai rolar uma festa naquele teatro que visitamos no mês passado. Me lembro como você gostou de lá... Então queria saber se gostaria de ir comigo. É um baile de máscaras.*

Aiden: *Não sei qual o motivo da comemoração, mas todos os chefes das áreas do hospital foram chamados.*

Aiden: *E a primeira coisa que pensei foi em te chamar para ir comigo... para termos um tempo juntos além do trabalho.*

Soltei um gemido dolorido quando deixei meu celular cair na testa, de propósito, depois de digitar “sim”.

Argh!

Perfeitinho de modo irritante. E com um *timing* ótimo.

Levei a mão à testa, massageando-a.

Faltavam pouco mais de três dias para a grande festa. Nas redes sociais era divulgada como um baile beneficente organizado pela alta sociedade para ajudar os necessitados. Uma mentira bem contada por anos a fio, já que o evento se tornou uma tradição, a cada ano sendo sediado em um edifício histórico diferente.

Teatros, museus, palácios...

As entradas e saídas do *Teatro Nacional* ainda fervilhavam na minha cabeça. Enquanto estive na visita, a ideia principal envolvia ser discreta e participar como penetra, entrando pela área de serviço.

Mas sendo uma convidada, os ares mudavam.

Porra, poderia dar um beijo em Aiden. Ele acabou de facilitar muito a minha vida.

Era quase como se estivessem estendendo um tapete vermelho para eu cometer um assassinato.

Assoprei um riso, puxando o telefone para digitar uma resposta melhor quando a porta do meu quarto foi aberta num rompante.

Um travesseiro foi o que acertou o meu rosto dessa vez.

— Eu vou morrer e você não vai abrir aquela caixa — a voz rouca e doce de Choe me cumprimentou.

— Por que você iria morrer?

Agarrei o travesseiro para deitar metade da minha perna em cima dele, apenas por

precaução. O que infernos ela acha que está fazendo?

Limites, Choe. Caralho.

Fechei os olhos por um segundo, com uma veia na lateral da testa pulsando. Ouvi-a bufar, sem se importar que tinha quebrado uma das duas regras que impus para ficar aqui: não entre no meu quarto se eu não estiver e não mexa nas minhas coisas.

Ter um espaço meu, unicamente meu, para estar sozinha era uma necessidade do mesmo nível que meus pulmões precisavam fazer trocas gasosas.

Um espaço que não poderiam roubar.

O colchão ao lado da minha perna afundou quando Choe deixou uma caixa encouraçada em cima, que eu nem notei que tinha em seus braços.

Só abri os olhos quando ela respondeu a minha pergunta.

— De curiosidade — dramatizou, colocando em sua feição uma mistura de aparência sofrida com um pedido de desculpas por entrar desse jeito aqui.

Ela, mais do que ninguém, entendia como era transformar pequenas coisas do dia a dia em amuletos para te resgatarem dos seus fantasmas.

Por isso, foi inevitável não arquear a sobrancelha.

— Não me olhe assim. Eu já tinha até esquecido, mas chegou mais esse hoje. — Apontou para a caixa.

Enruguei a testa. Não comprei nada nesses últimos dias.

Sentada na cama, empurrei os travesseiros e puxei o objeto para mim.

Delicado ao toque, foi a primeira coisa que notei com os dedos afundando no couro... A embalagem era macia e com um grande laço no topo, igual a outra guardada no fundo do meu armário.

Eu já sabia a resposta, mas a pergunta saltou da minha garganta do mesmo jeito:

— De quem?

Ela riu. Não, Choe gargalhou enquanto a sua sobrancelha formava um arco perfeito, contrastando com os braços cruzados abaixo dos seios.

— Te dou mil libras se adivinhar.

— Eu mereço mais — provoquei, mas internamente a minha vontade de abri-las atingia quase o mesmo nível da de Choe. Por que um segundo presente?

— Duas mil e quero que você abra as duas caixas.

— Você é uma péssima negociadora. Por Deus.

Uma careta dolorosa tomou o rosto dela enquanto caminhava para se sentar na cama e me entregar um pequeno envelope que deve ter vindo com a caixa. Sentada, foi quando a sua expressão melhorou um pouco e alívio correu em meu sangue.

Não foi uma ofensa, mas sentia que pisava em ovos de forma constante.

Não tinha razão para falhar com ela. Não de novo.

— Tudo em prol do meu bem-estar — exalou, passando uma unha nas cutículas das outras, ansiosa e agoniada. — Mas falando sério, essa curiosidade não te incomoda? Você não quer saber o que ele te envia?

— Não... *incomodava*.

— Mas e agora? — O verbo no passado na minha fala não passou despercebido e o tom de esperança na dela também não. — Incomoda você, Clara?

Mordisquei a boca.

— Talvez.

Não dei mais explicações. Não poderia. Estava nesse impasse há meses e nenhuma

resposta parecia suficientemente boa para explicar esse incômodo fervilhando no estômago.

O toque de Nicolas ser uma memória frequente em cada um dos meus sentidos só trouxe um efeito mais intenso, arrebentando barreiras e deixando um lugar especial em minha cabeça para ele e suas atitudes.

Porque, durante os banhos, com a água quente escorrendo pelo corpo, eu replicava com perfeição a sensação de seus dedos calejados traçando cada linha em minha pele úmida.

Me pegava desejando que a mão que havia ficado em minha nuca afundasse o meu corpo um pouco mais em seu colo ou que seus braços tomassem as partes que somente ele havia entendido a importância do toque.

Todas as lembranças acendiam um calor que caminhava em direção ao meu centro, no entanto, que virava frio quando me lembrava que ele voltou para o seu casulo de novo.

E sumiu sem falar mais nada.

De olho em cada uma das minhas reações, Choe estalou a língua, pegando o pequeno pedaço de papel que me entregou de cima dos lençóis e abriu a palma da minha mão, colocando-o no centro.

— Leia o cartão que veio na caixa e a abra logo.

— Eu quero as duas mil libras.

— Vão estar na sua conta amanhã — falou determinada. — Agora, pelo amor de Deus, leia o caralho do bilhete.

Respirei fundo, revirando os olhos e deixando uma Choe muito, muito determinada, ganhar. Dessa vez.

— *Vinte e nove dias, de novo...* — sussurrei alto, lendo o texto digitado.

Canalha.

Fechei a mão em punho e revirei os olhos.

O nó na minha garganta apertou.

— O que isso significa? — Os olhos de Choe brilhavam como se ela estivesse diante de um filme de romance. Uma coisa boba que me fez pensar muito na minha resposta antes de dá-la.

— Nada.

— Ohhh, por favooooor — zombou ela. — Achei que pudéssemos ser sinceras uma com a outra.

Exalei, passando a mão entre os lençóis para buscar meu cigarro eletrônico perdido. Eu parecia ter uma necessidade maior de nicotina no sangue para me controlar perto dela do que em qualquer outra situação.

Quando enfiei a mão embaixo do travesseiro, eu o achei.

— Ele não é convencional. Isso é o que significa.

— E é algo bom? — A voz assumiu vertentes suaves.

Levei o pod à boca.

— Ainda não descobri.

Choe estendeu a mão para a frente, pedindo o cigarro.

Porra, eu era uma péssima influência.

Ela não tossia mais. Na verdade, o seu corpo parecia relaxar a cada tragada.

Realmente, uma péssima influência.

— *Pra* mim, foi bom. — Ela soprou a fumaça com o queixo apontado para o teto, deixando seus olhos azuis caírem em mim logo depois. — Não com Nicolas, claro. Mas com você sabe quem.

— Por que acabou?

— Fiz escolhas das quais não me orgulho, mas foi o melhor caminho. Nathaniel não é convencional, mas também não é uma pessoa fácil de lidar. — Engoliu em seco. — Nós não somos.

— O gênio difícil é de família, então.

— Ah, com toda certeza. — Riu. — Acho que você ainda não o conheceu, mas Matteo é o mais difícil dos três.

Não consigo suprimir a curvatura tomando os meus lábios.

Feliz, percebi.

Estava feliz por ter uma conversa mais próxima com ela do que teria com qualquer garota da minha idade. Feliz pela leveza que pairava no ar, que aquecia o meu peito muito mais do que o conjunto de cobertas jogadas pela cama.

Traguei de novo e dobrei o travesseiro embaixo de mim para deixar minha cabeça mais alta.

Choe deitou-se ao meu lado em silêncio.

Ela não pediu para fumar novamente. Eu também não ofereci.

— Não precisa abrir os presentes — foi um murmúrio baixo.

— Não quero ser a responsável pela morte da minha amiga de apartamento.

Silêncio.

Esperava uma reação mais animada, afinal, Choe iria ter o que tanto queria.

Então, um travesseiro acertou o meu braço. E eu gargalhei.

— Para de zoar com a minha cara. — Fez um biquinho. Gargalhei ainda mais. Minha barriga estava doendo. — Não tem nenhuma diretriz médica que proíba você de rir do sofrimento alheio?

— Se tiver, não estou me importando em quebrar.

Ela me acertou com o travesseiro pela terceira vez.

— Não se nega duas mil libras — me justifiquei com as bochechas doendo.

— Você não vale nada. — Cerrou os olhos e colocou um dedo em riste, brincando. — Lucrando com o sofrimento alheio, que feio.

Levei a mão à boca, engolindo a saliva e toda a graça.

Como um choque de realidade batendo diretamente no meu rosto, me sentei na cama com a postura mais séria. Choe continuava rindo para o vento quando me estiquei para pegar a caixa no canto da cama e colocá-la no colo.

Era a minha forma de mudar de assunto, sem machucá-la ou o que restava de mim.

Choe não sabia como foi certeira no que disse. Isso, de uma maneira distorcida, me envenenou e condenou o meu momento feliz. Todos pareciam fadados a serem estragados, na verdade.

Apertando um lábio no outro, brinquei com o laço e assisti Choe limpar as lágrimas dos olhos. Ela riu até chorar, me fazendo determinar que nunca iria descobrir, no que dependesse de mim, a veracidade do que disse como uma mera brincadeira.

Pigarreei uma, duas, três vezes, até a voz sair.

— Quer fazer uma aposta sobre o que tem em cada uma delas?

— Já perdi dinheiro demais para você.

Assenti, mordendo um sorriso.

— Pega a outra, então. — Apontei com a cabeça para o móvel à nossa frente. — Está no fundo do guarda-roupa.

— Vai realmente abrir?

— Não me dê espaço para desistir — retruquei.

Choe colocou-se de pé numa rapidez que a deixou tonta por alguns segundos.

— Longe de mim, o sabor da vitória é muito bom.

Quando, enfim, abri ambas as caixas e um tecido de cetim branco com um par de botas de salto no mesmo tom se misturaram aos meus lençóis, decidi que as usaria para a minha segunda visita ao teatro, em três dias.

A roupa para um anjo.

Um que nunca mataria alguém.

Um sorriso cruel cresceu e tomou forma na minha boca.

Nunca desconfiaram de mim.

— Choe, você consegue fazer uma máscara para mim? — falei após algum tempo admirando o vestido. — E um par de luvas?

Ela tocou o tecido da peça, sentindo a textura e criando em sua mente o par de acessórios perfeitos.

— Consigo, sim. — Animada, apertou o vestido entre os dedos. — Você vai no baile beneficente?

Dei de ombros.

— Aiden me chamou.

Ambas as sobrancelhas subiram e uma pequena curva custosa assumiu a boca dela. Peguei o meu celular da cama e Choe pensou que eu não estava prestando atenção nela no momento em que o seu sorriso tomou também algumas gotas de perversidade.

Havia algo ali.

— Beeem, então acabei de ganhar uma companhia para aquela festa entediante.



Molhei meus lábios com champanhe. Tinha roubado a taça do primeiro garçom que passou ao meu lado, prendendo o cristal entre meus dedos da mesma forma que os dedos de Aiden prendiam a minha cintura.

Minhas botas estalavam no chão de mármore, andando entre as bandejas e os pequenos grupos de conversas agitadas enquanto Aiden estava em meu encalço, sorrindo para o som da orquestra tocando no canto do salão e ganhando força.

— Você está linda — sussurrou perto do lóbulo da minha orelha quando paramos em uma das mesas mais altas próximas ao bar. — Perfeita.

— Obrigada. — Sorri.

Ele pigarreou, olhando para frente, onde o seu grupo de amigos estava em pé.

— O pessoal do hospital vai falar um pouco além do que deveria nas próximas semanas. — Preocupação era nítida em sua fala. — Por eu ter te convidado para vir comigo e...

O interrompi.

— Não me importo.

— Tem certeza? — Apertou os dedos na minha cintura e deixou um beijo em meu ombro nu.

— O máximo que eu poderia ter. — Coloquei minha mão livre por cima da dele. Mesmo com a luva de cetim, o calor da pele dele passava para a minha. — Realmente não ligo para o

que eles pensam. E Anna já enche o meu saco o suficiente por todos eles.

Aiden riu e deixou mais um beijo em meu ombro. Ao lado da cicatriz, mas *nunca* nela.

— Vou pedir para ela parar.

— Ela não vai, você sabe. — Riu de novo, mas era uma verdade. Anna não seguia ordens e caçoava com a cara de Aiden, com a minha e de qualquer um que achasse importante. A admirava por isso.

— Obrigado por ser incrível assim.

Mordi a parte interna das bochechas, sem dar uma resposta.

Aiden pensava que um certo tipo de timidez me tomava quando me elogiava. Eu era péssima em receber elogios, porém, era pior ainda em receber aqueles que não eram verdades.

Então, me recolhi ao silêncio, levando a taça de champanhe novamente à boca, mexendo os ombros no ritmo da música porque não conseguia ficar quieta. Arrumei a máscara. Puxei as luvas para cima. Alinhei o vestido. Um ciclo irritante que me acalmou.

Estava bebendo a segunda taça, com o corpo todo apoiado no de Aiden, quando a parei próximo aos meus lábios e meus olhos se fixaram na porta pela qual entrei.

Hesitação se instalou no meu estômago, assistindo o corpo coberto por um terno preto, desde a camisa aos sapatos, passar entre as pessoas. O rosto sem máscara.

Um pequeno repuxar de lábios agraciou o meu rosto. Todos usavam uma máscara, mas ele não.

E o gesto rebelde mexeu comigo.

Talvez por isso fosse difícil forçar meus olhos para longe de Nicolas e não me deixar levar por toda aspereza e poder que emanava por cada centímetro de sua pele.

Difícil não.

Impossível.

Minhas células zumbiam no mesmo ritmo das dele.

E eu não era a única.

Cada mulher naquela sala parecia conhecê-lo com uma intimidade irritante porque enquanto os seus acompanhantes se endireitavam, cada uma delas inspirava, sorvendo partes dele pelo ar.

Era fascinante, ao mesmo tempo que me fazia desejar arrancar os cabelos.

Nicolas deixou toda a atenção cair sobre si e a vestiu como uma poderosa armadura, vagando com seus olhos, tão afiados quanto espadas, pelo salão. Observando os convidados, absorvendo as informações, reconhecendo todos os corredores por onde sua confiança passaria a caminhar por essa noite, sem se fixar em nenhum lugar por mais do que um segundo.

Até que seus olhos chegaram nos meus.

E ele parou.

Um segundo. Dez. Eu não sei.

Só sabia que ele os fixou em mim. E todos os olhares que se alimentavam das suas atitudes, recaíram em meu rosto.

As vozes vibraram com mais força pelo ar. Os cochichos eram óbvios demais para uma classe que se dizia tão cheia de bons modos e costumes.

Eles falaram de mim. Eles falaram de Nicolas. Eles falaram de nós, mesmo que estivéssemos a quase dez metros de distância um do outro.

Bebi mais um gole de champanhe, deixando minha cabeça encostar no peitoral de Aiden enquanto a outra mão escorria pela minha coxa, só para verificar se a adaga continuava no mesmo lugar.

Me mantive na mesma posição por longos segundos para ver se cochichavam sobre isso também. Acima de tudo, para ver se aqueles olhos azuis fariam algo além de queimar a minha pele através da energia violenta vibrando entre nós.

Eu poderia incendiá-lo. Na verdade, eu deveria queimar um ou dois dedos das suas mãos por sumir por quase um mês.

Entretanto, não era essa vontade que me fazia travar sob o seu olhar. Era o poder de quase sentir o tamborilar do seu coração enquanto nos encaramos no silêncio espesso.

Até que Nicolas simplesmente voltou o olhar para o próprio telefone.

Desprezo pulsou, quente, vibrante e arrebatador em meu peito.

Mágoa teve seu lugar também.

Eu não queria piedade de ninguém, mas o modo como ele conseguia ceder um pedaço de si e depois partir para uma fria indiferença, me deixava louca e com vontade de estapeá-lo por me tratar como um brinquedinho em suas mãos, que poderia se divertir quando desse vontade.

Nicolas subiu o olhar na minha direção por apenas um milésimo de segundo antes de voltar para a tela. Rancor apertou os meus pulmões, roubando minha respiração.

Queimaria os seus dedos se tivesse a oportunidade. Três, ao invés de dois.

— Por que você está tão tensa, linda? — Aiden inclinou a cabeça para o lado, buscando meus olhos. — O que aconteceu?

Engoli a saliva, deixando um beicinho tomar meus lábios.

— Nada. — Coloquei um falso sorriso na boca. — Excesso de cansaço.

— Sabe que poderia ter recusado o convite, certo? — *Não, não poderia.*

— Eu precisava vir.

— Hum... — Houve desconfiança em sua voz. Tratei de despistá-la.

— Você viu como eu fiquei apaixonada por esse lugar. — Joguei as primeiras palavras que me vieram à mente. — Precisava voltar e ver como seria uma festa aqui.

— Poderíamos ter vindo em outro evento.

— Mas já estamos aqui, hum? — Deixei a taça na mesa e apoiei minhas mãos em seu peito, usando um tom tão doce que me daria diabetes. — Só arrumar um lugar para sentar e estará perfeito.

— Os lugares são marcados, só preciso achar a nossa mesa.

— Então que tal você achá-la para mim? — Deixei um selinho nos seus lábios.

— Posso fazer isso.

Um “obrigada” silencioso se formou em meus lábios. Quando Aiden parou numa roda de conversa próximo a alguns dos médicos que trabalhavam conosco, perguntando das mesas, peguei a minha taça, ainda meio cheia, e bebi o restante do líquido de uma vez.

Seria uma longa noite.

O que só se confirmou com a consciência formigando a minha nuca quando roubei mais uma taça da bandeja e, talvez, também tenha roubado mais um olhar na direção que Nicolas estava. Só para encontrá-lo me encarando de volta.

Surpresa não ganhou vez quando o meu celular vibrou com sua mensagem.

Nicolas: *Belo vestido.*

Bufei, rolando os olhos. Maldito seja.

O sentimento pesado ainda permanecia em meu peito quando digitei uma resposta encoberta de sarcasmo.

Rangi os dentes.

Eu: *Oh, com toda certeza.*
Eu: *Aiden, quando me ajudou a escolher qual roupa eu usaria hoje, teve um ótimo gosto.*

Nicolas deu um passo na minha direção. *Mas parou.*

Os olhos dele brilharam ao encontrar os meus. Arqueei uma sobrancelha, deixando o celular em cima da mesa para ajustar as luvas no antebraço.

Um desafio. Foda-se.

Eu não estava com disposição para lidar com ele hoje. Meu objetivo era outro. *Deveria ser.*

Ignorando o rosto dele, voltei-me para o telefone. Não demorou muito para os três pontinhos aparecerem, mas foram eternos os minutos até que se transformasse em uma resposta concreta.

E pela forma como meu corpo reagia durante esse tempo, sabia que seus olhos acariciavam cada parte exposta.

Um a zero.

Nicolas: *Não minta para mim.*

Quis rir, mas acabei rolando os olhos.

Deixei o celular novamente na mesinha e roubei mais duas taças do garçom, virando todo o líquido dourado e borbulhante de uma delas em um único gole enquanto a outra permaneceu entre os meus dedos esquerdos.

Acho que era mais fácil selecionar o que era verdade na palma de uma mão do que enumerar todas as mentiras que saltavam da minha boca dia após dias.

Eu: *Não é porque me deu o vestido que eu tenho que usá-lo para você.*
Nicolas: *Essa resposta não foi uma escolha muito sábia, princesa.*

Travamos um impasse. Bebi mais um gole de champanhe.

Nicolas: *Seja, no mínimo, sincera.*
Nicolas: *O que eu duvido muito que esteja sendo.*

Um desafio e um aviso.

Mesmo que fosse uma mera mensagem, ele nunca tinha falado comigo daquela forma. Tomei mais um gole de champanhe, sentindo o álcool parando o meu coração.

Grande parte do que digitei foi movido pela fúria. Não morderia a sua isca dessa vez.

Eu: *Sinto muito que a minha resposta não te agradou, Vossa Majestade.*
Eu: *Mas eu também não recebo ordens, principalmente de projetos de cafajeste*.

Ouvi a sua gargalhada correr pelo salão. E travei o celular, deixando o aparelho guardado entre os seios.

Terminei a taça número sei lá qual antes de Aiden voltar, com uma mulher tão loira e alta quanto ele.

O sorriso de Choe alcançou as orelhas quando seus olhos caíram em mim.

De forma inevitável, me lembrei do repuxar de lábios perverso de três noites atrás.

Ela deixou um beijo na minha bochecha, abaixando-se sobre os joelhos para me dar um

abraço como se fôssemos amigas há milênios e não nos víssemos há uma década.

— Eu... hum... encontrei Choe pelo caminho. Ela disse que conhecia você, então... — Aiden deu de ombros, meio sem jeito. Fofo. — Ela vai nos levar para a nossa mesa.

— Simmm. Eu vou. — O sorriso perverso estava de volta ao seu lugar. — Quando eu soube que você viria, pedi para a organizadora nos deixar em mesas próximas.

Franzi a testa. O que diabos estava acontecendo?

Aiden tocou as minhas costas na tentativa de me incentivar a sair do lugar.

Meu celular vibrou entre os seios um pouco depois.

Entretanto, eu seguia com o olhar fixo em Choe.

E fiquei assim até pararmos diante da mesa.

Reconheci Nathaniel sentado em uma das cadeiras, focando no celular e, diferente de todos, com uma taça de vinho tinto na mão. A máscara também estava em falta em seu rosto.

Ele não olhou para mim e a minha importância para ele foi num nível semelhante.

O que me deixou curiosa foi o rosto jovem com os pés jogados no banco de outra cadeira. Ele não usava uma máscara ou um terno. Era uma parede de músculos no significado mais puro da palavra, coberta por uma jaqueta de couro e jeans.

Um ar jovem que se dissipava assim que ele colocava os olhos sobre você.

Não foi difícil reconhecê-lo como o irmão mais novo de Nicolas que Choe falara.

Matteo.

O nome dele dançou na minha língua, tecendo um lembrete mental para tentar descobrir algo sobre ele depois.

Algo além dos fortes genes familiares que ele e seus irmãos tinham: o queixo marcado, o nariz reto, os cabelos escuros como carvão. Até mesmo as tatuagens pareciam cobrir a mesma extensão de pele.

Eram como se fossem cópias de um mesmo rosto em diferentes fases da vida. Com uma única exceção. Os olhos.

Enquanto Nicolas e Nathaniel tinham íris azuis gélidas, as de Matteo eram de um castanho muito semelhante ao meu. Só que mais quente e vibrante.

— Eu poderia dizer para vocês se sentirem em casa, mas isso daqui está mais para uma tortura. — Franziu os lábios. — E infelizmente não estamos do lado divertido dela.

Deu de ombros.

Sorri.

— Jesus, não se fazem mais festas como antigamente — continuou.

— O que você queria, Matteo? — Choe perguntou, puxando uma cadeira para se sentar. — Strippers?

— Já passei dessa fase, você sabe. Não seja tão malvada comigo. — Matteo tomou um gole de sua bebida e se voltou para mim e Aiden. — Vocês podem se sentar — apontou para as cadeiras à nossa frente —, juro que somos cãezinhos adestrados, não mordemos amigos da família.

— Não acredite nele — foi tudo o que Nathaniel disse.

Aiden riu e puxou uma das cadeiras para eu me sentar, se apresentando para os irmãos de Nicolas. Que, inclusive, continuava parado a alguns metros da mesa, com os olhos fixos em nós, mas sem se aproximar.

Meu celular vibrou de novo. A mão de Aiden caiu sobre a minha coxa.

Puxei o aparelho do meu decote sob um assobio provocador de Matteo. Neguei com a cabeça, vendo cinco notificações subirem para a tela de bloqueio. Só consegui ler a última delas:

Nicolas: *Então o seu* querido *Aiden pode tocar, falar e fazer o que quiser e eu não posso pedir para que seja sincera?*

Oh, como eu gostaria que fosse tão simples.

Da mesma forma que simplesmente desejava não me ver absorta em outra coisa que não o objetivo que precisava cumprir.

Mas, assim como na primeira vez que vi Nicolas, a curiosidade me fazia orbitar ao redor dele e arriscar planos pré-definidos para agir como eu sentia que deveria. E a confusão tomando os meus sentidos todas as vezes… era diferente e nada simples.

No momento que reconheço isso, um arrepio ganha lugar na minha espinha, como aconteceu quando as minhas cicatrizes estavam sob o seu toque.

Maldito inferno.

Ajeitei a máscara no rosto e digitei.

Eu: *Peça de novo em vinte e nove dias e eu verei o que posso fazer por você.*

Nicolas demorou muito tempo para responder.

Estalei os dedos nervosa, esperando.

O próximo gole que sorvi de champanhe foi com meus olhos grudados nele enquanto o calor da mão de Aiden brincava com a minha pele.

O indicador do loiro fazia círculos ao passo que seu rosto estava focado na discussão fervorosa entre Choe e Matteo, tentando entendê-los.

Por algum motivo que não prestei atenção, ela se deu por vencida, ficando em silêncio.

Mordi o sorriso.

Se eu já não tivesse visto uma parte do gênio difícil que Choe tinha falado de Matteo...

Bem, pude assisti-lo de novo, no momento em que ele se levantou da cadeira abruptamente, esfregando os dedos cobertos por anéis e tatuagens em seu jeans escuro para, logo depois, infiltrá-los entre os fios ruivos da mulher mascarada vestindo um longo e escuro tecido verde que parou ao lado do seu irmão mais velho.

A mão dele era quase do tamanho da cabeça dela, entretanto, o que mais me chamou atenção foi a pulseira de pingentes amarrada em seu pulso. Tão delicada para os desenhos brutos espalhados na pele abaixo dela.

Parecia um trabalho feito de forma manual e tive um pouco mais de certeza quando cerrei os olhos para conseguir ler a palavra que a junção dos pingentes formava.

Um nome.

Audrey.

Matteo bagunçou os cabelos dela, arrancando-lhe um sorriso genuíno junto a alguns protestos. A intimidade brilhou entre eles.

Ela era alta, mas não mais do que ele.

Ela parecia uma boneca enquanto ele parecia um cachorro de proteção.

E quando Matteo sussurrou em seu ouvido, provavelmente a resposta para o que ela disse antes, pude assistir a garota corar até a sua pele ficar em um tom muito parecido ao de seu cabelo.

Só então, ele se deu por satisfeito, libertando os fios ruivos da sua mão e escorregando até parar no encontro entre o pescoço e a escápula dela. E ali ficou.

Matteo não olhou para ela ou para o irmão uma segunda vez.

Na verdade, seus olhos se encontraram com os meus.

E eu pisquei para ele, feliz por ter captado aquele pedaço de informação até Matteo trazer a garota para a cadeira ao seu lado.

Até que Nicolas puxou a única cadeira vaga, bem na minha frente, e se juntou à mesa.

Encarando-me.

Meu sorriso se desmanchou.

18.1

Esse corpo é perigoso. Não permito que o exiba.
Your Guilty Pleasure - Henry Versus

CLARA ROSSI

A equipe do buffet começou a trabalhar, servindo as mesas em uma sincronia de anos de prática. Agradeci o canapé deixado em meu prato, muito consciente do olhar de Nicolas sobre mim.

Eu sentia o seu toque à distância.

E seus dedos em cima da mesa, bem… eles mexiam, raspando as polpas dos dedos umas nas outras, como se pudesse sentir a textura da minha pele, o sabor, a temperatura, tudo com os olhos.

Engoli em seco, concentrando-me na comida.

Desde o rangido da cadeira de Nicolas, o silêncio ganhou vez sobre todos à mesa. Até Audrey falar.

— Vocês gostam de dançar? — Desviou a atenção entre Aiden e eu.

Ele negou.

Eu abri um sorriso singelo, assentindo com a cabeça.

— Meu pai me ensinou, era apaixonado por dança de salão.

Bebi outro gole de champanhe. Audrey ergueu a sua taça também, mas diferente de todos, na sua havia apenas água.

— Minha mãe era uma dançarina quando meu pai a conheceu — cedi outra migalha de informação sobre mim com cautela. — Acho que estava nos meus genes precisar de música e ritmo para viver.

Audrey sorriu, brincando com a sua salada de morangos.

Aiden, por sua vez, apertou a sua mão na minha e passou a outra pelo encosto da minha cadeira de um modo que chegava a ser protetor.

Nicolas era como um espinho incomodando a minha pele enquanto eu só me sentia sufocada.

Podia parecer bonita e encantadora, mas tinha um certo vazio constante à espreita, principalmente nos meus olhos, quando remexia no meu passado. Por isso, mordisquei a boca e mudei o foco, direcionando-o para a multidão.

Uma daquelas pessoas morreria pelas minhas mãos hoje.

Ele só não tinha chegado ainda.

E admitir um assassinato não me envergonhava um terço do que pensar na forma como me incomodou ouvir o nome de Audrey saindo pela boca de Nicolas no hospital.

Sobretudo ao encará-los lado a lado agora.

Irmãos, foi a palavra que Anna usou. Eles não tinham semelhanças físicas, porém havia

um cuidado entre eles que só poderia haver entre família.

Nicolas não estava comendo, então Audrey ofereceu a sua salada a ele.

Cuidado.

O mesmo que ele teve ao ir buscar um remédio para ela. O mesmo que eu me pegava desejando que ele tivesse comigo.

Além das provações…

Eu queria isso. Queria ser próxima de outras pessoas de novo.

Não tinha me tocado até agora do tanto que me sentia sozinha no mundo.

— Na nossa família. — Matteo irrompeu meus pensamentos, roubando um canapé do prato de Choe. Ela estapeou a mão dele. — É uma tradição.

— Pensava que as famílias valorizavam joias, dinheiro e não algo simples como a dança. — Minha voz arranhou a garganta, saindo disfônica.

— Não o fazem — Nathaniel quem falou dessa vez. — A tradição veio da família de nossa mãe e a mantemos por ela, em grande parte.

— Além de ser um ótimo meio de conquista. — Matteo deu de ombros.

Audrey acertou o cotovelo entre as costelas dele, negando com a cabeça.

Matteo precisou levar a mão à boca para tossir e não cuspir os pedaços da tortinha de camarão que acabou de comer.

Mais uma vez, meus olhos rolaram pela mesa até pararem sobre Nicolas. As feições duras lhe concedendo um ar sóbrio, impenetrável. Não havia nada naquele rosto que denunciava ele sentir o mesmo que eu sentia.

Nenhum indício.

A máscara fria que congelava meus ossos estava de volta em seu lugar, trazendo consigo uma onda pura de tristeza. A sensação incômoda se espalhava pelo meu corpo à medida em que tomava consciência de que Nicolas tinha as minhas emoções sob o seu controle.

Naquele momento, a necessidade de me afastar fisicamente prevaleceu.

Eu estava sufocando. E ele era o responsável por isso.

Mas a saliva só travou na garganta, me engasgando realmente quando enxerguei sobre o ombro dele, a barba ruiva de Ronan Lewis. Os seus olhos bateram nos meus, um pouco depois.

Minha respiração errática tornou-se nula.

E um suor frio arrepiou minha espinha.

O ministro desviou o olhar, descendo para a bunda de uma mulher que passava ao seu lado. A faca que passou a noite inteira presa em minha perna ficou mais pesada, como se lembrasse de sua presença e do porquê de eu ter ido àquele baile.

Meus olhos se tornaram vítreos, percebi após piscar uma sequência de vezes para conseguir focá-los no rosto rígido de Nicolas.

Seu rosto continuava a gritar desaprovação, porém, por trás do iceberg em seus olhos, consegui ver um fogo de preocupação derretendo seu gelo.

— Preciso de ar puro — sussurrei para ninguém em específico.

Só quando me levantei, a mão de Aiden tocou a minha perna, perguntando de forma silenciosa para onde estava indo.

Sorri de falsamente, indicando o banheiro com a cabeça. Peguei somente o celular da mesa. Foi entre os meus passos até lá que a tela do aparelho em minhas mãos acendeu mais uma vez.

Nicolas: *Terei que diminuir o tempo para vinte e nove minutos.*

Nicolas: *Para onde você está indo?*

Xingando profusamente, empurrei a porta do banheiro enquanto digitava.

Eu: *Para a casa do crl.*
Eu: *Vinte e nove dias, lembra? Até lá, se esqueça da minha existência.*
Nicolas: *Está indo para a casa de quem?*

Rolei os olhos. Inacreditável.

Negando com a cabeça, me fechei em uma das cabines, tirando a adaga em minha coxa apenas para testar a facilidade com que ela saia e a devolvi para o lugar.

Ladra. Mentirosa. Assassina.

Não estava nada mal, estava?

Soltei uma respiração longa com a testa encostada na porta de vidro.

Ronan Lewis estava em algum lugar naquele baile.

Era por ele que eu estava aqui.

Foco.

Eu precisava de foco, de modo urgente.

Essa vida foi a que eu escolhi. E pagaria a minha dívida e honraria o codinome que recebi entre as ruas. Ainda que o tenha ganho no lugar em que quase me destruíram.

Como eu queria um cigarro agora.

Que porra.

Prendi o celular embaixo dos braços, depois de digitar a senha do programa que me ligaria às redes do teatro. Com as mãos livres, meus dedos massageavam as têmporas.

Latejavam. Muito.

Se foi pelo excesso de álcool ou não em meu sangue, não conseguiria dizer.

O que eu precisava, no entanto, era achar o senador Lewis e acabar com isso de uma vez por todas.

Faltavam apenas quatro. E eu chegaria ao fim da lista.

Quatro mortes para a minha paz.

Suspirando, empurrei a porta da cabine e lavei as mãos na pia, esperando que o programa, que transmitia todas as imagens das câmeras para o meu celular, começasse a funcionar.



Eram quase vinte e três horas quando voltei ao salão com um falso sorriso estampado no rosto, caminhando entre os convidados com olhos de falcão.

Ronan Lewis estava com suas mãos pútridas afundadas na cintura de uma jovem moça enquanto bailavam a valsa tocada pela orquestra.

Matteo estava certo.

A dança era mais uma arma para conquistarem seus impérios porque enquanto as vibrações do toque de um violino tomavam o salão, era possível observar bocas movimentando-se, sussurrando segredos e negócios com seus parceiros de valsa.

— Não gosto de ser ignorado. — Tentei reprimir o susto e a sensação de *déjà-vu* que arrepiou meus braços até que eu fechasse as mãos em punho.

Nicolas se aproximou de mim por trás, buscando por algo por cima do meu ombro.

E aquela tensão de ter vários olhares afiados nas suas costas?

Ela estava de volta.

— Que pena — respondi irônica, girando meu corpo e querendo descobrir o que retinha tanto de sua atenção.

As mãos de Nicolas, no entanto, pararam na minha coluna, empurrando meu corpo para frente, para o centro do salão.

Ergui a sobrancelha, muito consciente de todos os olhos sobre nós. Muito consciente de seu corpo grande, alto e firme ao meu lado. Muito consciente de que, sem querer, Nicolas estava me levando na exata direção que Ronan Lewis estava.

— O que você está fazendo? — sussurrei, tentando relaxar o corpo sob seu toque. Falhei de forma miserável.

— Meus irmãos estavam atrapalhando e você estava fugindo.

— Atrapalhando o quê? — Minha confusão não diminuiu e nem os meus passos.

— Ter uma conversa decente. — Sua mão empurrou meu corpo para frente com mais ímpeto quando fiquei estática. Quase trupiquei nos saltos. *Babaca*. — A que você docemente fugiu se enfiando no banheiro, princesa.

— Chama a nossa troca de mensagens de conversa?

Meu sangue ferveu. O humor ruim que me tomava, tornou-se azedo.

— Não vai negar que estava fugindo?

— Não tenho o porquê negar algo que claramente não estava acontecendo. — Ri sem humor. — Meu mundo não gira ao seu entorno para todas as minhas atitudes serem por sua causa, Nicolas.

— Todas não, mas hoje, princesa… — Os lábios dele se levantaram em um sorriso e pareceu o momento perfeito para uma versão de *Posion Ivy* no violino começar. — Hoje, cada uma delas foi por minha causa e é por isso que o que vamos ter agora é uma conversa de verdade.

Ele rodou o meu corpo, deixando-nos frente a frente.

Cruzou uma de nossas mãos e deixou a outra firme em meu quadril.

Engoli saliva, mesmo com a boca parecendo um deserto.

A segunda dança começou.

— As mensagens foram apenas um aquecimento — continuou.

— Por que dançar, então? Se quer ter uma conversa?

Sua primeira resposta foi puxar o meu corpo para o seu. Para mais perto. A segunda foi sussurrada próximo ao meu ouvido:

— Assim você não pode fugir.

— Até onde eu sei, está acontecendo o contrário. — Por um tempo, ele ficou quieto. Sem dizer nada. Apenas dançando.

Uma tradição de família que ele escolheu honrar comigo.

Nicolas me rodopiou em seus braços, trazendo-me de volta contra ele, no próximo toque da música. Apertando ainda mais a minha carne com os dedos.

— Não estava fugindo de você — disse ele.

— Sumir durante vinte e nove dias dentro do seu vocabulário seria o quê? — Minha língua estalou no céu da boca, o tom afiado, quase venenoso, foi proposital.

Ele me girou uma segunda vez e, nessa, sua mão roçou na minha bunda.

— Está chateada com isso?

Levantei a cabeça para que pudesse olhá-lo e, sem querer, vi pela lateral de seu braço, todas as pessoas que estavam sentadas na *nossa* mesa nos encarando. Seus irmãos. Audrey.

Choe. Aiden…

Ele tinha uma feição desagradável.

Culpa se alojou em algum lugar em meu peito, fazendo-me morder as bochechas. Até que o indicador de Nicolas tocou a pele externa do meu rosto, com um aviso sombrio em seus olhos ordenando que eu parasse de me machucar.

Não era boa em seguir ordens. Essa, porém, eu segui.

Observando-o levantar meu queixo para que meus olhos saíssem de qualquer outro lugar e focassem nele. *Pertencessem a ele.*

— Não estou chateada — respondi sua pergunta.

— Flertar e rir com Aiden não melhorou os seus dias, imagino?

— Isso que está irritando-o? — Percebi o exato momento em que seus olhos tomaram um caminho perigoso, focando em minha boca, em cada palavra transfigurada nela.

— Talvez… talvez seja só ciúmes, princesa. — Aproveitei o momento da coreografia e parei ao seu lado. Ombro a ombro. Era impossível encará-lo e todas as verdades que seus olhos contavam. — Porque muitas coisas me irritam, mas o fato de ele não tirar as mãos de cima de você, arregaça o meu controle.

Posicionou uma das mãos nas costas, com o braço esticado de leve e eu parei a um palmo de distância, minha mão passou pelo pequeno espaço deixado pelo dele.

— Até onde eu sei, ele não desaparece quando lhe dá vontade. — A agulha da bota raspou em sua perna, subindo até o limiar de seu joelho, seguindo a coreografia que os outros casais faziam. — O que faz sobrar muito tempo para que esteja com as mãos em mim.

Nicolas rosnou, segurando a minha cintura quando inclinei o corpo em direção ao chão.

— É bom o suficiente para você desejar que eu te esqueça? — O seu nariz encontrou com o lóbulo de minha orelha, mais uma vez, aumentando a quantidade de sangue que correria para o local.

— Talvez. — Usei o mesmo jogo de palavras que ele, descruzando os nossos braços e levantando o corpo. — Ou talvez seja só mais uma mentira.

Uma discussão criou entre nós. Silenciosa como a morte. Tão fria quanto ela.

Durou o compasso de um, dois, três acordes do violino.

Duraria por toda a eternidade se não estivéssemos em uma valsa constante, rodando de novo e de novo. Até chegar a vez de trocar os parceiros.

Eu preferia a discussão.

Um fim previsível e palpável que as sombras do meu passado não criavam hesitação e, sim, se entrelaçavam com as sombras do passado de Nicolas.

Entretanto, eu hesitei.

Por microsegundos, quase imperceptíveis.

Eu hesitei quando o meu braço se cruzou com o de Ronan Lewis.

Meu novo parceiro de dança.

18.2

Porque você é o meu doce veneno.
Poison Ivy - Hemi Moore

CLARA ROSSI

— Não faça uma cara ruim, querida — ronronou no meu ouvido assim que colocou o meu corpo sob a posse de seus dedos. — Ele tem um rostinho bonito, mas posso te oferecer mais do que isso.

— Ah é? — tentei soar doce, colocando uma mão em seu ombro.

Minha adaga pesou mais do que nunca na perna. Um lembrete constante de como seria o fim dessa noite.

A música continuou alta, mudando a melodia de forma delicada conforme seguia para outra versão no violino de algum pop famoso.

Ronan sorriu, repuxando a pele do rosto a ponto de tornar perceptível algumas falhas em sua barba vermelha.

— Você é a mulher mais bonita desse baile, deve ter ouvido outras propostas, *hum*? — sondou e girou o meu corpo, prendendo minhas costas em seu peitoral.

Aproveitei cada um dos instantes em que o meu rosto não estava virado em sua direção para uma feição enojada assumir.

Eu iria vomitar.

Porra.

Sabia que Ronan Lewis era um porco corrupto, mas não esperava que me tratasse como uma prostituta, segundos após eu me aproximar.

— Acredite se quiser — usei-me de uma falsa modéstia —, não tive conversas interessantes até o senhor e o outro jovem rapaz aparecerem.

— Oh, por favor — murmurou, enrolando seus dedos entre os meus cabelos. Asco seria o melhor motivo pelo qual um bolo se formava no meu estômago —, não me chame de senhor. Sinto como se tivesse cem anos.

Ele riu.

Como se fôssemos amigos íntimos.

Ele. Riu.

O ar ao meu redor se tornou asfixiante e aprisionador tanto quanto o toque podre dele em meu corpo.

Ele não sabia quem eu era. Eles nunca sabiam. Ou se lembravam de mim, ou da minha família. Nunca.

— Está aqui como convidada ou acompanhante? — questionou, travando seus dedos com tanta força em minha mão que, quando os retirou, seus dígitos deixaram marcas com bordas avermelhadas que demoraram para desaparecer.

— Convidada. — Ele me girou mais uma vez. — E até onde eu sei, sozinha também.

Os olhos de Lewis voaram para mim, surpresos e muito, muito contentes com a nova informação.

Desgraçado.

— Então talvez você tenha acabado de conseguir a melhor proposta da sua noite, querida. — Um sorriso lascivo expandiu nos lábios dele.

Ronan Lewis me deitou em seus braços, seguindo os passos de dança. Meu rosto ficou próximo do chão, os olhos ganhando uma vista privilegiada de Nicolas fazendo a mesma coreografia com outra mulher em seus braços.

Os olhos dele encontraram os meus novamente. Como se fosse o lugar correto em que deveria estar e ficar. *Juntos*. Ancorando um ao outro.

Não deveria pensar nele.

Que Deus me ajudasse, porque eu não deveria deixar a minha atenção em Nicolas enquanto o meu alvo comia na palma da minha mão.

Mas não conseguia parar ou esquecer o modo como as suas mãos me tocaram minutos antes. Principalmente quando em seu rosto não havia um pingo de aprovação por outro homem o substituir.

Meu coração bateu forte.

Lewis me colocou em pé, escorrendo suas mãos por toda a lateral do meu corpo, se aproveitando para tocar em tudo o que pudesse, para o caso de eu dizer: "não".

Eu não o faria, no entanto.

Pelo menos, não pelo motivo que a sua mente viciada em pornografia criava.

Coloquei outro sorriso falso em minha boca e bati os cílios como uma garotinha inocente enquanto o meu sangue só sabia ferver.

— Qual seria essa proposta, senh..?

Franzi o rosto, cínica, com as mãos em seu pescoço. Eu poderia enforcá-lo. Bater a sua cabeça em uma das pilastras de gesso. Cortar o seu pescoço com a minha faca. Tantas possibilidades para me contentar com um simples fingimento.

Pigarreei.

— Me desculpe, como não posso chamá-lo dessa forma e não sei o seu nome — tremulei a voz —, e-eu fico sem jeito.

O cretino agarrou e apertou o meu braço mais uma vez. Puxando-me para ele.

Limites não estavam em seu vocabulário.

Puta que pariu.

— Ronan, querida. — Aproximou-se do meu ouvido.

Meu temperamento chegou ao limite, tornando-o difícil de conter.

Mas eu tentei. Tentei até o instante em que a minha respiração engatou e a nuca formigou mais.

Sentia os olhos de Nicolas em minha pele, entretanto.

Olhos famintos. E furiosos.

— Esse é o nome que irá gritar hoje se aceitar a minha proposta — continuou Lewis.

Mordi a língua.

Puta merda de assassina sedutora.

— A-aqui? — dissimulei, inocente.

Isso pareceu agradá-lo um pouco mais.

— Camarote 26B. — Sorriu e apertou mais o meu braço, alheio à minha abordagem

furtiva. Caiu como um patinho. — É o meu lugar especial aqui dentro. Ninguém irá nos incomodar, querida.

— A-agora?

— É uma gatinha ansiosa, querida? — Subiu os dedos para o meu rosto. Ouvi um resmungo a alguns metros de nós. *Nicolas*. — Ainda não, preciso resolver alguns negócios do trabalho. Mas estarei lá às uma e meia da manhã.

— Chegarei quinze minutos depois — determinei antes do último giro e mais uma troca de parceiros.

Pelo jeito, não era a primeira vez que Ronan Lewis procurava por sexo com garotas que ele acreditava serem inocentes em festas assim. Essa, porém, seria a última vez.



Foram longas duas horas até que Ronan Lewis tomasse o caminho do camarote como me prometeu.

Aiden desapareceu nesse meio-tempo, antes que eu conseguisse escapar da valsa. Nem Choe ou Audrey souberam explicar o que aconteceu com ele. E todas as mensagens de texto que enviei não foram respondidas.

Não poderia julgá-lo por completo, já que fazia uma coisa semelhante com Nicolas. O que só o deixava cada vez mais furioso.

Principalmente quando estava prestes a marchar na minha direção e foi cercado por um grupo de homens mais velhos que necessitava, de forma indispensável, de um pouco da atenção dele.

Nos bons dez minutos que levei para despistar a atenção de mim para seguir na direção de Ronan Lewis, li as mensagens de Nicolas pelo painel de notificações do meu telefone.

Nicolas: *Quer que eu te esqueça?*
Nicolas: *Porque isso não é uma possibilidade para mim.*
Nicolas: *Então você terá que sumir, Clara.*
Nicolas: *E eu honrarei a minha promessa.*

Olhei para as costas dele, incapaz de evitar.

Mas, por estar ciente de que poderia me encarar de volta, abaixei a cabeça e esperei que ninguém me parasse no meio do caminho enquanto subia os degraus e digitava, curiosa:

Eu: *Que promessa?*

Tirei os saltos, levantando a bainha do vestido e subi para o primeiro andar. Afundava os dedos no carpete áspero, parando meus passos pelo grupo de convidados conversando quando outra mensagem chegou.

Nicolas: *De encontrar você.*
Nicolas: *Onde quer que esteja.*
Eu: *Boa sorte fazendo isso, então. Tentar é de graça.*

Aproveitei que estava parada e puxei a adaga de onde estava guardada na coxa, deixando

a lâmina virada para o meu antebraço, ao passo que mantinha a parte de madrepérola presa entre meus dedos direitos.

Pronta para atacar.

Roubei outra taça de champanhe de uma bandeja abandonada e só no momento em que estava pela metade que me usei da coragem líquida que ela me cedeu para empurrar as cortinas do camarote.

Quinze minutos, como prometido.

Ronan Lewis estava jogado em uma das poltronas com um copo de bebida ocre nos dedos.

Ajoelhei-me para deixar a taça e as botas no chão.

O carpete estofado a derrubou antes que eu ficasse em pé, entretanto, o som do vidro trincado foi somente um charme para a sequência de passos sedutores que dei até ele.

Minhas mãos cobertas pelas luvas me deixavam despreocupada sobre uma possível identificação pela taça. E a minha boca passou longe o suficiente da borda para a saliva deixar resquícios.

Ele não sabia, mas eu era um fantasma.

Uma assombração para relembrá-lo de um passado que não deveria ter esquecido.

— Você é uma garota pontual. — Sorriu, passando a língua na boca. — Gosto disso.

A sensação de dormência da adrenalina era tudo o que eu queria sentir para evitar o nojo visceral que me acompanhava desde que entrei nesse camarote.

Dei o último passo e parei na sua frente.

— Uma qualidade que eu aprecio muito também.

— E as outras? — Inclinou a cabeça para o chão, ordenando de forma silenciosa para que eu me agachasse e ficasse cara a cara com o seu pau. — Você vai me mostrar também?

Agachei, passando as mãos pelas coxas.

E o fiz de forma tão lenta que chegava a ser engraçado como eu poderia brincar com a cabeça de um homens apenas insinuando sexo.

— Depende. — Coloquei uma mão na coxa dele e me joguei para frente. Seus olhos caíram direto em meu decote. — O que você gostaria de ver?

Passou a língua na boca de novo.

— Sua boquinha esperta chupando o meu pau.

Inclinei-me mais para frente, raspando as unhas em sua pele por cima do tecido que a cobria.

Ronan gemeu como um porco virgem.

— Só isso, *querido*?

— Quero seus peitos me masturbando também — saiu junto a um suspiro sofrido.

— Oh, sim… — minha voz foi melodiosa. — E eu sou a boa garota que irá fazer isso por você, Sr. Lewis?

— Sim, porra. — Entrou no meu jogo na pura fé de que iria garantir uma noite ainda mais divertida. — Você é.

— E eu sou tão boa que vou te contar um segredo.

— Qual?

Me levantei, dando dois passos para trás, chamando-o para me acompanhar com o indicador e o dedo médio.

Lewis não hesitou em fazer o que pedi.

Limpando a boca com as costas da mão, ele derrubou o seu copo, que eu descobri ser

whisky quando o cheiro assumiu a sala, e veio até mim.

Quando se aproximou, toquei sua barba com a mão esquerda, com vontade de arrancar fio por fio, desejando que ele gritasse.

Não demorou muito para que as suas mãos encontrassem um caminho até o meu corpo. Demorou um pouco menos para que eu ficasse na ponta dos pés para me aproximar de sua orelha:

— Alguém dessa festa irá matá-lo hoje.

Em questão de segundos, a tentativa de um sorriso sexy e cortejador escapuliu de sua boca e a pele ficou pálida. Tão branca quanto as paredes ao nosso redor.

Engolindo em seco, falou:

— Ela está aqui, não está?

Meus lábios se curvaram para cima.

— É — confirmei, assistindo o desespero assumir seus olhos. — Eu estou.

A dúvida se misturou ao medo.

Ronan Lewis recuou um, dois, três passos para trás. Eu andei um, dois, três passos para frente.

Eu sabia que Nicolas me perseguia por aqueles corredores enquanto eu caçava Ronan.

Meu celular vibrava com as suas mensagens a cada passo que eu dava. Uma memória energizante de que estava próximo. *Cada vez mais próximo.*

Mas o meu foco era unicamente pertencente à figura política tremulante à minha frente. O choque deve ter tomado as veias de Ronan, sua boca se abria e fechava, tentando dizer algo que nunca saiu de sua garganta.

Por um momento, agradeci por ser um baile de máscaras para que ele não gritasse o meu nome por aí.

Ou gritasse qualquer coisa.

Dividido entre ser verdade ou uma brincadeira de mau gosto, Ronan olhava para mim em choque. Sua sorte, porém, não permitia que fosse apenas uma brincadeira.

Por isso que quando ameaçou correr, meus passos foram mais ágeis do que os dele.

Eu sempre era mais ágil.

Eles não matavam porque não tinham habilidade, então pagavam quem tinha para fazer o seu trabalho sujo.

Uma mão subiu para a sua boca, o dedão e o indicador pressionando suas narinas e prendendo o ar em seu peito enquanto a outra perfurava o espaço entre as suas costelas com a minha faca.

Rápido e não tão divertido quanto eu gostaria, porém, doloroso.

Meu celular vibrou mais uma vez entre os meus seios, deixando os bicos intumescidos.

Adrenalina corria no meu sistema.

Pavor, terror e excitação pela possibilidade de ser pega, porra...

Torci os lábios, puxando a faca de volta e a penetrando no corpo do senador outras duas vezes. Meus golpes eram lentos, tomando todo cuidado para que o sangue não esguichasse e manchasse o meu lindo vestido.

Na quarta vez, os seus joelhos falharam, tombando o seu corpo para baixo e para frente. O deixei cair sob um pequeno estrondo, puxando o celular do vale entre os seios.

Nicolas: *Eu te desafio.*

Eu: *A fazer o quê?*

Um barulho tortuoso saiu da minha boca.

Neste ponto, tentar ignorar como as suas mensagens começavam mexendo com a minha excitação e terminavam em cantos sombrios da minha mente, era inútil. Ele brincava com lugares desconhecidos por mim mesma.

Nicolas: *Me mostrar o quão habilidosa pode ser em se esconder dentro desse teatro.*
Nicolas: *Vamos ver se eu não te encontro.*

Olhei para a porta à minha frente.

Foi instintivo.

Minhas células vibravam, esperando que Nicolas aparecesse por ela a qualquer instante.

Apesar de não ouvi-lo, sentia a quantidade sobrenatural de controle e poder emanando de cada uma das suas mensagens.

Os camarotes não tinham câmeras, por isso que não hesitei em aceitar o convite de Lewis, mas era persistente a sensação de que Nicolas estava à espreita.

Próximo. Me observando.

E essa não é a única emoção atravessando os meus sentidos.

Havia outra. Muito mais condenatória, envolvendo o corpo aos meus pés que sangrava tanto que estava deixando uma gigantesca mancha no carpete.

Torci a boca. Poderia ser pior... alguém poderia ter me visto.

Nicolas poderia ter me encontrado antes do tempo correto. Essa possibilidade fez a adrenalina insuflar minhas artérias.

Eu: *Quer brincar de pique-esconde?*
Eu: *Não somos adultos demais para isso?*
Nicolas: *Corra, princesa. Eu já estou atrás de você.*

Passou um minuto até a próxima mensagem chegar.

Minhas respirações tornaram-se mais ruidosas.

Nicolas: *Tique-taque.*
Eu: *Se não me achar, você vai me esquecer e ficar longe de mim.*

Porra.

Eu estava no limite e não tinha mais tempo para dividir minha atenção como hoje. No limite a ponto de não saber como tinha conseguido matar Ronan Lewis com perfeição.

Poderia ter dado errado. E eu não tinha espaço para mais erros.

Cerrei os dentes.

Nicolas não respondeu, mas meu corpo continuou em alerta. Em completo alerta.

Matar Ronan Lewis em um lugar tão público e cheio como esse já era uma insanidade, mas com alguém me perseguindo, isso foi o auge da loucura.

Olhei para a porta uma última vez, me abaixando para deixar a adaga próxima do corpo e pegar as minhas botas. Sem bilhetes ou qualquer outro tipo de mensagem dessa vez.

Não tinha tempo.

Girei os calcanhares e subi as escadas para o terceiro andar do teatro no maior ritmo que as minhas pernas eram capazes de impor. Meu sangue borbulhava nas orelhas e as respirações eram ofegantes e altas a cada novo metro percorrido.

Quanto mais longe estivesse, menos suspeitas cairão sobre mim, já que uma pessoa não

pode estar em duas alas do teatro ao mesmo tempo.

Então, eu não parei para respirar ou olhar para trás.

Corri para o mais longe possível do corpo.

O celular vibrou. De novo. *E de novo.*

Meu sangue pulsou mais forte.

Ofeguei por ar e diminui o ritmo.

O som de um violino sendo tocado tomou o ar.

A orquestra e os dançarinos estavam de volta, entretendo o grande público por tempo o suficiente para fugir.

Por isso, não paro para refletir sobre a música, apenas ajusto os fios do meu cabelo, as luvas, a máscara, deixando tudo em seu mais perfeito estado quando cruzo com um grupo de homens dentro do camarote no terceiro andar.

Eles sorriem para mim, tentando uma sorte que não iriam ter. Meu celular vibrando entre os meus seios, endurecendo os bicos, era uma memória inquietante que reafirmava isso.

Uma piscadela, entretanto, me permitiu roubar outra taça de champanhe na tentativa de umedecer minha boca seca como deserto.

Troquei algumas poucas palavras com os engravatados, distribuindo mentiras a cada vez que a língua tocava no céu da boca.

Eles discursavam sobre a própria vida e trocavam piadas infames como um grupo de amigos faria. Meu foco, no entanto, seguia nas entradas para esses camarotes.

A ameaça de Nicolas pairava sobre mim. E, querendo ou não, ele estava cada vez mais perto enquanto eu permanecia parada, tentando criar um álibi que comprove a minha inocência.

Ao final da primeira música da orquestra, as mensagens pararam de chegar.

De certo, Nicolas tinha desistido e foi com esse pensamento que saí do camarote, indo para o outro que possuía uma escada para o quarto andar, quando dois braços rígidos se fecharam ao meu redor e me empurraram contra o parapeito do camarote do teatro.

Minhas costas bateram em seu peito e sua ereção teve um abraço íntimo de um amante com a minha bunda.

— Te esquecer? — Indignação vibrou por Nicolas. Sua boca quase tocando a minha pele, mas sem o fazer em momento algum de verdade. — Eu já te achei, princesa.

19

Sou sua para você domar.
Middle Of The Night - Elley Duhé

CLARA ROSSI

— Não tente se livrar de mim — sussurrou em meu ouvido quando girei em seus braços e espalmei as mãos para empurrá-lo para trás —, você não irá conseguir, princesa.

Ele estava com raiva.

O pescoço avermelhado, o rosto corado e a boca trêmula seriam um bom indicativo, caso o seu toque brutal não fosse.

— Saia — cuspi. Se ele estava puto, porra, eu estava possessa.

De raiva e desejo.

Cerrando os dentes, tentei contorná-lo.

Nicolas não se mexeu ou me deixou sair. Ele não disse nada também, permitindo que meus dedos se flexionassem nos músculos tensos e quentes de seu peitoral.

A vontade de estapeá-lo agredia os meus sentidos na mesma intensidade que a vontade de puxá-lo para mais parte. Muito mais perto.

— Estou cumprindo a minha promessa — resmungou, abaixando o rosto e levando a mão à minha garganta para que eu parasse de me mexer. — Cumpra com a sua palavra, princesa.

Fogo.

Com simples palavras, Nicolas era capaz de incinerar todos os meus sentidos e pensamentos racionais.

Eu estava queimando.

Não tinha outra palavra para descrever a vermelhidão tomando o meu pescoço, adentrando a minha garganta até alcançar as bochechas.

Meu corpo formigava por inteiro numa mistura de um prazer ansioso e receio, porque a pressão dos dedos dele na minha garganta me atingiu com tanta intensidade que a minha primeira reação foi afastá-lo.

Não sei se conseguia respirar.

Inclinei-me contra ele, virando a cabeça e mordendo o seu bíceps de ódio, noutra tentativa de alcançar a liberdade.

Nicolas não permitiu. De novo.

Na verdade, ele encostou a minha cabeça em seu peito e sua risada rouca reverberou por todo o meu corpo.

— Cuidado com a boca, princesa.

Se inclinou para mais perto, impossivelmente mais perto.

— Me tocando desse jeito, me dá vontade de retribuir. — Raspou os lábios entre os espaços de seus dedos espalmados em meu pescoço. Lento. Quente. Arrepiante. — Mas não vou

ser tão discreto quanto você, e você não quer a marca dos meus dentes na sua garganta, não é?

Desejo encheu as minhas veias junto ao sangue, como um tsunami.

Eu pude sentir essa mesma intensidade entre o meio das minhas pernas através do seu tom inflexível, do aperto firme, mas do jeito correto, da necessidade de se afastar e voltar a busca pelos meus olhos, prendendo-os nos dele.

Nicolas não largou a minha garganta. E eu não tentei afastá-lo uma segunda vez.

Com seu aperto ou não, minhas respirações eram roubadas a cada gesto e como eles, eram nutridos por uma raiva contida. Ou mesmo pela forma como o azul tão familiar de suas íris estava preto. As pupilas arrebatavam tudo para si assim como as suas mãos reivindicavam cada centímetro que tocava.

— Se eu quisesse te marcar, precisaria morder com mais força.

— É? — sussurrou com os olhos fixos em mim, desviando apenas para o nariz roçar próximo aos meus cabelos, respirando fundo. Um sorriso sacana ganhou sua boca. — Então, morda.

Raspei os dentes no tecido da sua camisa.

Ele me provocava com palavras, eu fazia com gestos.

Então, abri o primeiro e o segundo botão de sua camisa, olhando-o de cima enquanto a minha língua corria nos meus lábios secos.

Meus órgãos podiam estar se liquefazendo por toda a tensão emanada dos meus poros, mas a minha boca seguia seca, como se não tivesse conhecido o sabor do champanhe distribuído por essa festa.

Os olhos dele brilharam e eu me afastei. E mordi, de novo.

Dessa vez, no entanto, meus dentes rasparam na parte exposta de seu peitoral pelos botões abertos da camisa.

Uma pequena provocação e uma retribuição pelas memórias de cada toque dele em minha pele que ainda queimavam.

Eu não o mordi.

Não deixei marcas.

Eu brinquei com a pele dele seguindo as suas condições.

Ele ainda não poderia me marcar de volta.

Minha boca tremeu quando Nicolas interrompeu.

— Quando faz coisas assim — levantou o meu queixo com o indicador, deixando seu dedão contra os meus lábios. Rude, porém, meticuloso —, estará me dando a liberdade para colocar a minha boca em você, princesa. — Apertou o meu queixo e eu ofeguei. Desgraçado! — E depois disso, cada mísera parte de você vai me pertencer.

— Egocêntrico demais, não acha?

O sorriso dele aumentou, tornando-se lascivo.

Nicolas soltou a minha mandíbula de forma tão abrupta, que senti falta de seu aperto macerando a minha carne.

Ele não disse nada.

Ele fez melhor, virou o meu corpo em seus braços e empurrou-me levemente para frente até que as minhas mãos parassem no corrimão amadeirado do parapeito do camarote.

Meu coração trovejou no peito.

— Seria se fosse qualquer outro homem falando isso para você que não eu — sussurrou em um tom entretido após o meu silêncio. — Seria egocêntrico, princesa, se o seu *querido Aiden* falasse isso para você.

Gargalhou rouco, afundando as mãos em meu quadril.

— Você deveria avisar a ele, inclusive.

— Sobre o quê? — questionei, virando a cabeça de lado.

Seus lábios tocaram a minha orelha e meu sangue bateu um pouco mais forte nos ouvidos.

— De que ele acabou de perder a garota dele… — Aquela voz exibindo pecado rolou por minha espinha, junto ao conhecimento de que se qualquer pessoa olhasse para cima, nos veria. — Para mim.

Lambi a boca, ofegante, e ele continuou, arrastando meu cabelo para o lado e deixando a sua pele, que eu mesma expus, flertar com a minha nuca.

— Porque eu não divido o que é meu.

— E se eu quiser que *ele* me toque? — Levantei a sobrancelha de forma petulante, mesmo que Nicolas não pudesse ver.

O corpo dele reagiu, contraindo o braço ao redor da minha cintura, achando que eu não perceberia também.

E esse foi o cerne de todo o problema.

O seu toque era inebriante. Suas palavras eram devassas. Suas pequenas reações incontroladas eram a pura definição de luxúria.

Nicolas me levava ao limite e eu nunca me senti tão carnal, tão devassa sob o poder de um toque.

Nenhuma outra vez foi assim.

Nenhuma outra vez houve golpes de ciúmes tão expostos ou um desejo tão intenso.

Eu o odiei um pouco por bagunçar todas as minhas certezas e me odiei ainda mais por deixar e, acima de tudo, querer que ele realizasse todas as promessas escondidas em suas palavras.

— Então, o seu querido médico loiro vai precisar mudar a carreira dele de cirurgião depois que eu quebrar cada um dos dedos que tocarem em você. — Escreveu a morte em minha pele. E eu gostei mais do que deveria. — E ainda farei parecer que foi um acidente, princesa.

Virei meu rosto para o lado.

Nicolas ofegava, soprando suavemente entre os fios do meu cabelo. Meu coração tropeçava, errando os batimentos.

Porque a ameaça explícita em sua voz mexeu com a parte sombria do meu prazer.

Aquela parte que a adrenalina excitava a cada morte que eu tinha nas mãos. A exata parte que tornava o desejo incontrolável, pesando meus seios e formigando meus dedos para que eles necessitassem de toque.

Do toque dele.

Engoli em seco.

— E o que você faria comigo? — Foi uma pergunta do mesmo modo que foi uma decisão. — Se eu pedisse para que fosse *você* a me tocar?

Nicolas grunhiu como se algum tipo de controle lhe fosse arrancado quando ele o tentava manter à força sobre si.

Ele grunhiu enquanto a sua mão estalou um tapa no meu quadril.

Mas que porra?

— Afaste as pernas — comanda.

Eu não me mexo.

Por rebeldia, apenas.

Eu queria outro tapa. Eu precisava de mais daquela ardência me ganhando sob o tecido fino do vestido.

Consigo sentir um sorriso faminto ganhar seus lábios. E ao invés do tapa em minha perna, seu toque suave voltou para a minha garganta, fechando os dedos firmemente, levantando meu queixo na maior extensão que o meu pescoço permitia.

Seus dentes firmaram no meu maxilar e ele mordeu o meu rosto.

Apertei uma coxa na outra.

Filho da puta.

— Agora, Clara.

— Peça por favor — soprei no meio de um gemido, devido ao segundo tapa na minha perna. — Se quiser me tocar, vai ter que pedir, Nicolas. *Como todos pedem.*

— Todos? — O som baixo e rouco bombardeou as minhas paredes internas. Seus dentes arranharam minha pele de novo. — Não estou vendo ninguém além de mim desejando foder a sua boceta, princesa.

Um caos se instalou no meu baixo ventre porque a cada palavra, a cada mordida, a cada tapa, eu ficava mais molhada… me fazia desejar mais de forma quase destrutiva.

Eu queria que ele devorasse tudo.

— Peça. Por. Favor. — assobiei, arqueando as costas.

As mãos dele estavam tão perto de onde eu queria. Tão. Tão perto. Que era quase um pecado não alcançarem a minha parte mais sensibilizada, que pulsava a cada vibração do corpo dele.

— Não sou o tipo de homem que pede por favor — rosnou.

Olhei para cima em busca dele, como um gatinho manhoso, e tentei decifrar até que ponto estava mentindo.

Nicolas não estava.

Foi o seu maxilar trincado e a expressão marrenta, porém, que transformaram isso em um desafio pessoal.

Ele apertou a minha garganta quando mordi o lábio inferior.

— Para mim, você pede.

Nicolas estapeou a minha coxa de novo. E mais uma vez.

O sorriso em minha boca só se alargava mais.

— Quero que você me diga, Nicolas — teimei, passando a língua no lábio inferior. — Só assim terá o que deseja.

O próximo tapa recaiu em cima do meu seio. Mordi a boca com força na mesma intensidade em que essa mão apertou a minha carne.

Rolei os olhos.

O limiar de um prazer estrondoso aparecia no fundo da minha visão.

Finquei meus dedos nos dele em minha garganta e sussurrei seu nome na tentativa de clicar os botões necessários. Eu ganharia essa pequena guerra entre nós.

— Eu imploro para poder te foder — rosnou, correndo seu nariz ao longo do meu pescoço. — Desde que admita que pensa em mim.

O brilho em suas íris esquentou mais o meu corpo e o pulso de vida correndo em minhas veias acelerou.

Estava completamente viciada nele. E nas reações que me causava.

Então, não foi difícil a resposta que ele queria escapar da minha língua.

— Eu penso — admiti num tom baixo, mas que pareceu reverberar por todo o teatro. —

Principalmente quando eu preciso gozar.

Isso mexeu com ele.

Muito.

Sua mão beliscar o meu seio por cima do vestido foi a primeira resposta.

A ordem em sua voz, a segunda.

— Apoie as duas mãos no corrimão. — Sua voz era sombria e seu olhar era corrosivo. — E abra as pernas para mim, princesa.

Arrepios ansiosos ganharam os meus braços. Estava abaixando a cabeça para respirar quando a língua de Nicolas traçou a borda da minha orelha.

— *Por favor.*

Um grunhido de satisfação correu em sua garganta até eu, enfim, obedecê-lo.

Minhas pálpebras pesaram.

— Espero que Aiden tenha gostado muito do vestido — disse, dando um passo para trás. — Irá aumentar o meu prazer em parti-lo ao meio.

— Nicolas… — aviso, mas é tarde demais.

Com uma das mãos, ele mantém o meu corpo aprisionado contra o parapeito e a outra arrastou uma faca pela pequena fenda do meu vestido.

Ele carregava a merda de uma faca no bolso.

Deus, estava fodida.

Possivelmente com a sanidade morta.

Porque eu não ligava para isso.

Estava ocupada ficando ainda mais molhada. Pulsando. Tentando aprender a respirar de novo.

— Repita o meu nome. — Estapeou minha coxa por trás.

Levei o dorso da mão à boca, mordendo-o. A pequena dor enviou mais vibrações para a minha boceta, se isso era possível.

Não melhorou a minha situação em nada, porém, me impediu de ceder a ele.

Outro tapa veio, dessa vez mais próximo à polpa da minha bunda.

— Você é ótima em mandar e péssima em obedecer.

— Você é um babaca. — A faca arranhou um pouco mais profundamente a minha pele, mas sem cortar. — Porra. E um sádico.

— Se eu implorar por você — a faca subiu pela minha bunda até a base da coluna. Nicolas rasgou mais do vestido e quando se deu por satisfeito, acertou um tapa na minha bunda usando a parte larga da lâmina —, você implora por mim, princesa. É assim que jogamos, nos desafiando de volta. Provocando. E, porra, se Deus quiser, fodendo.

Mordi o dorso da mão com mais força.

Ele girou a faca e cortou mais do tecido. Deixando só a fina linha que sustentava os meus seios.

— Então, me xingue e eu retribuirei com gosto — terminou.

— Não vou cair nos seus joguinhos.

Estava suando. Muito.

Isso era insano.

— Diga o meu nome, Clara.

Neguei com a cabeça.

Sua mão livre espalmou em minha bunda, empurrando meu corpo mais para frente, a ponto do meu clitóris duro e inchado se esfregar na parede dura.

Engasguei com a saliva ao sentir a lâmina arrastar alguns dos meus fios de cabelo caídos nas costas para o meu ombro.

A boca de Nicolas tocou a minha pele, repetindo o caminho, deixando um rastro de arrepios me punirem.

Porra. Nunca tinha me sentido tão sensível assim.

— Fale de uma vez.

— Você é um idiota — murmurei.

O elástico da minha calcinha deixou um vergão pelo estalo em minha coxa.

Mordi os lábios, segurando um gemido que implorava para escapar da garganta.

— Um babaca — continuei.

Sua mão desceu numa lapada bruta que me fez perder o fôlego.

— Maldito.

Meus dedos apertaram o ferro do parapeito com mais força, tentando me segurar no lugar. Minhas pernas estavam falhando, meu vestido se encontrava em frangalhos e ele nem tinha me tocado de forma íntima ainda.

Lambi a boca, muito, muito ofegante.

— Um projeto de cafajeste de merda.

Ouvi o estalo da faca caindo no chão. Mas ao invés de soltar um suspiro de alívio, segurei outro recheado de desejo.

Porque os lábios dele foram para o meu ombro, beijando a minha nuca e sua língua se arrastou, fervente, para o lóbulo inferior da minha orelha. Nicolas o pegou entre os dentes e só o soltou para sussurrar:

— Sabe qual é a melhor qualidade de um cafajeste, princesa?

A mão dele subiu pela minha coxa para a cintura, pescoço… sentindo a minha pulsação acelerada em seus dedos, seguindo o ritmo da orquestra.

— Passei horas admirando o seu rosto e a forma como fala, mas agora, posso substituir a minha admiração por sua cabecinha curiosa por algo mais depravado e pervertido que você *precisa*. — Apertou um pouco da minha garganta, raspando a língua no lóbulo da minha orelha. — A começar por te mostrar como é ser fodida por um *homem de verdade*.

Eu poderia gozar apenas ouvindo a voz dele próxima assim.

Meu. Deus.

A calcinha parecia estar enfiada no meio das minhas dobras encharcadas, macerando ainda mais o meu clitóris.

— Só vamos avançar quando você falar, princesa. — Sorriu contra o meu rosto.

Sem ar e sem domínio qualquer, eu fiz o que ele pediu.

Eu precisava gozar.

Estava prestes a enlouquecer.

— Nicolas… — Saiu como um gemido sôfrego. Meu rosto queimou.

— Fale mais alto, quem sabe o seu *querido Aiden* consiga escutar o nome do único homem que irá te foder daqui em diante. — Empurrou a renda branca para o lado, deixando a palma de sua mão fervente em cima da minha boceta. Sem se mexer. — A próxima vez que gemer o meu nome será para te lembrar, princesa, do único homem que lhe fez gozar essa noite.

Outro tapa estalou na minha bunda.

Encarei-o sobre o ombro.

— Faça mais e fale menos, Nicolas.

Antes que eu pudesse piscar, a mão posicionada no meio das minhas pernas estalou um

tapa ardido, apertando o meu ponto rígido em seguida. Os botões da sua camisa se esfregaram contra a linha exposta de minha coluna quando inspirei mais profundamente.

Foi entre essa respiração que dois dedos brincaram com as minhas bordas, penetrando meu âmago e fazendo meus olhos revirarem.

Descansei as costas contra os músculos de seu peitoral. Na verdade, quase me deitei sobre ele, podendo sentir seus braços fortes rodearem o meu corpo, um para me segurar no lugar e o outro para me foder.

— Mais forte — falei, afundando minhas unhas curtas em seus antebraços.

Nicolas rugiu, seguindo o que eu disse de forma tão certeira que engasguei.

Seu dedão circulou o meu clitóris. Sua boca chupou o meu pescoço. Seus dedos impuseram um ritmo próprio dentro de mim.

Fechei os olhos. Ofegante. Com o prazer tomando cada vértebra.

— Abra os olhos, princesa.

— Nicolas… — protestei.

Estava absorta demais. Presa na sensação extracorpórea que era de tê-lo tocando cada pedaço e, como a cada vez que investia mais forte com seus dedos, eu ficava na ponta dos pés, sentindo seu pau ser masturbado pelas bandas de minha bunda.

Me empinei mais para trás e umedeci os lábios.

O jeito que o corpo dele falava com o meu era… surreal.

E um prazer visceral me percorreu com o seu estremecimento. Cacete, eu não deveria sorrir tanto agora.

— Abra os olhos — comandou outra vez. — E olhe para baixo. Você acha que eles vão te assistir gozando nos meus dedos, princesa?

Meus músculos se contraíram. Todos eles.

Raspei as unhas em seus braços mais uma vez.

— Quer que eles assistam?

— Não — fui sincera.

Uma certa possessividade criava-se em meu âmago. Era um momento nosso.

Nicolas e eu. Cada batimento, inspiração, toque…

Eu não o dividiria com ninguém.

— Não divido o que é meu — sussurrei baixo o bastante para pensar que Nicolas não escutaria.

Porém, ele o fez. Como sempre.

E seus dedos me puniram mais, entrando em um vai e vem alucinado enquanto seu dedão continuava a trabalhar no meu ponto duro e dono do meu prazer.

Ele o fazia com maestria, lendo cada uma das minhas reações, cada um dos meus barulhos contidos. Tão bem que eu estava próxima de alcançar o ápice e me jogar do penhasco que seria o prazer em seus braços, mas ele me largou, virando o meu corpo e posicionando as suas coxas no meu centro pulsante e molhado.

— O que você está fazendo?

Minhas íris bateram nas suas e mesmo na penumbra do teatro, era nítido que com seis palavras, eu tinha apertado mais de seus botões.

Levei as mãos em seu peito, deixando-as por baixo da camisa para ir mais fundo. Eu queria destruí-lo da mesma forma que ele estava me destruindo com as suas mãos.

Movimentei a garganta e abri os botões restantes, resvalando propositalmente em seu cinto de couro.

Nicolas puxou a minha mão, prendendo ambos os meus pulsos na frente do meu corpo, usando só o seu indicador e polegar.

— Você está atrapalhando que eu me delicie com o meu jantar — falou baixo, me relembrando do seu prato intocado na mesa que estamos a alguns andares abaixo. Eu, no entanto, era uma tremenda bagunça de fios, batom e restos de tecido. — Agora, sobre o que eu estou fazendo — puxou o meu corpo para frente pelos punhos —, bem… você só vai gozar olhando nos meus olhos, princesa, entendeu?

O calor sob a minha pele se tornou insuportável.

Céus. Deuses. Anjos. Demônios.

Nenhum deles poderia descrever a intensidade de ter o meu nariz tocando com o dele, a sua respiração em meus lábios. Ele não me beijou, mas eu rebolei e gemi em seu colo.

Fúria e desejo ecoavam dele e de suas atitudes. Nicolas brincava com o meu corpo de forma bruta, firme, como se estivesse transtornado com algo.

Não me importava o que era desde que me levasse ao céu todas as vezes, como agora.

Tentei colocar isso como o motivo para os meus dentes arranharem o lábio inferior dele ou por eu amar a sensação de sua barba em minha pele.

Segurando a minha cintura, Nicolas uniu os meus seios, praticamente nus, ao seu peito descoberto. Os bicos roçando a cada uma das minhas investidas de quadril. Era torturante.

— Nick… — Sem provocações ou joguinhos. Seu nome saiu da minha boca em puro prazer.

Meu orgulho estava perdido em algum lugar enquanto eu moía a minha boceta em sua coxa, com os olhos fixos nos dele.

Nicolas apertou a minha bunda com vontade, afundando seus dedos nela para ditar o ritmo que eu me moveria. Eu arranhei o seu peito.

Ele me estapeou com força. Quatro, cinco, seis vezes. Eu não sei.

Não conseguia contar.

Estava pulando do penhasco quando fugi de seus olhos e de toda a intensidade contida neles. Alcançar o ápice do prazer com ele já rompia as minhas barreiras, encarando-o, destruiria todas elas.

Então, eu desviei, procurando qualquer lugar no chão para fixar os meus olhos. Foi fácil olhar para a lâmina que tocou a minha pele. A luz baixa do camarote a refletia. No entanto, mais fácil ainda foi identificá-la como a arma que deixei ao lado do corpo de Ronan Lewis.

O movimento frenético do meu quadril paralisou.

Porra.

Pelo prazer e pela surpresa.

Esperava me inundar de medo, pavor, até mesmo de ansiedade.

Esperava empurrá-lo para longe enquanto a minha mente viaja para o passado… para a noite em que quase morri por culpa dele.

Mas o que aconteceu foi pior.

Travei meus olhos na sua imensidão azul. Desejo brilhava ali. Fúria também, porque ele deve ter sido notificado sobre o corpo enquanto vinha para cá.

Mesmo assim, veio e fodeu com o meu corpo e com a minha cabeça.

Deus.

A mistura de tesão e confiança tomou as minhas veias, mexeram com a química do meu cérebro e molharam o meio das minhas pernas.

E, merda, eu gozei pensando que o homem que estava com os dedos dentro de mim, era o

mesmo que atormentava a minha cabeça há quatro anos.

20

Eu olho pra você enquanto dou meu último suspiro.
Tonight Is The Night I Die - Palaye Royale

NICOLAS BERRYCHOTH

Não me considerava o melhor dos homens para Deus me ceder a visão do que seria o paraíso ao seu lado.

Mas Ele me entregou uma versão do Éden quando colocou essa mulher no meu caminho.

Caralho.

O corpo tremendo enquanto seu gozo umedecia minha calça após ela ter trepado contra a minha coxa… Isso era a minha definição de paraíso.

Básico, primitivo, carnal.

E eu queria mais.

Queria assistir a pele da sua bunda completamente vermelha pelos meus tapas enquanto implora por mim.

Oh, sim.

Clara Rossi ainda iria implorar nas minhas mãos.

E como se lesse a minha mente, ela se endireitou, rangendo os dentes, apesar dos olhos estarem mais brilhantes.

A última faixa de tecido restante do seu vestido foi rasgada com as suas próprias mãos, deixando peitos com bicos rígidos e intumescidos quase saltarem em meu rosto.

No dela, não havia um pingo de vergonha.

Eu já tinha tirado o sutiã dela uma vez. Já havia sentido como era tê-la no meu colo, peito a peito. Mas, nesse instante, assumiu outro significado.

Passei a língua nos lábios.

Clara abriu um sorriso, saindo da minha perna.

— Espero que consiga resolver suas questões sozinho — sussurrou, roçando parcialmente o meu dorso. As unhas rasparam nos meus ombros, braços e antebraços até que tirasse a camisa preta do meu corpo.

A sensação de seu toque e o limiar do prazer estavam tão próximos que as palavras dela perdiam sentido lógico. Uma miríade de confusão assumiu os meus sentidos.

Ela passou o polegar pelo meu rosto, quase em uma admiração de despedida.

Segurei o seu pulso.

Ela terminou de tirar a camisa e a colocou sobre os seus ombros, vestindo-a e fechando os dois primeiros botões.

Mantive uma expressão neutra no rosto, encarando o dela, tentando entender o porquê, de repente, Clara sentia-se cansada e muito nua para estar na minha frente.

— O que está fazendo? — perguntei, levantando a sobrancelha.

Sem largar o seu pulso, repeti a pergunta quando tudo o que recebi foi silêncio.

Seus olhos escureceram, mas as pupilas não pareciam mais dilatadas pelo prazer de um orgasmo.

— Me arrumando para ir embora.

Bom Deus, ela estava brincando, certo?

Puta merda.

Estreitei os olhos.

— Não me olhe assim. — Pisquei pela rigidez em seu tom.

O que eu perdi no meio do caminho?

— Você disse que se me achasse, poderia me tocar — murmurou em resposta ao meu silêncio. Tão baixinho que mal ouvi. — Não que eu tocaria em você.

Raiva queimou em meu peito ao assisti-la se virar de costas e pegar as botas que caíram no chão no momento em que a agarrei.

E o descontrole que senti antes de alcançá-la nessa sala, volta como um tapa em meu rosto.

Suspirei.

— Irá sair assim?

Por alguma razão, Clara desceu os olhos pelo seu corpo e quando os voltou para mim, havia uma ponta de diversão em seu rosto.

O sorriso de canto em sua boca foi sexy a ponto de eu desejar ter seus dentes afundando em meus lábios outra vez.

Eu iria ter. *De um jeito, ou de outro.*

— Sim.

— Lembra da polícia que ameaçou chamar para me prender? — Sentia meu pulso nas têmporas. O desapontamento em seu rosto destruiu algo em mim. — Ela irá fazer isso com você.

Eu mandei que fizesse, porra! Apenas para que ninguém a olhasse.

— Sorte a minha que conheço um bom advogado. — Piscou na minha direção, deixando um beijo na minha bochecha. Inacreditável. — Tenho certeza de que você não se importaria em *cuidar* de mim.

E saiu do camarote.

Exalei forte.

Puta que pariu.



Uma semana depois

— Luta justa — resmunguei baixo, me abaixando quando a perna de Nathaniel mirou a minha cabeça num chute alto, ao passo que o pé de Matteo acertou o meu joelho latejante.

Os dois avançaram para cima de mim, fazendo o meu equilíbrio escorregar um pouco no chão arenoso após ambos terem um corte no supercílio por culpa dos meus punhos.

Soltei uma gargalhada.

Porra.

Ainda sim, eles não conseguiram me derrubar no chão.

Ao contrário de Matteo, que acabou com a bunda na areia depois que usei a mesma perna

que ele atacou para lhe dar uma rasteira.

— Não somos justos. — Matteo deu de ombros, abrindo um sorriso para o lado esquerdo do rosto. — Você merecia isso. Não quero cicatrizes no meu rosto.

Neguei com a cabeça.

E sem me importar de virar as costas, busquei um pouco de água nas garrafinhas na beirada da arena de treinamento. Rajadas de luz solar tocaram a minha nuca após passarem por uma das frestas das janelas.

Estamos aqui desde a madrugada, resolvendo as logísticas do próximo carregamento de entorpecentes que ultrapassaria a barreira escocesa.

Com os federais farejando a minha bunda, todo cuidado era pouco. Principalmente quando um deles permanecia agonizando em alguma das salas à frente da arena.

Juntando isso ao pulso constante de incontrolável que Clara Rossi despejou em meu sistema desde a semana passada, eu precisava espairecer. *Eu necessitava.*

— Vamos treinar, ou as senhoras precisam de tempo para colocar a conversa do chá da tarde em dia? — Nate buscou a sua própria água, derrubando mais da metade dela na nuca.

Matteo bufou, rolando os olhos.

— Eu acabei de me lembrar o porquê eu odeio ter que dividir socos com vocês. Chatos pra caralho. — Apoiou os dois pés no chão, ainda sentado, e usou da força do abdômen para se levantar sem apoiar as mãos em lugar algum. — Os soldados geralmente agradecem quando tem as suas pausas para conversar.

— Pausa antes que você arranque as cabeças deles? — Nathaniel cruzou os braços, apoiando o seu peso na grade da arena. — Não considero isso uma vantagem.

— É bom lembrar às pessoas que você é alguém para se temer de vez em quando — a voz do nosso irmão mais novo foi apenas um murmúrio.

No entanto, o sorriso dele tornou-se cruel, principalmente no momento em que roubou a minha garrafa para si e deu um gole.

— Você é quase uma mini versão minha — cuspi, negando com a cabeça. — Diria que é assustador, se eu não apreciasse muito todas as minhas versões.

— Tenho três centímetros a mais do que você, querido Nick, não tenho como ser uma versão menor. *Em nenhum quesito.*

Foi o início para que, nos próximos minutos, trocássemos socos, chutes, desvios e resmungos a cada vez que um golpe forte batia contra a nossa carne.

Era um tipo diferente de dança. De um tipo que eu só conseguiria manter com adversários no mesmo nível que o meu, mas sem ir até o fim. Nunca indo até o fim.

Nos poucos momentos que me dignava um respiro, me abaixando, ou mesmo jogando um pouco de água na garganta, eu via e ouvia todos que estavam do lado de fora das grades.

Era um centro de treinamento.

Soldados treinavam. Chefes deveriam ser protegidos.

Essa é uma regra que quebrei há muito tempo.

Confiar a minha vida nas mãos de alguém que não fosse os meus irmãos, nunca foi algo que esteve em jogo.

Gotas enormes de suor pingavam no chão a cada um dos meus passos para fora do tatame. Estava ofegante, cansado pelo treino exaustivo a ponto dos meus músculos falharem.

— Vou lutar no Coliseu no próximo final de semana — Matteo arquejou, pegando sua camisa para limpar o suor da testa.

— Contra quem? — Nathaniel o olhou de soslaio, desconfiado, juntando suas próprias

coisas para ir embora.

— Algum novato. — Matteo tomou o restante da água da minha garrafa e olhou para ele. — Não me deram um nome, só disseram que ele escolheu o adversário.

— Você… — deduzi, caminhando para fora da área de treinamento. Matteo assentiu para eu continuar. — Está com problemas?

Demorou até a sua resposta chegar.

Ele engoliu em seco, retornando os anéis para os seus dedos e prendendo um óculos de sol entre os fios castanhos e úmidos de suor.

Matteo escondia alguma informação, eu soube.

Mas não o questionei, ainda não.

Ele já era grande o suficiente para cuidar das próprias merdas.

— É mais fácil o "sem nome" estar com problemas.

— Já sabe por que ele te escolheu? — Nathaniel empurrou a porta.

Matteo jogou a camiseta para dentro da sua *Ferrari* vermelha. A jaqueta de couro, sua fiel escudeira, estava pendurada no encosto de cabeça do banco.

— O que seria melhor para fazer o seu nome no Coliseu do que vencer o único lutador que nunca teve uma derrota?



Desviei os olhos para o telefone quando parei o carro no sinal, esperando para ver se teria alguma resposta para as minhas mensagens.

Não tinha.

Clara Rossi estava na sua greve de silêncio, sem me responder há quase uma semana.

Meus lábios se partiram ao mesmo tempo que a luz ficou verde e eu acelerei.

Não encontrar um padrão nas atitudes dela me empurrava para o limite com uma facilidade que nenhuma outra coisa conseguia.

Uma semana sem me responder.

Uma semana desde que coloquei pessoas para observá-la e nenhuma informação além de seu trabalho super estendido.

Fechei os dedos no volante com mais força do que deveria, passando os da outra mão pelo cabelo na tentativa de tirar os pensamentos obsessivos que me ganhavam a cada memória do corpo dela próximo ao meu.

Tocá-la não me trouxe alívio. *Trouxe tudo, menos alívio.*

Já que, mesmo sem saber, Clara remexia no meu passado, pedindo que eu cedesse pedaços meus para que eu ganhasse pedaços dela. E, sem querer, assumia um lugar de obsessão que esteve tomado por anos pelo nome de outra mulher.

Uma que eu poderia ter encontrado ontem, já que o corpo de Lewis continuava quente quando meus pés tropeçaram sobre ele no teatro.

Porém, ao invés de caçar a assassina, a parte irracional do meu cérebro implorou pelo prazer de ter um gosto do que seria roubar Clara Rossi para torná-la *minha*.

E, particularmente, eu não queria que a minha parte racional tivesse o impedido.

Porra, eu agia como um viciado em abstinência ao perceber que tomava o rumo do prédio onde ela deveria dormir com os lábios entreabertos, enrolada em uma roupa curta que deixa as suas coxas doces ainda mais deliciosas.

Neguei com a cabeça.

Honestamente, estava mais do que distraído quando o meu telefone acendeu com uma mensagem de Nathaniel. A tela acendeu mais três vezes, indicando a quantidade de textos que ele havia me mandado.

E, em um momento de estupidez, peguei o celular em uma das mãos, pronto para fazer um retorno, que não percebi de onde vinham dois estouros altos que chamaram a minha atenção.

Não deu tempo de olhar, pensar ou mesmo puxar uma respiração a mais, me preparando para um possível impacto, porque a minha testa já acertava o volante enquanto a frente da minha *Lamborghini* nova destroçou-se ao meio devido a um poste.

O carro estava destruído, no entanto, o que me preocupava era que eu conhecia aquele barulho. Cresci com balas atingindo o teto de casa ou enquanto treinava acertando cabeças humanas ou bonecos de plástico.

Um som tão reconhecível quanto o pulsar do órgão em meu peito. A diferença era que o meu coração errou uma batida quando resfoleguei o ar. As balas, porém, continuaram acertando a lataria do carro.

Continuaram tentando atravessá-la para me acertar. A ponta dos meus dedos estavam gélidos e um aperto constante no peito se alastrava.

Filhos da puta.

Tossi, ofegante, tentando empurrar a porta do carro, mas só consegui fazer com que os vidros estilhaçados das janelas abrissem novos cortes em meus braços.

O sangue escorreu até a minha boca com uma rapidez alucinante.

Limpei o líquido viscoso com os dedos e passei a mão embaixo do nariz, na tentativa de frear o sangramento que ali começava.

Minha testa latejava pelo corte quando desisti de tentar abrir a porta e empurrei meu corpo para fora do carro através da janela.

Xingamentos escapuliam dos meus lábios a cada novo corte, mas era melhor estar fora do carro do que correr o risco de ele explodir comigo no meio da lataria.

O maior problema foi que, ao escapar, tornei o meu corpo potencialmente um alvo para quem atirou nas rodas.

Eles eram bons de mira o bastante para que não errassem o meu corpo.

E não erraram.

Nem o primeiro ou o segundo tiro.

21.1

Amante, caçador, amigo, inimigo. Você sempre será cada um desses.
Love And War - Fleurie

CLARA ROSSI

Minha cabeça estava um turbilhão, presa em um paradoxo.

O mesmo homem que tocou cada uma das minhas cicatrizes e se enfureceu, perguntando quem as fez, era o culpado por cada uma delas me marcarem.

Afundei os dentes na boca.

O mesmo homem que repudiava a cada vez que me machucava, foi o que mais me quebrou.

Perfurei as palmas das mãos com as unhas.

O mesmo homem que tomou uma parte do meu corpo e rasgou o meu vestido com a faca de um assassinato que eu cometi.

Tinha sido imprudente tantas vezes nos últimos meses que nem me surpreendi quando um xingamento soou alto e tive que levar as mãos à frente do rosto para amortecer o impacto do meu corpo no poste.

Estava distraída.

Presa dentro da minha própria cabeça a ponto de nem a música berrando pelos fones do ouvido, enquanto corria na rua, ser capaz de impedir a enxurrada de pensamentos que me acometia.

Debaixo do meu nariz…

Esteve bem debaixo do meu nariz todo esse tempo.

Caralho.

Mas a minha atenção dispersa não permitiu que eu correlacionasse as informações. E agora, elas soavam tão óbvias que deveria ter deixado a minha cabeça bater no poste, tamanha a minha estupidez.

Ofegante, estava chegando à décima quadra de distância do meu prédio e não parecia o suficiente para acalmar os meus nervos.

Aquele ódio visceral em conjunto a uma determinação sombria assumiu tudo.

E me fazia correr como eu corria enquanto Drakon me treinava, esgotando minha vitalidade.

Correr até o sobrenome de Nicolas parar de soar na minha cabeça a cada respiração. Nem que seja somente por alguns minutos.

Meia hora depois, porém, respirando forte e com um relógio digital em meu pulso marcando os primeiros 10 Km, eu ainda não tinha conseguido parar de voltar à memória dele, seus olhos, suas mãos, sua boca, seus toques...

Entre meus sonhos e pesadelos, era Nicolas Berrychoth a coisa mais recorrente em minha

vida durante dois anos. Me assombrando com os rastros de desejo para eu devolver um pouco do que me fez passar quando me entregou para a CIA.

Os próximos baques dos meus pés no chão vinham com o gosto da pólvora da noite em que tentei matá-lo. Vinham com a sensação da impossibilidade de fugir ou apertar o gatilho.

Pousei as mãos nos joelhos, retirando os fones e puxei o máximo de ar que conseguia, exausta, mas esperando que todas essas dúvidas e sentimentos se afogassem.

E, ironicamente ou não, a água molhou os meus cabelos e a minha pele, me encharcando.

A chuva caiu como dor.

Mas, dessa vez, não era a minha voz ecoando gritos suplicantes por uma treva chuvosa.

Olhei para trás, todos os sentidos em alerta.

Não havia nada.

Umedeci minha boca ressecada, de olhos cerrados.

O dia estava começando e devido à chuva, as ruas ficarão desertas até o início do horário comercial. Quase cheguei a pensar que o barulho tinha sido algo da minha cabeça confusa… Então, o ouvi de novo.

E de novo. Dessa vez, mais abafado.

Girei o pescoço, procurando qualquer coisa para buscar uma direção. Qualquer mínimo detalhe enquanto me movimentava de forma silenciosa. Um pé de cada vez. Na direção de um cruzamento.

O terceiro grito me alcançou mais alto e forte junto à visão de um carro destruído.

Um arrepio desceu pela minha espinha, porque eu conhecia essa voz.

E eu conhecia a *Lamborghini* com a frente destruída.

Colérica, mordi as bochechas com força assim que meus olhos encontraram o dono da voz.

E ele olhou para mim de volta.

Azuis como o mar.

Eu desejei que a minha confusão mental se afogasse… Bem, ela o fez, afogando-se nos olhos dele pela milésima vez.

Assim como os gritos dele foram para chamar atenção, ele conseguiu a minha.

E a de minha fúria.

Sua sorte momentânea era que não iria matá-lo e, sim, salvar a sua vida.

Porque só eu teria o prazer e o direito de arrastar Nicolas Berrychoth para uma visita ao inferno.

21.2

Eu não acredito em demônios porque eu criei esse inferno.
Born Ready - Zayde Wolf

CLARA ROSSI

— Olha, temos uma mocinha aqui? — Um sotaque forte e puxado evidenciou que o dono da arma apontada para Nicolas não era britânico. E o modo como o seu corpo parecia em extremo alerta, deixava claro que estava sozinho.

Ainda assim, cautela me cobriu as veias conforme eu andava, pé ante pé, para frente e prendia meus fios úmidos acima da cabeça.

Sangue demais tingia o asfalto, mas a ponta de preocupação aumentou quando o homem deu um passo para o lado, se virando para mim, e consegui ver a blusa branca de Nicolas praticamente toda manchada de vermelho.

Preocupação tomou a minha feição por completo.

O vinco tornou-se maior no momento que o homem com a arma virou o seu rosto para mim. A barba loira, os olhos verdes e a tatuagem de uma rosa em sua garganta não me deixaram dúvidas da sua nacionalidade. Era um dos soldados de Alexander Petrov.

Um russo.

Que eu posso ter conhecido a cama na minha passagem pelo seu país.

Merda. Mil vezes merda!

— Ainda continua tão marreta como quando tinha dezenove anos, *Saltykova*? — mudou o seu idioma para o russo. Rolei os olhos. — Acabei de ter a minha resposta. Muitas coisas não mudam, né?

Ruslan riu, balançando a arma em suas mãos como o grande idiota que era enquanto caminhava para o meu rumo.

— Você continua sendo o mesmo babaca que só pensa com o pau, então acho que estamos quites.

Sua expressão divertida se fechou e a arma, que antes era segurada como um brinquedo infantil, foi colocada a postos .

Ele não queria testemunhas e eu queria uma vítima.

— Ninguém lhe ensinou até hoje que é feio cuspir no prato que comeu? — Deu mais passos até mim.

Outro som estrangulado saiu de Nicolas. Foi mais como um protesto do que pela dor. Dividi minha atenção entre ele e Ruslan.

— Até onde eu sei, não sou a ativa das relações que tenho — digo, dando um passo para frente para que a arma dele encostasse no vale entre os meus seios. — Por que está atrás dele?

— Não me diga que ainda não sabe, querida? — gargalhou como um lunático, subindo a

mira para a minha testa. — Alguém tem que finalizar o trabalho que você foi incapaz de fazer.

— Com certeza não será você.

Antes que o seu dedo apertasse o gatilho, meu joelho acerta o meio de sua virilha e ambas as minhas mãos sobrepõem as dele, empurrando a arma para baixo.

Um bom e velho chute nas bolas. Sempre funciona.

— Filha da p…

Utilizando o meu tamanho a meu favor, dou um salto para impulsionar com ainda mais força a arma em direção ao chão, ao passo que a minha perna direita acerta o seu joelho.

O barulho da arma batendo no asfalto reverbera na rua vazia.

O de seu punho batendo em meu rosto também.

Cambaleei.

— Você sempre gostou de se mostrar superior. — Ele levanta o punho para vir para cima de mim mais uma vez.

Suguei o ar pelo nariz, me abaixando e girando o punho até que meu cotovelo acerte suas costelas, num ângulo difícil.

No instante em que Ruslan dobrou o corpo para frente, eu limpei parte do sangue que escorria, manchando a ponta dos dedos e a bochecha no processo.

— Não me mostro, eu sou superior.

Agarrei o pulso que era para ter socado o meu rosto e o torci rapidamente até que parasse nas costas dele de um modo desajeitado. Ruslan grita ainda mais quando aumento a pressão de seus dedos, quase quebrando-os.

Meu pé acerta mais uma vez as suas bolas, fazendo-o engasgar, soluçando.

O que me preocupa, porém, era o extremo silêncio de Nicolas.

Oh, eu o ressuscitaria só para matá-lo de novo, caso tenha morrido.

Juro que faria.

Transtornada, o meu segundo chute é na dobra do seu joelho para, propositalmente, derrubá-lo no chão. Precisava acabar com essa brincadeirinha de gato e rato logo.

O russo tentou pegar a arma, mas eu a chutei para mais longe, deixando um pé em cima de sua panturrilha.

— Eu treinei mais do que qualquer um de vocês. — Andei em direção à base de sua coluna. — Sou a melhor assassina que a máfia russa já teve. — Meu pé direito forçou a garganta dele no chão, pisando nela. — E sou tão melhor do que *você*, que correr no quarteirão me deixa com o cabelo mais bagunçado do que uma luta corpo a corpo com você sendo o adversário.

— O peixe morre pela boca, *Saltykova.*

— Sim… — Puxei seus cabelos e acertei a sua cabeça no asfalto. — Você fala demais.

Quando me abaixo para pegar a arma, silenciosamente, Ruslan agarra o meu calcanhar com os seus dedos pútridos, puxando-me para baixo.

Meus antebraços se esfolaram no chão quando caí.

Ele riu de novo, comemorando a sua pequena vitória.

— Você é como eu, gatinha. — Arrastou o meu corpo pela rua e tentei chutar seu rosto. — Um pouco pior do que quando era uma adolescente mimada.

No terceiro chute, consegui me movimentar o suficiente para virar meu corpo, colocando-me de barriga para cima, apontando e atirando com a arma dele em suas próprias mãos.

Gritou mais.

— Sua única missão é matá-lo, Ruslan? — Meneei a cabeça em direção ao local onde Nicolas estava.

Ele cuspiu como resposta. E acertou bem no meu rosto.

Mordi a boca, balançando a cabeça negativamente.

Depois eu que sou a vadia má.

Bufei, agachando sobre os joelhos e forcei a arma para dentro de sua boca.

— Fala, porra!

Ele tenta bater o seu braço em mim.

Acertei outro tiro.

Minhas narinas estavam dilatadas, aspirando cada grama de pólvora enquanto fúria marcou a minha testa com um vinco.

— Você é fraco demais para essas brincadeiras, Ruslan — incito, sorrindo. — Vamos, me conte a verdade, hum?

Negou com a cabeça.

O próximo tiro foi no braço oposto.

— Petrov te quer de volta, filha da puta — esgoelou. Um grande frangote. — E agora que confirmou que está aqui, ele mandará outros atrás de você.

— Outros quem?

— Todos da alta patente. — Arranhei a garganta.

Tradução: Todos os homens que Drakon treinou para a máfia. Era o que Ruslan queria dizer. Minha cabeça estava a prêmio, de novo.

Ele tenta se jogar em mim uma última vez, tentando provar para si mesmo que não era tão medíocre quanto eu falava que era.

Ruslan falhou.

— Todos terão o mesmo fim que você — resmunguei ao mesmo tempo que o tiro perfurou o seu crânio e partes de seu cérebro se espalharam no asfalto.

Torci a boca ao perceber que um pouco de sangue respingou em meu tênis branco. Era um modelo novo, caramba.

Suspirando, enfiei a arma nas costas e a prendi com o elástico da calça legging, correndo na direção do homem que me fez aprontar essa bagunça, porque o seu rosto estava pálido e os olhos fechados. Nicolas se assemelhava muito à morte e não de um jeito bom.

Dei dois tapinhas em suas bochechas.

Estavam geladas.

— Tira a blusa — disse quando seus olhos se abriram e encontraram os meus. — Preciso ver onde a bala atingiu.

— Se eu soubesse que para você me tocar de novo, bastava levar um tiro, eu já teria feito isso antes — brincou com um fio de voz, mas levantou os braços como uma criança obediente.

Rolando os olhos, um pequeno sorriso ganhou os meus lábios e empurrei a camiseta para fora de seu corpo.

Mesmo com um tiro, ele continuava sendo um babaca.

Tateei seu abdômen com os dedos, logo depois, puxei-o um pouco para frente sob protestos para que pudesse olhar as suas costas.

— Um dos tiros atravessou, mas você ainda está respirando, é algo bom. — Encostei o corpo dele mais uma vez na parede. Sua testa suava muito. — Comprima aqui, se não quiser sangrar até morrer.

— Animadora você.

— Realista, apenas — retruquei, embolando a sua camisa nos dedos e a pressionando em cima do ferimento.

Nicolas rugiu, apertando os olhos e as suas mãos nas minhas.

Não me afastei.

Apertei mais forte até sentir que o fluxo de sangue ia diminuindo conforme os segundos corriam.

— Liga para o Nathaniel — sua voz era tão baixinha que pedi para que repetisse. A língua dele parecia pesada, até mesmo embolada.

Precisamos sair daqui o mais rápido possível.

— Liga para o Nate — repetiu, segurando o meu pulso que apertava a camiseta.

— Seu irmão não vai te ajudar agora.

— Liga para ele. — Tentou usar um tom de autoridade. — Não posso ir para um hospital qualquer.

Bufando, peguei o celular e comecei a digitar os números que falava.

— Se você já não estivesse baleado, eu te daria um tiro agora — resmunguei mais para mim do que para ele e mesmo que estivesse como um moribundo, Nicolas prestava atenção em mim como se isso fosse a âncora da sua vida.

Me questionava se tinha conseguido ligar os pontos mesmo com o excesso de dor em cada um de seus membros.

— Você poderia atirar e acabar com isso de uma vez — respondeu, sofrendo para levar a mão em meu braço.

Não tinha qualquer indicação de que estava brincando ou falando sério. Eu não sabia dizer.

— Não estou afim de perder o meu réu primário.

Nicolas tentou rir, mas acabou se curvando para frente com a dor que irradiava de seu abdômen.

Nathaniel atendeu no primeiro toque, estranhando a minha voz de início, mas a reconhecendo rapidamente segundos depois. Ele ouviu com atenção a descrição, não só do endereço, como de um pedido especial que fiz.

E, tão prático como pode ser, ele chegou com o carro cantando pneu em tempo recorde. Mal esperando para freá-lo antes de sair, jogando uma machadinha na minha direção e se abaixando em frente ao irmão.

— Qual a necessidade de um machado? — Nicolas questionou. — O homem já não está morto?

Uma expressão felina expandiu em meu rosto.

— Sim. — Dei de ombros. — E agora vai virar ração para porco. Tem uns fofíssimos na avenida próximo a Martin West. — Ele me olha com um misto de surpresa e curiosidade. — Você achava que eu ia deixá-lo aqui, para qualquer um o achar?

Nicolas falhou mais uma vez ao tentar rir.

Nathaniel, por sua vez, somente cerrou os olhos na minha direção e, apesar da calma que esbanjava, era possível perceber a sua preocupação com o irmão.

Como se por baixo de uma grande camada de calmaria, alojasse caos.

Ainda assim, não disse nada até colocar o irmão no carro e assumir o volante mais uma vez.

— Preciso que você venha comigo — foi direto. — Não consigo dirigir e segurar o pano para estancar o sangramento.

— Vá pela estrada que passa pelo Martin West. — Apontei para o corpo de Ruslan com o machado. — Preciso jogá-lo fora.

Ele concordou, sem hesitar, ou estranhar o meu pedido.

Precisei de dois minutos e um saco plástico grande para picotar o soldado russo e entrar no SUV de Nathaniel.

Seu pé afundou no acelerador, rompendo todos os limites de velocidade sem se importar. Eu fiquei no banco de trás, mantendo uma pressão constante no ferimento de Nicolas enquanto avaliava o seu rosto.

Cada vez mais pálido e preocupante.

Os lábios ficaram arroxeados e os olhos permaneceram fechados por minutos sem fim, a ponto de eu ter que buscar o pulso ao lado de seu pescoço.

Ele precisava sobreviver.

Eu precisava de respostas que só ele conseguiria me dar.

O paradoxo, no entanto, era o sentimento pesado que esmagava as minhas costelas. Parecia errado ele estar dessa forma: fraco.

Observando o meu reflexo no retrovisor, talvez tenha entendido o motivo dos fios glaciais em seus olhos a cada vez que me machucava, os meus se tornaram uma perfeita réplica.

Nathaniel freou o carro quando indiquei onde precisávamos parar. E só me observou correr pela avenida com o meu peso dentro de um saco.

Minhas pernas protestaram, cansadas do excesso de exercício físico, mas não foram o bastante para me frear. A raiva fervente e a adrenalina em meu peito eram capazes de movimentar mundos para que eu conseguisse deixar Ruslan em sua nova moradia:

Os intestinos de alguns suínos.

— Psiu, psiu… Vem cá com a titia, vem… — chamei sob um ofego.

Precisei usar os dois braços para suspender o saco e virá-lo de cabeça para baixo em cima da baía de ração dos animais.

O sorriso em meu rosto terminou de ganhar forma quando já entrava novamente no carro e Nathaniel acelerava. Ele tirou as mãos da compressão e o substituí pelas minhas.

Meu peito subiu e desceu freneticamente.

Esperava que os porquinhos não fossem abatidos até o Natal. Não tinha curiosidade em descobrir se a carne deles ficaria mais macia após ter uma refeição farta de pedaços humanos.

Minha face deve ter torcido com o pensamento, porque peguei Nathaniel me olhando pelo espelho interior do carro e, o que quer que tenha visto e interpretado, fez o motor do carro rugir e acelerar mais.

Não ouvi quando as roldanas do portão da casa deles foram ativadas, só percebi o momento que o asfalto liso foi substituído por ladrilhos de pedra que balançaram a nossa estabilidade.

O alarme do carro foi ativado.

Nathaniel abriu a minha porta.

Pulei do carro.

Minha garganta ondulou.

Estava dentro da casa do homem que fui contratada para matar, mas que, agora, queria como o meu possível novo aliado.

Que porra.

22

Chefona da porra toda se você não sabe
You Don't Own Me - Saygrace

CLARA ROSSI

Nathaniel distribuiu ordens, pegando o telefone no meio de toda a confusão de transportar Nicolas para a enfermaria que eles tinham no primeiro andar, xingando baixo quem estava do outro lado da linha.

O médico deles.

— É bom que chegue aqui em cinco minutos — rugiu com um descontrole muito distinto de sua normal persona.

Ele começou a correr, subindo as escadas de três em três degraus.

Para segui-lo, tive que ser um pouco mais rápida, já que as minhas pernas eram, consideravelmente, mais curtas. No entanto, não me impediu de ultrapassá-lo e colocar uma mão em seu peito antes que entrasse no cômodo.

Eu já estava aqui. Minha segunda identidade já era de ciência deles, ou ao menos, eu achava que sim. A única coisa a perder estava dentro da enfermaria de paredes azuis e brancas.

E Nathaniel parecia tão disposto quanto eu a arriscar essa possibilidade.

— Eu posso tirar a bala — falei.

A sobrancelha dele formou um arco perfeito.

— Não acho que seja uma boa ideia.

Tentou passar por mim e chegar até a porta.

Entrei novamente na frente dele.

— Você tem uma melhor? — Cutuquei o seu peito. — Porque eu aceito sugestões.

— Não seja irônica comigo.

— Que porra há de errado com você? — vocifero, afundando as unhas na palma da mão. — Estou oferecendo ajuda. Aceite minha proposta.

O couro do meu cabelo pinicava. Meus braços coçavam. Essa negativa rígida retorceu o meu passado. A vontade de me encolher, Deus, ressurgiu como uma fênix das cinzas.

Dessa vez, não eram os meus pais que eu estava impedida de ajudar. Mas a repressão pesada em meu peito era idêntica à daquela noite.

— Você o quer vivo. Eu *preciso* dele vivo, porra. — Agarrei sua camisa. — Não me deixe ficar impotente aqui e assistir outra pessoa morrer, sendo que eu posso ajudar.

Nathaniel examinou o meu rosto. Imóvel.

Se eu achava os olhos de Nicolas frios, os dele eram, no mínimo, paralisantes.

— Tudo bem — cedeu.

— Sério? — Soltei sua camisa com a testa franzida. Surpresa assentou-se no meu estômago. Ele estava falando sério?

— Faça antes que eu me arrependa.

Um palavrão escapuliu da minha boca ao mesmo tempo que respirei fundo. Na expiração, meus passos já me levaram para a pequena pia no canto da sala para que eu pudesse higienizar as mãos.

Em cinco minutos, estava utilizando gazes úmidas para limpar os resquícios de sangue seco. E na próxima hora, me ocupei em salvar a vida do homem que jurei matar.



Peguei meu celular, que havia ficado na janela da enfermaria, pronta para descer as escadas em busca de um pouco de ar puro.

Meus nervos pareciam à flor da pele. Porra. O estresse poderia me consumir se não fosse pela adrenalina que parecia continuar em cada célula do meu corpo.

Alexander Petrov estava atrás de mim, novamente.

Ele colocou pessoas para me caçar como se eu fosse um porco premiado.

Por Deus.

O passado se colidiu com o presente.

E a raiva se confundiu com o receio enquanto olhava através do pequeno vidro que tinha na porta da enfermaria. Nicolas estava no soro e dormindo, bem o suficiente para esperar o médico de bosta deles que ainda não havia chegado.

Engoli em seco.

Agarrando meu celular com mais força, ignorei o peso que continuava a pairar sobre as minhas costas e desci as escadas.

Minhas mãos tremeram por um momento e tentei respirar fundo, digitando uma mensagem de texto qualquer para responder os trilhões de questionamentos que Choe havia me mandado.

Ela estava preocupada.

Eu também.

Porque a cada vez que a minha mente repassava tudo o que o soldado russo tinha falado em busca de informações implícitas, mais a ansiedade ganhava lugar.

Porque percebi que a impulsividade das minhas ações, assim como a minha necessidade de me aprofundar e explorar até o fim, me tornaram inconsequente.

Não esperei que ninguém abrisse a porta para mim, em vez disso, afundei meus tênis brancos no jardim ao lado esquerdo da casa. Bem próximo de onde Nathaniel estacionou o seu carro.

Antes que eu pudesse puxar a segunda respiração, no entanto, uma mão agarrou o meu braço.

O estalo da trava da arma sendo liberado veio em seguida.

— Ninguém pode sair — bradou em um inglês com sotaque muito forte.

— Não estou saindo. — Puxei meu braço, sem dar a importância de abrir os olhos. — Estou tomando um pouco de sol.

O sol queimava a minha pele levemente e, nesse instante, era tudo o que eu precisava para acalmar o caos vivendo dentro de mim.

Porque eu ainda não tinha determinado como estava me sentindo sobre isso.

— Ninguém pode sair! — repetiu, soando até mais enfático.

Mas não o suficiente para que eu me movesse.

Com o coração apertado, indecisa e no limite, tudo o que eu precisava era de um pouco de silêncio. Talvez, até de calma, para não explodir a minha enxurrada de problemas sobre alguém.

Estava tentando ser uma pessoa decente pelo menos uma vez. E ficar no meu canto.

Realmente tentei.

Até o soldado agarrar o meu braço mais uma vez e o gelado do cano da arma tocar a parte exposta das minhas costas.

Com isso, ele me jogou do precipício no qual o meu limite estava.

— Primeira coisa, hum? — quase rosnei, abrindo os olhos enquanto afundava as unhas na mão que me apertava. — Não me toque.

Os dedos dele se contraíram com o meu toque e um pequeno som sofrido escapou de sua boca. Apertei mais forte.

Os outros homens espalhados pelo gramado giraram as cabeças em nossa direção. Alguns até ameaçaram se aproximar, com passos lentos, como se olhassem para um bicho feroz que esteve muito tempo enjaulado.

— Segundo — continuei e com o cotovelo, acertei o braço que estava com a arma, derrubando-a no chão —, nunca mais aponte uma arma para mim se tiver amor à porra da sua vida, entendeu?

O empurrei para trás.

— Quem você acha que é? — rugiu, querendo crescer a voz para cima de mim em sinal de algum tipo de autoridade.

Uma decisão idiota em dias normais.

Hoje, em específico, era a pior ideia que poderia ter.

Principalmente quando me abaixo para pegar a arma que estava em sua mão e ouço outra dezena delas serem miradas em mim.

Eu não era como as mulheres que eles conheciam ou estavam acostumados a foder. Uma arma não me dava medo. *Não mais.*

— Alguém que foi muito melhor treinado do que você, babaca!

Desengatilhei a arma e foram poucos segundos para o único barulho no jardim ser o do baque do metal contra o rosto dele.

Um hematoma ganhou forma rapidamente e com o rosto de lado, ouvi diversos xingamentos ecoarem.

— E que se ameaça alguém de atirar nela. — Engatilhei a arma, apontando-a para o braço dele. — Realmente atira.

E eu o fiz.

E ele caiu para trás como um paspalhão, gritando fino.

— Deixem-a sair. — As armas foram abaixadas logo após a voz de Nathaniel soar.

Era como se não existissem conforme ele caminhava para o gramado.

O seu rosto estava mais severo do que antes e o maxilar continuava marcado, parecendo que mantinha os dentes cerrados por horas a fio.

— Não irei retirar a bala dele — disse, passando por cima do corpo jogado no chão. — Inclusive, mantenha o seu irmão na cama por pelo menos três dias, talvez o meu humor não esteja tão bom para remendá-lo na próxima vez.

Ele não riu ou olhou na direção em que um dos seus soldados estava caído.

— Você pode ir — repetiu com uma voz amena e ignorando o que eu disse ao parar bem

na minha frente. — Mas precisará voltar.

— O que te garante que não irei fugir?

— Se fosse, não teria colocado os pés nesta casa. — Houve tanta certeza em sua voz que desejei perguntá-lo o porquê de achar isso. — Mandarei uma mensagem quando for o dia, seja pontual.

Rolei os olhos.

— Eu sempre sou.

Assentiu e esperei que virasse de costas para ir embora.

Mas Nathaniel me encarou em silêncio por algum tempo antes de jogar a chave de seu carro nas minhas mãos e sussurrar tão baixo que quase não ouvi:

— Obrigado.

23

Não, eu não sou feito do que você acha que sou.
Scars - Boy Epic

NICOLAS BERRYCHOTH

Quatro dias depois.

Um som familiar soou perto dos meus ouvidos.

Minha boca estava seca e amargando enquanto a minha cabeça pulsava tanto, que desejei arrancá-la por um instante.

Porra.

Nunca me acostumaria com essa dor infernal ou como parecia que tinha me jogado de um penhasco para um fosso coberto de espinhos.

Respirar era uma condenação certeira.

Mexer era um pedido para que alguns lamúrios dolorosos escapassem da minha boca.

E conforme os dias passavam, a dor parecia atingir um grau de piora superior para, enfim, começar a melhorar.

Nem mesmo os açoites durante a infância, os cortes devido às lutas corporais ou a quantidade enfadonha de vezes que se leva um tiro, tornava o próximo melhor ou afastava a sensação da morte pairando sobre o ombro.

Ela não era como o ardor frio do inverno ou o queimar de um gelo sólido.

Era mais fria. Tornava o meu corpo mais frio e envolvia a minha racionalidade numa eternidade sombria enquanto eu me asfixiava no próprio sangue.

Na maioria das vezes, mesmo quando criança, eu deixava essa profundeza da cor nanquim me embalar em seus braços, sem nada para ancorar.

Estava preparado para fazer isso.

Até tinha uma certa preferência…

Quando, entre um piscar de olhos cada vez mais lentos, vi uma miragem de cabelos castanhos aparecer e eu me agarrar nela.

Expirei com força, causando, sem querer, um espasmo abdominal e acabei me curvando para frente e para cima de onde haviam pontos em minha barriga.

— Ei, ei, ei. Vai com calma, garanhão. — Matteo apoiou as mãos em meu ombro, empurrando o meu corpo com calma e uma delicadeza desconhecida de volta à cama. — Achei que eu faria uma visita na enfermaria antes que o mês acabasse, não você. O imprudente e negligente da família sou eu.

— Não sou negligente.

Tentei me sentar e Matteo empurrou o meu ombro de novo.

Meu cenho se franziu e arranquei sua mão dali.

Entretanto, voltei a ficar com o corpo todo encostado na maca para que a dor e o

incômodo diminuíssem ao menos um pouco.

— Tenho ordens expressas para te proibir de se mover. — Enfiando as mãos nos bolsos do jeans, Matteo se sentou na ponta do colchão.

— E quem deu a porra dessas ordens?

— A mulher dos seus sonhos… — Sorriu irônico, fazendo questão de acrescentar: — Literalmente.

— O que quer dizer com isso?

— Ela salvou o dia e livrou a sua bunda da morte. — Deu de ombros. — E você estava chamando o nome dela enquanto estava dormindo.

Abri a boca para responder e acabei mordendo a língua, pois nenhuma palavra saiu.

Apesar da confusão de um cérebro recém-acordado, sabia quem era a mulher de quem Matteo falava. A dor não apagou as minhas memórias.

Na verdade, tornou-se um marco para que pudesse repassar aquela manhã novamente.

— Onde ela está?

— Em casa e até onde Choe me disse — puxou o celular do bolso de sua jaqueta —, jogada no sofá com um cigarro e iogurtes de morango. — Matteo fez uma careta. — Clara tem um péssimo gosto alimentar, preciso dizer. Que merda de combinação é essa?

Matteo continuou falando, mas sua voz se tornou um fio de lembrança. Um que eu não conseguia prestar atenção tamanha adrenalina que começava a correr nas minhas veias.

Ela era *a assassina.*

Clara Rossi era a *Saltykova.*

Meu russo era péssimo e minhas memórias pareciam embaralhadas, mas essa certeza ganhou forma como um sopro de ar preenchendo os meus pulmões.

Aquela raiva e desejo reprimidos também foram transformados em pequenos espinhos que perfuraram a minha derme e ganharam o seu lugar de volta.

Minha próxima respiração foi ruidosa.

Clara Rossi estava em casa e não fugindo para o mais longe possível.

Ela teve a oportunidade de levar a minha morte como uma conquista e fez o exato oposto.

Poderia ter me matado como tentou anos atrás.

Era a oportunidade perfeita.

A procurei por anos.

Eu a cacei.

E nunca tive mais do que vislumbres de informações que vinham por seus pequenos bilhetes ou as adagas que colecionei conforme passou cada assassinato.

— Em casa? — repeti, com os punhos cerrados ao lado do corpo.

Matteo levantou a sobrancelha.

— Sim, em casa.

Tentei evitar as garras impiedosas da ira com afinco de um batalhão de homens, mas Clara Rossi esteve tão frequente em minha mente, sequestrando horas dos meus pensamentos na tentativa de descobrir quem era a mulher por trás de cada uma das adagas, que o fato de ela ter me salvado não significava nada para barrar a minha fúria.

Porra.

Eu ainda desejava colocar as minhas mãos em seu corpo e destruí-la pedaço por pedaço, e, logo depois, rogá-lo com a boca, a língua e o pau, como um pecador diante do seu maior ato de fé.

Destruí-la para que só eu pudesse reconstruí-la de novo.

Clara, *Saltykova* ou seja lá a merda de seu nome, era um erro em meu sistema que cresceu com uma erva daninha não só como a assassina, mas como a médica que me interessou desde o momento em que meus olhos bateram nos dela.

E seria minha.

Minha para quebrar.

Minha para foder com a cabeça dela.

Minha para proteger e manter viva, se assim quisesse.

Porque a ideia de outra pessoa a prendendo lá fora e a dilacerando não descia bem em minha alma. Clara Rossi era minha para matar e morrer.

E o fato de ela não estar nessa casa, fez um pânico que nunca senti se instalar nas minhas omoplatas, aumentando o grito de dor que ondulava na ferida em meu abdômen.

Porra, não.

Não era assim que as coisas iriam acabar.

Tínhamos *negócios* para resolver.

24

Um pouco perversa, é do que ele me chama.
Porque isso é o que sou.
A Little Wicked - Valerie Broussard

CLARA ROSSI

Estava em dúvida se era coragem ou estupidez, mas só apareci na mansão do Berrychoth quando Nathaniel me enviou a mensagem, na data e na hora marcada.

Pontual.

Assim como o rangido ensurdecedor da porta.

Cada passo de Nicolas pareceu atingir a minha alma.

O estalo de uma arma sendo jogada na mesa causou arrepios deliciosos pela minha nuca.

Puxando os lábios entre os dentes, assisti Nicolas se sentar na única cadeira disponível na mesa quadrada de madeira. *Bem à minha frente.*

A sobrancelha arqueada e o olhar severo descendo como fogo em minha pele não fizeram com que eu mudasse a postura.

Meus pés continuaram em cima da mesa e os braços cruzados no peito como um pequeno ato de rebeldia e falta de decoro.

Sinceramente, não me importava.

Em um lugar como aquele, não importava o que eu estava vestindo ou fazendo. Não importava que houvesse uma arma tão próxima de mim ou que a minha faca incomodasse hora ou outra as minhas costelas.

Só sairia viva daqui se ele quisesse.

— Tire a faca que tem na cintura — foi a primeira coisa que disse.

O seu rosto não tremeu nem um pouco. Apesar de notar a mão que amparava a sua barriga no exato lugar onde deixei alguns pontos quatro dias atrás.

Passei a língua nos lábios, não em um gesto sensual, apenas os umedeci, deixando a cabeça pender levemente para o lado. Sem me mover mais do que isso ou falar alguma palavra.

Outro desafio.

Calada e ansiosa, esperei para ver se teria alguma faísca de suas emoções tão controladas.

— A faca, Srta. Rossi — reforçou, meneando a cabeça para o mesmo lugar em que a sua arma estava. — Eu estou desarmado e até onde sei, não sou uma ameaça para você, então coloque a faca na mesa.

Meus dentes refletiram a luz amarelada quando um sorriso se abriu.

— *Até onde sei* — repeti irônica, descendo as pernas para que pudesse bater os antebraços na mesa. — Esse tipo de conversa é um interrogatório e eu preciso dar as respostas certas para sair viva, então irei manter a minha faca no lugar dela.

A descrença ganhou vida em seus olhos apáticos.

Nicolas se inclinou para frente, pegando a arma como se fosse o controle de uma das suas televisões e estivesse apertando os seus botões, conforme conferia o pente e as travas.

Meu peito bateu forte.

Era magnífico de se olhar, precisava admitir.

— Não, princesa. — Ele soltou a primeira trava da arma. — Você sairá viva daqui. Mas, ou será como um dos meus, ou será como uma exilada que entregarei com um laço para Petrov. — Soltou a segunda e subiu os olhos para mim. Ali estava o pulso firme que eu ouvia como sussurros infames por todo o submundo. — É isso o que as suas respostas irão decidir.

Cerrei os olhos.

Foi impossível não o fazer.

Meu estômago tinha formado um nó para que outras reações maiores e mais explosivas assumissem. Não queria ceder mais nenhum pedaço dos meus medos ou do meu passado para que pudesse usar contra mim.

Ainda assim, Nicolas manteve os olhos em mim.

Me estudando e desejando arrancar mais reações de mim como eu esperava arrancar dele.

Por isso que a cada palavra que saía da sua boca, mesmo sendo tão excruciante quanto seria um tiro vindo de sua arma, eu permanecia como uma mulher composta, fria, com a coluna ereta e um rosto límpido.

Mesmo com a dor pulsando entre as costelas, eu tinha as minhas dúvidas se Nicolas Berrychoth conhecia a gravidade escondida na sua fala.

Porque essa era a graça das ameaças…

Eram apenas isso. Vazias.

Até que o jogo mudasse.

Então, eu ameacei de volta.

— Me entregar para que ele me coloque atrás de você mais uma vez?

Nicolas mordeu a boca. Uma gota de suor escorreu da minha nuca.

— A faca — rugiu. — Em cima da mesa. — Não me movi, mais uma vez. Ele apertou os lábios, apoiando os antebraços na mesa da mesma forma como eu estava. Nossos narizes pairavam um sobre o outro. — Só vamos começar quando a sua faca estiver no lugar correto, Srta. Rossi.

Bufei.

O ranger da cadeira arrastando no chão foi o único barulho pelos próximos minutos. Agudo e ensurdecedor.

Só retirei a faca da cintura e a joguei no centro da mesa quando estava completamente em pé, com ambas as mãos apoiadas na madeira do tampo.

Eu não era uma covarde que abaixaria a cabeça.

Estando em um lugar que poderia arriscar ou não agir assim, não cederia o meu orgulho e voltaria a ser a porra de uma garotinha indefesa.

— O que veio fazer aqui? — perguntou calmamente.

— Até onde sei, estava salvando a sua vida.

Nicolas riu com a mesma voz rouca e irônica que usou enquanto me masturbava no camarote do teatro. Um mundo distante, ainda que não fizesse nem um mês.

Ele posicionou a arma de uma forma muito semelhante a que deixei a faca, próximo de seu domínio.

Outra ameaça.

Porque ele conseguiria pegá-la e entrar em ação muito mais rápido do que a minha faca chegaria nele.

— Por que voltou para a Inglaterra, Srta. Rossi?

Nenhuma inflexão em sua voz permitiu que eu interpretasse o que pensava.

Até o seu corpo parecia relaxado apesar da dor.

O que empertigou um pouco os seus músculos foi a batida da porta e os passos que vieram após ela.

— Quero fazer um acordo — falei, arrastando o olhar para além de seu corpo.

Nathaniel e Matteo estavam parados na saída da sala, como se esperassem que eu saísse correndo a qualquer instante.

Protegendo o irmão e me impedindo de fugir.

Inteligentes.

Os dedos de Nicolas bateram na mesa e mexeram em seu relógio três vezes, chamando a minha atenção de volta. O silêncio, no entanto, permaneceu.

Tão ensurdecedor que eu era capaz de contar cada um dos meus suspiros.

— Onde matar os meus aliados entra nisso? — quis saber.

— Eram empecilhos.

Joguei o meu corpo de volta na cadeira, levantando o cabo da minha faca enquanto rodava a ponta afiada na madeira.

— E o meu soldado que morreu?

— Ele era um idiota. — A sobrancelha dele se ergueu um pouco e pela sua mínima reação, minha boca se curvou na tentativa de um sorriso. — Tudo o que eu precisei fazer para matá-lo foi prometer um boquete, me perdoa se não acha isso o auge da inteligência.

Todas as emoções faltantes voltaram como fúria, ódio, raiva e, porra… obsessão.

Seus olhos nunca se desprenderam dos meus, me permitindo assistir a colisão de todas as suas determinações e sentimentos que gostaria de ter trancado.

O rosto dele agora era sinônimo de cruel.

Sem calor ou frio. Somente uma névoa avermelhada de crueldade.

Engoli em seco.

E o olhar dele seguiu a minha garganta.

Tinha puxado algum fio de seu controle e quis tentar de novo.

— Me matar está entre as suas possibilidades? — perguntei.

Eu estava o provocando.

E foda-se que poderia custar o meu pescoço.

— Não.

Parei de girar a faca.

— Por quê?

— Não se entrelaça com os meus objetivos.

O ar parou no meio da minha garganta e o meu cenho se franziu.

Nicolas estava se esquivando. Puta merda.

Rangi os dentes.

Não funcionava assim comigo.

— Se a sua resposta não me agradar, eu posso te esfaquear? — propus.

Ouvi uma gargalhada vir do fundo da sala. Matteo até tentou colocar a mão na frente da boca para abafá-la, mas teve o mesmo êxito que eu teria se tentasse pegar algo em um armário

alto.

Essa diversão não se alastrou até o seu irmão mais velho.

Na verdade, ele parecia em alerta.

— Se as suas respostas não me agradarem, eu vou poder atirar em você? — Nicolas retrucou.

Considerei por um segundo antes de inclinar a cabeça para o lado, dando a ele o olhar manhoso como o de um gatinho enquanto a minha voz era ofegante e doce como quando eu tinha acabado de gozar em sua coxa.

— Sim. — Arrastei a adaga até o centro da mesa. — Você pode.

Então, Nicolas fez o mesmo com a sua arma e se sentou.

Seu olhar assumiu um brilho além do normal.

A primeira pergunta era dele.



Querido, eu me levantei dos mortos, faço isto o tempo todo.
Look What You Made Me Do - Taylor Swift

CLARA ROSSI

Há dois anos — meados de junho | Litoral do Brasil

Foi inevitável não me encolher assistindo os policiais verificando as cargas para o navio ter a liberação de aportar.

O receio borbulhando em meu estômago não vinha pelo modo ilegal em que eu estava num dos contêineres ou no modo como o meu cabelo cheirava a peixe.

As fardas que eles usavam arrepiava cada parte da minha pele fragilizada por serem uma constante lembrança dos oitenta e sete dias que fiquei presa naquele quarto de espelhos, variando a forma como era torturada.

Os rasgos em minha carne continuavam ardendo a cada passo, mal e porcamente cicatrizados porque eu precisava fugir.

Foi um baque quase tão grande quanto ser derrubada no chão, a noite que, correndo no meio de ruas desertas à procura de um lugar para me proteger, meus olhos ultrapassaram o limite da janela de uma casa e leram a data em que sairia mais um episódio de uma novela popular.

Eu tinha ficado quase três meses nas mãos daqueles homens.

Três meses.

Meu punho se fechou ao lado do corpo.

Irritada. *Não*. Furiosa.

Eu não gostava de peixe e ainda fiquei cercada por eles por mais de quinze dias para que conseguisse fugir. Enfiei-me na primeira embarcação que sairia do porto com um destino próximo ao único lugar que eu poderia chamar de lar.

O cheiro podre me fazia subir frequentemente para a parte de cima do contêiner, como agora. Me permitindo ficar deitada desde o amanhecer, até que não aguentasse mais.

A maresia ressecava a minha pele na mesma intensidade que o sol a beijava. E era essa a minha distância do chão que me permitia observar os policiais abrirem cada uma das portas procurando por ilegalidades.

Burros.

Rolei os olhos, tateando as mãos em busca da cesta de pães que roubei do convés enquanto o outro braço permanecia abaixo da minha cabeça.

Os pãezinhos, apesar de secos, agraciavam a minha língua e eu os comia como faria com pipocas no cinema, assistindo-os monitorar o navio.

O cheiro doce da massa me fazia repugnar, enjoada do mesmo gosto em todas as refeições. Mesmo assim, eu comia, limpando a garganta com água para evitar jogar tudo do estômago para fora.

Era o que tinha e eu não possuía o luxo de ficar mais fraca do me encontrava. Não tinha dinheiro nos bolsos para poder estocar qualquer outra comida. O vestido longo que cobria a minha pele, na verdade, também tinha sido roubado de um varal no meio da rua antes de embarcar.

Não estava em um dos meus melhores momentos.

Mordi a boca, sentindo o impacto da porta quando os policiais fecharam o meu contêiner.

Tê-los tão próximos aumentava a minha vontade de ter um pouco de álcool descendo pela garganta, me embebedando e permitindo esquecer todas as memórias que se repassavam quando meus olhos se fechavam.

— Liberado — gritou um deles.

— Os que estão atrás também.

Busquei a jarra de barro e a virei de uma vez. Água banhou a minha garganta ao jogar um gole para dentro. Talvez fosse uma bênção não ter encontrado álcool, porque o tranco do navio derrubou metade do líquido no metal do container e em minha roupa. Eu xinguei de novo.

Pelos deuses, não precisava que o cheiro de peixe impregnasse nas roupas molhadas.

Eles poderiam ser mais delicados em parar essa porcaria, facilitaria a minha vida.



A água secou antes que eu pudesse descer e ir embora.

E pelas horas passadas sob o sol, minha pele ficou avermelhada, ardendo ao toque, esperando pelo momento certo em que eu pudesse sair. Quando ele chegou, pulei com cuidado da parte de cima do contêiner para o chão.

O resmungo dolorido foi inevitável, no entanto, não me impediu de correr para fora do barco, do porto e da estrada.

O suor fez as feridas sensíveis arderem. Bater as costas no banco da carona que arrumei no meio da estrada tornou a situação um pouco pior. O caminhoneiro que me ajudou ficou ansioso. Sua testa suava um pouco mais a cada murmúrio de dor. Ele achava que o incriminariam por me machucar.

Uma certeza tão potente que, no instante em que me largou duas quadras antes da minha antiga casa, consegui ouvir o alívio suspirado sob o som do motor rangendo.

Ouvi o estalar dos meus passos nos paralelepípedos acinzentados. Caminhei com as mãos nas costas e um doloroso sorriso nos lábios. Meus movimentos eram estranhos e descompassados, mas a alguns metros, vozes animadas ecoavam como uma melodia tecida no meu coração o idioma que havia aprendido quando nasci.

Aquela sensação de lar, *de pertencimento*, veio com as palavras conhecidas.

Respirei fundo. Fundo de verdade. O cheiro de peixe ainda estava presente, mas distante. Outro, algo mais como alecrim e jasmim, o cheiro da minha infância, tomou o seu espaço.

Observei o jardim verde. As flores e as pequenas árvores que minha mãe plantou estavam bem cuidadas. Assim como a pintura da casa e do portão da garagem onde meu pai passava tanto tempo mexendo em seu carro.

Tudo estava igual.

Eu paguei para que estivesse... para que cuidassem da casa e a deixasse como a memória vívida de uma doce infância.

As ruas ainda eram tão similares. As mesmas árvores continuavam em pé. As mesmas

casas. As mesmas pessoas.

Era a primeira vez que eu voltava aqui depois de quase seis anos. E mesmo assim, conseguia ouvir o rock dos anos oitenta que meu pai ouvia. Se me esforçasse um pouco, talvez sentisse o cheiro do meu bolo favorito saindo do forno.

Minha digital abriu o portão. Meus pés caminharam sobre as pedras. Meu ombro forçou a porta para trás, tentando abri-la.

Sem sucesso. Pisquei, sorvendo o ar, e tentei de novo.

Já era um milagre eu conseguir chegar até aqui sem morrer no caminho.

Uma porta não poderia ser um impedimento gigantesco, certo?

Tentei mais uma vez.

Como eu parecia patética.

Na terceira tentativa, a dobradiça enferrujada me ajudou, rodando.

Recuei, cambaleando num misto de dor e ansiedade ao bater os olhos nos lençóis brancos cobrindo todos os móveis, mas, principalmente, no tapete novo e não usado que cobria mais da metade do chão da sala.

Não foi uma peça que eu ou os meus pais escolhemos.

Moretti deve ter mandado trocá-lo um pouco depois de me tirar dessa casa. O antigo ficou coberto por sangue.

Engoli em seco, evitando pisar nele enquanto tentava chegar na cozinha.

A casa não era grande, porém era o suficiente para uma família de três pessoas. Nos oito cômodos, a poeira deixou seus traços, flertando com a minha rinite.

Precisei encostar a testa no mármore da bancada da cozinha por alguns minutos antes de poder continuar. Tentei respirar, mas só saiam gemidos dolorosos da minha boca.

Gostaria de matar todos aqueles que disseram que, com o tempo sofrendo, a dor se tornaria uma coisa mínima.

Mentira.

Não se tornava.

Só doía cada vez mais. Retirando a racionalidade do meu corpo e fazendo a minha cabeça girar.

Eu queria que ela girasse por outro motivo quando me levantei o mínimo possível, mirando um armário do outro lado. Uma cristaleira recheada de bebidas de edições de luxo que meu pai comprara.

Alguma coisa serviria.

Precisava servir.

Praticamente me arrastei até ela, agarrando a primeira garrafa que encontrei e arrancando o seu lacre. O álcool só começou a amortecer os meus sentidos depois que cheguei na metade da garrafa. *Mas já servia.*

Bem, não era maravilhoso, porém a maior dor que passei a sentir durante esse curto espaço de tempo foram as têmporas latejando enquanto empurrava as outras garrafas para o lado, procurando o cofre escondido no armário.

Eu preciso do dinheiro, curativos e alguns dias para deixar de ser uma moribunda caminhando pela Terra.

Isso! Formei o plano na minha cabeça enquanto digitava a senha.

Por enquanto, parecia concreto o suficiente.

Puxei as cédulas para fora, colocando na prateleira de baixo. Deveria ter em torno de uns cinco mil. *Conseguia me virar com isso.*

Por uma mania idiota, meu pai sempre guardou um kit de primeiros socorros no cofre. Ele nunca se justificou com nada além de um “pode ser útil um dia”. Pegando os invólucros agora, provava que ele estava certo.

Puxei meu vestido pela cabeça.

Os curativos para tentar dar um jeito nas perfurações da minha pele já estavam dispostos pela bancada da cozinha.

— Merda! — chiei com o lábio inferior preso entre os dentes.

Incapaz de reunir energia para sentir repulsa ou fúria pelo reflexo deplorável da grande mancha de sangue seca espalhada pelo meu abdômen, ergui o olhar e puxei a primeira gaze com antisséptico do kit e enfiei o restante delas na boca.

Iria doer para um caralho!

— Um… dois… três… — Tentei buscar coragem. Antes de terminar de falar, coloquei a gaze na ferida.

Meus dentes rangeram quando pressionaram um contra o outro. Um grito ficou preso na minha garganta e precisei afundar as unhas contra a palma da mão livre para abafá-lo.

Respirar doía. Pensar doía. Existir doía de tal forma que irradiava pelas minhas veias, acertando meus nervos, fazendo lágrimas surgirem em meus olhos.

Afastei a gaze encharcada em álcool, meus dedos tremiam quando apoiei o meu corpo na bancada. Puxar não aliviava mais. *Nada aliviava mais.*

— Só mais um pouco, Clara. Vamos lá.

Então, prendi a respiração com um medo ansioso ganhando lugar entre os meus nervos, esperando o momento certo para torcê-los devido a dor de encostar a gaze na pele novamente. Afundei os dentes nas outras gazes dentro da boca, rangendo o queixo.

Meu coração estava na garganta, vibrando cada batimento em minha língua.

Só mais um pouco.

Só mais um pouco.

Deus.

Eu preciso ficar bem para conseguir sair daqui.

Meu corpo tremeu dos pés à cabeça e quando tentei colocar a mão na bancada para me apoiar e não cair no chão, a pequena maleta de primeiros socorros tomou o meu lugar depois da minha mão esbarrar nela e o plástico se espatifou no porcelanato.

— Merda!

Suor frio ganhou minha testa conforme me abaixava para tentar pegar os comprimidos, frascos, band-aids e algodões.

Precisava deles para terminar o curativo em minha barriga.

Só mais um pouco.

Repeti mentalmente na esperança de que a ideia penetrasse a minha cabeça.

Entretanto, meu joelho bateu direito no chão com um baque surdo, faltando sustentar o meu peso. O outro seguiu o mesmo caminho um pouco depois, deixando uma pontada perpassar até o encaixe do osso em meu quadril.

Arranquei a gaze da boca, sentindo como se estivesse morrendo um pouco mais a cada inalação. Afundei os dentes no lábio e bati as costas contra a bancada da cozinha, arrastando a mão para puxar a caixa de volta até que meus olhos bateram no metal reluzente de uma adaga, guardada no fundo da caixa.

Sentir o peso da faca na minha mão deixou um pequeno sorriso ganhar forma em meu rosto deformado pela dor. Tão pequeno que não demorou muito tempo para a lâmina cair ao lado

do meu corpo.

Eu não conseguia sustentar o seu peso.

Exigia demais de mim.

Um rio de lágrimas despontou dos meus olhos, caindo em meu dorso nu. Apertava uma palma na outra, tentando parar de tremer.

Aqueles homens não poderiam vencer.

Eu saí de lá.

Eu sobrevivi.

Eles não poderiam vencer.

Bati a cabeça no mármore da bancada e fechei os olhos.

Odiava estar sozinha e, principalmente, odiava como a dor arrancava o meu poder de controle sobre mim mesma. Meus soluços aumentaram de volume.

Não escutava nada além das minhas respirações ofegantes e o desejo por um pedido de ajuda entalado na garganta. Por um pouco de paz. Por uma vida normal. Por um dia sem dor.

Cansada.

Eu estava tão cansada.

E o meu cérebro também.

Exausto a ponto de ignorar cada ordem e simplesmente desligar.



Senti o baque da minha cabeça com o chão antes de abrir os olhos.

Levei a mão à testa, franzindo-a pelo calombo e pela luz do sol tentando ultrapassar as janelas da cozinha. Todo o meu sangue irrigava para o cérebro, tentando fazer com que os meus sentidos voltassem a ser funcionais.

Já amanheceu. Foi a primeira coisa que consegui captar.

Estremeci os dentes quando a segunda coisa que notei foi que eu tinha desmaiado e caído a centímetros de onde estava a adaga. Poderia ter piorado a minha situação e me cortado mais.

Rolei os dedos no chão, tentando me sentar. Minha cabeça bateu uma segunda vez no mármore da bancada.

Olhando para frente, minha testa enrugou quando meus olhos se encontraram com a adaga mais uma vez. Longe da dor, entendi o poder de uma caixa de primeiros socorros estar dentro de um cofre.

Armas ficavam dentro de cofres.

Era um costume popular que não me impediu de questionar o porquê alguém como meu pai, dono de uma pequena empresa, teria uma guardada no meio da nossa cozinha.

Buscando cada grama de vitalidade, capturei a adaga entre os dedos e mexi nela como uma criança curiosa diante de um brinquedo.

Semicerrei os olhos, pensativa, tentando encaixar as peças do quebra-cabeça em busca de algum sentido.

Um estalo vibrou pelas minhas mãos quando o cabo da lâmina se partiu em dois.

A queda devia ter soltado a cola que os unia, mas o que deixou a minha boca aberta, sem qualquer vogal para ser pronunciada, foi o pequeno pen drive escondido entre as partes do cabo.

"Não mexa nos cofres, querida."

"A senha é o dia mais importante da sua vida, se um dia precisar."

"Independente do que aconteça, nunca venda essa casa a ninguém. Cuide dela."

Forçar as memórias debulhavam a dor em meu cérebro.

Mas eu não parei, ignorando cada protesto por um descanso de meu sistema, tropeçando nos meus próprios pés até conseguir conectar o pen drive em algum lugar.

Pisquei.

E tornei a piscar.

Meu Deus.

A urgência por respostas acionava a minha irracionalidade.

No entanto, foi o som da porta da nossa biblioteca surgindo primeiro do que a voz do meu pai que me fez cambalear para trás e me afastar da televisão da sala.

Levei a mão à boca.

— Terça-feira, 05 de dezembro de 2013 — falou assim que se sentou. O seu olhar estava distante, focado em algum dos livros que tinha à sua frente. O meu olhar não estava muito diferente, embaçado por lágrimas. — Sua mãe está fazendo o almoço, carne com batatas, igual a como você falou que gostaria de comer antes de ir para escola. — Olhou para a câmera. — Ela não sabe que estou gravando isso e, sinceramente, espero que você nunca descubra esse vídeo.

Meu pai arrastou as mãos na calça, subindo e descendo até secá-las. Ele estava nervoso. *Não*. Estava em pânico.

— Não sou um homem dramático, como eu acho que você já sabe… mas queria deixar registrado que, por você, eu posso ter me tornado um pouco, *minha pequena princesa*.

Engoli em seco, tombando o corpo para frente para que pudesse arrastar o dedo pela tela, como se ao tocá-la, pudesse tocar o meu pai também.

— Você cresce a cada dia mais, mas sempre será a garotinha que eu pegava no colo e fazia dormir. Não sei se disse isso vezes o suficiente, mas tenho um orgulho imenso de você, minha filha.

Não sequei as lágrimas que caíam pelo meu rosto.

Não conseguia me mexer o suficiente para fazer isso.

Só desenhava o rosto dele com o indicador pela tela e assim fiquei por minutos.

— Gostaria de poder ser para sempre o seu super-herói e estar em cada momento importante da sua vida. Te dar todos os beijos de boa noite. Para dizer que não precisa ter medo e dar todos os sermões que você precisar para seguir em frente e conquistar o mundo. Fazer o meu papel de pai e encher o seu saco com o seu primeiro namorado. Poder olhar qual seria a casa que você escolheria para morar sozinha e ver se ela era realmente segura. Você é a melhor parte do meu mundo, e o melhor dia da minha vida e a da sua mãe foi quando me entregaram você nos meus braços.

Ele arrastou a mão sobre as próprias bochechas, ficando minutos em silêncio só respirando fundo. Conseguia senti-lo tão perto que a vontade de passar meus braços em seus ombros arrebentava com o que sobrou do meu corpo.

Eu o queria aqui para viver cada um desses momentos.

Para me ver crescer.

— Você pode não ter vindo do ventre dela, mas nós te amamos, independente de não ter a mistura do nosso sangue correndo em suas veias.

Sorri de forma triste.

Sangue não definia família. Nunca definiu.

E, porra, eu os amava tanto, tanto, tanto, que o dia que os arrancaram de mim, roubaram uma parte da minha alma também.

— Amo você a ponto de não querer de jeito nenhum que veja esse vídeo… porque significa que eu não vou estar mais com você, filha. E e-eu não quero te deixar sozinha no mundo. — Ele fungou e eu também. *Não queria ter ficado sozinha no mundo também, papai.* — Me desculpa. Por favor, me desculpe se tudo deu errado.

Lágrimas escorriam até cair no meu colo nu. Eu não conseguia controlar. Eu não conseguia… *nem pensar direito*. Meu Deus.

Eu precisava tanto dele de volta na minha vida.

Não apenas por tê-lo ao meu lado, mas para poder me sentir viva de novo. Ter um propósito melhor. *Ser uma Clara melhor.*

Soltei um suspiro pesado e puxei o ar por um nariz completamente entupido.

— Mas se tudo deu errado e está assistindo este vídeo — engoliu em seco uma, duas, três vezes, buscando coragem —, você deve ter recebido um testamento com os bens e uma explicação muito melhor do que eu poderia dar, mas ainda assim… ainda assim, tem algumas coisas que eu queria falar para você. *Que eu preciso.*

Hiperventilei. Foi inevitável, porque a expectativa rugia nas minhas veias.

— Como menor de idade, você vai precisar de um guardião legal. Como maior, você tem o poder de decidir o que deseja fazer de sua vida. Você é uma garota livre para isso, filha.

"Mas se ainda for de menor, acho que a essa altura do campeonato, já deve ter conhecido o seu novo responsável. — Mordeu as bochechas. — Ele é um amigo da família, mas você o viu poucas vezes enquanto crescia, para a sua própria segurança. Enrico Moretti é um homem poderoso e vai conseguir protegê-la e guiá-la para um bom caminho. E-eu… — suspirou. — Eu ao menos espero que sim, porque ele fez um acordo com o seu pai de sangue e é um homem de palavra o suficiente para honrá-lo."

Enfiou os dedos entre os cabelos castanhos-claros, puxando-os para trás com uma força desnecessária, descontando o seu emocional nos fios a ponto de alguns ficarem entre seus dedos quando as mãos voltaram ao seu colo.

— Seus pais biológicos eram pessoas com muito poder nas mãos e com um número de inimigos proporcionais a isso, o bastante para a sua cabeça estar a prêmio desde o dia que nasceu. E, assim como eu acredito que você conheça Enrico Moretti, acredito que já tenha ouvido o nome de sua verdadeira família mesmo sem saber sobre a verdade…

Ele suspirou, forte e pesadamente.

— Damien Petrov e Alicia Petrova tiveram um casamento complicado, principalmente depois que ela foi tida como infertil, então, o que já era ruim, ficou um pouco pior depois que Damien arrumou um jeito de ter outro herdeiro. Alicia suportou as traições e ignorou a forma como o marido criou o bastardo para herdar algo que deveria ser de um dos filhos dela e foi assim durante vinte anos, até que ela descobriu que estava grávida e você nasceu.

Era demais para eu ficar em pé.

Era demais cair sobre aquele tapete novo enquanto o antigo foi banhado pelo sangue do homem que falava com tanto carinho por essa tela.

Era demais toda e cada grama da minha existência ser uma mentira.

— Mas Alicia morreu no parto. Com um ano de idade, você já roubava a maior parte das atenções quando Alexander se descontrolou e matou o pai de vocês. Acho que Damien esperava por isso, ele sabia a criação que deu para o filho e se ele já não era um homem bom, sua prole tinha conseguido sair com as piores partes de seus genes. Então, ele abriu mão de parte das estradas e fez um acordo de distribuição de drogas, desde que você estivesse longe do radar de Alexander.

O último nome ecoou para dentro de mim.

As cicatrizes em minha pele que tinha a sua assinatura, rugiam, lancinantes.

Ele sabia?

E-ele… sempre soube?

Filho. Da. Puta.

Paralisei.

Alexander Petrov? *Ale.xan.der. Pe.trov?*

Foi instintivo os meus dedos subirem para a garganta, como se a corda invisível estivesse de volta e me apertasse até quebrar os ossos pouco a pouco. Não sei se ao menos respirava.

Era demais. Tudo demais.

Sentia-me pesada. Mal. Até mesmo enjoada.

Neguei com a cabeça. Os movimentos mais bruscos.

Mas que porra.

Meus braços me envolveram, tentando me proteger do sentimento de violação se arrastando no meu sangue.

Não.

Ele estava mentindo.

Porra.

Ele tinha que estar.

Por favor.

Engasguei com o meu próprio fôlego, enxergando menos do que um palmo à minha frente enquanto a voz do homem que eu mais amei em toda vida termina de ruir com o meu mundo e desgraçar a minha vida.

— Pelo amor de Deus e por tudo o que é mais sagrado, não deixe que ele te encontre. Porque se estou morto ou a sua mãe está, era porque estávamos tentando te proteger dele e dos capangas que ele tem por aí.

O nojo e a repulsa reviraram o meu estômago. Os olhos, notei.

Os olhos foram a primeira coisa que reparei em seu rosto porque eram iguais aos meus. E nunca dei um significado a isso.

Levei as mãos à barriga, sentindo dor.

Uma marionete, era isso o que sou.

Uma presa que Alexander deixou brincar de caçadora para eliminar quem estava em seu caminho.

— Alexander vai tentar matar qualquer um que arrisque arrancar o trono que ele acredita pertencer a ele. Isso inclui eu, você e todos *os inimigos dele.*

Uma vida por várias.

Foi esse o meu último trabalho.

Matar o *seu* maior fantasma para que pudesse matar os do *meu* passado.

Minha cabeça andou em círculos.

Porra.

A lista… era para desviar a minha atenção, não era?

Focando nos que ajudaram o dinheiro a chegar aos assassinos, mas nunca encontrando a real fonte. *Ele.* Alexander Petrov.

Sangue tomou a minha língua quando os meus dentes arrebentaram a pele do lábio inferior. Uma tonalidade semelhante ao líquido assumia a minha visão.

Perdida.

Com raiva.

Colérica.

Enfim, deixei os olhos vagarem de volta à televisão, cravando-os na imagem congelada de meu pai.

— Eu aceito as desculpas do senhor desde que aceite as minhas — murmurei para o nada. — Não tem como eu ir para o mais longe possível dele, papai.

Porque eu já fui longe demais *por vocês.*

E iria até o fim.

Ainda que esse fim fosse a imagem perfeita formando em minha mente, do dia que acabaria com a vida daquele desgraçado.

Ele me transformou em uma caçadora. Agora entraria para a lista das minhas presas. E deixaria o seu nome escrito junto ao de Berrychoth.

Inimigos lado a lado.

Semelhantes porque nossos negócios estavam inacabados. Idênticos no modo de estimular o meu desejo por sangue e vingança.

Ambos incitavam os meus sentidos. Ambos mereciam sofrer.

Inimigos… A palavra brincou com a minha cabeça, deixando meus dedos afundarem no tapete felpudo para não me machucar.

Alexander queria que eu caçasse o chefe da máfia inglesa.

Mas e se eu fizesse uma contraproposta, Berrychoth aceitaria ajudar na caçada ao seu adversário também?

Afinal, o inimigo do meu inimigo poderia ser… *meu aliado.*

Desde que por um tempo pré-determinado.

25

Eu vejo quem você é. Você é meu inimigo.
Enemy - Tommee Profitt

NICOLAS BERRYCHOTH

Meus dedos bateram na mesa uma, duas, três vezes, considerando qual seria a minha primeira pergunta dentro de nossa roleta russa.

Passei a língua nos lábios.

Uma névoa vermelha tinha total poder sobre minha visão. Oh, eu daria meu jeito, eu tiraria qualquer outra memória da cabeça dela do momento em que esteve com outro homem. Sua boceta, bunda e carne, eu usaria tudo até que a afastasse da sombra de outro toque.

Essa raiva e possessividade por ela me levavam à beira de um penhasco a ponto de um sorriso contente se abrir em meus lábios por ela ter matado um dos meus homens.

Porque a vontade de matá-lo ocupavam mais a minha mente do que as possibilidades de perguntas beijando meus sentidos para evidenciar por onde seria melhor começar.

— Por que tentou me matar? — perguntei em uma voz baixa.

Clara mordeu as bochechas como se soubesse qual caminho eu seguiria, deixando toda a inflexão ganhar seu corpo enquanto me observava arrastar a arma para o meu lado da mesa.

— Eram minhas ordens. — Jogou com as palavras. Tão bem quanto eu. — Alexander Petrov não é por acaso seu maior fã.

Devolvi a arma ao centro e ela a pegou, conferindo o pente.

E depois apontou-a para mim.

— Todas as balas são verdadeiras?

Torcia a boca surpreso com a pergunta.

Clara não se arriscou em fazer uma pergunta decente, só me estimulou em descobrir a forma como esse jogo desenrolava-se na sua cabeça.

Ela era como um quebra-cabeça que nunca consegui juntar todas as peças.

— Apenas uma que não — respondi, sem hesitar ou afastá-la dos meus olhos. — Ela é de festim.

— Por que tem uma bala falsa?

— São boas para tratar de negócios. — Outro desafio.

A respiração dela engatou na garganta. Estava medindo qual poderiam ser os limites de suas perguntas e respostas. Até onde poderia contar uma meia verdade para que não levasse o tiro.

Sua inteligência era excitante para um caralho.

Peguei a arma.

— Por que avisar que estava de volta? — Meu coração bateu rajadas cada vez mais fortes.

E ela engoliu em seco.

— Precisava encontrar você.

Para o acordo que mencionou, supus, mentalmente.

Mal deu tempo de analisar a sua resposta para Clara capturar a arma do centro da mesa e apontá-la para mim.

— Por que você me entregou para CIA?

Meu nariz enrugou.

De que merda ela estava falando?

Esperei uma respiração.

Depois outra.

E mais uma.

Um leve tremor subiu pelo seu braço, chegando até mesmo a refletir no modo e na segurança que aquela arma estava em suas mãos.

Cerrei os olhos, capturando os dela com mais intensidade. Ela não mudou ou refez a pergunta. Não hesitou em preparar o gatilho.

Porque achava que eu era o culpado.

Que eu a tinha entregado para eles para que causasse as cicatrizes em suas costas.

A raiva e a fúria se misturaram ganhando novos níveis e postos dentro de mim.

E eu posso tê-la odiado um pouco por achar que fiz isso.

— Não sei do que está falando.

— Sério? — Suas mãos e a arma bateram novamente no tampo da mesa. — Aquelas cicatrizes que me perguntou quem as fez? — Sua raiva incitou mais a minha. — Partes dela foram feitas após a noite que eu fui atrás de você.

— Clara… — chamei seu nome, mas queria mesmo levantar e puxar seus punhos. Ela estava se machucando com as próprias palavras, porra. Como eu odiava isso. — Eu não fiz isso. — Ela negou, balançando a cabeça freneticamente, sem acreditar em mim. — Eu. Não. Machuquei. Você. Porra.

Meus nervos estavam explodindo.

Então ela atirou, acertando meu bem próximo ao meu ombro.

Mordi a boca, levando a mão ao ombro.

Matteo e Nate se moveram para chegar mais próximo. Mas pedi que parasse levantando uma das mãos.

Eles não dariam um passo à frente. Minha promessa de deixá-la sair foi apenas uma mentira. Não existia essa opção. Mas eu precisava dar um passo para uma direção diferente ou iria perdê-la para sempre.

— Eu não acredito em você — sussurrou com os olhos brilhantes por lágrimas não caídas.

Quando Clara jogou a arma sobre a mesa e permaneceu em pé me olhando, eu assisti uma única gota escorrer por sua bochecha e no momento em que ela terminou seu caminho, não havia sentimentos ou arrependimentos em seu rosto.

Ele estava límpido novamente.

Como se derramasse seu caos num único tiro e em uma única lágrima.

Voltaram a máscara fria que eu iria arrancar.

— Por que quer fazer um acordo comigo? — questionei.

Clara engoliu em seco, mas respondeu.

— Porque existem pessoas que me machucaram mais do que os três meses que passei

com a CIA — falou numa calma apática. — Eu quero vingança e você é a pessoa que pode me ajudar nisso.

A chamei para que se aproxime de onde eu estava, persistindo em segurar meu braço, mesmo que a dor fosse quase mínima.

Ela deu um passo.

Olhei em seus olhos, finalmente conseguindo a resposta que eu queria.

— Quem mais te machucou, princesa?

— Alexander Petrov.

Minha língua empurrou o canino, condenando-me pela ameaça que fiz ao mesmo tempo que pela ironia.

Entendi, pela primeira vez, as motivações dela.

Clara estava me oferecendo para ir atrás do meu maior rival, assim como um dia ele mandou que viesse atrás de mim.

A diferença é que eu nunca a deixaria ir embora.

Os dedos de Clara alcançaram o meu ombro, puxando-os para que pudesse ver o ferimento que causou. Estava ciente dos olhares de falcões dos meus irmãos sobre ela assim como o meu também estava.

Talvez por isso tenha prendido a respiração.

Talvez tenha sido porque percebeu que a bala que havia atirado era a falsa.

— Era a bala de festim — falou, arrastando o dedo pelo pequeno ferimento na pele.

Era uma laceração devido a velocidade da bala. Sagraria um pouco, mas não a perfurava de verdade.

— Por que atirou em mim usando a bala de festim?

Precisei saber.

Precisei saber até onde a minha confiança poderia se estender.

— Eu não sabia. — Subiu os olhos para os meus. — Achei que fosse uma das de verdade.

Segurei a gargalhada, olhando para o líquido vermelho escorrendo de meu braço através do reflexo em suas íris.

A ideia de colocá-la para cuidar de mim novamente fez uma onda estranha de prazer assumir minhas veias pela realização de uma fantasia que ganhava forma na minha mente nos últimos anos.

Eu quis agarrá-la ali. Oh… como quis.

Mas me contentei em dizer:

— Eu aceito o acordo. — Levantei o seu queixo, mirando seus olhos ferozes que batalhavam com os meus em todos os instantes possíveis, encontrando ali muito mais do que uma alma igualmente quebrada. Mas (re)conhecendo a parte mais sombria de mim em outra pessoa. — Bem-vinda à família, Clara.

CONTINUA…



AGRADECIMENTO

Eu tinha onze quando você foi parar no hospital pela primeira vez

Doze quando foi internado pela primeira vez. Treze na sua primeira cirurgia e quase quatorze na última vez que pude te ver. A gente não pode dançar a valsa dos meus quinze juntos…

Eu sempre disse que o senhor não podia ficar doente porque tinha que me esperar para poder cuidar de você. Mas o relógio da vida não para e você não pode nem me ver vestida no meu primeiro jaleco branco ou falar para Deus e o mundo que teria uma filha médica e escritora.

Você não pode estar ao meu lado hoje enquanto eu sorria e chorava ao publicar esse livro, vendo mais uma das minhas conquistas. Mas eu te amo um pouco mais a cada vez que lembro que esteve em todas as outras vezes enquanto pode!

Espero que quer seja onde você estiver papai saiba, aos poucos, a sua princesinha está realizando cada um dos sonhos dela e eu sei que o senhor estaria orgulhoso por isso.

Te amo mais do que tudo.

Minha mãe prometeu que cuidaria do senhor antes que partisse deste mundo. E ela está cuidando. Então eu preciso agradecer não só por ser a melhor a melhor mãe do mundo que apoia meus sonhos e acredita em mim, mas também por limpar cada uma das minhas lágrimas quando achei que não fosse dar conta.

A senhora é o maior pilar da minha vida.

Obrigada por cada abraço.

Obrigada por ter deitado comigo um dia antes desse livro ser lançado e ter me acolhido.

Obrigada por ser você.

Também preciso agradecer a toda minha equipe. Lari, Dani, Tan, Amandinha, Let, Ana, Vanessa, Gabie, Marcela, Cath, Evy… Vocês são fodas pra caralho. Obrigada por todo apoio, por estarem comigo e virar noites trabalhando comigo para que esse livro pudesse alcançar o seu melhor potencial. Espero que mesmo no caos, possamos trabalhar juntas novamente.

Um obrigada especial a Vanessa, que eu tenho o contato salvo como "hater de todos", mas foi a minha maior fã enquanto eu lançava esse livro. Obrigada por ter estado comigo em cada madrugada, por me ligar enquanto eu estava chorando, por ter ficado online nesse arquivo o tempo todo lendo cada a linha a mais que eu escrevia. Você foi fundamental para SV existir, mesmo quando me chamava de brega.

Outro obrigada a Gabrielle Souza ou melhor, GABIE, sim em caps lock. Você apareceu na minha vida em 2022 e eu espero que nunca mais saia dela. Obrigada por se preocupar comigo, por me ajudar em todas as vezes que pedi, por me dar os melhores conselhos e acreditar muito em mim desde sempre! Te amo muito e espero que um dia você se veja um terço da pessoa incrível que és pra mim.

Obrigada também ao meu grupinho “Pupilas das famosas”. A gente se conhece há quase três anos agora e é uma loucura que todo esse tempo já tenha passado. Vocês, Alice, Leo, Yas, se tornaram pessoas muito mais do que importantes na minha vida. E se hoje, depois de me ouvir

reclamar do tanto que eu reclamo é porque precisamos nos encontrar em algum momento. Obrigada por cada conselho, por me escutarem e ajudarem sempre quando necessário.

Lya Álmeida ou como eu gosto de chamar: Cleide. Você é uma das melhores coisas que 2022 me trouxe. Obrigada por acreditar em mim muito mais vezes do que eu fui capaz. Obrigada por me fazer rir, por me animar e por me proteger mandando os prints do Twitter para que eu evitasse as pessoas falando mal de SV, por comprar comida pra mim sempre que estou triste, por fazer os melhores banners do mundo e acreditar na minha capacidade de dar pitaco... eu vivo brincando que somos nós para sempre e eu espero que seja. Amo tu.

Evelyn Fernandes, minha amiga, que está todos os dias comigo em sprint, de segunda a segunda, por horas... Esse livro não teria existido sem você. Não só pela companhia que me fez todos os dias durante a escrita, mas por todos os dias que eu duvidei da minha capacidade, seja na escrita, seja na faculdade e você me apoiou, me ouviu reclamar e até mesmo leu meu livro antes de revisar só para me mandar tomar vergonha na cara. Você é uma pessoa foda pra caralho, espero um dia poder retribuir um terço de tudo o que és para mim.

Obrigada as "Mendigas de engajamento". Sério, muitas de vocês estavam tão empolgadas quanto eu e vocês não sabem como foi importante para mim durante a caminhada esse ano. Obrigada por me defenderem e por estarem ao meu lado.

Obrigada a você também, leitor, que me acompanha desde o wattpad ou caiu aqui de paraquedas, foram meses intensos para chegarmos até aqui mas espero e desejo do fundo do meu coração que tenha sido gostoso para vocês também…

Afinal, a parte 2 chega em 2024.

Espero vocês!

Xoxo,

Isah

ATO 2 CHEGA EM 2024

SEMPRE VOCÊ

BASTARDOS DA MÁFIA | **LIVRO 1**

Um romance dark escrito por

ISADORA LACERDA

ONDE ME ACHAR

Instagram: @isadoralacerdda
Twitter: @isalyx
Tiktok: @isalyx_

SUMÁRIO

AVISO DE GATILHO

NOTA DA AUTORA

PLAYLIST

DEDICATÓRIA

CAPÍTULO 01

CAPÍTULO 02

CAPÍTULO 03

CAPÍTULO 04

FLASHBACK 01

CAPÍTULO 05

FLASHBACK 02

CAPÍTULO 06

CAPÍTULO 07.1

CAPÍTULO 07.2

FLASHBACK 03

CAPÍTULO 08

CAPÍTULO 09

FLASHBACK 04

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

FLASHBACK 05

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

FLASHBACK 06

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16.1

CAPÍTULO 16.2

FLASHBACK 07

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18.1

CAPÍTULO 18.2

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

FLASHBACK 08

CAPÍTULO 25

AGRADECIMENTOS

[1] Condime que a protagonista recebeu após começar a trabalhar para a máfia russa.

[2] Codinome que a Clara recebeu como assassina enquanto trabalhava para a Máfia Russa.